



A NAMORADA DE MENTIRA DO

Senador

RAPHA FAGUNDES



A NAMORADA
DE MENTIRA DO
Senador

RAPHA FAGUNDES

Copyright © 2023 Rapha Fagundes

Todos os direitos reservados

Autora: Rapha Fagundes

Revisão: Aglycia Chaves

Capa: Kreativ editorial

Diagramação: Kreativ editorial

Ilustrações: Carlos Miguel

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer forma ou quaisquer meios eletrônicos, mecânico e processo xerográfico, sem autorização por escrito dos editores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

1ª Edição

Criado no Brasil

Sumário

[Playlist](#)

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)

[Pedido especial](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Obras da autora](#)



Dedicatória

*A todos aqueles que perderam a esperança em uma segunda chance
no amor.*

Acreditem, ainda há tempo!

Sinopse

Eles são intensos, contraditórios, apaixonados. Não sabem lidar com o passado, mas vivem o presente como ninguém.

Treinado para ser um político de sucesso, Estevão Figueiredo chegou ao auge da sua carreira.

Bonito, rico, poderoso, admirado por multidões, o principal alvo da oposição e o desejo de todas as mulheres.

A política e o amor que o Senador deixou no passado, o tornaram um homem sério, centrado e fechado.

Débora ganhou todos os holofotes da mídia ao ser conhecida como a mulher que conquistou o coração do político.

Sendo completamente oposta a ele, uma mulher doce, sensível e sorridente, poucos sabem que a jovem construiu um império sozinha.

Ela tem tudo calculado em sua vida, só não imaginava reencontrar seu grande amor e ver um namoro de mentira cair em seus braços.

Será que eles estão prontos para jogarem esse jogo?

Somente uma bebezinha conhecida como Vivi irá nos responder, ela é o raio do sol do papai e tudo que Debora precisava para unir sonhos antigos.



Capítulo 1

Débora Montesano

Não foram poucas as vezes em que pensei, nos últimos vinte anos, em como seria reencontrá-lo.

Com o tempo, a nitidez dos intensos momentos em que passamos juntos, como amigos e depois namorados, foi dando lugar à uma remota memória. Certo, não tão distante assim, eu ainda me lembrava bastante, e, às vezes, parecia ter sido ontem que ele foi embora.

Mas já não me causava nenhum sentimento, senão a nostalgia. E, claro, a curiosidade em saber como seria o *hoje*. Mesmo que, para mim, estivesse fora de cogitação que um dia fôssemos ficar frente a frente novamente.

Afinal, passaram-se muitos anos. E não é como se não tivéssemos tido a oportunidade antes.

Espalmei as mãos sobre o guarda-corpo esculpido em mármore, aspirei profundamente o ar com cheiro de folhas e flores que inundou minhas narinas.

Tinha no peito a sensação de dever cumprido, que sentia ao final de cada trabalho, e era quase como um vício.

No entanto, aquele evento, em particular, havia tomado tudo de mim. Não me lembrava de já ter me sentido tão sugada, não fiquei daquele jeito nem quando precisei tirar uns dias de férias forçadas, ocasião em que, apenas

por um triz, não pifei.

Obviamente, não era só cansaço físico... O que até seria justificável, já que estávamos em dezembro, o mês mais movimentado na empresa, e com festas acontecendo todos os dias.

O problema era a minha mente perturbada que pedia por alívio.

Estava na sacada e logo abaixo dela havia um suntuoso jardim que circundava toda a construção. Assim como no interior da casa, era tudo muito bonito e luxuoso.

Senti toda minha pele arrepiar, suspirei e fechei os olhos.

Mais uma vez, aspirei o ar, sem conseguir ignorar o cheiro gostoso de perfume caro. À medida em que se aproximava, eu ouvia o som do seu sapato sobre o piso nobre. E, a cada passo dele em minha direção, parecia ficar mais difícil respirar.

Droga, precisava reagir tanto assim?

Tentei respirar com normalidade, mas não conseguia.

Então, era esse o efeito que Estevão Figueiredo Neto me causava, mesmo depois de terem passado mais de vinte anos desde o nosso último encontro? Encontro este em que ele terminou o nosso namoro.

— Gosto de ficar aqui, aproveitar um pouco do silêncio, é bom para pensar na vida. — A voz grave e imponente ressoou pela sacada e me causou um estremecimento. Como se fosse possível ficar ainda mais afetada.

Mantive-me em silêncio. Por não saber bem o que dizer; por realmente não querer interagir, não com ele; por me sentir esgotada.

O homem parou ao meu lado, perto demais. Novamente, fechei os olhos por alguns segundos e respirei fundo, buscando algum equilíbrio dentro de mim. Também não queria deixá-lo perceber o quanto me desestabilizava.

Seu olhar estava sobre o jardim, assim como o meu.

— Talvez seja um dos lugares que mais gosto da casa — insistiu em um diálogo.

Revirei os olhos.

Uma onda enorme e, aparentemente, infinita de calor percorreu o meu corpo. Ignorei as reações ridículas que tinha diante da sua voz e cheiro, rocei de leve uma perna na outra, tentando apelar o incômodo, e disfarcei fingindo

trocar o peso de uma perna para a outra.

— Essa é a nova versão de falar sobre o tempo quando não se tem nada interessante para dizer? — perguntei, debochada, e percebi um sorrisinho de lado surgir em seu rosto.

Ele afastou-se um pouco do guarda-corpo e virou em minha direção, colocando as mãos nos bolsos da calça social.

— E quem disse que eu não tenho?

O destino era mesmo muito ingrato para permitir que meu ex-namorado ficasse tão bonito. *Argh!* O tempo lhe fez muito bem...

Ele ostentava uma beleza madura e máscula, o rosto ficou mais anguloso e marcado, os cabelos ainda eram cheios e escuros, mas, agora, usava-os penteados para trás e havia alguns poucos fios grisalhos. E tinha aquele corpo... Além de muito alto, ele era ainda mais forte do que eu me lembrava.

Estevão continuava absurdamente atraente, além de ter se tornado um homem muito charmoso. Poderia ser a mistura do seu olhar intenso e com um quê misterioso, o sorriso que abria na hora certa, o andar seguro e o porte sempre ativo.

Era tão lindo quanto ordinário.

É, os anos realmente lhe fizeram bem.

— Obrigado por ter aceitado coordenar o evento. É muito importante para mim.

Havia sinceridade em seu agradecimento, mas, ao mesmo tempo, também uma boa dose de hipocrisia. As nossas conversas de negociação não foram amigáveis.

Quando fechei o contrato com a sua equipe, eu sequer sabia que era ele o anfitrião. Pediram exclusividade da minha presença na coordenação e pagaram a mais por isso, o que não era incomum no *Domum*, minha empresa de cerimonial.

No entanto, quando descobri quem era o dono do evento, tentei uma modificação no contrato para não precisar comparecer pessoalmente e, até mesmo, busquei a rescisão. E ele agiu de forma irredutível.

— Era isso ou arcar com a multa rescisória. — Joguei em sua cara e,

mantendo o maldito sorrisinho de lado, ele deu mais um passo em minha direção.

Respirei fundo.

— Nós dois sabemos que eu não faria isso — disse, todo calmo e controlado.

Bufei.

É, acho que eu sabia sim.

E por que mesmo estava ali?

— Era a formatura da Estela — insisti, sentindo um abafamento subir pela minha traqueia.

Não fiquei com a minha única sobrinha em uma noite tão importante para ela. E, de certa forma, internamente tinha consciência que, se batesse o pé, ele não me obrigaria a comparecer em seu evento.

Mas havia a droga da curiosidade.

Quem não se sentiria tentado a reencontrar seu ex-namorado após tantos anos? Pois bem, no fundo, talvez eu quisesse descobrir com os meus próprios olhos se ainda havia nele algum resquício do Estevão que convivi quando ainda era só uma menina.

— E você não me falou antes — devolveu. Seguia calmo, mas agora havia uma centelha de preocupação em sua voz.

Ainda namorávamos quando a minha sobrinha nasceu, eu tinha acabado de completar dezessete anos. Era a minha bonequinha, que eu tinha o maior prazer em cuidar.

Ele também gostava de ir vê-la e até arriscava segurá-la no colo.

Anos depois, precisei assumir uma Estela adolescente, após um acidente de carro que nos tirou os seus pais, meu irmão Renan e sua esposa Carla.

Não sabia mais o que dizer...

Estar ali, em sua casa, vendo-o atuar diante de tanta gente importante e conhecida, apertando mãos e distribuindo sorrisos contidos, além do discurso elegante e engessado que fez, tendo sido saudado com muitas palmas e apoio, fez-me lembrar da Débora de quase dezoito anos que teve o seu coração partido. E do motivo pelo qual o perdi.

Evitava lembrar. Passaram-se anos demais e me recusava a ficar presa ao passado, mesmo que, para mim, a nossa história tenha sido especial. *Só não era para ser*, eu repetia quando me lembrava, pois sim, ainda hoje, eu me lembrava daqueles anos de quando ainda morava em São João Del Rei, minha cidade.

Nossos olhares se encontraram e ele parecia saber o que se passava em minha cabeça, pois seus ombros caíram um pouco e até perdeu parte da postura altiva. Mas ainda havia o olhar firme e decidido.

— A sua empresa é a melhor do Rio de Janeiro. E... eu confio em você. Tratei de assuntos sigilosos durante este jantar e sei que não terei problema com vazamento de informações.

Historinha para boi dormir.

Estevão não era o primeiro político para quem eu trabalhava, estive em mais eventos do que gostaria dessa classe. O *Domum* existia há dez anos e foi a primeira vez que ele me procurou. Aquele safado tinha algum plano e eu precisava descobrir logo o que era.

Quis retrucar, mas me contive, tentando ser racional.

— Fico feliz que tenha ficado satisfeito com o nosso trabalho. Mas agora que o seu evento já encerrou, suponho que não faça mais questão da minha presença. — Seu olhar atento me acompanhava. *Cretino*. — O restante da equipe permanecerá aqui até que tudo esteja devidamente em ordem.

— Achei que poderíamos tomar uma taça de vinho, conversar um pouco.

Ele estava brincando? Droga, a intensidade do seu olhar em minha direção dizia que talvez não.

— Mesmo? — Ergui as sobrancelhas e, de novo, aquele sorrisinho prepotente surgiu em sua boca muito bem desenhada. — Não somos amigos, Estevão.

— Podemos conversar como pessoas conhecidas que somos. — *Já o chamei de cretino, preciso pensar em outro elogio para não soar repetitiva*. — Foi muito bom te reencontrar.

Ele tirou uma mão do bolso da calça e a passou pelo cabelo. *Não faça isso, por favor, não faça*.

— Não posso dizer o mesmo. — Torci o nariz e ele riu.

— É sempre assim tão cordial com os clientes da sua empresa?

— Só com os clientes que, por acaso, são um ex-namorado idiota.

O homem cruzou os braços na altura do peito, tinha uma expressão divertida e leve no rosto e ali ele era... tão o garoto que eu tinha lembranças. Tranquilo e descontraído, sem precisar manter alguma imagem perfeita e austera como a que exibiu durante toda a noite aos seus convidados. Era só ele mesmo diante de mim.

— E o ex-namorado idiota, no caso, sou eu. — Sorri, sem mostrar os dentes e ele balançou a cabeça — Já se passaram mais de vinte anos, *corujinha*.

Ah não, aí já era ultrapassar todos os limites possíveis.

— Não faça isso — exige.

— Gosto do apelido.

— Mas eu não. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Nunca gostei. Não pode me chamar assim.

— Certo. — A minha expressão séria talvez o tenha convencido. — A sua empresa é muito incrível. Tornou-se muito maior do que você imaginava, não é? — Mudou o rumo da conversa e, ao menos, foi inteligente, pois o *Domum* era sempre um assunto seguro.

Assenti, relaxando um pouco, embora fosse impossível não lembrar das inúmeras conversas que tivemos no passado, onde eu lhe contava os meus sonhos.

— Você também chegou muito longe...

Ele acenou, em confirmação, como eu fiz. No fundo, não deixava de ficar feliz por ele. Era notório que Estevão nasceu para ser um político bem-sucedido. Além do sangue, tinha um talento nato.

Se, quando namorávamos, ele dizia que iria fazer administração e cuidaria da empresa que eu sonhava em ter, agora sabia que era apenas para que ficássemos juntos em São João Del Rei. Ficou claro que o seu lugar realmente era na política.

De repente, ficamos novamente desconfortáveis.

Como era possível que tivéssemos perdido toda a conexão? Antes de tudo, ele foi meu melhor amigo. Aliás, foi assim que nos apaixonamos. Se

Estevão era o cara mais bonito e desejado do colégio, mas que não dava a mínima para todo o assédio feminino que recebia, em contrapartida eu era a garota tímida e romântica.

Ele, filho do governador do estado, claramente fugia de ser o centro das atenções, e eu lhe dava isso. Curioso que hoje tenha se tornado um dos políticos mais comentados do país e eu, bem, fazia festas e estava acostumada a conviver com pessoas famosas e ter o meu nome e da minha empresa constantemente expostos em revistas e sites especializados.

— O vinho? — perguntou, analisando-me.

Trocamos um longo olhar e, então, neguei.

— Não gosto de beber quando estou trabalhando. — Antes que ele pudesse tentar me convencer, dei um passo em direção às portas duplas que separavam a sacada de uma luxuosa sala, repleta de móveis caros e obras de arte. — Bem, já conversamos como as pessoas conhecidas que somos, agora eu vou embora!

Depois de um longo olhar em minha direção e sem mais proferir uma só palavra, ele confirmou com um aceno de cabeça. Também em silêncio, dei-lhe as costas e fui embora, podendo respirar longe daquela casa.

Longe dele.



Capítulo 2

Estevão Figueiredo Neto

Desci as escadas, chegando à sala de jantar da minha casa. As enormes janelas estavam abertas, permitindo que o sol da manhã adentrasse os cômodos. A mesa foi posta com um café da manhã grandioso demais para a pequena quantidade de pessoas que iria usufruí-lo.

Haviam risos e conversas altas.

Assim que me fiz percebido, Vivi desceu agitada da cadeira onde estava acomodada e correu em minha direção.

— PAPAAAAI!!! — A pequena agarrou minhas pernas e sem dificuldade a ergui no colo. — Dormiu *muitão* — disse, apertando as minhas bochechas.

Exagerada!

— Eu dormi, é? — Beije o seu rostinho e ganhei um sorriso lindo com alguns dentinhos faltando. — E posso saber o que a minha gatinha fez desde que acordou? — Ainda era início da manhã, eu havia ido dormir durante a madrugada, minha filha não ficou muito tempo acordada sem a minha presença.

— *Binguei* com a tia Eva.

Beije sua testa e a coloquei no chão, caminhando até a mesa. Antes de me sentar, também beije o rosto da minha irmã caçula e a agradei de forma silenciosa.

Eva, de quem cuidei muito durante sua infância, era o meu braço direito e esquerdo, no trabalho, na vida e no cuidado com a minha filha.

— Os comentários sobre o jantar estão muito positivos. Já enviei um *release* para a imprensa, ainda hoje teremos holofotes direcionados. — E era também quase uma máquina. Como que aguentava dormir tarde, acordar cedo, trabalhar e segurar a onda com a Violetta quando eu precisava, era um grande mistério. — E marquei uma entrevista para mais tarde. Por ser domingo, o horário será flexível, quando puder, você conversa com o jornalista.

— Bom dia? — Joguei o corpo contra a cadeira, relaxado. — Obrigado, Glória — agradei a nossa funcionária, que veio da cozinha trazendo uma omelete fresquinha. — Como você mesma disse, hoje é domingo. E vamos voltar para Brasília — repreendi minha irmã.

Ela sabia que eu pretendia passar o dia curtindo Violetta, sobre trabalho só faria o que fosse estritamente necessário. E entrevistas, obviamente, estavam fora deste propósito.

— Será rápido e eu já conferi o escopo. Pode fazê-la durante o voo.

Revirei os olhos e ela riu, pelo menos teve a decência de abaixar a cabeça, demonstrando um mínimo de constrangimento. Embora soubesse que eu iria ceder e dar a maldita entrevista.

Essa era uma parte que eu não gostava do meu trabalho.

De fato, acreditava no potencial da minha carreira, ainda havia em mim uma veia idealista que me fazia achar ser capaz de melhorar o meu país. E era ela quem me mantinha na política. Financeiramente, eu não precisava, tinha os meus negócios, que me rendiam muito mais do que o salário que recebia como Senador.

Nos últimos anos, cresci muito na internet. Os meus perfis nas redes sociais eram uns dos mais seguidos do país. E isso me trouxe autoridade perante os meus pares, mas também muita especulação sobre a minha vida pessoal. O que me desagradava demais.

Contudo, confiava no trabalho da minha irmã e tentava seguir à risca os seus direcionamentos.

O limite era Violetta.

Era terminantemente proibida a veiculação de qualquer registro ou

informação sobre ela.

A oposição sabia bem como ser suja e eu não era poupado. Constantemente tinha a minha vida revirada, notícias falsas sobre mim surgiam o tempo todo e estavam sempre atrás de algum furo em minha conduta para tentarem me parar. Mas eu aguentava o tranco, sem nem sentir muito. No entanto, nunca que submeteria minha filha à sujeira da política.

— Papai, nós vamos almoçar no barquinho? — minha pequena tirou-me dos meus devaneios.

O tal *barquinho* era um pomposo iate, onde a levei para almoçar na marina, no dia anterior. Pertencia a um velho amigo e consegui discricção para fazer um passeio com ela.

— Nós vamos voltar para casa! — Vivi torceu o narizinho arrebitado, brincando com o garfo que eu usava para espetar frutas que estavam em uma pequena vasilha de porcelana.

Só cinco anos... E já sabia ser atrevida quando algo a desagradava.

— Mas aqui é a nossa casa — tentou argumentar e prendi o riso.

Em geral, eu segurava a onda nos mimos e tinha pulso forte com ela, mas quem poderia ser imune às suas fofurices? Convenhamos, aquela miniatura de gente que nem dente direito tinha, tentando me convencer era mais do que engraçado. E fofo.

— A outra casa.

— Em *Basília* — complementou, desanimada.

— Isso. Não está com saudades de Brasília? — Fiz questão de repetir o nome da cidade onde mantínhamos a nossa residência oficial, tentando mostrá-la a correta pronúncia.

— Só do castelinho. — disse, referindo-se à casa de boneca que mandei construir em nosso jardim, ela o chamava assim em razão do seu formato externo.

— Saímos que horas? — Eva que, ao contrário de mim, não se aguentava e ria abertamente acompanhando o nosso diálogo, interrompeu a conversa.

— Após o almoço? — Sondei se estava tudo bem para ela. — Que será aqui em casa mesmo... — Deixei claro e ela riu.

— Está exausto, não é? — Confirmei com um aceno.

Não era apenas pelo evento da noite anterior, mas também pela maratona de compromissos que antecedia o recesso de final de ano que logo iniciaria.

— Não prefere ir para a fazenda? — questionei. Talvez ela quisesse visitar os nossos pais e não fosse por receio de eu precisar dela.

— Não — respondeu, sem titubear. — Quando vocês forem, vou junto.

Trocamos um longo olhar e fiz uma nota mental para depois retomar o assunto.

— Papai, já acabei, comi tudinho. — Violetta estava de pé, parada ao lado da minha cadeira. — Vou buscar uns *livinhos* e o senhor lê *pa* mim.

Assenti.

Havia alguma coisa que eu não faria por aquela menininha? Chutava que a resposta era um não.

— Vamos ler lá fora no jardim.

— Não *demolo* — depois de beijar o meu rosto, saiu em disparada, escada acima.

Ainda a olhei subir os degraus, receoso que tropeçasse e caísse. Mas ela não passou nem perto disso.

Suspirei, dando-me conta que a minha garotinha estava crescendo rápido demais. Ainda ontem, era um bebezinho tomando mamadeira em meus braços, que transformou-se em uma menininha falante, cheia de vontades e que tinha os seus livros preferidos. Ao menos, ainda era eu quem lia para ela.

— Queria ter tido tempo para conversar com a Débora. — Levava uma xícara com café a boca e precisei me esforçar para manter a serenidade. Falar em minha ex-namorada era algo que definitivamente mexia comigo, mesmo que fosse apenas um comentário supostamente inocente, como aquele da minha irmã. — Claro que nos falamos, mas nós duas estávamos envolvidas com o evento. E, no final, quando a procurei, ela estava na sacada. — Seu olhar estreitou para mim e fiz uma cara de paisagem, querendo ver até onde ela iria. — Não quis atrapalhar.

— Ela sempre gostou de vocês — eu tinha mais uma irmã, a Eleonor —, não haveria qualquer problema em abordá-la.

— Sei que não, mas achei melhor dar alguma privacidade. — Eva levou a própria xícara de café a boca e, depois de um longo gole, fitou-me com um sorriso sério no rosto. Lá vinha... — O que pretende fazer, irmão?

Pensei rapidamente e eu não estava a fim de abrir aquele assunto, na verdade, talvez eu não tivesse uma resposta concreta, ou as duas coisas, mas ela iria me perturbar.

— Reencontrar Débora foi uma experiência, no mínimo, curiosa. Tem coisas que o tempo não consegue apagar.

Minha irmã revirou os olhos e eu disfarcei um sorriso.

— Poupe-me.

— Não tenho um plano. Vou deixar as coisas acontecerem. Passaram-se mais de vinte anos, desde o nosso último encontro em São João Del Rei, não é como eu pudesse apenas me reaproximar e fingir que nada aconteceu.

Não estava mentindo.

— Você ainda gosta dela? Digo, ainda é apaixonado, sente amor? Ou o que sente é um carinho pela história que tiveram?

Boa pergunta, embora ela fosse uma grande intrometida.

Era uma indagação que eu já me havia feito. Então, de certa forma, sabia a resposta.

— Como eu disse, muitos anos passaram-se e, obviamente, tive várias experiências neste período. Lembro-me com clareza do que sentia quando estava com ela, dos sentimentos que tínhamos um pelo outro e posso afirmar com muita certeza de que nunca mais experimentei nada nem parecido.

Mas também não podia dizer que ainda era apaixonado ou amava minha ex-namorada. Como eu disse, reencontrá-la foi uma experiência curiosa.

Minha irmã deu uma risadinha e levantou o olhar para mim.

— Boa sorte. — Ergui as sobrancelhas e ela rolou os olhos. — Não me parece que ela irá facilitar para você, não queria nem fazer a sua festa.

Ah, isso.

— Mas fez... — Já não queria seguir com aquele assunto. Não quando era íntimo demais não apenas para mim, mas também para Débora. — E ela sabe que não foi obrigada, sabe que eu não cobraria nenhuma multa caso rescindisse contrato, sabe, inclusive, que eu não a obrigaria de fato a coordenar presencialmente o evento. Débora quis estar aqui ontem porque também teve curiosidade em ver o Estevão do *futuro*. Muita coisa aconteceu nestes mais de vinte anos que nos separaram, mas há sentimentos que não se apagam só com o tempo. Ela também quis pagar para ver.

Eu, pelo menos, quis.

Minha irmã agora me olhava séria. Impactada com as minhas palavras?

Pois bem, caçula, até eu fiquei.

Era a pura verdade quando disse que Débora quis estar frente a frente comigo. Claro que, nos dias antecedentes ao evento, ela relutou e chegamos a nos enfrentar na reunião online, mas no fundo, ela precisava me encontrar. Assim como eu também.

Minha ex-namorada não sabia, mas colocar um ponto final em nosso relacionamento foi uma das decisões mais difíceis que já tomei na vida.

Eu tinha muito o que explicar... E não fazia ideia se um dia ela me ouviria.

Desde que fui embora de São João Del Rei, travei uma luta comigo mesmo, que desejava a todo instante, voltar atrás e ficar com ela.

Mas o garoto de dezoito anos achava que não podia.

Quando a minha assessoria me passou a lista das empresas que selecionaram para realizar a festa em minha casa, o meu papel era apenas escolher uma delas.

O *Domum* era a primeira da lista, como já aconteceu várias outras vezes.

Não é como se fosse possível ou eu tivesse interesse em ignorar a existência da Débora ao longo dos anos, logo eu tinha conhecimento sobre alguns fatos da sua vida. Um deles, era ser ela a proprietária de uma das empresas de eventos mais conceituadas do Rio de Janeiro.

Tomado de uma súbita coragem, escolhi-a, ciente de que cometia uma loucura.

De certo modo, iria trazer de volta para a minha vida o amor da minha adolescência, a única mulher que de fato amei.

Era sim uma loucura.

O que nós tivemos no passado foi intenso e forte demais, a tal ponto que até hoje, mais de vinte anos depois, eu ainda me lembrava.

Quando escolhi o *Domum*, só havia uma informação que piscava em minha mente: Eu iria reencontrar Débora. E aquilo não me assustava.

Eu nunca esqueci aquela mulher... Mesmo que não soubesse mais como denominar os meus sentimentos por ela.

E, pela primeira vez em muitos anos, estava disposto a fazer algo por mim.

Não era pela minha carreira, nem pela minha filha e muito menos pela minha família... Os três pilares que sustentavam a minha vida e as minhas decisões. Era apenas por mim, o Estevão.

— Voltei papai — Violetta chegou, correndo, como sempre. Levantei da cadeira e segurei a mãozinha que me estendeu.

— Vou ali ler *livinhos*. — Pisquei para a minha irmã e saí com a minha filha, que já havia desatado a falar sobre os personagens de uma das histórias que escolheu.

— E eu vou pegar um sol na piscina. — Ouvi-a dizer em minhas costas e dei uma risada, ela não escondia ainda estar assustada com as minhas palavras.



Capítulo 3

Estevão Figueiredo Neto

São João Del Rei, a cidade onde cresci, sempre teria um espaço especial em meu coração. Quando fui morar lá, a situação em minha família era instável, mas foi onde tive as melhores memórias da minha adolescência e início da juventude.

Enquanto meu pai estava no auge da sua carreira política e concorrendo a reeleição ao cargo de governador do estado de Minas Gerais, o seu casamento era o puro caos. Minha mãe, disposta a colocar um ponto final em seu relacionamento e, que, naquela época só lhe fazia mal, pouco queria saber se um anúncio de divórcio poderia atrapalhar os planos dele.

Ela não cedia. Ele não se esforçava um grama para ser um marido melhor e presente.

Não sei bem de onde saiu a ideia, creio que do meu avô paterno, que, como uma águia, estava sempre tomando todos os cuidados para que a carreira política do meu pai fosse próspera, assim como também fez comigo, mas o fato é que saímos de Belo Horizonte, minha mãe, minhas irmãs e eu, e fomos morar em São João Del Rei, cidade onde ela nasceu e moravam os meus avós maternos.

Não demorou para que o meu pai, que foi reeleito, insistisse junto com o meu avô, para que eu retornasse à minha cidade natal.

Recusei por alguns anos, até o fatídico dia.

Foi em São João que tive uma adolescência tranquila, onde vivenciei as minhas próprias experiências, sem precisar me preocupar com o tal legado político da família Figueiredo.

Foi lá também que conheci Débora e descobri o que era estar apaixonado. Conheci do tal do amor à primeira vista e todas as aventuras possíveis a um jovem casal conhecendo o amor e o sexo.

Alguns anos depois, quando decidi ceder à pressão familiar, impus não ir para Belo Horizonte, mas sim para o Rio de Janeiro. Era meio óbvio para mim que não conseguiria me manter longe dela quando, em pouco mais de três horas, eu poderia encontrá-la.

Eu tinha amigos que moravam no Rio, costumava passar alguns dias de férias por lá, e o meu avô paterno, inclusive, mantinha um apartamento em Copacabana.

Lá foi onde realmente cresci.

Cursei Direito na faculdade, diferente do meu plano de fazer administração na UFSJ. Morei sozinho. Fui treinado para a política. Envolvi-me com mais mulheres do que poderia contar. Não amei outra. Nunca esqueci Débora.

E, por fim, tem Brasília...

Charles, meu motorista aguardava no aeroporto da capital do país e nos conduziu até a minha casa, em um condomínio fechado no Lago Sul. Desde que minha filha nasceu, dei preferência para morar em casas.

Durante o percurso, depois de constatar que Violetta dormia no banco de trás do carro, gravei alguns *stories* para o instagram. Cumprimentei os meus seguidores e anunciei que à noite faria uma *live*, onde iria comentar sobre acontecimentos marcantes da semana anterior e anunciar medidas que pretendia para os próximos dias. Sempre fazia questão de deixar o meu eleitorado ciente de tudo o que fazia na política. Eles aprovavam. E eu, inclusive, fui o Deputado Federal e Senador mais votado do país em todas as eleições que concorri.

Brasília era a cidade em que me sentia mais seguro.

Não teria vindo morar aqui, se não fosse a política, é verdade. Mas aqui, era um cara mais livre.



No início da noite, coloquei Vivi para dormir depois de contar duas histórias sentado em sua cama, cobri o corpinho com o edredom branco salpicado com bolinhas rosa claro e segui para o meu quarto.

Tomei um longo banho, troquei-me e segui para o escritório.

Dora, uma das funcionárias que trabalhava na casa, havia preparado o local e deixado uma jarra com água sobre a mesa. No centro do móvel, havia uma pasta fina com alguns papéis impressos, contendo o compilado das informações que comentaria durante a *live*.

Iniciei a transmissão e, embora não gostasse dos holofotes, sentia-me à vontade falando com o meu público, expus os pontos planejados e decidi, de última hora, abrir para que fizessem perguntas, utilizando uma ferramenta do próprio aplicativo.

Quando finalizei, cerca de uma hora depois, servi-me uma dose de uísque e segui para a varanda que circundava a casa e ficava de frente para a piscina.

A noite estava fresca e agradável, sentei em um dos sofás e estiquei a perna sobre um puff, permitindo meu corpo finalmente relaxar. Fechei os olhos por alguns instantes, abrindo apenas ao virar um gole da bebida, que descia amarga por minha garganta.

O único barulho audível era o produzido pelos grilos.

Até que Eva achou ser uma boa ideia vir me incomodar.

— Mais de cinquenta mil pessoas ao vivo, hein? — Sem qualquer cerimônia, sentou-se ao meu lado e esticou as pernas sobre o mesmo puff que eu, obrigando-me a arredar corpo para o lado.

— É, não posso reclamar da audiência. — Dei de ombros.

— Sabe quem entrou? — Ergui as sobrancelhas, não estava a fim de conversa e preferia que ela contasse logo. — Sua ex-namorada. — Continuei com as sobrancelhas erguidas, digamos que, era um termo vago. — A Débora. — Ela rolou os olhos e pendeu a cabeça para o lado como se me analisasse. — Pelo o que vi, permaneceu até o final. — Minha expressão surpresa deixou-a satisfeita. Ainda estava em silêncio e Eva riu, irônica,

como a peste que era, logo, colocando-se de pé. — Só vim aqui para te contar, talvez você esteja com um pouco de sorte! Vou para o quarto descansar!

Ela dividia com o namorado um apartamento no Rio. Às vezes, acompanhava-me em algumas viagens.

Esfreguei o queixo, um maldito sorriso surgindo em meus lábios.

Não devia gostar tanto daquela informação.

Mas eu não só gostava, como algo dentro de mim acendeu, dando-me uma dose extra de disposição para me aproximar daquela mulher.

Não que eu precisasse de incentivo, pois desejava isso há muito tempo, se não o fiz foi por me não achar no direito de retornar a sua vida. No entanto, agora tinha um sinal de que talvez ela também quisesse, mesmo que não admitisse.

Débora Montesano

Estela deu dois toques na porta da minha sala e a abriu, colocando a cabeça e praticamente o corpo inteiro para dentro, antes mesmo que eu autorizasse sua entrada.

Bufei, baixinho, e deixei de lado um relatório que tentava analisar há quase duas horas.

— Posso entrar? — Ergui as sobrancelhas e ela deu uma risadinha. Como se já não tivesse praticamente lá dentro.

Convencida de que somente conseguiria dar a devida atenção àquele documento em algum outro momento, fechei o arquivo e afastei a cadeira de trás da mesa, indo até ao frigobar, onde peguei duas garrafinhas de água mineral.

Entreguei uma para minha sobrinha e abri a outra, tomando um longo gole.

— Pode falar, querida — disse-lhe, que me observava de onde estava, sentada em uma das poltronas diante da minha mesa.

— Lindas flores! — Seus olhos foram direto para o arranjo de astromélias em diversas cores que estava dentro de uma vaso sobre a minha mesa.

Quase revirei os olhos, lembrando de quem as enviou. Aquele homem era um cretino e que se danasse eu não ter um arsenal de apelidos pejorativos contra ele. *Cretino* cumpria bem o seu papel.

— São sim... — Ela sorriu e deu um suspiro curto, levando consigo o pouco que sobrou da minha paciência. Eu não andava em dias bons.

— Quero conversar... — A voz da garota me soou incerta, fazendo todos os meus sinais de alerta se acenderem. Aproximei-me ainda mais dela, encostando o corpo na beirada da minha mesa. — Tem um tempinho?

Dias atrás, ela me confidenciou que estava saindo com Alexandre, um conhecido meu de longa data e pai de uma cliente.

Não consegui esconder os meus receios e acho que até a chatee. Mas o cara, além de ser quase vinte mais velho que ela, não é conhecido no Rio de Janeiro por sua estabilidade nos relacionamentos, muito pelo contrário, Alexandre di Toledo gostava de estar sempre bem acompanhado e, digamos que, pulava de cama em cama.

Ademais, Estela era o meu ponto fraco. Amava aquela garota como se fosse a filha que não tive.

— Sabe que sempre tenho tempo para você. Mas, vá, fale logo. Está me deixando preocupada.

Ela deu outro sorrisinho, entrelaçando os dedos sobre as pernas.

Eu ia matar o Alexandre com as minhas próprias mãos.

Minha sobrinha não era do tipo que estava acostumada a se deixar levar por inseguranças, costumava ser bem corajosa.

Pigarreei, impaciente e ela bufou.

— Quero conversar sobre você, tia... — disse, sem esconder que estava constrangida.

— Como?

— Você tem andado estranha... — riu nervosa e ergui as sobrancelhas. — Está mais calada e séria, só sai dessa sala quando é estritamente necessário. Demorei um pouco para te procurar porque não queria invadir a sua privacidade, mas agora está me preocupando.

Tinha como não amar Estela? Essa garota era mesmo o presente que meu irmão e cunhada me deram, assim como disse-lhes quando ela nasceu.

— Ah, isso... — Foi a minha vez de sorrir, sem graça. — Fique tranquila. É uma mistura de muito trabalho e cansaço acumulado.

Minha sobrinha tinha razão. Não andava muito a fim de conversa e, nos últimos dias, fiquei mais quieta em minha sala. É óbvio que as pessoas iam perceber.

Eu era naturalmente uma pessoa alegre, que gostava de bater papo e de risadas ao longo do dia. Esforçava-me para que o ambiente de trabalho no *Domum* fosse agradável. Era também a chefe que comprava chocolate, lanche da tarde e sabia o que acontecia na vida pessoal dos meus funcionários, não por ficar fuxicando, mas porque eles tinham liberdade de me contar.

Agora eu também, ia matar Estevão, por ter estragado o meu humor desde a festa em sua casa.

Sobre o cansaço, não deixava de ser uma verdade, eu de fato andava exausta. Estela só não precisava saber que mentalmente eu estava mais afetada.

Alívio tomou conta do seu rosto bonito. Até que foi fácil enganá-la dessa vez, normalmente ela era esperta demais.

— Chegamos na época mais agitada do *Domum*. — Havia um sorriso genuíno em seu rosto. Eu ia sentir tanta falta dessa garota, quando saísse da empresa para trabalhar como aeromoça, que era o seu sonho. — Mas também não é como se o cerimonial nos desse folga em alguma outra época do ano.

— Exatamente. — Quase me escapou um suspiro, a prova de que estava ainda mais aliviada do que minha sobrinha, mas pela mudança de assunto. — Para o nosso próprio bem, temos trabalhado com a agenda esgotada em todos os meses, mas dezembro consegue superar. Não quero que se preocupe comigo, ok? Já já estaremos em São João.

Apertei a ponta do seu nariz e beijei a sua testa, tal como fazia quando ela era criança.

— Vovó Dirce está ansiosa — contou, mencionando a mãe da sua mãe.

Lá vamos nós... Bem que o meu pai poderia facilitar a minha vida e ser ele o elo a manter a união da nossa pequena família. Mas a verdade é que ele se isolou do restante do mundo desde a morte da minha mãe e nem o seu novo casamento foi capaz de tirá-lo da sua eterna bolha taciturna.

— A senhorita também vai dar uma passada na fazenda, espertinha —
exigi. Alguém precisava fazer com que ela e o avô se encontrassem, oras.

— Eu vou, tia! Farei uma surpresa ao vovô Gilson e a Emília — disse,
com uma expressão sapeca no rosto.

Lembro que papai levava muito jeito com crianças, a nossa casa estava
sempre cheia delas, que amavam as brincadeiras que ele inventava em nosso
quintal. Mas aquilo se perdeu. É inevitável não pensar em como ele teria
aproveitado mais da única neta se mamãe ainda fosse viva.

Bem... O passado não volta. Isso é um fato.

Ela ergueu um pouco o braço, checando o relógio em seu pulso e
então se virou para mim.

— Vamos lá cantar parabéns para a Cissa? Está na hora.

Sempre comemorávamos os aniversários na empresa, de certa forma
tornou-se uma tradição nossa. Caminhamos até a copa, sobre a mesa oval
havia um bolo de brigadeiro, o sabor preferido da aniversariante, docinhos e
bombons. Em um aparador lateral, havia salgadinhos, mini sanduíches e torta
salgada, além de refrigerante e suco.

Toda a turma do cerimonial estava reunida e cantou os parabéns em
coro, assim que Cissa chegou ao cômodo.

Dei um largo sorriso para a sua carinha de surpresa e emocionada.

Repetimos algumas vezes a cantoria entre várias brincadeiras, até que
ela pediu a palavra.

— Eu estou muito feliz! Sério, vocês alegraram o meu dia! — Ela
secou os olhos úmidos, ainda com um sorriso radiante no rosto, mas logo
voltou a chorar. Uma figura! — O *Domum* é uma família para mim... Como
sabem, vim de Recife e embora ame morar aqui no Rio, datas especiais como
o meu aniversário, estando longe dos meus pais e irmãos, são sempre
difíceis! Então, muito obrigada por todo o carinho! — O pessoal que estava
mais o próximo a ela, puxou-a para um abraço coletivo, seguido de muito
barulho. — Mas... quero agradecer especialmente a nossa chefinha! — Ela
conseguiu se desvencilhar deles e virou em minha direção. — Dé,
você é a melhor chefe que poderíamos ter e não só por comprar bolo,
docinhos e muitas comidinhas — todos explodiram em risadas, inclusive a
aniversariante —, mas por ser uma pessoa incrível, humana e é uma honra

poder trabalhar na sua empresa!

Foi a minha vez de me emocionar e com os olhos marejados, puxei-a para um abraço.

O *Domum* era uma extensão da minha casa e da minha família. E eu tinha muito amor por cada colaborador que me ajudava a fazer da minha empresa uma das mais conceituadas em eventos no Rio de Janeiro.

Cheguei àquela cidade aos vinte e dois anos, a convite do meu irmão que ia fazer uma especialização em sua área. Havia acabado de me formar em Administração na faculdade federal de São João Del Rei e, sem ter emprego fixo, comecei a trabalhar em eventos como *freelancer*.

Tomei gosto pela área, fiz uma infinidade de cursos para me especializar, trabalhei em grandes empresas do nicho de festas, fiz muitos contatos e há dez anos , decidi que era hora de abrir o meu próprio negócio.

Foi assim que fundei o *Domum Eventos*.

Ver a equipe reunida e com sorrisos sinceros no rosto, enchia o meu coração de alegria.



Capítulo 4

Débora Montesano

Depois de um longo banho de banheira, hidratei meu corpo, vesti uma camisola, por cima um robe de seda cor de pêssego e sequei os cabelos, não gostava de ficar com eles molhados e ensopando as minhas costas ou roupa.

Saí da suíte só depois de passar alguns produtos no rosto.

Segui para a área social da minha cobertura, gostava de morar na Barra, o único inconveniente era que o imóvel enorme tenha ficado somente para mim desde que Estela resolveu ir morar com uma amiga e dividia com ela um apartamento em Ipanema.

Coloquei uma chaleira com água no fogão e fui até um cantinho da cozinha, onde guardava uma coleção de xícaras e bules, lá também havia uma caixa de madeira cuja tampa era adornada com vários tipos de pedras, era onde ficava os meus sachês de chás e os saquinhos com ervas.

Escolhi um de capim limão e preparei minha bebida sem pressa.

Já com a xícara em mãos, fui para a sala, havia deixado aberta a porta de vidro que separava a sacada, de onde agora entrava um vento fresco.

Meus olhos foram guiados para os dois arranjos de flores que estavam sobre a mesa de centro e uma lateral ao sofá.

Ele mostrava ser incansável e ficava claro que eu teria que tomar alguma medida.

O nosso reencontro foi infinitamente mais intenso do que um dia ousei

imaginar e saí dele com as emoções totalmente confusas.

Sequer passou por minha cabeça que ficaria tão afetada, do contrário, teria mesmo rescindido aquele contrato estúpido. Ainda que ele resolvesse me cobrar a multa de rescisão, o que eu sei que não faria.

Se eu achava que já era péssimo não conseguir fugir de ter notícias dele, já que meu ex-namorado e ex-amor da minha vida enveredou pela carreira política, tornando-se uma pessoa pública e admirada por uma grande parcela da sociedade, não fazia ideia que podia piorar quando ficássemos frente a frente.

Absolutamente tudo naquela noite fez com que eu saísse de órbita.

Sua voz; seu cheiro; suas expressões, sua beleza, a forma como andava e conversava com os convidados, o jeito gentil com que tratava cada funcionário que trabalhou no evento, fosse da sua casa ou da minha empresa, sua insistência em manter um diálogo comigo.

Dei um longo gole no chá e inspirei o ar... Eu não podia deixar Estevão se aproximar. Não quando, mesmo ciente de que já não éramos os mesmos de anos atrás, meu corpo e o meu coração o reconheceram e reagiram de um jeito que não era saudável.

Às nove horas da noite em ponto, estava na sacada e peguei o meu telefone. Sentia-me completamente patética pelo que ia fazer, ansiosa também, mas não me detive.

Meu Deus, eu era um caso perdido, sem dúvidas.

Destravei o aparelho fingindo que não havia qualquer expectativa da minha parte em ouvi-lo. E vê-lo.

Respirei fundo e abri a *live* em que, mais uma vez, seria expectadora.

Ali, escondida e protegida atrás da tela do meu telefone, vi quando cumprimentou o público que lhe assistia, fez algumas brincadeiras e logo iniciou a pauta da transmissão, que era um formato de interação com o público que ele usava com frequência.

Era inegável a sua desenvoltura diante da câmera, falava com segurança e calma, além de ter um charme natural que ele sabia usar em momentos certos, era a chave para deixar o seu público vidrado.

Estevão tinha planos de se eleger ao cargo de presidente do Senado. Pelo que entendi, a votação seria apenas em fevereiro do ano seguinte,

estávamos em dezembro, mas ele era esperto. Estava aquecendo a sua base eleitora. Em breve, estariam todos fazendo pressão para que os demais senadores votassem nele.

Ele também, nas entrelinhas, contava o motivo de estar tendo encontros com senadores que não faziam parte da base aliada, não deixando dúvidas de que costurava alianças para o seu objetivo final.

O homem nasceu para aquilo...

A constatação me deixou aérea... Estar na política era algo totalmente visceral para ele, que lhe pertencia, e fazia parte de quem era.

Eu não queria, a Débora que o namorou não poderia admitir, mas era claro como a neve que ele não conseguiria escapar daquele legado.

Havia um nó em minha garganta.

Respirei fundo e quando estava de pé e pronta para fechar o aplicativo do *instagram*, suas palavras fizeram-me travar no lugar.

Ele não fez o que acho que fez, não é?

“É isso, pessoal. Desculpem a pressa e pela live mais curta que o de costume, mas está bastante corrido. Acabei de sair de uma reunião aqui em São Paulo e volto ainda hoje para Brasília. Finalizando a nossa transmissão, sigo direto para o aeroporto.

*Foi um prazer conversar com vocês e, como sempre, agregaram muito!
Muito obrigado pela audiência!*

Agradeço também, especialmente, a um certo alguém que me surpreendeu muito, na verdade, tem me surpreendido. É realmente um prazer falar para você, corujinha”.

A última palavra foi dita em um quase sussurro sem som, eu praticamente tive que ler o apelido em seus lábios e achava difícil que outra pessoa tenha conseguido traduzir.

Mas, ainda assim, tremia por inteiro.

Não, não era possível que ele tivesse me mencionado em uma transmissão ao vivo para milhares de pessoas. Estevão só podia estar enlouquecendo.

Fechei o aplicativo rapidamente e joguei o aparelho sobre o sofá, fui até a cozinha onde tomei um copo inteiro de água gelada.

Sentia-me febril e agitada.

Fiz um compromisso comigo mesma de não entrar mais em nenhuma outra transmissão ao vivo do Senador. Era isso. Precisava ter claro em minha mente que não havia mais em Estevão qualquer sombra do garoto que amei e namorei no final da minha adolescência. Agora ele era um predador, bonito demais, charmoso demais e mulherengo. Sim, eu não era alienada e já vi muitas capas de revistas e matérias em sites de fofoca em que ele sempre aparecia acompanhado de uma presença feminina, normalmente, conhecida na mídia.

Corujinha...

Suspirei profundamente, ainda segurando o copo, agora vazio.

O apelido que me deu quando nem éramos namorados, em razão de eu sempre ficar até tarde lendo os meus romances e chegar sonolenta no dia seguinte no colégio, fez-me lembrar do cartão que acompanhou as primeiras flores que me enviou após a festa em sua casa, bem como inúmeros dos nossos momentos felizes juntos.

Eu realmente não estava preparada para reencontrar meu ex-namorado. E não podia deixá-lo se aproximar outra vez.



Fazia quase um ano que não colocava os pés em minha cidade, confesso que estava com saudade de casa e da minha família.

— Vou abrir os vidros — Estela disse, quando o carro ganhou as ruas com calçamento, rodeadas por montanhas e prédios históricos.

O Rio que me desculpasse, mas aquela sim era a cidade maravilhosa. Pelo menos para mim.

Desliguei o ar-condicionado e inspirei o ar fresco. Até o cheiro dali me era familiar e mais agradável do que de qualquer outro lugar.

Estacionei diante da casa da dona Dirce, não éramos parentes de sangue, mas tinha um enorme carinho pela senhorinha que foi sogra do meu

irmão.

Fomos recebidas com uma mesa farta.

Se você ainda não teve o privilégio de conhecer uma cidade mineira, certamente não sabe que, ainda que o dono da casa não esteja te esperando, certamente vai te oferecer café fresco, pão de queijo, broa, bolo caseiro, um delicioso queijo e, se você fez a gentileza de avisar sobre a visita, pode esperar sem medo por biscoito frito, doces, pães...

Eu amo demais o meu estado.

Depois de algumas horas com a família da minha sobrinha segui para a fazenda onde meu pai morava com Emília, minha madrastra.

Seria uma viagem rápida, pois logo tinha que voltar ao Rio para a o *réveillon*, o *Domum* iria organizar algumas festas e em uma delas eu estaria à frente.

Passei a noite de Natal com eles e, no dia seguinte, busquei Estela.

O abraço emocionado que ela e seu Gilson trocaram, era o meu combustível para voltar para casa. Querendo ou não, aquela cidade minúscula sempre seria o meu lugar no mundo e eu arrastava minha garotinha junto comigo.

À noite, depois que minha sobrinha e Emília se despediram, dizendo que iam dormir, preparei uma xícara de chá e fui para a varanda. O céu estava todo estrelado, a iluminação, ainda que fraca rente ao cercado da propriedade, permitia que eu tivesse um vislumbre das montanhas.

Aquela fazenda meu pai comprou pouco antes da minha mudança para o Rio, não vivenciei grandes histórias por ali, diferente da nossa antiga casa, mas eu gostava do lugar. Trazia-me paz.

— Ontem esse céu não teve sossego, foi um vai e vem de avião e helicóptero — papai me tirou do silêncio profundo, sentando ao meu lado.

Sorri para o comentário, o mesmo que ele fazia desde sempre.

— Nem o céu e nem os pássaros — complementei.

— Exato.

Ele riu e pegou a caneca da minha mão, bisbilhotando o que tinha dentro. E fez uma careta ao constatar que era chá.

Para quem não admitia que o seu café fosse minimamente adoçado,

não era de estranhar que torcesse o nariz para a minha bebida, que ele xingava dizendo ser como uma água suja, de tão fraca.

Mais um pouco de silêncio e era melhor termos continuado calados... nem papai me daria uma trégua, se não fosse o bastante o meu próprio coração.

— Agora que o Figueiredo pai veio morar na fazenda, temos tido o desprazer de ouvir toda a barulheira que essas máquinas fazem. Praticamente, todos os dias — murmurou e me esforcei para não demonstrar muita curiosidade.

— Ele está morando aqui? — E sim, não demorei a falhar.

Desde quando o pai do Estevão estava morando em São João e na fazenda? Até onde me lembrava, ele passava longe dali. Só vinha quando era realmente necessário.

— Está sendo cuidado pela Aurora — sua explicação não fez sentido para mim e ele logo percebeu. — Não ficou sabendo, não é? Ele sofreu um infarto. Passou um tempo internado e depois veio morar com a esposa.

Balancei a cabeça em concordância. Lembro-me do Estevão ter me contado, na época em que éramos namorados, sobre o relacionamento difícil que os pais tinham. Na época, eles estavam praticamente separados. No entanto, era um assunto que eu evitava, pois sabia que o deixava chateado.

— A família deve ter se reunido para passar o Natal junto.

— Estão todos aí, até o garoto. — Papai não escondeu que me observava. Rolei os olhos, ele não ia mesmo me poupar? Poxa, só queria um pouco de descanso.

— Ele não é mais um garoto — rebati. — Inclusive, apenas alguns meses mais velho do que eu — tentei soar descontraída e ele bagunçou o meu cabelo, no que aparentemente deveria ter sido um carinho.

— Vocês dois sempre serão garotinhos para mim. — Meu velho suspirou e eu, por outro lado, preendi a respiração. Pois ele não parecia disposto a deixar aquele assunto de lado. — Às vezes, acho que você não superou aquela história, Dedé. Estou certo?

Minha barriga gelou.

Meu pai estava errado, mas, ao mesmo tempo, estava certo. Sim, podem rir.

Bem, eu já era uma mulher feita, não é como se um namoro que encerrou quando eu tinha dezessete anos pudesse ditar os rumos da minha vida. Mas era incontestável que aquela história, de algum modo, ainda mexia comigo.

— Besteira, papai. Foi um namoro quase infantil, éramos novos demais. Nós dois seguimos a vida.

Um sorrisinho intrometido nasceu em seus lábios e ele balançou a cabeça, negando. Em seguida, puxou-me para mais perto, beijando o topo da minha cabeça.

— Mesmo tendo passado todos esses anos, você ainda não o esqueceu. Se for para reencontrá-lo, a vida vai se encarregar de colocá-lo em seu caminho.

Sim, eu senti um estremecimento da cabeça aos pés.

Papai era um admirador do ex-genro, nunca escondeu o quanto gostava dele, nem que votou no fulaninho em todas as oportunidades possíveis. Mesmo há anos estando fora, Estevão concorria às eleições representando Minas Gerais e nem preciso dizer que era o queridinho do Estado, não é? O garoto prodígio, que agora já era um homem feito e Senador.

Sem querer estender o assunto, fiquei em silêncio.

— Vou deitar, você vem? — neguei, dizendo que ficaria mais um pouco na varanda e ele assentiu. — Amanhã pretendo acordar mais cedo, vou ajudar Emília a preparar o café da manhã, ela não pode saber que contei que irá fazer o seu bolo de milho preferido e o biscoito de queijo para a Estela.

O privilégio de estar em Minas, não disse?

Sorri e ele piscou para mim, deixando-me sozinha com os meus pensamentos, a escuridão do céu e o cheiro das montanhas.



Capítulo 5

Estevão Figueiredo Neto

Saí do closet segurando uma calça de moletom e camiseta, havia acabado de tomar banho e, antes de me trocar, vi que a tela do meu celular, que estava jogado sobre a cama, não parava de piscar.

Curioso, peguei o aparelho e logo abri o aplicativo de mensagens.

Havia alguns convites para sair; minha mãe pedindo foto da Vivi; um link de notícias enviado por meu pai; e muitas, muitas mensagens não lidas no grupo da família.

Certo de que nenhuma delas era urgente, fui me trocar.

Era noite de sexta-feira, estava cansado e queria relaxar. Havia chegado de viagem pela manhã. Após as festas de fim de ano, Violetta e eu tivemos dias intensos na Disney, além de uma passagem por Miami e Nova York.

Desci para a cozinha, servi-me uma salada que Conceição, a cozinheira que trabalhava comigo no Rio, havia preparado, uma taça de vinho branco e me acomodei na própria ilha, sentando em um dos bancos altos. Glória, que era como uma governanta, sempre pedia que ela deixasse alguma comida pronta

Coloquei uma música instrumental para tocar baixinho e ali estava decidido que iniciaria o final de semana de forma tranquila e na segurança da minha casa.

Ri internamente imaginando a quantidade de programações que minha filha iria inventar para os dias seguintes.

Depois de ter ficado quietinha e descansando quase o dia todo, acordaria no sábado com as energias renovadas.

Quase uma hora depois, retornei ao meu quarto e o telefone ainda pairava sobre a cama com sua tela piscando.

Soltei um suspiro e o peguei.

Ivan, um amigo que fiz na época da faculdade, pedia encarecidamente que eu e Marcos, outro amigo, acompanhasse-o em uma saída ruim pra porra.

Ivan: Bora pro Mee

Ivan: No copa

Ivan: Ainda não jantei e lá também tem bebida boa

O cara queria que fôssemos jantar no Mee.

Só podia ser uma brincadeira.

Sexta à noite, jantar com dois marmanjos em um restaurante dentro de hotel. E não qualquer um, mas o Copacabana Palace. Era de foder.

Eu deveria recusar. Era infinitamente melhor ficar em casa do que me enfiar em um lugar em que precisaria diminuir até o tom de voz.

Estevão: Tá me estranhando, filho da puta?

Estevão: Vou jantar com você não, arrombado

Marcos: Se fuder, estagiário

Marcos: Tá me tirando?

Meu amigo não parava de digitar e eu já sentia até uma coceira na nuca, era difícil falar não para aqueles dois.

Ivan: É importante, porra

Ivan: Eu pago a conta

O que aquele idiota estava aprontando?

Revirei os olhos quando uma ideia passou em minha cabeça. Ele não seria capaz, não é possível. Mas, pensando bem, quem é que iria jantar naquele lugar em plena sexta-feira?

O que não fazemos pelos amigos...

Embora fosse um arrombado, Ivan era um cara foda. Marcos deve ter pensado igual a mim, pois também acabou por aceitar aquela furada.

Arrumei-me rapidamente e avisei à babá da Vivi que daria uma saída.

A noite, no entanto, era uma caixinha de surpresas. É assim que dizem, certo?

Débora Montesano

Era difícil achar um tempo livre em minha agenda entre sexta e domingo para poder me divertir ou apenas curtir um verdadeiro descanso.

Não reclamava, gostava da minha rotina de trabalhar com eventos, mas também ficava satisfeita quando conseguia fazer algo por mim. E conseguir encontrar uma amiga querida, em uma sexta-feira à noite e em um restaurante que gostava bastante de frequentar, era um verdadeiro privilégio.

— Nem acredito que conseguimos, Dé! — Luciana me abraçou quando cheguei.

Ela havia escolhido uma mesa na área do jardim de inverno, a localização que mais gostávamos do lugar. Não era no centro do salão e tinha uma visão privilegiada de todo o estabelecimento, inclusive, ficava de frente para o bar e o balcão central.

— Fomos persistentes! — Rimos e me acomodei em uma das cadeiras, que de tão confortáveis, pareciam poltronas.

Estávamos, desde novembro, tentando marcar de nos encontrar pessoalmente, confesso que furei pelo menos duas vezes, depois vieram as festas de fim de ano e agora, em meados de janeiro, consegui a brecha perfeita na agenda.

Pedimos um vinho *malbec* e algumas entradinhas, enquanto nos atualizávamos sobre os últimos acontecimentos uma da vida da outra. Não

que eu tivesse muitas novidades para compartilhar, já a minha amiga...

— Não sei nem por onde começar... — Ela deu uma risadinha e um gole na bebida.

— Que tal pela virada de ano em Punta com o Armando?

Lembro que estava muito empolgada com a viagem, seria a sua primeira vez por lá e chegou a me pedir dicas sobre as roupas que seriam legais de levar. Além de estar bastante envolvida com o cara com quem estava saindo há alguns meses.

— Nem fala sobre aquele idiota. — Fez uma careta e apoiou os cotovelos sobre a mesa. — Acredita que ele voltou com a ex-namorada? E não se dignou a me contar. Na quarta, dormiu comigo em minha cama e, na sexta, estava de mãos dadas com a mulher.

Quase cuspi o vinho que havia acabado de tomar.

Por que precisavam serem tão filhos da puta?

Não vou generalizar e dizer que todo homem não presta. Sei que não é assim que funciona. Mas, olha, o meu histórico não ajudava. E, pelo o visto, o da minha amiga também não.

— Só pode estar brincando. — Eu ria de nervoso. E ela também debochava da própria desgraça.

Em um passado bem recente, também tive o “privilégio” de me relacionar com um cara que reatou com a noiva e que *esqueceu* de me contar.

É por conta de histórias como essas que ficar solteira dava-me uma paz de espírito sem igual.

Quer enganar quem, Débora? Bem que você gosta de um relacionamento estável.

Sim, gosto e assumo.

O problema parece ser encontrar outra pessoa que queira o mesmo.

— Eu gostaria de estar, minha amiga. Mas passou.

Contei-lhe como havia sido alguns dos eventos que fiz em dezembro, inclusive a virada do ano, falamos sobre planos para o ano que acabara de iniciar e como sempre era quando nos encontrávamos, rimos até a barriga doer, compartilhando algumas das histórias bizarras que só pareciam acontecer com a gente. Normalmente, elas envolviam sexo meia boca e o

nosso dedo que, quando queria, era podre em relação ao assunto *escolher homens*.

— E, no final, ele disse que amou a minha cobertura e que iria ao supermercado comprar carne para fazermos um churrasco. — Revirei os olhos, lembrando sobre um cara que conheci no ano anterior, depois de um mês conversando por mensagens, saímos duas vezes e na segunda estendemos em minha casa.

O sujeito me presenteou com um sexo mixuruca e se convidou, no dia seguinte, para usar a área gourmet da cobertura.

Não era a mais adepta do sexo casual, mas vez ou outra tinha um casinho de uma noite só.

— Às vezes, acho que deveria ter escolhido o celibato. Certamente, passaria menos raiva na vida — disse ela e suspirei.

É, não havia dúvidas da minha parte, um relacionamento estável era uma boa opção. Para não dizer que a melhor.

— Ah, se não fosse aquele um por cento da classe masculina que faz a nossa heterossexualidade valer a pena...

— A minha raiva é que desde o meu ex-marido, os dois únicos homens que pareciam saber o que estavam fazendo na cama, também tinham namoradas e, obviamente, não acharam importante me contar esse detalhe. — Minha amiga, que até então estava tirando sarro da situação, agora parecia verdadeiramente chateada.

— Nem me fala em ex. — Novamente, revirei os olhos. — Aliás, tenho uma boa história para te contar. Deveria ter começado a noite por ela, inclusive.

— Então, conte logo. Sou toda ouvidos. — A curiosidade animou-a novamente e eu ri da sua pressa.

— Primeiro, vamos pedir outra garrafa. Preciso de mais álcool em meu organismo para conseguir falar sobre o *fulaninho*.

Fiz um sinal discreto e logo o garçom estava ao meu lado. Enquanto eu fazia o pedido, Luciana olhava algo em seu telefone. Além do vinho, pedi algumas comidinhas e vi quando ela deixou o aparelho de lado.

— Não... — De repente, seus olhos arregalaram e a boca entreabriu. — Só pode ser uma brincadeira de mal gosto.

Agora os seus lábios estavam cerrados em uma linha fina e o olhar grudado em um ponto atrás de mim.

O que poderia ter acontecido?



Capítulo 6

Débora Montesano

— O que foi amiga? — perguntei, alarmada e Luciana não ajudou muito, pois seguia em negação, balançando a cabeça com uma expressão séria no rosto.

— Você não vai acreditar — sua voz sussurrada e os ombros caídos chamaram ainda mais minha atenção.

— Fale logo. — Estava tentada a olhar para trás, mas, ainda bem, segui um instinto que não sei de onde veio, e me mantive quietinha na cadeira.

— Meu ex-marido está aqui. — As palavras escapuliram da sua boca e os olhos ainda estavam arregalados.

— Não acredito!

— Pois pode acreditar...

O garçom trouxe o nosso vinho e, depois que fomos servidas, ela tomou um longo gole. Achei graça que a minha amiga não conseguia desviar o olhar do ponto atrás de mim e agora até ela ria, repetindo que o destino era muito filho da puta, assim como os caras que ela andava conhecendo.

— Engraçado é o fato de que se fosse em outra época, eu iria querer te apresentar aos dois amigos que estão com ele.

Sem mais conter a curiosidade, virei a cabeça para trás, não sabia o que iria encontrar, pois Luciana em nenhum momento mencionou se o seu

ex-marido a tinha visto, mas meio que liguei o *fodas* e só quis conferir por mim mesma quem eram as pessoas de quem ela falava.

Ela riu um pouco mais alto, como se já tivesse previsto o que eu faria.

Foi a minha vez de quase ter as orbes pulando para fora dos meus olhos.

Que brincadeira de mal gosto era aquela?

— O que foi? — Foi a vez dela perguntar.

— Não acredito que o meu ex-namorado também está aqui — só tive certeza de que a minha voz realmente saiu audível porque surgiu uma expressão totalmente confusa no rosto da minha amiga.

Ela pendeu a cabeça para o lado, nossos olhares se encontraram e entrei em ebulição.

Eu não tinha nada que ficar daquele jeito.

E, pelo o amor de Deus, tanto lugar naquela cidade para ele sair à noite, tínhamos que nos encontrar justamente quando consigo um horário livre para jantar fora?

— Ali? Você namorou com o Marcos?

— Marcos? — Franzi o cenho e dei uma olhadinha discreta para trás, embora soubesse que era impossível confundi-lo. — Não... Namorei com o outro. Aliás, ele é o protagonista da história que ia te contar agora. Você tem razão, o destino é mesmo muito filho da puta.

— Está me dizendo que já namorou o Estevão? — Chacoalhei as mãos, em um sinal para que diminuísse o tom de voz. — O Senador? — insisti, perguntando novamente, ao mesmo tempo em que esticou o corpo sobre a mesa, como se eu não pudesse ouvi-la de onde estava. Era uma figura. Confirmei que era mesmo ele e Luciana apoiou as costas na cadeira, balançando a cabeça. — E por que eu não conheço essa história?

Soltei um suspiro, antes de conseguir contar.

— Primeiro, beba amiga. Estamos precisando.

Erguemos as nossas taças em um brinde.

— Desde quando você o conhece? — perguntei.

— Estevão é um político famoso, você sabe disso, não é? — Revirei

os olhos e ela riu. — Conheci-o muitos anos atrás, fizemos faculdade juntos. E o meu ex-marido era da mesma turma. Eles são amigos e bem próximos até hoje. Vai me contar?

— Vou.

Não entrei em muitos detalhes, havia provado a mim mesma que aquela história do meu passado realmente ainda mexia comigo e eu não sabia dizer se era de um jeito bom. No início da noite, pretendia contar apenas a parte da festa que fiz para Estevão, sem, contudo, citar nomes. Mas, agora, a sua identidade estava mais do que revelada.

— Coincidências da vida! Quem poderia imaginar? — ela divagou, enchendo novamente as nossas taças.

— Pois é, quem poderia...

Tentamos mudar o assunto, mas inevitavelmente havia um elefante branco descansando bem em cima da nossa mesa.

Bem, já que parecia meio impossível fingir que os nossos ex não dividiam o mesmo ambiente com a gente... Talvez não fosse uma grande problema falar mais um pouco sobre eles.

É, podem rir. Eu o faria!

— Vocês ainda sem falam?

Uma sombra de constrangimento encobriu seus olhos, acompanhada de um sorrisinho tímido. Lá vinha história...

— Já te contei que o nosso divórcio não foi nada amigável... A decisão partiu de mim e Ivan não aceitou bem. Ficamos bastante tempo afastados, mas fazem alguns meses que ele resolveu que gostaria de ser meu amigo. Meu ex-marido quer ser meu amigo, Débora. O que fiz para merecer este castigo?

Por que não parecia que a minha amiga estava realmente indignada com essa situação?

Ergui as sobrancelhas e ela revirou os olhos.

— Você disse que ele é bom de cama — debochei e a safada não negou, escondendo o rosto atrás da taça.

— Começamos a namorar aos vinte anos, transávamos feitos dois coelhos e digamos que o tempo não nos tirou esse hábito. Nem quando o

nosso casamento estava uma merda.

Eu ri, ela também e o óbvio estava estampado em seu rosto: Luciana ainda tinha muitos sentimentos pelo ex-marido e não era só raiva.

— Então você tem um ex que fode bem, não foi infiel e quer voltar para a sua vida... — resumi e ela soltou um suspiro.

— Por aí!

Tentei dispersar os meus pensamentos usando a história da minha amiga, mas a verdade é que estava completamente presa ao fato daquele homem estar ali a poucos metros de mim

Não era justo que ele ainda tivesse o poder de revirar tudo dentro de mim.

Eu nem tinha idade mais para lidar com aquelas borboletas no estômago. É assim que se fala quando se sente o misto de expectativa com empolgação, não é?

Agora me diz, Débora, está empolgada e com expectativas por que seu ex-namorado está no mesmo lugar que você? Meu Deus...

Ignorei os meus próprios pensamentos, aliás, que mente traidora a minha. Credo.

Luciana e eu não tivemos tempo de estender o assunto *seu casamento*, pois três homens surgiram ao lado da nossa mesa, tomando toda a nossa atenção e quase nos fazendo saltar na cadeira.

— Senhoritas, boa noite!

Eu não conhecia aquela voz masculina e forte, mas reconheci o perfume de um deles. Era o mesmo que usava no dia do jantar em sua casa. Antes mesmo de levantar o olhar, sabia que Estevão estava bem ali ao meu lado.

Vi minha amiga perder a compostura, ela que era sempre muito espirituosa e tinha a língua afiada, parecia ter ficado sem a capacidade de falar.

— Lu, quanto tempo! Como vai, querida? — O que tomou a dianteira em nos cumprimentar era um homem lindo de pele negra, muito cheiroso e que devia ter quase dois metros de altura e estendeu a mão para a minha acompanhante.

Ela, finalmente, saiu do torpor e retribuiu o cumprimento, sendo até simpática.

— Marquinhos! — disse, beijando o seu rosto. — Estou bem e você?

— Melhor agora! — Ele, de cara, pareceu-me bem galanteador e deu-lhe um sorriso de canto e lentamente direcionou o olhar para mim, envolvendo-me na conversa. — Veja bem, comida oriental nem é a minha preferida, vim aqui hoje apenas para acompanhar os meus amigos e não é que fui presenteado ao encontrar duas mulheres lindas? — Se fosse qualquer outro falando aquilo, soaria-me um tanto ridículo e até abusado, mas havia algo de divertido e familiar em seu jeito, o que me fez rir ao invés de impor uma barreira de segurança. — A propósito, estamos sem mesa.

Nós duas sabíamos o que viria em seguida e a minha amiga até tentou frear a clara intenção daquele três.

— É... É que...

Mas, obviamente, depois de gaguejar, ela não conseguiu. E, praticamente, foi atropelada pelo tal do *Marquinhos*.

— Quando te vi, falei com os caras que tínhamos tirado a sorte grande. Podemos nos sentar com vocês? Prometemos não deixar que a noite seja entediante.

Fato é que os três homens parados diante da nossa mesa, estava chamando a atenção dentro do restaurante.

Assim como o amigo falante, os demais também eram muito altos, com porte atlético e, não tinha como negar, bonitos demais.

Meu olhar cruzou com o do meu ex-namorado, não sei se decifrei certo a sua expressão, mas havia ali um certo ar de diversão, além daquele charme novo que vinha me fazendo arfar sempre que me lembrava.

Sem qualquer controle e em um ato falho que eu colocaria na conta das várias taças de vinho que bebi, passei a pontinha da língua em meu lábio inferior, enquanto acompanhava a perfeição com que a camisa branca de botão aderiu aos seus braços e abdômen musculosos, assim como a calça jeans escura marcava suas pernas grossas.

Quando foi que Estevão ficou daquele tamanho?

Na época em que namorávamos, ele gostava de praticar esportes e até fazia musculação em uma academia, mas nem de longe tinha aquele corpo

enorme e musculoso.

Ouvi um riso baixinho e alguém pigarrear, fechei os olhos por um segundo, de vergonha por talvez ter sido surpreendida, quando os abri, olhei novamente para o meu ex, que tinha uma expressão indecifrável e o olhar afogado. *Ele estava com tesão?*

O safado ergueu as sobrancelhas e eu revirei os olhos, puta da vida.

— Essa é Débora, uma amiga. — Luciana apontou para mim, trazendo-me de volta para a realidade. — Ele é Marcos, conhecemo-nos na faculdade, ou seja, muitos anos atrás! — Ela deu uma risadinha nervosa e o homem respondeu com uma piscadinha quando seu nome foi mencionado. — E os dois senhores ali atrás são Ivan e Estevão, também nos conhecemos na faculdade.

— Prazer, Débora. — O ex-marido da minha amiga me cumprimentou, mas o seu olhar estava preso na ex-mulher. *Ela não ia resistir por muito tempo.* — Lu e eu nos conhecemos tão bem, que até nos casamos. E separamos, infelizmente.

Prendi o riso diante da audácia, Luciana ficou com as bochechas vermelhas e antes que pudesse voar no pescoço do tal Ivan, Estevão se apressou e pousou aquela mão enorme em meu ombro.

— Eu não preciso ser apresentado. — Ele me deu uma encarada que me fez arrepiar por toda a espinha. E molhou a minha calcinha. *Merda.* — Conheço essa garota há mais tempo que posso contar.

Seus amigos não pareceram se surpreender com o que ele disse e aquilo me deixou curiosa.

— Bem... — Lu procurou o meu olhar. — Você se importa? — Neguei e ela suspirou. — Fiquem à vontade.

É, a noite seria longa.

E foi.



Capítulo 7

Débora Montesano

Marcos tinha razão quando disse que ele e os amigos não permitiriam que a noite fosse entediante. O cara sentou-se em um lugar entre eu e minha amiga, Estevão ocupou a outra cadeira ao meu lado e Ivan fez o mesmo com Luciana.

Sim, estávamos totalmente ilhadas entre eles.

Não posso dizer que fiquei desconfortável, na verdade, fiquei sim, mas não por alguma fala ou atitudes vinda deles, em todo o tempo foram gentis e divertidos, mas porque eu mesma não conseguia agir de forma natural ao lado do meu ex.

Em geral, eu até podia ser um pouco tímida, normalmente com pessoas que não conhecia, fazia parte do meu jeito, mas eu não era retraída. Apenas reservada. Além do que, sabia disfarçar bem. Há anos trabalhando com entretenimento, a gente aprende a se mostrar de uma forma mais desinibida.

Mas não com ele.

Pouco tempo após nosso reencontro, descobri que com Estevão eu não era eu mesma. Nem a garota que o conheceu na adolescência, uma menina doce e leve, nem a Débora de agora, mais madura e vivida.

Diante do meu ex-amor, eu era insegura, confusa e um pouco furiosa.

— Costuma vir muito aqui? — O dito cujo aproximou a cadeira da

minha e virou o corpo em minha direção. Mantinha um tom de voz mais baixo, como se tentasse nos dar privacidade. — É a minha segunda vez, gostei da comida.

Tão cara de pau.

— E vai me dizer que foi sua a ideia de chamar os seus amigos para virem jantar? — O Mee era um restaurante frequentado basicamente por famílias e casais, não era o tipo de lugar que três homens solteiros normalmente buscariam em uma sexta à noite. — Inclusive um que não gosta da comida que eles servem.

— A brilhante ideia não foi minha, mas eu teria vindo de todo modo se fosse para te ver! — disse com toda calma do mundo, uma que eu não tinha no momento, e olhando em meus olhos.

Por Deus, eu deveria desviar o olhar e não ficar analisando cada detalhe do seu rosto.

Era tão masculino... O contorno do maxilar, as sobrancelhas grossas, a boca carnuda e bem desenhada e até as ruguinhas que despontavam nas extremidades dos olhos quando ele sorria. Tudo em Estevão gritava virilidade.

Nossos olhares estavam grudados e perdi até o ar, será que ele também sentia aquela eletricidade que nos envolvia?

— E por que viria? — perguntei, tentando resgatar a dignidade.

— Vai ficar puta com a resposta. — Eu já estava, na verdade.

— Vou repetir a pergunta. Por que? Curiosidade?

Antes de responder, seu olhar correu rapidamente pela mesa, acompanhei-o e constatei que de fato tínhamos um pouco de privacidade, nenhum dos nossos amigos nos olhavam.

— Não é curiosidade. — Ergui a sobrancelha e ele deu um meio sorriso, tomando sem pressa da sua bebida. — Não se tem curiosidade do que já conhece.

Bufei!

— Você não me conhece. — Respirei fundo. Eu era uma pessoa calma e serena. — Não sou a adolescente que você namorou. Então, é curiosidade sim.

Nós dois mudamos, não era óbvio? E ele pareceu entender o meu ponto.

Não o julgava pela reaproximação e nem mesmo se assumisse que sentia curiosidade em conhecer minha versão anos mais velha. Mas não embarcaria na ilusão de que éramos como aquele casal da adolescência. Muita água já rolou desde a nossa separação e fez com que as coisas mudassem para nós dois. E não era só sobre o nosso término, era a vida em geral.

— Não irei te incomodar. — Acreditei nele, mas ciente que não teria sossego. De certa forma, via em seus olhos que me tornei um desafio.

— Mas também não vai me deixar em paz, não é?

— Eu juro que me afasto se você pedir, se disser que não me quer por perto. — Vai, Débora, é só falar. — Não irei forçar nada.

Claro que eu não disse.

Porque era covarde demais. Porque não conseguia. Porque não iria admitir, mas também estava curiosa para saber o que restou do cara que já foi o meu melhor amigo, dono de várias das minhas primeiras vezes e o amor da minha vida.

— Eu te perguntei o motivo da reaproximação e você disse que eu ficaria puta. Talvez eu fique, mas quero mesmo saber.

Outro meio sorriso surgiu em seus lábios e, que combinado com as duas piscinas azuis que eram os seus olhos me encarando, conseguia me desestabilizar um pouco.

— Você pode até afirmar que mudamos, que não somos mais o Estevão e a Débora que se conheceram em São Joao Del Rei, mas, para mim, você ainda é a Débora por quem fui apaixonado, a pessoa com quem mais já compartilhei da minha vida. E agora que estive novamente com você, que ouvi sua voz pessoalmente, senti seu cheiro... Quero te beijar e te ter em meus braços. Quem sabe não consigo te trazer de volta para a minha vida?

Perdi o fôlego.

Tinha a sensação de estar tendo vários pequenos AVCs.

Ele disse com todas as letras qual era o seu objetivo. Sem firulas, sem qualquer vergonha na cara, sem se preocupar com o que eu acharia.

Doeu ouvi-lo. Porque, por mais que não assumisse e não fosse adepta dos grandes dramas da vida, ainda me machucava pensar no que poderíamos ter sido se tivéssemos continuado juntos.

Éramos um casal bonito, quase não havia brigas ou discussões em nosso relacionamento, combinávamos em praticamente tudo, tínhamos muitos planos para realizarmos juntos.

Estevão já foi meu... E, mesmo muitos anos depois de tê-lo perdido, era inevitável não pensar em como teria sido.

— Você enlouqueceu. — Minha voz saiu falha, doída, eu queria era socá-lo, mas também não resistiria se me pegasse e me beijasse.

Teria o mesmo gosto?

Deixaria-me com tesão só por me puxar mais forte segurando em minha nuca?

Faria-me ver estrelas e sentir como se tivessem borboletas em meu estômago, pela expectativa do que viria em seguida?

— Eu disse que você ia ficar puta.

Seu olhar era divertido e preocupado. Respirei fundo pela milésima vez. Encaramo-nos. Ele deixava claro que, se eu permitisse, iria me devorar.

Munida da maturidade que os anos me deram, fiquei de pé, ganhando todos os olhares da mesa.

— Eu vou ao banheiro.

Estevão Figueiredo Neto

Minha ex-namorada tinha total razão quando disse que eu não a conhecia...

Eu realmente não esperava que ela tivesse se tornado uma grande mentirosa. Até porque, a Débora do meu passado, não conseguiria sustentar um namoro falso.

Sim, ela meteu essa de que tinha um namorado quando retornou do banheiro, logo após eu dizer em sua cara que a queria pra caralho.

A questão é que Débora não teria rendido assunto comigo se realmente tivesse um compromisso com outra pessoa. Como sei? Os anos até podem ter

passado, mas ainda era a garota leal que sempre foi.

Foi ela quem insistiu e não aguentou a minha resposta.

A mulher teve a audácia de pegar a bolsa, dizer que iria embora e que o namorado estava a caminho do restaurante para buscá-la. A amiga ficou muda, meus amigos debocharam da minha cara silenciosamente e eu me arrependi da promessa que lhe fiz, onde garanti que não iria incomodá-la e me afastaria se ela pedisse.

Foi exatamente esse o recado que ela me passou ao inventar que tinha um namorado, certo?

Porra, eu não tinha nada que ter feito aquela promessa estúpida.

Não estava disposto a me afastar. Não quando achava que tinha uma chance com ela. Mesmo que minúscula.

Já em casa, fui ao quarto da minha filha e verifiquei que ela dormia tranquila, segui para o meu e tomei um banho frio, que não deu um jeito no têsão infernal que sentia.

Quem poderia imaginar que a programação bosta sugerida pelo meu amigo, em que ele queria apenas encontrar “do nada” a ex-mulher, colocaria-me frente a frente com a mulher que me roubava o bom senso e não saía do meu coração??

Não apenas a surpreendi, como também constatei que ela não era totalmente indiferente a mim.

Aliás, quem também poderia supor que Luciana Rangel, ex-mulher do Ivan e com quem estudei na faculdade, também fosse amiga da minha garota?

Uma noite cheia de coincidências que provou ser mais eficiente que planos bem elaborados.

De banho tomado, saí na varanda do meu quarto e encarei a noite... Fui sincero quando disse a Débora que não era só curiosidade.

Mas também não negava que era uma sensação do caralho reencontrar uma pessoa que foi tão importante e fez parte do meu passado.

Era como enxergar novamente o Estevão de dezoito anos.

Aquele Estevão chegava a ser até ingênuo em relação a vida. Veja bem, por um período relativamente longo, pensei verdadeiramente que conseguiria escapar dos planos que meu pai e avô fizeram para mim e que

seria fácil abrir mão do legado de uma vida toda da família Figueiredo.

A minha vida hoje é outra, precisei deixar o passado no passado para conseguir viver o presente de forma decente, mas era inevitável não pensar em como seria se eu tivesse feito tudo diferente. E a pessoa que mais me remetia a tais pensamentos era ela.

No entanto, sou honesto, se fosse apenas pela curiosidade, não teria me reaproximado, não quando percebi que ainda mexia com ela. Não sei o que Débora de fato sente por mim, mas não sou um cuzão egoísta.

Se saí daquele restaurante desejando me aproximar mais, foi por ter plena convicção de que, ela hoje, é ainda mais apaixonante do que quando compartilhávamos a vida e facilmente me teria nas mãos, caso quisesse.

Eu estava fodido demais.

Era um cara controlado, principalmente, quando se tratava de mulher.

Até tinha quem me achasse mulherengo, mas não era bem assim. Fui um tanto aventureiro, assim digamos, na época da faculdade. Não era nem um pouco seletivo.

No entanto, desde que me envolvi de fato na política e, anos depois, depois de ter sido pai, não me sobrava muito tempo para conquistas. Vivia relacionamentos rápidos e com pouco envolvimento, além do bom e velho sexo casual.

Ou seja, tudo muito superficial.

Nunca apresentei a minha filha à alguma namorada. Elas não frequentavam a minha casa, não tinham contato com a minha família e eu sempre deixava claro como seria.

Hoje, eu era muito diferente do Estevão do passado, que fez planos de casar com a namorada que conheceu no colégio e comprar uma fazenda.

Uma total contradição por ainda ser o cara sortudo que conheceu o amor quando era um moleque.

Voltei para o quarto e me joguei na cama antes de pegar o telefone e digitar uma mensagem:

***Estevão:** Foi muito bom te ver, corujinha.*

Seu cheiro ainda está em mim e olha que nem te tive em meus braços.

Durma bem e tenha bons sonhos.

Ps.: Só não será melhor que os meus, pois irei sonhar com você!

Fui dormir sem receber uma resposta, que também não veio no dia seguinte.



Capítulo 8

Débora Montesano

— Ei, esse vinho foi um presente — reclamei com Mário, que estava parado diante da adega em minha sala, segurando uma garrafa que ganhei de um amigo e a trouxe de uma viagem à Itália.

Antes, havia ido ao quarto tirar o sapato de salto alto e prender o cabelo.

— Eu sei. — Ele seguiu para o móvel mais próximo, onde eu guardava taças e utensílios para preparar bebidas. — É justo que o abra. Afinal, perdi minha foda da noite por sua culpa.

Revirei os olhos e me joguei no sofá, seguida por ele.

— Não seja escroto.

— Vai substituir a garota? — perguntou, com a sua melhor cara de safado, bem o que ele era.

— Que nojo!

Ele riu, sem se abater e deu de ombros.

— Vai abrir o seu presente e pagar o jantar.

Sem precisar de uma resposta ou qualquer comentário da minha parte, retirou a rolha e encheu sua taça e a que pegou para mim.

— Era uma emergência. — Brindamos e abri no celular o aplicativo de delivery. — Pode ser japa? — Ele confirmou, de todo modo, seria. —

Estava no meu *japonês* favorito e nem comi o prato principal, acredita?

— É melhor você já colocar em seu coração que vai dar para ele. Poupará sofrimento e energia com negações, vai por mim.

Mário, além de um grande amigo, talvez o mais próximo que eu tinha, era meu confidente e gerente financeiro do *Domum*.

Era uma das pessoas que eu mais confiava, que conhecia meus segredos e sabia me ler todinha.

— Isso não vai acontecer. — Suspirei.

— Nós dois sabemos que vai. Namorado, Dé?

Até fechei os olhos, enquanto rimos da minha desgraça.

Conhecemo-nos logo que cheguei no Rio e foi ele o maior incentivador para que eu abrisse minha empresa.

— Queria que eu fizesse o quê? Ele praticamente se declarou — defendi-me e meu amigo traidor gargalhou da minha cara, chamando-me de iludida.

— Não foi uma declaração. — Mário girava a taça entre os dedos e me encarava. — No máximo, te disse que sente um puta tesão por você.

— Não sei o porquê insisto em ser sua amiga... — Ele riu. — Você é...

— Nojento. — Atropelou-me. Idiota! — Você já disse. Também sou um bom amigo. Veja, eu...

— Abri mão de foder a noite inteira para te resgatar do seu ex-namorado. — Foi a minha vez de interrompê-lo e o safado, ao invés de ficar constrangido, sorriu satisfeito. — Você também já disse.

— Viu, como sou ótimo? Vem cá... — Bateu com a mão sobre o sofá ao seu lado e eu fui. — Eu te amo, você sabe, não é? — Ganhei um beijo no topo da cabeça e olhos marejados. Eu era ridícula, senhor. — É minha irmã... E isso é uma ironia do caralho, porque já te quis muito em minha cama. Graças a Deus, você não caiu em minha lábia. — Impossível ficar séria e chorar em paz ao lado dele. — Eu não valho nada e você é especial. Fica aí fingindo que é moderninha, mas não dá conta nem de um sexo casual. Mas... Sejam sinceros, o senador não é um cara de escândalos, tirando as notícias produzidas pela oposição, não se vê nada negativo a respeito dele. Não acho mesmo que ele iria atrás de você se não tivesse boas intenções.

Eu, que estava com a cabeça encostada em seu ombro, ergui o corpo e o encarei com a minha melhor cara de quem não estava entendendo o rumo daquela conversa.

— Segundo você, *ele no máximo disse que sente um puta tesão por mim* — que ódio do meu amigo por ter desvirtuado as palavras do meu ex. Foi uma declaração sim e ponto final.

— Mas isso é uma verdade, ele não se declarou, não está te garantindo um casamento e lua de mel, no entanto, não me parece estar pensando só em *uma foda bem feita e vida que segue*. Vocês têm uma história, está mexida pelo reaparecimento do cara, por que ao menos não o ouve?

— Essa é fácil. — Tomei um longo gole do vinho, criando coragem para colocar em palavras o que exatamente passava em minha mente. — Porque obviamente não sou capaz só de ouvi-lo e seguir em frente. Eu vou me iludir. Conheço-me. Posso ter quarenta anos, ser empresária, chefe de dezenas de funcionários e já até fui responsável por uma adolescente, mas sou uma idiota quando o assunto é o meu coração. Então, aceite, você será meu namorado pelo tempo que for necessário.



Acordei com uma dor de cabeça insuportável. Adoraria dizer que foi em razão de toda a bebida ingerida ou mesmo da obra infernal e interminável que me despertava quase que diariamente com ruídos muito encorajadores, uma gentileza do meu vizinho. Mas a questão é que vinho de boa qualidade não deixa ressaca. E a obra, bem, acho que já até tinha me acostumado e perdido as esperanças de que um dia fosse finalizada.

Enfim...

Durante toda a noite sonhei com Estevão.

Com qual direito aquele imbecil tomava conta até do meu sono?

Não descansei, acordei várias vezes, cheguei a preparar um chá às quatro da manhã para tentar me acalmar e não foi o suficiente, quando voltei para a cama, novamente ele retornou aos meus sonhos.

E foi ainda pior. A partir daí, surgiu um Estevão de dezessete anos

para tirar o meu sossego.

Agora parecia que havia uma escola de samba fazendo um show dentro da minha cabeça.

Tomei uma aspirina, preparei outro chazinho, tendo escolhido um de cravo, e sentei na sacada do meu apartamento. Passei a responder alguns e-mails e mensagens de trabalho pelo próprio celular, com uma pensamento que pairava ao meu redor.

Estevão não ia desistir de me atormentar.

Ele mesmo garantiu, não foi?

Antes do almoço, o porteiro interfonou avisando que havia uma entrega para a cobertura e uma raiva misturada com ansiedade me tomou enquanto eu ia até a porta, para atender o funcionário de uma floricultura.

O rapaz me entregou um enorme buquê de rosas cor champanhe. Em negação, li o cartão, sem qualquer dúvida de quem era o remetente.

“Corujinha,

*Envio-lhe essas flores, que sonham em um dia serem tão lindas e cheirosas
como você, como uma recordação de ontem.*

*É só uma lembrança, para que saiba que há um alguém que sempre sorri
quando pensa em você.*

E.F.N.”

Eu disse que tinha um namorado, Estevão prometeu que se afastaria se eu pedisse. Mas é claro que ele se faria de sonso. E é mais claro ainda que não acreditou no meu relacionamento.

Iria ignorar as flores assim como fiz com a mensagem que me enviou na noite anterior.

Pois não tinha um psicológico forte para lidar com aquela reaproximação; não dava para fingir que não fiquei quebrada quando ele terminou o nosso namoro; porque eu consegui seguir em frente e não havia espaço em minha vida para o passado; porque era o Estevão e nem os mais de vinte anos que nos separaram foi o suficiente para afastar o frio na barriga que sentia só por ouvir o seu nome.

Ao mesmo tempo, eu não conseguia ignorar os rastros da Débora romântica...

Eu já fui a garota das flores, dos recadinhos escritos em uma folha de caderno, do cinema em um fim de tarde e piquenique no parque. Sim, a mulher que organiza grandes festas no Rio de Janeiro, que aprendeu a gostar da noite, que está sempre conhecendo gente nova e há anos não sabe o que é viver um grande e arrebatador romance, já foi a garota leve, doce e romântica.

E no fundo, talvez ainda seja



No fim da tarde, saí de mais uma reunião que foi para mim como uma injeção de adrenalina. Estava com um frio na barriga.

Iria fazer um casamento em Trancoso, quatro dias de festa e até trio elétrico teria. Seria uma mega produção e tínhamos apenas três meses para deixar tudo pronto.

Seria difícil? Sim. Mas prometi aos noivos nada menos do que um evento inesquecível. E é o que eu entregaria.

E desafios no trabalho me reabasteciam.

Cheguei a recepção acompanhando os meus clientes até a saída e já senti um calafrio quando encontrei um arranjo de orquídeas sobre a mesa que Helô ocupava.

Despedi-me deles e me virei para ela.

— O que significa isso? — Sentia-me frustrada por não saber lidar, ciente de que minha energia boa escoria pelas mãos.

— Orquídeas? — respondeu, sem graça. Ergui as sobrancelhas e ela apontou para um pequeno envelope preso a ele. — Veio um cartãozinho, chefe.

Respirei fundo, peguei o arranjo e fui para a minha sala.

Corujinha... Não precisei nem ler o restante da mensagem.

Ele simplesmente não parava. Já havia perdido a conta de quantas

flores me enviou, uma atitude audaciosa que iniciou após o nosso reencontro em sua casa e seguiu persistente. Agora já havia passado mais de duas semanas desde o inusitado jantar no Mee.

Fui iludida ao pensar que ele pararia quando disse que tinha um namorado, pelo o contrário, as mensagens nos cartões pareceram ficar ainda mais provocadoras.

Estevão não iria continuar me atormentando ou eu não me chamava Débora Montesano.

Por qual motivo ele achava que tinha o direito de retornar e confundir todos os meus pensamentos? Ou achou que isso não iria acontecer?

Era verdade que ainda sentir tanta coisa por um homem que sequer encontrava há tantos anos deveria ser considerado algum tipo de doença, no entanto, já havia me convencido de que era essa a minha realidade.

Não deixei de sentir, mas apenas não me permiti viver dominada por algum tipo de frustração por não terem dado certo os sonhos que fizemos. Não morri por ter tido o meu coração partido e que ironia, esse mesmo coração agora fica todo eufórico só por eu mencionar o nome do *fulaninho*.

Bufei, em minha sala, os olhos fitando as orquídeas e os outros arranjos que estavam espalhados pelo ambiente.

Eu precisava fazer alguma coisa a respeito.

Eu tinha um namorado, afinal, Estevão teria que me respeitar.



Capítulo 9

Estevão Figueiredo Neto

— Qual é a sua *pincesa*, papai?

Vivi, que usava uma fantasia lilás com rosa, olhava de mim para as várias bonecas espalhadas sobre o tapete do seu quarto.

Havia pouco tempo que consegui parar para brincar com ela, depois de um dia inteiro participado de reuniões. Chegamos a almoçar juntos, mas logo precisei voltar para o escritório que mantinha em casa.

Bel, sua babá, deu uma risadinha, ela sempre dizia que achava uma graça como eu me envolvia em suas brincadeiras, mas gargalhava mesmo era quando me pegava segurando as minúsculas peças do jogo de xícaras e bules de porcelana da minha filha, nos infinitos *chá da tarde das bonecas* que a pequena adorava fazer.

Ela, inclusive, era o meu grande apoio para cuidar da Violetta. Eu fazia questão de estar presente em suas principais atividades, mas tinha um trabalho que demandava muito de mim. E ficava tranquilo sabendo que ela estava sendo bem cuidada.

— A minha vai ser a Bela. E a sua?

— A *Cindelela*. — Beijeí sua bochecha e a agarrei, em um abraço apertado, não resistindo aos errinhos de fala da idade. — Tá me esmagando, papai! — fingiu reclamar, enquanto dava uma gargalhada gostosa.

— Ah, mas o papai te esmaga mesmo!

Brinquei um pouco com a minha bebê, até que o chefe da minha segurança enviou uma mensagem em meu telefone, avisando sobre uma visita não tão inesperada.

No fundo, eu sabia que em algum momento ela viria. E esperei com paciência por este acontecimento.

É, eu sabia ser um cara paciente. E persistente também.

— Filha, o papai precisa resolver um probleminha e depois volta para brincarmos mais, ok?

— Vai sair? — Em um único impulso ela estava de pé e segurando em minhas pernas. — Não pode me levar?

— Não vou sair... — Tranquilei-a. — Continuamos com a brincadeira depois do jantar. Aliás, leve as princesas para jantar com a gente.

Violetta se animou e então saí do seu quarto, indo ao encontro da fera mais linda e que eu estava ansioso para rever. Mesmo sabendo que, naquele momento, ela talvez estivesse brava e desejando me ver em pedacinhos.

Desci as escadas e logo que cheguei ao *hall* pude vê-la parada e demonstrando toda a sua impaciência ao bater a ponta do sapato de salto alto no chão.

— Que honra recebê-la em minha casa. — Ela virou em minha direção com rispidez e preendi o riso ao perceber seus olhos faiscando de raiva.

— Não é uma visita de cortesia — respondeu, de um jeitinho bravo que adquiriu com o passar dos anos.

A Débora que namorei era um doce e foram poucas as vezes em que a vi perder a paciência.

Mas eu também mudei muito, não me lembro da última vez em que tive a serenidade dos meus dezessete anos. Talvez, apenas quando estava brincando de *pincesa* ou *cabeleleilo* com a minha filha. Ao lado da Vivi, eu me obrigava a ser um poço de mansidão.

— Como vai, *corujinha*?

No entanto, algumas coisas não mudavam, Débora não só continuava sendo a mulher mais linda que já conheci e com o olhar mais apaixonante, como também ainda estremecia quando eu a chamava pelo apelido que fingia não gostar.

— O que você pensa que está fazendo? — Cruzou os braços, o que fez com os seios ficassem um pouco em evidência sob o vestido elegante.

Não ouse pensar nos peitos dela. Já era.

Será que ainda cabiam em minhas mãos? Tinha a impressão de que agora eram um pouco maiores. Dei um passo em sua direção, encurtando a nossa distância e a fazendo recuar.

— Já te disse que não somos amigos, não somos nada. — As narinas inflavam, como se ficasse mais irritada a cada palavra pronunciada. Acho que realmente a deixei brava. — Encheu a minha casa e o meu escritório com flores. Por que Estevão? Por que? — O tom de voz subiu e ela empurrava um dedo atrevido em meu peito.

Minha filha estava em casa e , mesmo que estivesse no andar superior, eu não correria o risco de que ela ouvisse uma confusão.

— Vem comigo.

Toquei em seu cotovelo, chamando-a, Débora não aceitou de imediato, mas insisti e ela então cedeu.

A mulher praticamente marchou até o meu escritório e precisei segurar o riso.

— Você vai parar com essa palhaçada — exigiu, irritada, assim que passamos pela porta e a fechei.

Parei em sua frente, com as mãos no bolso da calça de moletom. Não me passou despercebido que seus olhos corriam pelos músculos dos meus braços e pelo meu abdômen, mas logo ela voltou à razão, encarando-me.

— Não leu os meus cartões? — perguntei e ela revirou os olhos. Tão linda! — Coloquei os meus sentimentos em cada um deles.

Dei um passo em sua direção e toquei em seu queixo.

Eu queria demais aquela mulher. Não tinha nenhuma dúvida.

Queria sentir a maciez da sua pele e o gosto dos seus beijos, ouvir o som da sua risada e ter longas conversas com ela agarrada ao meu corpo, fodê-la durante uma noite inteira e abraçá-la em minha cama quando o dia nascesse.

Será que ela não sentia o mesmo? Porra, eu morria de saudades dela, de um tempo em que a tinha.

— Joguei todos fora. — Duvido. — Achou o quê, que eu ficaria alisando-os antes de dormir e matando a saudade? — Pensei isso sim. — E eu tenho namorado, não pode ficar enviando flores e cartões para uma pessoa comprometida.

Mesmo sabendo que era mentira, a raiva pulsou em minhas veias, ainda que não tivesse qualquer direito.

Foda-se, eu não queria cogitar pensar em minha ex-namorada com outro homem e era isso.

— Estava com saudades de mim? — Ignorei a menção ao filho da puta e ela desvencilhou, afastando minha mão do seu queixo.

— Não brinca comigo. Não quero flores, não quero cartões, não quero nada que venha de você.

Eu realmente queria fodê-la. Como seria novamente fazê-la gozar enquanto a beijava, bem do jeito que ela acostumava gostar?

Mas eu também queria o dia seguinte de uma noite cálida.

Toquei-a de novo, agora, puxando-a pela cintura, apenas para que os nossos corpos quase encostassem um no outro.

Seu cheiro já havia invadido cada parte de mim, eu o sentia com intensidade, sua voz ecoava em meu interior, seu hálito fresco era um convite para que desejasse ainda mais sentir os seus lábios. Podia perceber a sua respiração agitada e o sobe e desce em seu peito.

Eu não estava em melhor condição, também me sentia acelerado e com a mente quase nublada.

— O que você quer então? — Ainda tocava em sua cintura e ela ergueu o queixo, não deixando de me enfrentar. Deliciosa demais.

— Que me deixe em paz. — Não, ela não queria.

— Será mesmo? — Subi uma das mãos pela sua coluna, a empurrando de leve contra o meu corpo.

— Quero que fique longe de mim — seu tom de voz era incerto e os olhos lindos brilhavam enquanto em encaravam.

— Quer? — Sustentei o seu olhar e me abaixei até que a minha boca alcançasse o seu ouvido. — Mas foi você quem veio em minha casa — disse, baixinho.

Débora tentou me empurrar, mas não deixei. Ela rosnou, a expressão endureceu, mas ainda havia um brilho em seus olhos. E eles não me enganavam.

— Eu te odeio — disse alto, de novo enfiou um dedo em meu peito e segurei sua mão.

— Não odeia. — Desci o rosto até que quase tocasse o seu e ela arfou. — Ou talvez odeie um pouco pelo o que vou fazer.

— Você não seria cap...

Colei os nossos lábios com brusquidão, ao mesmo tempo, subi uma mão até o seu pescoço, onde a segurei e a outra eu mantive em sua cintura.

Não chegava a ser um beijo, mas sentir sua boca na minha, um toque aparentemente tão simples, foi como levar um choque que me estremeceu por inteiro.

Seus lábios ainda eram macios como eu me lembrava, gostosos, e a vontade de explorar sua boca tomou conta de mim. Percorri com a ponta da língua toda a extensão do lábio inferior, não a soltava, borrando-me de medo que saísse correndo.

Aos poucos, senti-la amolecer em meus braços.

Lentamente, Débora entreabriu os lábios e se deixou levar.

Com toda força que possuía, jogou-me em um abismo.

Eu, definitivamente, não estava preparado para beijá-la novamente.

Senti-me como um adolescente, fiquei até perdido. Se por um lado eu queria decorar Débora, por outro, estava dominado pelas sensações que o meu corpo experimentava.

Mas que porra. Era só um beijo. E um beijo que mal começou, mas que foi o suficiente para me tirar de órbita.

Puxei-a um pouco mais e me joguei sem medo no paraíso que era sua boca atrevida. Nossas línguas logo se encontraram, reconheceram-se e não duvido de que, ao menos a minha, lembrou que aquele era o melhor lugar que já visitou.

Eu estava arrepiado com um beijo, ela também. Fiz questão de checar.

Tinha gosto de casa, de descanso, de segurança. Tinha gosto da melhor época da minha vida, que só não ganhava dos momentos em que eu

estava com a minha filha.

Eu não queria parar, não precisava de fôlego, Débora também não, suas mãos que antes tentavam me repelir, agora estavam bem bonitinhas ao redor do meu pescoço.

O único inconveniente e, que estava longe de ser realmente um problema, era que ao erguer os braços, todo o seu corpo encostou-se ao meu. E eu precisei de poucos segundos para ficar de pau duro.

Até doía, de tanto tesão que eu sentia por aquela mulher.

E era apenas a porra de um beijo.

Mentira, nunca seria só um beijo, nada era tão simples com a minha ex-namorada. Era a droga de uma separação que já durava mais de vinte anos e fazia todo o meu corpo e alma pulsarem ao lembrar dela.

Eu estava fodido em um nível que nem sabia explicar. Só sabia que estava. E que precisava, estava disposto, a implorar para que ela voltasse para mim.

De repente, senti que a intensidade das nossas bocas unidas diminuiu, igualmente, quando os seus dedos afrouxaram em meu pescoço e o seu corpo retesou para trás, ainda que estivesse em meus braços.

Nossos olhos se encontraram e eu perdi toda a compostura ao me infiltrar naquela lagoa verde intensa.

Débora respirava ofegante, sua expressão era um misto de “não acredito que você me beijou” com “você não podia ter me beijado”.

Sentia-me tão envolvido em seu cheiro e gosto, que não ligava para o que ela fosse dizer a seguir. Ela não me repeliu, ao contrário, aproveitou aquele beijo tanto quanto eu. A diferença é que talvez ela achasse errado ceder para mim.

— Você-me-beijou — gaguejou de leve, dando-me tempo para tentar me recuperar.

Se um beijo me deixou naquela situação crítica, imagina quando eu a visse nua, tocasse em todo o seu corpo e a fizesse minha?

De novo, eu estava muito fodido.

— É, eu te beijei. — Foi inevitável não sorrir.

Sei que de algum modo penetrei seu coração. Ela até podia estar um

pouco brava, mas também estava completamente desconcertada.

— Isso não vai acontecer de novo, Estevão. — Endireitou o corpo e procurou a porta com os olhos, como se realmente estivesse perdida. — Não pode ser tão... tão desrespeitoso. Não podia ter me beijado.

— Foi bom. — Ela abriu a boca, meio puta, e a fechou. Será que achou fraco o meu elogio ao nosso beijo? Não deixava de ter razão. — Foi muito bom. Foi fabuloso.

Toquei novamente em sua cintura, ela estava mais rígida, mas não impediu.

Só me encarou. E levou consigo o pouco que restava do meu juízo, porque agora eu tinha uma determinação muito clara de trazê-la de volta para a minha vida, custe o que custar.

— Eu vou embora. — Encostou as mãos sobre as minhas, queimando a minha pele, entendi o seu sinal e a soltei. — E o recado está dado, não quero que se aproxime mais.

Não respondi e ela virou em direção a porta. Também me virei, calmamente a seguindo, no entanto, a forma como retesou assim que saiu do cômodo, fez-me apressar o passo.

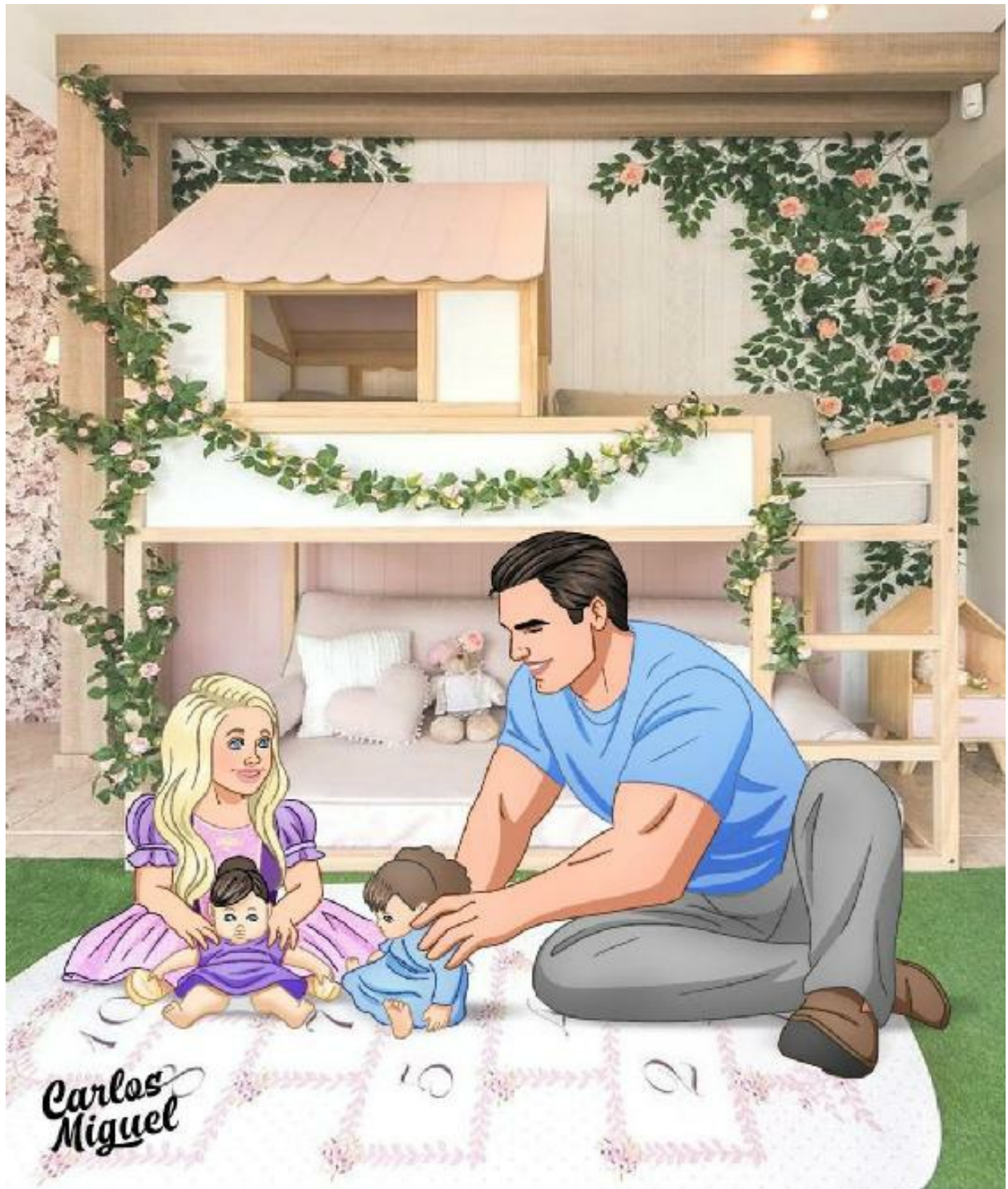
Não precisei de mais que dois segundos para entender o que acontecia...

— Papaaaaai! — Não é uma boa hora, princesinha. — Oi! — A voz que eu mais amava no mundo inteiro estava perto demais. — Quem é você?

É claro que Violetta escolheria aquele momento para aparecer, surpreender Débora e se apresentar.

Coloquei os pés para fora do escritório, para ver a minha menininha parada bem diante da minha garota, com os olhinhos atentos, os cabelinhos arrumados em duas trancinhas e os pés descalços. Ela olhava para cima e ouvi um murmúrio.

— Então é verdade. — O tom da sua voz soou quase inaudível, mas eu estava perto demais e ciente de cada reação sua.





Capítulo 10

Estevão Figueiredo Neto

Um calor tomou conta do meu pescoço e senti a respiração falhar um pouco.

Vivi não era o meu segredinho, em relação a ela eu apenas era mais reservado do que o meu normal, mas, obviamente, não pretendia escondê-la de Débora e muito menos pegá-la de surpresa.

Desde que nos reencontramos, eu praticamente tive que obrigá-la a conversar o mínimo comigo, não tive qualquer oportunidade ou abertura para contar detalhes da minha vida pessoal.

Mesmo que distante, ela ainda era importante para mim, merecia conhecer a pessoa mais preciosa da minha vida de um jeito mais delicado. No entanto, não havia o que fazer com o que já estava feito.

— O senhor está aí, papai. — Dei um passo para o lado e a minha pequena desvencilhou da mulher parada em minha frente, estendendo-me os bracinhos para que eu a pegasse no colo. — Eu vim avisar que vou fazer um chá da tarde para as *pincesas*. Já até coloquei as *xícalas* na minha mesinha. — Seus dedinhos brincavam com o meu cabelo. — *Demolou* muito papai. — Beije seu rostinho, ansioso.

— Olha aqui, princesinha. — Chamei sua atenção e nos coloquei de frente para a minha ex-namorada, que parecia estar prestes a ter um ataque de pânico. — Essa é a Débora, uma amiga do papai. — Virei-me para aquela mulher linda e agora completamente desnorreada. — E essa pequena é a

Violetta, o maior amor da minha vida.

Os olhinhos da minha filha brilhavam de um jeito diferente. Ela pendeu a cabecinha um pouco para o lado, observando Débora e lhe deu um sorriso lindo demais.

Meu peito doeu e meu coração errou várias batidas.

Até respirei fundo.

— É um prazer te conhecer, querida. — Minha ex não conseguia esconder o quanto estava mexida. Eu a entendia, ficaria meio em choque se a reencontrasse com um filho nos braços. Pior ainda, com um marido.

Não que ter filho fosse algo ruim, muito pelo contrário, Violetta era o que eu tinha de melhor. O problema é que fizemos parte do passado do outro, falávamos em casamentos e filhos juntos, saber que o outro realizou com uma pessoa que não a gente tinha um gosto amargo.

— Você é muito bonita, *amiga do papai*. Parece até uma *pincesa*.

A pequena se agitou em meu colo para que eu a descesse e, surpreendendo-nos, agarrou as pernas da Débora, em um abraço desajeitado.

— Ah, mas você é muito mais! — Sua voz estava trêmula. Eu precisava conversar com ela.

— O papai diz que sou a *pincesa* mais linda do reino das *pincesas*. — E a minha filha seguia tagarelando, sem ter noção do que acontecia ao seu redor.

Melhor assim, eu fazia sempre questão que o seu mundinho fosse cor de rosa.

Ela não tinha que ter preocupações ou qualquer coisa do gênero.

A vida da minha filha era tranquila, gostosa e colorida.

— Ele tem toda a razão. — Débora beijou o topo da sua cabeça e fez um carinho em seu rosto, ganhando outro sorriso todo derretido. Foi bem ali que eu quase tive o meu atestado de óbito assinado. — Foi mesmo um prazer te conhecer, mas agora preciso ir, já estava de saída.

Antes que nos desse as costas e realmente fosse embora, segurei Violetta pelos ombros.

— Espera o papai lá em cima? — Ela quis negar, mas algo em minha expressão a freou e a fez me obedecer. — Não demoro para o nosso chá, ok?

Até ignorei que em pouco tempo seria o horário em que servíamos o jantar, mais cedo do que eu escolheria se fosse sozinho, mas o que eu julgava adequado a sua idade e que se adequava a sua rotina.

Ela balançou a cabecinha e, de novo, abraçou as pernas da mulher.

— Tchau, tia *Débola*.

Violetta não ficou para escutar uma resposta, tendo saído correndo em direção às escadas. E a minha garota? Bem, ela também me deu as costas.

— Vem cá, Débora. — Chamei-a e com uma passada a alcancei, segurando seu braço. — Pode me escutar?

— Não posso. — Seus olhos estavam marejados? — Lembre-se de tudo o que falei. — Sim, estava. E a voz embargada.

Soltei-a e assenti, deixando que fosse embora em paz.

Débora Montesano

Não vou chorar.

Não vou chorar.

Não vou chorar.

Mesmo se eu me esforçasse muito, não conseguiria colocar em palavras o que sentia.

Achava, na minha inocência, que havia sido “demais” o reencontro com Estevão naquela sua festa. Mas tive a prova que de “demais”, não teve quase nada. Não quando conheci aquele pequeno e encantador serzinho vestido de princesa.

Confesso que, com o passar dos anos, quase não pensava mais em como seria se um dia nos encontrássemos. Teria mudado o tom da sua voz? O seu cheiro? Os gostos?

A nossa relação foi muito intensa, foram anos juntos, entre amizade e namoro.

Fomos o primeiro do outro em muitas coisas.

Éramos, acima de tudo, melhores amigos.

O nosso término foi um tanto quanto traumático e não apenas para

mim. Nossos amigos, famílias e até vizinhos se mostraram em choque com a decisão que ele tomou de colocar um ponto final em nosso relacionamento e ir embora de São João Del Rei.

Éramos meio que o casal modelo de uma cidade pequena, sabe? Pois é... Nem preciso mencionar que por um bom tempo recebia olhares de pena na rua.

Mas, como eu já disse, a vida seguiu.

O que não muda que eventualmente eu tenha tido curiosidade em saber sobre como ele estaria. Não pelo o que a mídia mostrava, mas a sua vida real.

Conhecia Estevão suficiente para saber que ele era muito reservado e não devia mostrar um terço do que realmente vivia, embora conseguisse passar ao público a sensação de o acompanharem e terem até certa intimidade.

Um gênio da comunicação, eu diria.

Mas... Voltando. Desde aquela fatídica festa, tenho colhido os frutos de reencontrá-lo. Todos eles são negativos, é bom esclarecer. No entanto, certamente não teria feito uma reclamação sequer se soubesse que, sem qualquer aviso, conheceria a criaturinha doce que é Violetta.

Não preciso esconder que criança é e sempre será um ponto fraco para mim.

Já fui a mulher que gostaria de ter filhos, vários deles. Imaginava-me cuidando, tendo rotina, casa cheia.

Mas a minha vida seguiu de um jeito diferente e está tudo bem. Menos a parte que ainda é um tópico sensível. E não sei se um dia deixará de ser.

Ainda mais quando se trata da criança que é filha do único cara que realmente amei e com quem fiz planos de ter uma família enorme.

Segurei o choro — que estava preso na garganta e prestes a me sufocar — até estacionar o carro na orla da praia próxima ao meu apartamento. Não foram muitos minutos dirigindo, a casa do Estevão ficava no mesmo bairro em que eu morava. Mais uma ironia do destino.

Tirei os sapatos e caminhei descalça até a faixa de areia. Era início da noite, mas estava em uma praia bem iluminada. Sentei-me em um lugar mais calmo, onde quase não havia pessoas ao redor.

“Papaaaaai!”

“Eu vim avisar que vou fazer um chá da tarde para as *pincesas*. Já até coloquei as *xícalas* na minha mesinha.”

“O papai diz que sou a *pincesa* mais linda do reino das *pincesas*.”

“Tchau, tia *Débola*.”

Eu chorei.

As lágrimas escorreram incessantes, como se duas comportas tivessem sido abertas dentro de mim. Meus ombros chacoalhavam para frente, meus braços tremiam e um gemido ecoou da minha garganta.

Ele me beijou.

Ele tem uma filha.

Ele não é mais nada meu. Há muitos anos deixou de ser.

Chorei até me sentir sem forças. Estava sozinha, dolorida e saudosa. Era o encontro do meu passado e presente, frutos das minhas escolhas e outras que não fiz, mas tive que aceitar.

Sentia como se tivesse sido atropelada. Tudo doía.

Realmente não sei o que mais me derrubou: se foi o beijo que, inclusive, retribuí; seu toque; conhecer sua filha ou vê-lo sendo *pai*. Ainda que tenha sido rápido.

A Débora de dezessete anos dizia que se ele tivesse uma menininha, seria exatamente daquele jeito, o tipo de pai que senta para brincar de princesas e toma chá da tarde.

O Estevão com quem convivi era um cara doce, atencioso e muito, mas muito amoroso.

Foi inevitável não pensar no que poderíamos ter sido.

Já havia lido umas duas ou três notícias especulando que ele tinha uma filha, certa vez encontrei em uma festa um famoso jornalista especialista em notícias de famosos, o velho e bom fofoqueiro, e presenciei uma conversa onde ele contava que havia várias conversas sobre Estevão ser pai, mas não vazava nenhuma foto. Nem meu pai e Emília, que normalmente tinha notícias sobre a família Figueiredo, deveria saber, do contrário, em algum momento teriam me contado.

Ele realmente conseguiu manter em sigilo a existência da filha.

E... fazia bem.

Violetta a não apenas usava uma fantasia de princesa, ela também tinha todo um jeitinho delicado e calmo, uma princesa de verdade certamente deveria ser exatamente como aquela menininha.

Uma princesa que não merecia a reação que tive.

Será que a magoei?

Antes de ir embora apressada, vi o semblante preocupado do seu pai e a forma como ele demonstrou ter autoridade com ela ao pedir que o esperasse no andar de cima da casa.

Eu realmente não estava preparada para descobrir que Estevão tem uma filha, muito menos para conhecê-la. Eu não estava preparada para deixar que ele entrasse novamente em minha vida.



Capítulo 11

Estevão Figueiredo Neto

Os últimos meses foram a correria de sempre, com pouco tempo, ou melhor dizendo, quase nenhum, para cuidar dos meus assuntos pessoais.

Normalmente, a minha vida era praticamente tomada pelo trabalho e minha família. E não foi diferente.

Fui eleito presidente do Senado, depois de uma campanha que me tomou muita energia e o tempo livre que não tenho; mudei a base da Vivi de Brasília para o Rio e isso é um assunto que posso explicar melhor; meu pai seguia com a saúde fragilizada e precisei ir mais vezes do que costumava fazer a São João Del Rei.

Particularmente, prefiro criar minha filha em Brasília, onde temos mais privacidade e não preciso montar um verdadeiro forte de segurança para protegê-la, principalmente dos cliques indesejados, além do que é mais cômodo para nós dois, já que lá é também a minha base de trabalho na política.

O problema é que a minha garotinha é só uma criança de cinco anos e a sua cabecinha ainda não está configurada para pensar de forma racional.

Até o ano anterior, eu mantinha a nossa residência fixa no Rio. E ela simplesmente não se acostumou com a mudança de colégio, aulas extracurriculares, clima.... Enfim. Era uma choradeira sem fim querendo voltar *pa casa*.

Em geral, procuro não fazer todas as suas vontades, eu sou o adulto da relação e o seu pai, mas fui convencido por minha mãe e irmãs que, neste caso, talvez fosse interessante ceder.

Não contive o sorriso ao constatar a sua alegria e empolgação em voltar para o colégio e ballet anteriores. Nem das aulas particulares de italiano ela reclamava mais, de tão feliz que estava. Acho que elas tinham razão, afinal.

— Comigo era só isso, Estevão. — Rita, minha assessora, ela trabalhava em conjunto com a minha irmã, levantou do sofá, em um canto do meu escritório, e veio em minha direção. — Algo mais que você queira resolver? — Segurava um *tablet* e uma agenda.

Era fim de tarde de sexta-feira e havíamos passado boa parte do dia fechando compromissos e planejando as próximas ações do meu mandato, como Senador e presidente do Senado.

— Não, Rita. — Afastei a cadeira de trás da mesa de madeira e estiquei o corpo. — Vá aproveitar a sua noite!

A mulher sorriu, rapidamente passou a juntar os seus pertences e guardá-los em sua bolsa.

— Preciso confessar, não é só a sua princesinha que está em êxtase por voltar a morar no Rio. — Parou com as mãos na cintura e me fez rir da sua expressão empolgada. — Vou jantar no Leblon e pegar uma praia amanhã. Marquei até de jogar um vôlei, acredita? Você fez uma funcionária muito feliz!

— Ah, mas eu tenho certeza disso. Minha filha não pode saber, mas eu também gostei muito de voltar. Nem vou reclamar de precisar voar duas vezes por semana até Brasília.

Eu realmente gostava muito do Rio, tinha os seus inconvenientes como a falta de segurança e estar longe de uma parte do meu trabalho, mas acho que não existe o lugar perfeito.

Ou até exista. Só não está mais ao meu alcance.

— Também não! Bem, bom restinho de sexta para você, qualquer coisa, estarei no celular.

— Não vou precisar, vejo você na segunda!

Chequei o relógio, ainda estava cedo para o compromisso de mais

tarde. Servi uma dose de uísque e fui ler um livro na sacada do meu quarto.

Momentos como aquele, de completo silêncio e relaxamento, eram impossíveis de acontecer quando se tem uma criança pequena em casa, ao menos enquanto estivesse acordada. Confesso que, às vezes, sentia falta de ter mais tempo para mim ou apenas conseguir poder não fazer nada. No entanto, quando conseguia um descanso, como hoje em que a minha filha foi para a fazenda dos meus pais, só sabia sentir a falta daquela pequena tagarela.

Deixei um suspiro escapar, pensando que também sentia falta de uma outra pessoa...

Aliás, provei meu ponto em relação a Débora, quando anos atrás tive a certeza de que, se não me afastasse completamente dela, não conseguiria seguir com os meus planos. Eu facilmente jogaria tudo para o alto só para ficar com aquela garota.

Vejam bem, muito tempo se passou desde a nossa separação, nós dois vivemos as nossas próprias histórias desde então, mas bastou que eu me reaproximasse para voltar a sentir sua falta.

E eu sentia *pra* caralho.

Desde o dia em que ela, sem que eu planejasse, conheceu Violetta não nos vimos mais pessoalmente.

Éramos duas pessoas entregues demais ao trabalho.

A distância, contudo, não impediu que eu tentasse uma aproximação por mensagens e, de certa forma, até tivemos avanços, já que ela passou a dar como respostas frases curtas, em substituição aos monossilábicos *sim* e *não*.

Ainda me adaptava à rotina de alternar dias entre o Rio e Brasília, pois, com a presidência do Senado em minhas mãos, minhas atividades triplicaram e constantemente aumentava minha agenda na capital do país.

Nem preciso dizer que o pouco tempo livre que me restava, eu dedicava a Vivi, não é?

Também continuei enviando-lhe flores, acrescentei chocolates nessa brincadeira e fingi acreditar quando ela reclamou que praticamente não consumia doces.

E teve um final de semana em que consegui uma folga na agenda e quis surpreendê-la, convidando-a para jantar, mas recebi a notícia de que estava em Trancoso, trabalhando em um evento. Fiquei frustrado *pra* caralho.

Mas, pensando bem, a quem eu queria enganar?

Era constantemente consumido pelo trabalho e não reclamava. Pelo o contrário, eu até gostava, fazia parte de mim. A política era uma parcela mais do que importante da minha vida. E a única pessoa que me fazia equilibrar um pouco as coisas era minha filha. Talvez eu tenha me tornado um grande egoísta, afinal.

Olhei novamente o horário com todas as minhas divagações até que o tempo correu apressado. Guardei o livro e segui para o banho.



Aquela não era o tipo de festa que meus amigos e eu normalmente escolhíamos para frequentar. Na verdade, a gente preferia sentar em um bar e tomar o bom e velho *chopp*. Claro, que com a minha profissão, era necessário escolher lugares mais discretos e às vezes até preferíamos ir para a casa do outro, quando então ficávamos mais livres. No entanto, tem situações que pedem para ser uma exceção.

Era o caso do aniversário de cinquenta anos do Fábio Torres, um amigo que fiz no Rio.

A comemoração era suntuosa, com uma festa reunindo a elite da sociedade carioca, além de nomes famosos e autoridades. Até um leilão beneficente estava previsto para ocorrer durante o evento.

Marcos, que era juiz, e Ivan, advogado e herdeiro de um famoso escritório de advocacia, garantiram que era uma boa oportunidade para encontrarem alguns nomes influentes da Justiça, este último, não me engana, queria mesmo era ver sua ex-mulher. Luciana era filha de desembargador e frequentadora de eventos como aquele, certamente estaria lá; e eu, bem, até colocar os pés dentro da festa, tinha certeza de que seria mais uma noite de *networking* e de ver as melhores bebidas passando diante de mim sem poder tocá-las.

Não era o lugar para me distrair e, tampouco, para degustar do meu uísque preferido, embora fosse fingir que o tomava. Sabia que estaria sendo observado, era assim o tempo todo quando saía da fortaleza que era a minha casa, fosse em Brasília, Rio ou Minas. Todo mundo parecia querer saber o

que fazia o Senador quando não estava no Congresso, fosse por curiosidade ou meramente para tentar achar algo comprometedor. Eu realmente estava acostumado. Era por isso que uma festa daquela magnitude, onde teria o melhor do entretenimento, bebidas e comidas não me enchiam os olhos. Eu não conseguia relaxar. E nem podia.

Inclusive, teriam outros políticos por ali, sempre tinha, e os que não eram cuidadosos como eu, viviam metidos em problemas e tinham suas imagens desgastadas.

O que eu não sabia é que perderia todo o rumo da minha vida logo, nos primeiros minutos, após a minha chegada.

Que porra era aquela que agora eu ficava nervoso quando a via? Pois bem, era isso. É até vergonhoso admitir que senti as mãos suarem no exato momento em que os meus olhos a enxergaram.

Como não pensei nessa hipótese antes? Aquele era o tipo de festa que Débora estava mais do que acostumada a fazer. Era meio óbvio que pudesse encontrá-la.

Ivan e Marcos debocharam ao meu lado e revirei os olhos, minha mente já maquinando o que fazer.

Estava acostumado a comparecer acompanhado de belas mulheres em eventos, ainda que, na maioria das vezes, não estivesse dentro de um relacionamento sério. Era muito mais para me distrair, elas gostavam das festas chiques que eu as levava e aprovavam que fosse apenas sexo casual. Era por isso que, aos olhos de quem me acompanhasse pela mídia, eu parecia ter uma vida amorosa agitada, estando a cada hora com uma namorada nova.

Pois eu diria que estava mais para uma cama muito frequentada e nem era a minha propriamente dita, já que não levava mulher para nenhuma das minhas casas. Ficava com elas em hotéis ou nos flats que mantinha no Rio e Brasília.

Além disso, muitas das mulheres com quem eu saía, gostavam de aparecer na mídia, ganhar uma nota em portais de notícia, ter o seu nome divulgado e, conseqüentemente, o perfil no Instagram. De certa forma, para elas era como ter alguns minutos de fama. Eu não me importava porque realmente não faziam parte da minha vida e não tinham nada de relevante para falarem sobre mim.

No entanto, não queria qualquer insinuação sobre a minha ex-namorada. Não poderia permitir que fosse vista como mais uma das minhas conquistas femininas.

Débora usava uma roupa elegante e discreta, andava de um lado para outro, quase que de forma invisível, controlando sua equipe. Logo vi Estela, sua sobrinha, que também estava trabalhando e, por um instante, parei para analisar sua interação com Alexandre di Toledo, seu namorado. O cara era um velho conhecido meu e dono de uma gigante da aviação, inclusive, tinha o costume de alugar jatinhos e helicópteros da sua empresa.

Minha garota dominava o ambiente, sem, contudo, aparecer. Era como se tivesse ao mesmo tempo em todos os lugares.

Tinha o olhar atento, olhos de águia, sabia o que falar e fazer na hora certa, e, o que era comum dentro de uma classe elitista, a quem não se dirigir.

Eu vi de perto como trabalhava e se portava naquela festa em minha casa e, confesso, ainda me pego pensativo.

Ela sempre teve um jeito delicado e discreto, conseguia se portar em qualquer ambiente, mas detestava as festas e jantares que eventualmente minha mãe fazia para receber os amigos do meu pai e eu a levava.

Mesmo com o casamento abalado, dona Aurora, às vezes, deixava o orgulho de lado e fazia o que se esperava de uma primeira-dama.

Mas, hoje, era como se Débora se sentisse em casa.

Além do mais, havia se tornado uma mulher requintada... Ainda que eu conseguisse reconhecer o seu jeitinho simples, havia muita elegância e refinamento em suas roupas e sapatos, na maquiagem, no jeito de andar e gestos. Débora só descia do salto quando era para brigar comigo.

— Mal chegamos e já perdemos um guerreiro — o idiota do Marcos sussurrou ao meu lado, dirigindo-se ao nosso outro amigo o que me fez ouvi-lo. — E pode ir tirando esse sorrisinho. Tenho consciência de que você também logo estará na cola da sua ex-mulher.

— Hoje não serei fácil, Luciana é quem virá atrás de mim — Ivan retrucou, Marcos riu alto e eu me contive um pouco, mas não deixei de debochar do coitado do meu amigo. Até ele sabia que, na primeira oportunidade, estaria implorando por atenção.

E não é como se não conseguisse.

O divórcio deles foi conturbado, mas por Ivan não aceitar o fim do casamento. No entanto, era visível que ambos ainda se amavam, além do que, não tiveram problemas sérios como infidelidade ou outros desrespeitos.

Ela apenas não aguentava mais não ser uma prioridade... O filho da puta vivia para o trabalho. *Assim como eu também.*

— Ah, se eu não te conhecesse. É um safado comedor, mas que trocaria toda e qualquer boceta para ter sua mulher de volta. — Marcos cutucou o nosso amigo com o ombro e, mais uma vez preendi o riso, perguntando-me como ele conseguia ser tão infantil.

— Você está certo — Ivan não negou e nem teria como.

Meu olhar acompanhava Débora, que, cá entre nós, era muito mais interessante que qualquer outra pessoa ou atração daquela festa.

— E você, veja se não faz merda. — Foi a minha vez de ganhar uma cutucada e respirei fundo. — Ela está trabalhando.

Levar esporro do maior pegador do Rio de Janeiro era de fuder.

— E sou eu justamente o amigo que não faz merda, devia saber — retruquei.

— Até decidi que vai comer de novo a ex-namorada da adolescência. Patético, ô vereador. — Fechei a cara e Marcos me ignorou. — Tome cuidado, a gata é gente fina.

É, ela era.

E eu não faria nada que pudesse machucá-la.



Capítulo 12

Débora Montesano

A vida gostava de me provar, era a única explicação. Ou era eu que em algum momento irritei muito o meu anjo da guarda.

Digam-me, por qual outro motivo o meu coração traidor achou interessante bater de um jeito totalmente descompassado após vê-lo? Desnecessário. E inconveniente. Como eu disse, uma provação.

Às vezes, sentia-me como a adolescente que ficava ansiosa para encontrá-lo pela manhã no colégio, que achava lindo o seu rosto meio amarrotado e a voz de quem ainda estava com sono, que amava ganhar seus beijos logo cedo e que às nove da manhã, na hora do recreio, sentava ao seu lado para comer pão de queijo e tomar suco natural embaixo de alguma árvore no pátio.

Eu me forçava a não olhar em sua direção. Já Estevão, não me concedia a mesma gentileza. E aquilo tinha o potencial de tirar toda a minha concentração.

Pode ser que eu não tenha me esforçado tanto quanto gostaria...

Eu só precisava trabalhar em paz, mas a minha mente vagava longe, os pensamentos variando entre o quanto ele ficava completamente perfeito dentro do maldito smoking; em como seu cabelo era malditamente sexy, eu, inclusive, queria sentir em meus dedos a maciez dos fios fartos penteados para trás; se estava com aquele cheiro impecável; e o que me deixava até com taquicardia: se teria uma companhia feminina naquela noite.

Eu não tinha nada que pensar a respeito, não era da minha conta.

Certo, a quantidade de flores que habitava minha casa e escritório, dizia que talvez fosse sim da minha conta, mas o safado era mulherengo e rico, devia fazer aquilo com todas, principalmente as que demoravam um pouco mais para tirar a roupa para ele.

No meu caso, voltar a tirar. Argh.

Alias... É importante lembrar que ele não fez qualquer esforço para nos vermos pessoalmente desde janeiro. E já estávamos na metade do ano.

Então, realmente não era da minha conta.

Mas vocês acham que o meu coração entendia? Claro que não.

Confesso, passei as primeiras duas horas, após a sua chegada, muito ciente de cada passo seu. Se ele podia ser inconveniente me enviando presentes e mensagens que eu não queria receber, eu também poderia agir igual, deixando claro que sabia tudo o que estava fazendo naquela festa.

Estevão poderia até tentar garantir a sua foda da noite diante do meu nariz, mas teria o inconveniente de precisar fazer bem na minha frente.

O problema era que o homem simplesmente agia da mesma forma que eu. Na verdade, ele dispensou qualquer descrição. Seus olhos me seguiam, fazendo-me senti-los sobre mim o tempo inteiro. Isso quando não nos encarávamos.

Não posso dizer que me incomodou.

Não quando sou uma completa idiota romântica e gostei daquilo. Da atenção velada. De ser algo apenas entre nós dois, como sempre foi.

Mesmo que não tivesse a intenção de ter algo a mais com ele.

Naquela noite, trabalhávamos com uma equipe dobrada, até contratei *freelancers* para cobrir outros eventos do *Domum*, havia levado os meus melhores funcionários e dividi a coordenação com Estela.

Fui até a cozinha conversar com o chef responsável pelo jantar, fechamos alguns detalhes e conferi se não havia nenhuma intercorrência. Ainda no mesmo espaço, chequei com o profissional que cuidava do serviço volante se o cronograma estava sendo cumprido e logo saí em direção ao bar.

Era lá que estava meu ex-namorado, acompanhado do seu amigo Marcos.

Sabia que não havia nada de errado com o serviço, mas a minha empresa era expert em dar exatamente o que os anfitriões queriam. E os donos daquela festa me pagaram uma fortuna para que fosse garantido que até a taça onde se servia a água seguisse um alto padrão.

Senti seu olhar queimar em minha direção, dei um rápido aceno em direção a eles, mas porque não quis ser indelicada com o Marquinhos, que me sorria, e segui até à equipe de *barmans*.

Depois de toda a inspeção, acompanhei Teresa, a esposa do aniversariante, até um espaço que montamos para servir de camarim aos artistas que se apresentariam ao longo da noite. Enquanto ela os cumprimentava, conversei com os seus empresários sobre a programação.

Pelo rádio comunicador, eu acompanhava com Estela o andamento dos protocolos. O próximo passo era checar se estava tudo pronto para iniciar o leilão beneficente e descobri que havia um imprevisto com os trajes do casal de apresentadores que iria conduzi-lo. Logo segui até outra sala reservada para auxiliá-los.

A estrutura que montamos era mesmo muito profissional, digno de um grande evento. Não era à toa que os fornecedores sempre diziam ficar mais tranquilos quando era o *Domum* a empresa responsável pela organização.

Ao sair, andava apressada pelo corredor onde havia outras salas improvisadas e dei um gritinho quando um corpo grande e forte veio de encontro ao meu.

— Que susto! — Levei uma mão ao peito e ganhei um par de olhos a me devorarem.

O coração passou a bater descompensado e o contato das suas mãos enormes tocando em minha cintura fez as minhas pernas bambearem.

O que ele fazia ali? Era uma área privativa da organização da festa.

Antes que eu pudesse colocar em palavras o meu questionamento, senti a maciez dos seus lábios tomando os meus.

Ele estava me beijando?

Ah, ele estava sim.

Sua boca tomou posse da minha, reivindicando-a, de modo intenso, gostoso e deixou-me sem rumo. Sua língua pediu passagem e não foi como se eu tivesse pensado mais de uma vez.

Apenas cedi.

Permiti o beijo, a mão que subiu até a minha nuca e me segurou, o braço que me agarrou firme e encostou o meu corpo em uma parede.

Estevão me beijava esfomeado, com luxúria, de um jeito que envolvia todo o meu corpo e os meus sentidos. Eu apenas me entreguei.

De repente, ele parou.

Quis protestar, mas antes ele ergueu meu rosto, ainda segurando em minha nuca, olhou no fundo dos meus olhos e deixou um suspiro escapar.

— Estava com saudades, *corujinha*!

Não respondi, até porque, jamais admitiria para alguém, muito menos para ele, que a sua presença, mesmo que fosse em forma de flores, chocolates deliciosos e cartões, estava se tornando quase que confortável.

Minha mente e o meu coração, ambos traidores demais, reconheciam-no. E desejavam-no.

Fechei os olhos e ele me agarrou ainda mais, seu corpo, fundindo-se ao meu, sua boca, invadindo-me.

Senti sua ereção crescer em meu ventre, grande, rígida, pulsante, deixei escapar um gemido e sua resposta foi descer suas mãos até a minha bunda e me apertar.

Eu queria mais, meu corpo todo reagia ao meu ex-namorado, já não pensava em quem éramos ou onde estávamos, os bicos dos meus seios doíam de tão tesos. Droga, eu estava com tanto tesão.

Quando Estevão levou uma mão até o meu seio e o acariciou sobre o vestido, apontei uma porta e ele nos arrastou até lá. Era um pequeno cômodo e que transformamos em minha sala de apoio.

Mal entramos, fui erguida com facilidade, minhas pernas enlaçaram sua cintura e suas costas apoiadas na porta fechada. Agarrei o seu pescoço e o beijei.

Eu o beijei.

Depois de mais de vinte anos.

Era tão comum entre nós, adorava correr em sua direção e me pendurar nele, buscar os beijos que queria e sentir os seus braços ao meu redor.

Ali, foi como voltar à Débora do passado.

De um passado que já foi muito feliz e colorido.

— Não aguento mais, preciso tanto de você — sua voz rouca soou em meu ouvido e foi como ser tomada pela realidade.

Eu também queria mais.

Transar com Estevão seria a coisa mais tranquila que eu faria naquela noite.

Mas, então, eu me lembrei que eu estava trabalhando; que estávamos no meio de um evento; que ele era o meu ex-namorado que jurei nunca mais chegar perto.

Senti o ar faltar, aos poucos toda a atmosfera sexual foi se perdendo, ele percebeu o que me rondava e sem que eu pedisse me colocou de volta ao chão e me ajudou a arrumar o meu vestido.

Eu estava uma bagunça, literalmente, nem precisava olhar no espelho para saber.

— Preciso ir — disse-lhe, completamente desnorteada.

Olhei para a porta e Estevão me puxou para o seu peito, abraçando-me.

Eu queria chorar, juro.

Porque ele, que de fato era o causador de todo o caos que foi a minha vida amorosa, era também a única pessoa que poderia me entender.

Deixei que me mantivesse em seus braços, segurei as lágrimas, seus lábios tocaram o topo da sua cabeça e com delicadeza ele ergueu o meu queixo.

— Vamos conversar. — Eu não queria. Nem saberia o que lhe dizer. — Por favor.

— Ainda tenho que voltar para a festa.

— Estela dá conta, não? Vi a garota trabalhando. Ela domina tudo. E sabemos que não temos condição de continuar neste lugar como se nada tivesse acontecido.

Ele tinha razão e eu odiava ter que reconhecer. Ponderei, em silêncio, e ele me apertou novamente em seu abraço. Minha sobrinha daria conta. E

por mais que fosse um evento grande e imponente, não exigiram a minha exclusividade.

Meu coração parecia que ia explodir. Até aquele momento, havia trabalhado mais distraída do que tudo e era inevitável que precisávamos conversar.

Eu faria uma loucura. Uma loucura por mim mesma.

— Será só uma conversa. Vamos para a minha casa.

Estevão Figueiredo Neto

Já experimentei algumas emoções verdadeiras na vida, daquelas que parecem te tirar do prumo e deixam com uma vontade enorme de sair gritando pela rua, sabe?

Quando Violetta nasceu; quando ganhei a primeira eleição para o cargo de deputado federal; quando fui eleito Senador; quando Débora aceitou ser minha namorada e agora, quando a mesma mulher deu sinal verde para conversar comigo.

É verdade que eu possa ter me enchido de expectativas, mas confesso que era inevitável.

Não me reconhecia quando estava perto dela. Quando o assunto era ela. Eu era um cara controlado, calmo, frio. Racional demais. Ou apenas aprendi a ser assim. Mas o fato é que poucas coisas na vida me emocionavam. A exceção era minha filha.

E agora Débora.

Assustava-me a forma como aquela mulher ainda mexia comigo.

Seu prédio ficava a poucos minutos do condomínio onde estava acontecendo a festa da qual fugimos.

Seguindo o protocolo de segurança, meu motorista e equipe de segurança adentraram a garagem subterrânea e depois de uma inspeção no lugar, fui autorizado a descer. Não me escapou o olhar atento e levemente assustado que ela direcionava a toda a situação em seu entorno.

Eu também ficaria, mas depois de anos vivendo aquela rotina, estava mais do que acostumado e sabia o quão importante era.

Em silêncio, subimos pelo elevador, continuamos sem nos falarmos enquanto ela liberava a entrada com sua digital e mesmo depois de passarmos pelo hall de entrada da sua cobertura.

Ela demonstrou respirar fundo e então me encarou.

— Fique à vontade, vou lá dentro trocar esse salto.

Antes que eu pudesse responder, havia virado as costas e saído em direção a um painel de madeira que cobria toda uma parede e uma porta que devia ser o acesso a parte íntima do imóvel.

Se eu tive alguma expectativa de que teríamos uma noite cheia de paixão, ela agora estava devidamente guardada.

Corri os olhos pelo espaço e fui tomado por uma nostalgia gostosa.

A cobertura era grande e confortável, embora de onde estava só tivesse acesso às salas e um vislumbre da área externa. A decoração era muito elegante, feminina e delicada. E foi isso o que me pegou.

Sei que desde o meu reencontro com a minha ex-namorada, procuro por rastros da garota que tanto amei e que foi a minha melhor amiga.

Débora e eu já compartilhamos de intimidades que não entreguei a mais ninguém e imagino que ela também não. Era uma das pessoas que, verdadeiramente, mais me conheceu.

E eu sentia muita falta daquela nossa relação.

Ali, dentro do seu apartamento do “futuro”, eu a enxerguei. Na delicadeza e feminilidade dos detalhes.

Tudo era tão ela.

Os tons claros dos móveis; os objetos que conversavam entre si; o floral da cortina; o tapete felpudo na cor creme; os vasos de plantas espalhados em lugares estratégicos; as velas e livros; as várias fotos; o cheiro adocicado de alguma essência; a organização, não havia um objeto fora do lugar e ela sempre detestou desordem.

Aquele lugar só podia mesmo pertencer à minha garota romântica.

E quando falo que nos conhecemos na essência, também é sobre isso.

Quem via a Débora empresária de sucesso e no comando de uma festa como a que estávamos instantes antes, não fazia ideia de quem ela é por dentro. Perante os outros, era uma leoa e que botava medo em quem ousasse

em descumprir uma ordem sua. Mas, em geral, era doce e delicada.

Estava com um porta-retratos em mãos quando a percebi retornando. Virei-me e ela parou logo diante de mim, havia trocado o vestido por um conjunto de calça leve e blusa do mesmo tecido e o salto por um sapato baixo, a pele ainda estava maquiada, mas o cabelo preso em um coque no alto da cabeça.

Ela conseguiu ficar ainda mais linda. E deliciosa.

Meneei com a cabeça, levemente sem graça por não ter sido discreto em minha inspeção e ela revirou os olhos.

Sinto muito, mas não irei me desculpar, *corujinha*!



Capítulo 13

Estevão Figueiredo Neto

— Aceita algo para beber ou comer? — perguntou e saiu caminhando em direção à outra porta, que abriu no mesmo painel de madeira. Obviamente, eu a segui e então chegamos à cozinha.

— Estou bem — respondi, observando-a movimentar pelos ambientes.

Puxei um banco alto, ao redor da ilha e me acomodei. Ela pegou duas taças em uma cristaleira, uma garrafa de vinho em uma adega — reparei que havia outra na área da sala de jantar — e tirou alguns itens da geladeira e dispensa.

Logo, havia uma pequena tábua de frios montada bem diante de mim e alguns petiscos.

— Não sou uma anfitriã ruim — justificou diante da minha sobrancelha erguida e acomodou tudo em uma bandeja de prata. Antes que ela pudesse pegá-la sobre a bancada, fui mais rápido e peguei-a.

Escolhemos ficar na sacada e Débora explicou que havia um outro espaço com piscina e churrasqueira. Acomodamo-nos em duas poltronas, abri a garrafa de vinho e depois que nos servi, ela me encarou.

— Estou te ouvindo, Estevão.

Eu era um bom orador, explorava bastante essa habilidade em meu trabalho, mas, ali, era como se tivesse perdido toda a habilidade de me articular.

Arranhei a garganta e busquei seus olhos penetrantes.

Um grande erro, pois ela parecia estar pronta para me matar.

Ou um acerto, se pensarmos que aquilo me empolgou. Sinal de que havia alguma emoção da sua parte.

Por onde começar?

Bem, ela não ia gostar, mas eu precisava fazer.

— Sei que estou atrasado, mas preciso te pedir desculpas.

Eu disse... Uma expressão ferina tomou conta do seu rosto lindo, ela crispou os lábios e estreitou os olhos em minha direção.

— E por qual motivo?

Engoli em seco para o seu tom cortante.

— Pelo o nosso término?

Péssimo.

Quis tanto a chance de termos uma conversa decente e agora que consegui, mal sabia o que falar. Dizer aquilo era como chamá-la de idiota.

— Está se desculpando por ter terminado o nosso namoro? — Ela quis ter certeza sobre o que ouvia e dei uma leve desesperada.

Reage, Estevão, porra.

Você tem quarenta anos, é um político experiente, vai ficar assustado feito um moleque?

É, acho que vou sim.

— Não, não dessa forma como está pensando. — Débora ergueu as sobrancelhas, a raiva refletida em cada pontinho avermelhado que tomava conta do seu colo e pescoço.

Repousei a taça de vinho sobre uma mesinha de centro e respirei fundo. Teria que usar de toda a minha sinceridade. Abrir o meu coração. E, com ela, eu sempre consegui.

— Peço desculpas pela forma como conduzi o nosso término. Não quero me justificar... Passei todos esses anos me perguntando o que mudaria em nossa história, ainda é uma questão mal resolvida dentro de mim, pois hoje sei que não teria seguido sem você, mas, de qualquer forma, eu fui um moleque em minhas explicações. Eu... eu não sabia como fazê-lo.

Merda.

Eu não me importava de lidar com uma Débora furiosa, que me dava patadas e dizia que eu deveria ficar longe. O que fazia as minhas forças sumirem era o olhar triste que surgiu em seu rosto assim que comecei a falar sobre o nosso passado.

Mil vezes pior do que ter ficado longe dela, foi tê-la magoado.

Isso me afetava muito.

— Passou, Estevão. — Eu não ia gostar das palavras que saíam da sua boca. — — Nem fazemos mais parte da vida do outro. E talvez a gente tenha supervalorizado à época o nosso namoro, sendo que éramos só dois adolescentes apaixonados.

A raiva que antes estava nela, pareceu ter sido toda drenada direto para o meu corpo. Ela só podia estar de brincadeira.

O nosso relacionamento era incrível, éramos bons juntos, havia amor, química, amizade, tudo o que muitos casais procuram durante anos juntos e, muitas vezes, não encontram.

Não éramos só dois adolescentes apaixonados. Nunca fomos apenas isso.

No entanto, contive todos os meus instintos.

Débora me lançou um olhar desafiador, que também precisei relevar.

— Não éramos só isso — retruquei, com muita calma. — Eu não queria que você fosse infeliz como a minha mãe. — Ela ergueu as sobrancelhas. Aquela era sua expressão de deboche ou eu estava enganado? — Você vivia lá em casa, via como ela odiava o envolvimento do meu pai na política. O casamento deles praticamente acabou, foi traumático para todo mundo. Era meio óbvio que você também não iria querer uma vida daquela, sendo mulher de político, cheia de compromissos que não seriam seus e muitas vezes tendo que lidar com a mídia. Percebi que te faria mais mal ficar ao meu lado do que se nos separássemos.

Admito, era uma explicação de merda.

Mas que fez todo sentido quando eu tinha dezoito anos recém-completados.

Ainda mais quando ouvi da boca do meu próprio pai que ele tinha

consciência de ter feito da minha mãe uma mulher frustrada e infeliz. E que era ele o grande culpado pela situação terrível do seu casamento.

Eu não queria aquilo para Débora. Nem para nós dois.

E, àquela altura, mesmo que não tivesse consciência, eu também já não pretendia deixar de seguir a carreira política. Mas este tópico será assunto para uma outra hora.

Acompanhei cada gesto dela, que pegou sua taça sobre a mesinha e deu um longo gole. Ela mirou o tempo por alguns segundos, tomou outro gole da bebida e devolveu a taça ao apoio, para somente então me encarar.

— Eu disse que passou. O passado não volta e é por isso que hoje não cabem mais justificativas, sabe? — Não, eu precisava interrompê-la, chacoalhá-la e dizer que estava errada. Mas não podia, justamente porque ela estava certa. — Eu até poderia discutir sobre você nunca ter pedido a minha opinião, não ter dado uma chance de tentarmos ou mesmo sobre ter me deixado achar que o nosso namoro era só um passatempo para enquanto você estivesse vivendo uma vida de mentira no interior, já que sempre soube que quando fosse para a faculdade, também seria preparado para entrar na política. Mas não direi nada, porque realmente não importa mais.

Eu mereci, não é mesmo?

Controlei-me, enquanto o sangue pulsava veloz em minhas veias, o coração estava acelerado e eu precisava encontrar rápido uma reposta decente.

— Não posso dizer que não te entendo. — Era melhor ter ficado calado. De novo. — Deixa-me estar perto de você? — Puta que pariu. — Não quero forçar a minha presença e nem ser um incômodo. Mas... Já fomos importantes um na vida do outro e não falo só pelo namoro. Você era a minha melhor amiga, a pessoa em quem eu mais confiava e com quem eu mais me sentia à vontade. Nunca mais tive isso, Débora. — É, até que deu uma melhorada.

Ela vacilou. Ponto para mim, logo eu que não estava merecendo grandes coisas.

— Não serei inconveniente, não falarei de assuntos que você não quiser falar, não irei te pressionar... Só quero estar perto. — Finalizei e ganhei um olhar amolecido.

Quase suspirei de alívio.

Agora só precisava virar gente e usar do conhecimento que ainda tinha sobre ela para reconquistá-la. Quem me ouve, até pensa que será fácil... Mas para quem saiu do *impossível*, difícil não era de todo ruim.

— Algo me diz que não é bem um pedido, mas um aviso sobre o que pretende fazer. — Finalmente, pude rir em paz. E melhor, acompanhado dela. — Nós vamos terminar esse vinho e você vai embora.

Peguei as taças, entreguei uma a ela e instintivamente erguemos-as.

— À nossa amizade, *corujinha*!

Débora Montesano

Acordei com o efeito letárgico de quem dormiu demais. Sabem como é? Corpo mole, rosto amassado, sensação de não saber onde está ou em qual período do dia está saindo da cama.

Na cozinha, tomei um copo de água e, enquanto preparava um chá, fui para a sala procurar o meu telefone celular e percebi que já deveria estar no meio da manhã, pois intensos raios solares vindos da sacada banhavam as salas.

O dia estava bonito demais para não ser devidamente admirado.

Passei pela porta de vidro, que havia me esquecido de fechar na noite anterior, e respirei o ar fresco.

Aproveitei que a água do chá ainda não devia ter fervido e peguei um regador para molhar as plantas. Calmamente, conversava com elas enquanto as aliviava do calor do Rio de Janeiro, verificando também as que precisavam de uma poda ou adubo, o que eu iria providenciar após me alimentar.

Finalizei com as plantas e voltei para dentro do apartamento, encontrei o telefone sobre uma das bancadas da cozinha e o peguei. Antes mesmo de conseguir derramar a água sobre o sachê do chá que escolhi, o aparelho começou a vibrar.

Chequei o horário, passavam das dez da manhã, eu havia dormido demais e, então, atendi Mário.

— Eu avisei que você ia dar para ele — a voz debochada do meu

amigo soou pela minha cozinha.

Havia colocado a ligação no viva voz e me movimentava preparando minha bebida e algo para comer.

— Bom dia?

Ainda estava um pouco sonolenta e sem capacidade mental de raciocinar devidamente sobre o que ele dizia.

— Acordando agora?

— Faz poucos minutos.

— Hum... Está calma demais. — Fechei os olhos enquanto tomava um gole do chá, quase me desligando do mundo e, quando os abri novamente, lembrei que conversava com Mario. — Bom, dê uma olhada nos sites de notícias e depois conversamos.

Sem qualquer explicação, encerrou a chamada.

Meus olhos desviaram do telefone para o pote com farinha de tapioca sobre a bancada, mas a curiosidade venceu a fome e, em segundos, eu senti o chão se abrir sob os meus pés.

Não. Não. Não.

Aquilo não podia estar acontecendo.

Eu ia matar o Estevão.

E depois eu o ressuscitaria.

Só para matá-lo novamente.



Capítulo 14

Débora Montesano

Desci do carro pronta para fazer um escândalo, embora nem soubesse como fazer um. Não era assim que eu costumava reagir diante dos problemas do dia a dia.

A questão é que Estevão não era qualquer problema.

Meu Deus, depois daquela conversa em minha casa e que sugou todas as minhas forças, que me fez derramar algumas lágrimas antes de dormir e assinar o atestado de que provavelmente ainda me machucaria naquela história de voltar a conviver com o meu ex-namorado, agora tinha mais essa.

Não podia estar acontecendo.

E, de novo, eu estava em sua casa para tirar satisfação. O que eu me tornei? Olha...

Antes que desferisse os primeiros berros, sentindo o sangue correndo e quase estourando as minhas veias, fui detida por sua expressão preocupada.

Respirei fundo, dizem que funciona para acalmar os ânimos, mas, não comigo, não naquele momento. Eu seguia querendo cometer um crime.

— Eu virei notícia nos sites de fofocas — rosnei em sua direção.

Ele havia descido da porta de entrada da sua casa até o meu carro, seus olhos me examinavam e... ele estava calmo. Mas é claro que estaria.

Tentei não olhar para o seu corpo, mas, certamente, falhei, era um

mistério como um homem conseguia ficar incrivelmente atraente dentro de um conjunto de short e camisa esportivas. Cada músculo devidamente marcado. O cabelo não estava totalmente alinhado, mas ele exalava um hálito refrescante delicioso.

Pare, Débora. Apenas pare.

— Vamos entrar. — Não sou como um pedido.

Encarei-o, saí de casa tão apressada e mal tive tempo de tomar um banho, as imagens de nós dois agarrados em um corredor na festa de horas atrás pipocando em meu cérebro.

— Eu não quero conversar.

— Mas precisamos. — O que eu fui fazer? Por que não impedi o beijo? — Por favor.

Eu até podia querer matar o meu ex-namorado, mas não era tão hipócrita para não reconhecer que ele não me beijou sozinho.

Longe disso.

Mas, se ele não fosse um Senador e figura tão cobiçada pela mídia, eu não estaria passando por todo aquele constrangimento. Além da minha reputação.

Que merda, eu estava trabalhando. Nunca que poderia ter me deixado levar...

Estevão, certamente, percebeu o exato momento em que os meus ombros caíram, pois, depois de uma rápida olhada ao redor, ele pegou da minha mão a chave do meu carro, acionou o alarme e me puxou para dentro da sua casa.

Sentia-me derrotada.

O que os meus contratantes achariam de mim?

O *Domum* era uma prioridade em minha vida, era lá que eu depositava a minha energia, além de não ser apenas minha maior fonte de renda, mas também de dezenas de funcionários.

Assim que passamos pelo *hall* de entrada, ele me abraçou de lado e beijou a lateral da minha cabeça.

— Isso não podia ter acontecido. — Afastei-o e o encarei. Sua expressão era séria, demonstrando que concordava comigo.

— Aceita tomar alguma coisa? — Minha resposta foi um olhar furioso e ele assentiu. — Então vamos para o meu escritório.

Não contestei e caminhamos lado a lado. Precisava ignorar sua insistência em me tocar, ele mantinha uma mão sobre o meu ombro, porém não consegui ser indiferente ao seu toque. Paramos diante da porta bem trabalhada e ele me deu uma última olhada, antes que entrássemos.

Detive-me no instante em que adentrei o cômodo, mas antes que tivesse qualquer reação, ele foi mais rápido e me puxou pela cintura, aproximando-nos ainda mais.

— Essa é Rita, minha assessora. — Apresentou-me à mulher que estava sentada em uma das poltronas, segurando um tablet no colo. Ela logo se colocou de pé e sorriu simpática para mim. — E ela é a Débora.

Cumprimentamo-nos, Estevão ofereceu que eu me sentasse, gostaria de ter respondido com um desaforo, mas fiquei tímida diante da outra mulher. Então, apenas dei alguns passos, afastando-nos, fazendo-o bufar baixinho.

Com os três de pé, recebi a segunda bomba da manhã. Não era nem meio-dia e a minha vida já estava de cabeça para baixo.

— Isso só pode ser uma brincadeira. — Balancei a cabeça algumas vezes, negando a ideia estapafúrdia que o meu ex-namorado teve. — Admita, ainda está bêbado de ontem.

Ele rolou os olhos, depois de apoiar o corpo na imensa mesa de madeira. Sua assessora virou um pouco rosto, disfarçando o riso e eu ainda queria enviá-lo desta para uma melhor.

— Sabe que eu mal bebi.

— Entorpecentes? — Ergui as sobrancelhas, quase rindo de nervoso.

— Porra, Débora!

Tinha esperanças de que ele diria que não passava de uma brincadeira. Mas ele continuava sério. E me analisando.

Já eu, em total estado de negação.

— Então, só está precisando de um remedinho para voltar ao seu juízo perfeito. Isso é loucura, ok?

Meu Deus, ele ainda me analisava e em silêncio.

Rita alternava o olhar apreensivo de um para o outro, demonstrando

estar prontinha para enviar a bomba à imprensa.

Soltei um suspiro.

Não tinha como aquilo dar certo.

E eu não era uma mulher aventureira.

Por qual motivo aceitaria fingir ser a namorada do meu ex-namorado?

— A resposta é não.

Pronto, tomei a decisão mais inteligente.

Estevão também soltou um suspiro, desencostou da mesa e com um passo estava quase invadindo o meu espaço pessoal.

Institivamente, cruzei os braços, e ele olhou no fundo dos meus olhos. Havia um pedido mudo para que eu confiasse nele. E eu... não sabia se era capaz.

— Eu não me importo com o que estão falando sobre mim e não é a primeira vez que sai uma notícia sobre envolvimento meu com mulher, mesmo que eu evite este foco na mídia. Mas você é discreta, tem uma empresa sólida e atende um público um tanto quanto hipócrita. Sabe bem como os seus clientes ricos funcionam, protagonizam alguns escândalos, gastam rios de dinheiro para terem a barra limpa e se proclamam os seres mais corretos da sociedade. As *socialites* não vão admitir fechar um contrato com uma mulher que estava aos beijos com um convidado de uma festa que organizou. *Mesmo que seja nós dois.*

Mesmo que seja nós dois, mesmo que tivéssemos uma história linda por trás... Era o que ele dizia nas entrelinhas.

Um estremecimento tomou conta do meu corpo.

Porque ele tinha razão em cada palavra.

Ofeguei, tentava ponderar, e não encontrava uma só saída.

— Acho que terei que pagar para ver — minha voz não era mais do que um sussurro.

Meu telefone vibrava sem parar dentro da bolsa, que ainda estava pendurada em meu ombro. Estevão parecia se controlar e medir as próximas palavras que usaria. De relance, vi o nome que piscava na tela do aparelho.

Era Teresa, a anfitriã da festa do dia anterior.

Fechei os olhos, nervosa, sentindo-me encurralada.

Ignorei a chamada, porque ainda não saberia o que dizer. Mas, ao abrir o aplicativo de mensagens e ler algumas, faltou-me o ar.

Aquilo realmente era como um pesadelo.

Várias contratantes questionavam se era verdade a notícia que estava correndo aos quatro cantos do Brasil. Enviaram links de sites e perfis de fofoca no Instagram e Twitter. Havia também fotos de nós dois, em vários ângulos. A gente se beijando, Estevão me segurando firme, o olhar sensual de um para o outro, cabelos desgrenhados e rostos afogueados, a nossa entrada apressada naquela sala e depois a saída vergonhosa. Os dois totalmente desalinhados.

Estava tudo ali, registrado.

O que eu iria dizer-lhes?

Ele acertou quando disse que era uma parcela muito hipócrita da sociedade.

Aquelas mulheres não me aceitariam mais dentro das suas casas, organizando os seus eventos e, claro, perto dos seus maridos.

Eu queria chorar.

Não me conformava.

Foi um deslize, não podia ter deixado acontecer, e agora me custava uma reputação e a minha carreira.

Custava a empresa que levantei com tanto suor e trabalho.

Custava o emprego de muita gente.

Tentei, ao menos, manter a dignidade, segurando firme as lágrimas.

— Lá fora há *paparazzis*, estão disfarçados e agindo discretamente, mas certamente registraram quando você chegou aqui — disse Estevão, com uma voz cheia de cautela.

Aquilo não daria certo.

Por outro lado, eu já estava na fogueira, era questão de segundos para me queimar inteira.

A tensão dentro daquele escritório era tangível, as nossas respirações audíveis. Sentia que caminhava para um abismo. Mas sem parar de seguir em

frente.

Como sairia daquela história sem me quebrar por inteira?

Será que Estevão não percebia o quão errado era?

Do outro lado, havia o *Domum*, a empresa onde coloquei todas as minhas economias, que fiz crescer e me orgulhava de poder gerar tantos empregos.

As palavras dele ecoavam dentro de mim, assim como as mensagens das minhas clientes.

Não queria admitir que a sua ideia, mesmo que muito sem noção, fazia um pouco de sentido e talvez fosse uma saída viável naquele momento.

Só não seria viável para o meu coração idiota e romântico, isso era claro.

Eu, definitivamente, não conseguiria fingir ser sua namorada sem que aquilo ferrasse com a minha vida.

— Eu... eu aceito — disse de uma só vez e era como se um bolo tivesse acumulado em minha garganta.

Sentia-me um tanto derrotada. Mas, ao mesmo tempo, era o idiota do Estevão. E de certo modo, não me sentia totalmente desconfortável.

— Tem certeza? — Ergui as sobrancelhas, sem disfarçar o deboche. Até acreditava que ele pudesse ter se preocupado pela forma que aquelas notícias me atingiriam, mas não é como se ele conseguisse esconder o quanto estava animadinho com a história que contaríamos para a mídia. — Se você tiver outra saída, irei te ajudar. Sabe disso.

É, mas eu não tinha.

— Seremos namorados de mentira, Estevão. Estou de acordo. Podem soltar a notícia.

Cuspi cada palavra. E não saberia descrever os sentimentos que fluíam de dentro de mim.

Eu estava... confusa.

E Estevão... ele estava sério.

— Rita, é com você. Deixe-nos a sós, por favor.

Então, era isso, eu seria a namorada de mentira do meu ex-namorado.

Eu aceitei aquela loucura.



Capítulo 15

Estevão Figueiredo Neto

Não podia dizer que não era um cara de sorte.

Até pouquíssimo tempo atrás, mentalizava o que poderia fazer para reconquistar minha ex-namorada e, agora, bem, agora eu tinha a chance de ser justamente o seu namorado.

Ser uma farsa era apenas um mero detalhe.

Eu me agarraria àquele presente do destino para chegar ao coração de Débora.

Eu sei, brega para caralho, mas já havia chegado à conclusão de que entre nós dois não cabia um relacionamento casual. Tínhamos uma história bonita demais. E eu nem queria.

No entanto, como a vida não está aí para nos entregar tudo de mão beijada, mesmo sabendo que tinha uma oportunidade quase que divina, não conseguia e nem podia me animar por completo.

Não quando aquela mulher linda estava sofrendo.

A sua expressão não era de raiva ou indignação, sentimentos que saberia lidar com a maior tranquilidade do mundo, mas ela estava derrotada.

Depois que Rita nos deixou em meu escritório, peguei sua mão e não encontrei qualquer resistência. Desci o olhar até que nos encontrássemos e a analisei.

Não queria que se sentisse daquele jeito.

— Você está mesmo de acordo com isso? — perguntei, sério.

Eu até podia já ter planos em minha cabeça de como tentaria impressioná-la, agora que teríamos momentos juntos, mas realmente não me agradava ver Débora triste.

E se eu enxergasse alguma outra alternativa que tivesse efeito rápido e certo, sugeriria. Mas não era o caso.

— Não vejo outra opção — respondeu, esforçando-se para soar indiferente.

— Adianta eu pedir desculpas?

Fui eu quem tomei a iniciativa na noite passada, de certa forma, a culpa era minha.

— Você não me agarrou — revirou os olhos.

Dei um meio sorriso, ergui a mão até o seu rosto e alisei seu cabelo para atrás da orelha. Ela parecia estar cansada e o que eu queria naquele momento era tomá-la em meus braços, ser o seu porto seguro, levá-la para um banho de banheira e estar ali o tempo todo para ela.

— Mas, fui atrás de você, não me contive, poderia ter esperado a festa acabar, pedir para te levar em casa, sei lá, menos ter te abordado naquele momento.

— São conjecturas... — Suspirou. — Poderia ter acontecido em qualquer outro lugar.

Mas seria diferente, nós dois sabíamos.

Aqui, a grande questão era ela ter sido fotografada aos beijos com um convidado da festa que organizava. Para aquela elite um tanto contraditória, pois viviam tendo escândalos de verdade, mas que eram devidamente abafados, os nossos beijos e amassos significavam um enorme desrespeito.

E, no final, a única prejudicada seria Débora.

Não menti quando disse que não me importava com o que poderiam falar sobre mim. Sim, eu gostava de manter discrição em relação a minha vida pessoal, mas não seria o fim do mundo aparecer beijando uma mulher. Primeiro, porque era ela, segundo, que a mídia adorava arrumar namoradas para mim e até amigas já estamparam capas de revistas como se fossem meus

pares.

Em um impulso, puxei-a para mim e abracei seu corpo. Débora resistiu de início, estava rígida, dei seu tempo, uma mão minha estava ao redor da sua cintura e a outra, eu acariciava dsuas costas e, aos poucos, senti seu corpo relaxar.

— Deixa-me te levar para almoçar? — pedi.

— Acho que preciso ficar um pouco sozinha — um tempo depois, ela respondeu.

Afastou um pouco o rosto, que estava grudado em meu peito, e me encarou. Aquela expressão de derrota ainda estampava sua face e respirei fundo.

— Vai ter tempo... — Beijeí sua testa. — Mas, primeiro, deveríamos almoçar. — Ainda havia dúvida em seus olhos. — E vamos dar aos fofoqueiros a primeira matéria após o anúncio do nosso namoro.

Ela me analisou e, depois de outro suspiro, concordou.

Deixei que ficasse a sós em meu escritório enquanto fui me trocar.

Durante o caminho até o restaurante, quis saber qual era a razão de ter um sorrisinho em meu rosto. Ela ia ficar puta com a resposta, mas não liguei muito.

— Você está ficando *expert* em ter um namorado de mentira, *corujinha*!

Segurei uma gargalhada quando seu rosto corou e os olhos arregalaram. Ela achou que iria esquecer aquela palhaçada que inventou meses atrás?

Segui dirigindo, fingindo que não havia falado nada demais.

— Ai, seu.... seu... — As palavras morreram na medida em que ela dava soquinhos em meu braço. Ri, com vontade, e devo tê-la deixado mais brava. — Você é um idiota, Estevão. Nossa, muito idiota.

Não rendi o assunto e ela não me desmentiu.

Minutos depois, Rita enviou uma mensagem avisando que a notícia, em forma de nota oficial emitida por minha equipe, já havia sido publicada e, antes que chegássemos ao restaurante, nossos telefones pareciam poder explodir a qualquer instante, de tanto que vibravam.

Então foi dada a largada!

Débora Montesano

Desliguei o telefone pessoal assim que começaram as ligações, mantendo apenas o corporativo, tão cedo não queria falar sobre aquele assunto.

Onde fui me meter?

Do sofá da minha casa, checava pelo tablet várias das notícias que estavam saindo sobre Estevão e eu.

Bem, ele tinha um ponto provado...

Se antes as manchetes davam conta de uma organizadora de eventos que foi vista em situação comprometedoras com um Senador, que era convidado de uma festa em que estava trabalhando, agora a notícia mais lida era “SAIBAM QUEM É A MULHER QUE CONQUISTOU O CORAÇÃO DO SENADOR ESTEVÃO FIGUEIREDO NETO”.

Soou melhor, não?

Era uma merda ter que dar razão a ele.

E uma merda maior ainda ter que me submeter a essa história.

Poxa, não era mais uma garota, não devia nada a ninguém, e ainda assim precisei de uma mentira para não estragar a minha imagem.

E eu que me orgulhava da boa reputação da minha empresa e a primeira situação, digamos que um pouco constrangedora em que me meti, seria suficiente para colocar tudo a perder.

Vocês ainda são lindos juntos...

Não vá por este caminho, Débora ou vai literalmente direto para o abismo.

Mas sim, era inquestionável, formávamos um bonito casal, mesmo que de mentira.

Fotos de nós dois chegando em um restaurante elegante na Barra já estavam espalhadas pela internet. Estevão sorria para mim ao me ajudar descer do seu carro; beijou minha testa enquanto conversávamos com a *hostess* do lugar; nós dois de mãos dadas entrando no restaurante e lá

dentro... Não é como se houvesse qualquer farsa.

A gente só conversou. Falamos sobre a sua filha que ligou durante o trajeto, sobre trabalho, sobre as nossas famílias e então encerramos e ele me deixou em casa, prometendo que um funcionário seu entregaria o meu carro.

Ainda li alguns comentários sobre nós dois e então resolvi deixar o tablet de lado. Eu realmente precisava de um tempo sozinha, sem Estevão, sem notícias, sem namoro falso, sem ter que dar explicações.



Alguns funcionários relataram terem visto *paparazzis* na entrada do prédio onde ficava o escritório do *Domum*. Dentre as matérias que saíam na mídia e diziam revelar curiosidades sobre a *namorada* do Senador, no caso, eu, contavam sobre a minha empresa e alguns hábitos, mas até então não haviam descoberto nada muito íntimo.

Éramos o burburinho na internet e já havia passado alguns dias.

Ainda recebia mensagens com indagações de clientes, todas mulheres, Teresa chegou a se desculpar quando leu a matéria de que éramos namorados, pois antes havia enviado uma série de desaforos sobre eu ter sido indelicada com o seu evento.

Os meus convidados são pessoas respeitadas, Débora. É inadmissível que você, a pessoa que confiei para estar à frente de uma festa tão importante para a minha família, tenha sido vista agarrando um deles.

Estremecia só por lembrar das suas palavras.

Era quinta-feira, eu só saía do escritório quando realmente era necessário, mas já estava de saco cheio e queria um pouco de normalidade em minha vida.

Meu pai demorou alguns dias para descobrir toda a história e chegou a me ligar, querendo saber o porquê de ter ficado sabendo através de terceiros. Já havia combinado com o meu *namorado* que manteríamos a farsa até para nossas famílias, quanto menos gente soubesse da verdade, menor era o risco de sermos descobertos. E também porque eu morria de vergonha só de me imaginar contando que entrei em um namoro falso com o meu ex-namorado.

Era muito pior que ter sido fotografada agarrada a ele.

As exceções foram, além da sua assessora, seus amigos Ivan e Marcos, sua irmã Eva e, da minha parte, a Luciana e Mário.

Estevão parece ter percebido que eu realmente precisava de um tempo e fez a gentileza de se manter distante desde o almoço no sábado. O que não o impediu, contudo, de enviar mensagens diariamente, várias delas ao longo do dia.

Eu estava fugindo de uma conversa necessária, não havíamos definido um prazo para aquela picaretagem e nem regras. É bom que ele saiba que eu não pagaria de cora, então que ficasse bem quietinho enquanto fingia ser meu namorado.

Encerrei o expediente no meio da tarde, passei em um mercado gourmet e depois segui para uma floricultura, os dois estabelecimentos na Barra. Comprei ingredientes para preparar uma massa com frutos do mar, plantas para a área da piscina da cobertura e flores em quantidade suficiente para espalhar por toda a minha casa. Talvez eu tenha me empolgado e até me esquecido que minha casa já estava lotada dos arranjos que Estevão me enviou.

Ao chegar em meu prédio, um funcionário me ajudou a descarregar as compras e subir com elas.

Era fim do dia quando atendi uma chamada da Helô, que trabalhava no cerimonial e veio a notícia que me surpreendeu:

— Chefe, não tenho onde mais encaixar reuniões de novos clientes na agenda. Somente na última hora foram cinco ligações. Aliás, você fica radiante fazendo compras. — Minha funcionária deu uma risadinha, sem esconder a euforia.

Não só Helô, mas todos os demais que trabalhavam comigo, estavam achando muito engraçado eu estar estampando notícias diárias nos diversos meios de comunicação de fofocas.

— Fui fotografada — disse a mim mesma, mas ela se empolgou.

— Não apenas. A mídia parece estar um tanto quanto obcecada pela mulher de vida comum que conquistou o Senador. Sério, as fotos de você comprando peixe e flores estão perfeitas. Acho que vocês dois já possuem até fãs, viu? E, obviamente, tem muita gente querendo fazer festas com você.

Fechei os olhos e respirei fundo.

O ser humano era mesmo muito louco.

Ainda no sábado, após o anúncio oficial feito pelo Estevão, ganhei alguns milhares de seguidores no instagram, assim como o perfil do *Domum* triplicou o público.

— Com a mulher do Senador, você quer dizer.

— Detalhes, chefe — ela riu e balancei a cabeça em negação.

— Distribua para a Estela o máximo de reuniões que for possível, ok?

Precisava descobrir se eram apenas curiosos atrás de informações sobre mim ou se de fato, potenciais clientes.

— Certo. Era só isso.

Encerrei a ligação e respirei.

Pensando bem, até que não estava sendo tão difícil manter a nossa farsa. Poderia ser pior. Eu era a garota que lia romances, nunca imaginei que seria a protagonista de um namoro de mentira e sim, assustava-me um pouco, mas convenhamos, nos livros as histórias eram mais emocionantes e cheias de reviravoltas.

De certo modo, eu continuava vivendo a minha vida. Acordava no mesmo horário, trabalhava no mesmo lugar, dormia em minha própria cama.

Tirando o dia do restaurante, não precisei mais me encontrar com Estevão. E embora estivesse ciente que em algum momento sua equipe iria postar uma foto nossa em seu perfil no *Instagram*, sabia que era questão de tempo para que nos esquecessem um pouco e então poderíamos colocar um ponto final em nosso *namoro*.

Eu só precisava ter um pouco de paciência.



Capítulo 16

Estevão Figueiredo Neto

Não havia mulher mais linda que Débora... pensei, vidrado em suas fotos que foram espalhadas na internet através de sites e perfis de fofoca nas redes sociais.

Os anos não trouxeram apenas idade e maturidade para ela, mas, desafiando o impossível, deixou-a ainda mais fascinante.

Minha *namorada* usava uma saia de tecido esvoaçante e uma blusa justa, nos pés um par de sandálias de salto, os cabelos estavam soltos e eu não conseguia desviar o olhar.

Imaginava que poderia acontecer de *paparazzis* fazerem registros dela, mas não contava que a mídia ficaria enlouquecida para saber cada detalhe da sua vida.

Por um lado, não os julgava. Débora era mesmo apaixonante e me soava natural que despertasse a curiosidade.

Além disso, as mulheres com quem me envolvi anteriormente, normalmente não eram de tudo desconhecidas da mídia e nunca emiti qualquer comunicado assumindo um relacionamento.

O inconveniente é que, diferentemente das anteriores, que adorariam ter os quinze minutos de fama, Débora preferia os bastidores e não fazia a menor questão de aparecer. E eu já podia imaginar o quanto devia estar incomodada.

Os registros feitos no dia anterior mostravam-na fazendo compras em um mercado e floricultura. Inevitavelmente, minha mente viajou longe, em uma época em que não tínhamos telefone celular e muito menos acesso irrestrito à internet.

Uma época em que ela era minha. De verdade.

— Entre, meu filho — seu Gilson, meu sogro, convidou, abrindo espaço para que eu passasse pelo portão de grade. — Ela não deve demorar. Aceita um café? Dona Dete acabou de passar. E tem pão de queijo também.

Caminhamos lado a lado pelo pequeno e bem cuidado jardim, subimos os degraus que levavam ao alpendre e ,então, passamos pela porta de vidro.

— Aceito o pão de queijo!

— Então vamos lá na cozinha.

A casa da família Montesano era um dos lugares que eu mais gostava de frequentar, tinha um ar familiar e alegre, mesmo que ainda sentissem bastante a partida da minha sogra.

Atravessamos as duas salas e o corredor e, antes mesmo de chegarmos à cozinha, senti o aroma de café recém coado.

— Estevão, meu menino! — A senhora baixinha e rechonchuda, abraçou-me forte.

Ela trabalhava para a família, auxiliando nos serviços domésticos.

— Como vai, dona Dete?

— Estou ótima. Tirando aquela dorzinha de cabeça de sempre, mas isso é culpa desse homem, que me chama o dia todo.

Meu sogro revirou os olhos, todo mundo sabia que era a senhorinha que não lhe dava sossego.

— Ah, imagino. Seu Gilson disse que tem pão de queijo.

— O melhor da cidade — disse, sem qualquer intenção de fingir alguma modéstia e se movimentando pela cozinha. Uma profusão de coisas gostosas foi sendo colocada sobre a mesa, era ilusão pensar que o “café e pão de queijo” do mineiro se resumia a apenas isso. — E também o preferido da minha menina. Falando nela, cadê sua namorada? — Ela parou em minha frente, com as duas mãos na cintura. Uma graça!

Não precisei responder, pois no mesmo instante ouvimos o portão ser aberto e segundos depois o melhor cheiro do universo havia dominado aquela cozinha.

Débora chegou com as bochechas coradas de quem havia caminhado sob o sol baixo, carregava um ramallete de flores e foi direto abraçar o pai, depois a funcionária e, por último, jogou-se em meus braços.

— Estava com saudades, lindo — disse baixinho, os braços ao redor do meu pescoço.

— Não mais do que eu...

Queria muito beijar aquela boca gostosa, mesmo que já o tivesse feito várias vezes pela manhã no colégio. Eu não me cansava daquela garota. No entanto, sequer tive tempo, pois, nada discreto, meu sogro pigarreou, em um claro sinal para que nos afastássemos.

Com um sorrisinho tímido nos lábios, ela disse que ia ao quarto trocar de roupa e, quando retornou, usava um vestido curto florido e tinha o cabelo preso.

Durante a tarde, Débora trabalhava em uma loja de decoração no centro da cidade.

Depois do lanche, nós dois seguimos para a área externa da casa e levamos as flores que comprou. Sobre uma mesa redonda de madeira de demolição, ajudei-a a montar pequenos arranjos, enquanto ela tagarelava onde os colocaria.

— O que foi? — perguntou, ao perceber que eu havia parado o trabalho para observá-la.

— Você é linda!

Minha namorada corou.

Ela não se acostumava com os meus olhares de admiração, tampouco com os elogios, assim como eu também não me acostumava com o privilégio de tê-la em minha vida há alguns anos, primeiro, como amiga, em uma relação que naturalmente evoluiu para namoro.

— E você é um namorado muito apaixonado!

— Sou mesmo.

— Estou cansada e precisando de um banho — choramingou.

Eu sabia que não era uma insatisfação pela sua rotina, Débora não era de reclamações, mas sim porque sempre dizia gostar de estar bonita e cheirosa para mim. O que ela não entendia, é que até mesmo depois de passar o dia trabalhando, continuava a garota mais irresistível aos meus olhos.

Puxei-a para os meus braços e beijei sua boca longamente. Seus gemidinhos faziam meu corpo até arrepiar. Meu Deus, como era difícil me segurar quando tudo o que queria era estar fazendo amor com a minha garota.

— Por que não fazemos isso aqui depois? — Obriguei-nos a separar nossos corpos, mas ainda a segurando pela cintura apontei com o queixo para a mesa.

— Ah, não! Eu estava ansiosa para chegar em casa e montar os arranjos.

— E eu achando que era para me ver! — Puxei-a novamente para beijá-la e ela veio toda molinha, deixando que eu me fartasse em seus lábios, até precisar de fôlego e soltá-la novamente.

— Também! — Um sorriso lindo cresceu em seu rosto. — Sabe, lindo, a nossa casa vai ser sempre florida! Já fico imaginando como irei decorá-la e cuidar dela todos os dias.

Eu podia imaginá-la andando de um lado para o outro organizando seus objetos, flores e deixando tudo com a sua cara. Débora gostava disso, era cuidadosa e detalhista.

— Pois eu fico imaginando quando você será só minha! — Segurei em sua nuca e logo vi os pelinhos dos seus braços arrepiarem, o que me deixava louco. — E vou poder fazer umas coisas bem legais em todos os cômodos...

Ela riu baixinho, cuidando de olhar ao redor.

Estava tranquila, sinal de que não havia ninguém por perto.

— Legais e prazerosas?

— Muito prazerosas — sussurrei em seu ouvido, apertei seu corpo contra o meu e mordi sua nuca.

Eu não saberia viver longe daquela garota.

Eu fui um idiota.

Mas um idiota que tinha sorte pra caralho.

Sem qualquer merecimento, aquela mulher incrível voltou para a minha vida. De um jeito mais do que torto, mas voltou.

Minha casa estava movimentada para o evento de mais tarde, essa era uma parte que me incomodava em meu trabalho, precisava socializar demais. E, normalmente, com pessoas que não me agradavam, mas que movimentavam o país.

Na época da eleição para presidência do Senado, fiz algumas alianças e era necessário alimentá-las. Política também era para ser vista como um projeto a longo prazo e eu fazia a minha parte.

Ainda estava no escritório admirando as fotos da minha garota quando Marcos e Ivan chegaram sem serem convidados.

— Posso apostar que está conversando com a namoradinha! — Debochado, Ivan apontou com o queixo para o meu telefone, que eu segurava.

— Mais respeito, filho da puta

— Está todo apaixonado, hein vereador. — O outro idiota, espaçoso demais, jogou-se em uma das poltronas de frente para a minha mesa. — Sua garota fica uma graça comprando flores! — Fechei a cara, arrancando uma gargalhada deles.

Guardei o telefone e estiquei o corpo, havia trabalhado toda a manhã, fiz apenas uma pausa rápida para almoçar e logo retornei, mas, ao menos, consegui finalizar tudo o que tinha planejado.

— Vieram fazer o quê aqui?

— Trocar confidências — Ivan respondeu.

Meu amigo tinha um sorrisinho estúpido, típico de quem trepou com quem gostaria. Podia apostar que estava se acertando com Luciana. Torcia por eles.

— Se fuder, viu.

Fui até o minibar e chequei o horário, passava das duas da tarde, não seria um pecado tomar uma pequena dose de uísque.

— Como ela está com essa história? — Marcos perguntou, agora os dois estavam sérios.

Havia contado a verdade a eles, não teria como fingir um namoro para duas pessoas que me conheciam tão bem. E nem tinha motivos para tanto. Eles me chamaram de louco, mas compreenderam. E, claro, preocuparam-se com Débora.

— Assimilando, mas ainda confusa. Precisa de um tempo. — Dei espaço a ela, deixei que respirasse e compreendesse o que estávamos fazendo. Conversamos por mensagens nos últimos dias, mas não fiz qualquer menção de encontrá-la, embora quisesse muito. — Aceitam? — Ofereci a bebida e eles confirmaram.

— Ela vem hoje? — Ivan quis saber.

— Sim, será o nosso primeiro evento oficial.

— Pelo o que tenho visto, a repercussão do namoro de vocês tem sido positiva. — Ivan me analisava e sustentei o olhar, absorvendo suas palavras.

No fundo, incomodava-me um pouco saber que era tudo uma mentira.

Por outro lado, ele não deixava de ter razão. Os caras sabiam sobre o nosso passado, logo depois do encontro que tivemos no restaurante do Copa, meses atrás, acabei contando a nossa história. Chamaram-me de burro e ao mesmo tempo concordaram que agora eu tinha em mãos uma chance de ouro. Eles só não contavam que Débora e eu entraríamos em um namoro falso.

— E você, já voltou com a sua mulher?

Dei um basta no falatório sobre a minha vida e Marcos até aprumou o corpo. Fofoqueiro do caralho.

— Óbvio que não, eles ainda estão conversando por cartas, como os nossos antepassados.

Enquanto eu gargalhava, Ivan tinha um sorrisinho de lado que entregava a realidade: sim, ele e Luciana estavam se acertando. E não era mesmo por cartas.



Capítulo 17

Débora Montesano

O motorista que meu *namorado* enviou para me buscar estacionou diante da sua casa e quando me dei conta, a porta já estava sendo aberta por um Estevão incrivelmente bem vestido e perfumado.

Pisquei, aérea, ele deu um sorrisinho presunçoso e esticou a mão, oferecendo-se para me ajudar a descer. Não neguei.

Usava um vestido longo, condizente com o jantar que ele ofereceria naquela noite e que seria nossa primeira aparição oficial juntos. Sentia-me como um cordeirinho sendo levado direto para o abatedouro.

— Você está linda... — elogiou ao ficarmos frente a frente. Sem pedir licença, a mão que segurava a minha deslizou até a minha cintura, puxando-me um pouco para si. — Bem, você é sempre linda, mas hoje está ainda mais!

— Obrigada?

Ele sorriu e beijou a minha testa.

Tentei não me desestabilizar, essa versão galanteadora do Estevão me desconcertava.

— Vamos entrar?

Assenti e seguimos para dentro da sua casa, ele com uma mão apoiando minhas costas.

Reparei que os cômodos, além de impecavelmente arrumados, também estavam decorados com flores e velas bem posicionadas, sem falar no aroma gostoso que reverberava por todo o ambiente. Inevitavelmente, pensei em quem seria a pessoa responsável por pensar em todos aqueles detalhes.

Ele me olhou discretamente, não sei se percebendo as indagações silenciosas que me fazia, pesquei seus lábios se apertando de leve, mas não fizemos qualquer comentário a respeito.

Caminhamos até a sala de jantar e paramos próximos à mesa.

— Tem algo que eu precise saber? — perguntei e recebi uma *senhora* analisada.

— Olha para mim... — pediu. — Sei que passaram muitos anos, mas ainda somos nós dois. Saberemos o que fazer. — Encaramo-nos. Estava nervosa e desde que acordei pela manhã, sentia uma mistura de ansiedade e angústia. Era como se o tempo todo tivesse um bolo parado em minha garganta e uma escola de samba em meu estômago. — Não vejo nada em particular que possa nos dar problemas. Será um jantar cheio de políticos, alguns são meus amigos, outros estarão aqui apenas porque preciso mantê-los próximos. O convite foi extensivo aos acompanhantes. Sempre há um que age de forma indiscreta, podem fazer perguntas sobre nós, mas nada que você não consiga lidar.

Era óbvio que me sentia desconfortável naquela posição.

Poxa, era a namorada de mentira do meu ex-namorado. Ainda não tinha certeza sobre os meus sentimentos, que se mostravam cada vez mais complexos, precisava lidar com uma avalanche de lembranças do passado e suposições que a minha mente insistia em fazer e tinha consciência que era uma reunião importante para ele.

— Certo.

Eu estava acostumada com aquele tipo de evento, mas não quando eu seria a *namorada* do anfitrião. A organização novamente estava por conta do *Domum*, então sobre o buffet e a parte geral da programação eu estava por dentro. O que de certa forma me preocupava era algo sobre os convidados que pudesse me surpreender.

Mas essa não parecia ser uma preocupação do Estevão, então tentei

relaxar.

Já estava ali, aceitei fazer parte daquela loucura, só me cabia seguir em frente com a cabeça erguida.

— Estamos adiantados e preciso fazer uma ligação para Vivi, está quase na hora dela dormir. Sobe comigo?

Não sei se conseguia disfarçar bem, mas sempre engolia em seco quando ele mencionava a filha.

— Pode ser.

Subimos as escadas, novamente ele tocando em minhas costas, seguimos por um corredor bem decorado e ele abriu a última porta.

Era a sua suíte.

Fiz sinal que ficaria pela antessala e ele não insistiu. Acomodei-me em uma poltrona, peguei meu telefone na bolsa para me distrair e logo ouvi uma voz infantil ressoar pelo ambiente.

Em uma chamada de vídeo cheia de afeto, Estevão dizia que estava com saudades da menininha, que ria e retribuía dizendo que amava o papai. Ela contou sobre o seu dia, perguntou o que ele iria fazer naquela noite de sexta-feira, parece que mostrou alguns desenhos, reclamou que a avó não lia seus *livinhos* como ele e, depois de mais algumas declarações, encerraram a chamada.

Meu coração batia acelerado no peito e a boca estava seca.

Ele demorou alguns minutos para retornar e quando o fez justificou que resolveu trocar a gravata. Se percebeu o quanto eu estava afetada, fez a gentilezas de não me deixar saber.

Estevão me mostrou toda a sua casa, já havia conhecido no dia da festa em que nos reencontramos, mas agora ele explicou sobre cada cômodo. Também me apresentou aos seus funcionários, e quando retornamos ao andar de baixo, sua assessora veio do escritório, chamando-o e avisei que iria checar se estava tudo certo com a organização do evento.

Primeiro, conversei com a equipe da minha empresa, depois me reuni com Livia, que estava coordenando os trabalhos e, por último, com o time do buffet.

Quase meia hora depois, ele me buscou e disse que estava na hora.

— Você vai tirar de letra! — Tentou me tranquilizar e sorri. — Fique à vontade, é também a anfitriã. — *Não diga isso.* — Qualquer coisa que precisar, estarei ao seu lado.

— Ainda sinto preguiça desses eventos chatos — brinquei, tentando disfarçar uma inquietação.

Lembre-se em todo o tempo, Débora: *you are only a girlfriend of a liar.*

— Salvo quando recebe uma pequena fortuna para organizá-los — devolveu, divertido.

Isso, é mais seguro deixar tudo no campo da descontração.

— Descobriu o meu segredo — sussurrei e ele riu.

Estávamos parados na sala de jantar e senti sua mão tocar em minha cintura, puxando-me para mais perto.

— Preferiria estar tomando um vinho a sós com você, cozinhando algo para a minha *namorada*! — Senti um frio na barriga, como a boba que era. — Mas... Ficaré para outra oportunidade.

Essa era a parte que poderia dar errado naquele jantar, eu em algum momento me esquecer de que tudo não passava de uma farsa. No caso, dar errado para mim.

Desejei dizer-lhe que não precisava falar aquilo, não havia ninguém por perto, nem os seus funcionários ou os meus. Não tive tempo, respirei fundo e então ouvimos a campainha.

Incrível como a sua postura automaticamente mudou.

Estevão aprumou o corpo, seu olhar tornou-se quase severo, a expressão endureceu, os mesmos trejeitos que presenciei naquela festa que organizei para ele.

— Seus convidados chegaram, Senador! — disse-lhe, olhando em seus olhos.

Ele, por sua vez, tomou minha mão na sua e caminhou até a porta, que uma funcionária já havia aberto.

O show ia começar.

Estevão Figueiredo Neto

Então seria assim se Débora fosse mesmo a minha mulher?

Ela dominava os ambientes, a programação, as conversas com as outras mulheres. Chamava a atenção nos mínimos detalhes, a minha e dos demais convidados.

Já tive acompanhantes em outros eventos que organizei, mas nenhuma que assumisse o seu lugar de anfitriã. E isso parecia ser tão inato dela, embora nem parecesse se dar conta.

Tinha o olhar atento a cada detalhe, discretamente conversava com os funcionários ou prestadores de serviços, instintivamente guiou cada passo desde a recepção dos convidados até o jantar. Era polida e atenciosa nas conversas, elegante nas respostas curiosas sobre o nosso namoro, deu-me olhares e sorrisos, mascarando um ódio pela noite enfadonha, não passou de uma taça de vinho e... soube bem o que fazer durante todo o jantar.

Sei que passaram muitos anos, mas ainda somos nós dois.

A minha frase parecia martelar em minha cabeça desde o momento em que a proferi.

Débora se mostrou disposta a cumprir o seu papel, mas era só pela nossa mentira.

Estava tão linda dentro de um vestido longo verde escuro. O tecido fino delineava seu corpo sem marcá-lo; os acessórios discretos mostravam que ela não queria chamar a atenção mais do que já o faria por ser simplesmente ela. Não conseguia desviar os meus olhares, quase hipnotizado ao vê-la no papel de anfitriã que lhe caiu tão bem.

— Não imaginei que um dia o veria apaixonado. — Eustáquio Neves sentou em uma poltrona ao meu lado. Estávamos reunidos em uma das minhas salas, conversando amenidades e tomando uísque. — Uma bela mulher, Estevão — elogiou, olhando em direção a Débora, que conversava com a sua esposa e uma outra mulher.

— Ela é incrível.

Ele era uma das pessoas que eu mais admirava na política. Incorrúptível, justo e patriarca de uma família muito bonita. Embora pudesse chamá-lo de amigo, não iria abrir o tipo de relação que tinha com a mulher

mais bonita e interessante daquele lugar.

— Sempre é tempo de encontrar alguém especial — insistiu, astuto.

— Só posso concordar com o senhor! — Acenei em concordância com o velho Senador, mas com o olhar cravado nela, que naquele instante me percebeu e deu um sorrisinho discreto.

O homem riu, rendendo-se.

— Podemos nos reunir nessa semana?

— Só irei à Brasília na quarta-feira, mas pretendo retornar no mesmo dia. — Não ficaria fora, pois Violetta estava de férias do colégio e queria aproveitá-las. Até pensei em uma pequena viagem. — Estará disponível?

— Não sei como está a minha agenda, mas considere marcado.

Algumas horas depois, os convidados começaram a se retirar, percebi que o casal Barbieri me rodeava e tentei adivinhar qual bomba viria dali.

Não demorou para ter a minha resposta, que era muito pior do que as hipóteses que se formavam em minha imaginação.

Débora se aproximou vinda da cozinha e peguei sua mão, despedimo-nos de dois casais reunidos no hall de entrada da minha casa. As mulheres disseram-na que adorariam um encontro para almoçarem, que apenas concordou, simpática. Quando nos viramos, com a intenção de retornar a uma das salas onde estavam os convidados restantes, fomos interceptados por Osvaldo e Helena Barbieri.

O homem tocou em meu ombro e a mulher estampava um semblante desgostoso.

— Recepção esplêndida, Estevão. — O casal tinha idade para ser meus pais, ele usava suspensório e um terno de gosto duvidoso, ela usava um penteado antiquado. Aos desavisados, poderiam soar como adoráveis senhores. — É uma dama encantadora, sua namorada.

— Adoramos te conhecer, querida. — Helena tomou a frente e pegou as mãos de Débora. Tinha um sorriso maternal no rosto e respirei fundo. Eu os conhecia o suficiente para saber que uma bomba realmente me aguardava. — A noite foi incrível, uma pena que não terá um encerramento à altura. — O marido passou a mão em seu ombro, como se a consolasse e a mulher soltou até um suspiro. — Tivemos um dissabor no hotel, mudaram o nosso quarto, fomos transferidos para um que é bem pouco confortável.

Era pior que uma bomba.

Iria denominar como pesadelo.

Os dois senhores me encaravam, como se esperassem uma resposta.

E eu lá era o dono da porra do hotel?

— Helena não dorme bem fora de casa. Na verdade, é difícil para ela ficar em hotéis. — Velho malandro. Respirei fundo. — Confesso que também evito esses lugares. Tem gente demais circulando, desconhecidos se metendo em nosso quarto para fazer a arrumação. E ainda teve a mudança do nosso aposento. Coisa de velhos!

Ao meu lado, senti quando Débora encolheu. Devia estar pensando o mesmo que eu. Bem, não tudo o que se passava em minha cabeça. Naquele momento, eu já tinha todo o cenário desenhado e a minha namorada não ia gostar nadinha.

— Só aceitei a viagem porque gostamos demais de você, meu querido.

Os olhinhos pequenos direcionados a mim e a voz doce era o puro suco da pilantragem. Eu ainda os torturaria um pouco, facilmente os faria implorar, mas a mulher ao meu lado me beliscou de leve, estragando os meus planos, tão maquiavélicos quanto os deles.

— Bem, temos um confortável quarto de visitas. Creio que possam passar a noite conosco.

— Faria isso por nós, Estevão? — Osvaldo perguntou e me esforcei para não revirar os olhos, só esperando quando dariam uma deixa sobre a real intenção em ficar em minha casa.

— Claro, será um prazer acolhê-los!

— Podemos ir juntas ver se precisa arrumar algo, Débora. — E só precisei de alguns segundos.

Era isso, eles desconfiavam do nosso relacionamento e dariam um jeito de me encurralar.

Pude sentir uma mão tremular embaixo da minha e desejei esganar dois pescoços envelhecidos por deixarem-na nervosa.

— Não se preocupe, eu cuido disso. — Débora não era mais uma menina, mas uma mulher experiente. Saberla se virar. No entanto, não escapei do seu olhar matador, antes que se retirasse. — Já volto!



Capítulo 18

Débora Montesano

Maldita língua a minha.

Bastou, no dia anterior, eu me vangloriar de não estar enfrentando grandes dificuldade naquela farsa em que entrei com Estevão para o Universo dar o seu jeitinho de mostrar quem é que manda.

No caso, claramente sou apenas uma subordinada do meu próprio destino. E a minha vida deu um passo longo demais em direção ao que realmente vemos nos livros de romance quando se trata de relacionamentos de mentirinha.

O grande problema é que nós sabemos como essas histórias terminam...

Eu estava tão ferrada, por Deus.

Não acredito que me deixei enganar pelo olhar doce, os toques fofinhos e os comentários um tanto quanto inconvenientes, mas tais quais Emília faria. Talvez foi pensando em minha madrastra e em seu jeitinho materno, que acreditei na intimidade fácil que Helena Barbieri me oferecia.

Depois de uma pequena pausa para me reestabelecer, na segurança do lavabo que ficava no andar térreo daquela casa enorme, fui atrás da Glória, a senhora que era como uma governanta ali. Em pouco tempo, tínhamos o quarto de visita devidamente preparado.

Demorei um pouco para compreender as segundas intenções do casal,

é verdade, e, depois, até fiquei bastante irritada, mas esse era um problema para o Senador resolver. Ele que lidasse com os seus convidados intrometidos.

Estava louca para chegar em casa e relaxar tomando um chazinho. Já até tinha decidido que prepararia um de camomila com lavanda.

Quando retornei à sala, encontrei-os conversando com Estevão e quase suspirei aliviada quando finalmente encaminhamos Osvaldo e Helena para o quarto de visitas. A mulher não escondeu a admiração pela decoração do cômodo e eu, mesmo com ranço, podia compreendê-la, era mesmo de muito bom gosto.

Sobre as mesas de cabeceira havia jarra com água, copos e um lanche leve. Assim como instruiu dona Glória, avisei que havia travesseiros extras no closet, além de edredons e, no banheiro, toalhas, um par de roupão e itens de higiene.

Despedimo-nos, mas antes que fechássemos a porta, Helena chamou:

— Agradecemos toda a delicadeza, queridos! — De novo aquele jeitinho doce que estava me irritando mais do que era considerado saudável. Era por muito pouco que eu não revirava os olhos para ela.

— Fiquem à vontade. Até amanhã! — Estevão tentou encerrar o assunto, mas a mulher já não tentava disfarçar.

— Vejo você no café, Débora! Foi um prazer te conhecer!

Estevão não era nem doido...

Minha resposta foi apenas um sorriso contido e silencioso, ele então fechou a porta e, de imediato, pediu que eu tivesse calma e o acompanhasse.

Acabei por fazê-lo, mesmo sentindo todo o meu corpo formigar e minhas mãos coçarem para estapear aquele rosto bonito.

Subimos as escadas e, assim como no início da noite, seguimos pelo corredor até sua suíte. Não me passou despercebido que Estevão estava esgotado.

Ele foi direto abrir uma porta de vidro que dava acesso à sacada, chamou-me para um sofá e apenas o acompanhei.

— Você sabe o que se passa na cabeça deles, não é? — disse, depois de um tempo em silêncio.

Estava tenso e foi justamente aquele seu jeito meio desestabilizado que me fez acalmar um pouco. Eu era uma piada, credo.

— Desconfiam da gente? — Foi o que entendi daquele comportamento estranho do casal.

— Mais do que isso... Digamos que Osvaldo é uma ameaça para mim na política. — Seus olhos procuraram os meus e nos encaramos longamente.

Não sabia qual mensagem Estevão queria me passar, mas algo que me dizia que, não importava bem o que fosse, eu sairia machucada.

— Pensei que fossem amigos. — Ele riu, negando com um aceno de cabeça. — Ao menos, parecem lutar pelas mesmas coisas, são colegas de partido.

Eu não era uma alienada, mesmo que política não fosse o meu assunto favorito, sabia por alto o que acontecia. Ainda mais quando envolvia o Senador mais famoso do país, que, inclusive, deu muita fama aos demais partidários.

E Estevão e Osvaldo apareciam bastante juntos nas notícias, dando entrevistas, falando sobre projetos em comum que defendiam, demonstravam muita proximidade.

— Ele acha que tirei seu espaço no partido. É o meu primeiro mandato no Senado e conquistei o apoio para concorrer à presidência da Casa.

— E ganhou.

— Pois é... Infelizmente, estou inserido em um meio de muitas farsas e sorrisos falsos. Teoricamente, estamos do mesmo lado. Mas ele sabe como uma imagem conta muito, o povo pode ser implacável. E, não sou ingênuo, sei que muito do meu prestígio dentro da política decorre da popularidade que conquistei.

— Ele está procurando algo para te queimar?

— Por aí...

— E você o trouxe para dentro da sua casa.

— Às vezes, é melhor tê-los por perto. — Eu sabia disso, embora na prática fosse muito difícil aceitar.

Ele conseguia, tratou-os bem durante toda a noite, ofereceu sua casa, foi gentil e paciente. Aquele mundo, sem dúvidas, exigia muito mais que

dedicação e talento.

Exigia a alma.

Confesso que não gostaria de descobrir que ele se perdeu e não havia mais nada do Estevão do passado que conheci e amei.

O melhor era me afastar, assim que acabasse aquele estúpido namoro de mentira.

— Os inimigos.

— Os que tocam tudo pelo poder — ele complementou.

Não é da sua conta, Débora. Deixa de ser sem noção.

Seu olhar não disfarçava o pedido ainda não feito.

Encaramo-nos, um duelo sem vencedores, apenas sobreviventes. Seria intenso demais e nenhum dos dois parecia ter sequer coragem de mencionar.

— Sabe que eu não lhe pediria isso. — Arriscou. Até prendi o ar. Eu não aceitaria, de todo modo. Sem condições. Assumi o papel de sua namorada por toda a noite, fui a anfitriã do jantar, já havia sido muita coisa. — O que é mais do que justificável que vá embora agora mesmo. Esse não é um problema meu.

— Não tem como isso dar certo. — Não falava sobre a farsa e sua expressão dizia que ele sabia. — Mas eles também não irão esquecer essa história.

Não é da sua conta Débora.

Não é da sua conta Débora.

Não é da sua conta Débora.

Meu Deus, teria que repeti a mim mesma quantas vezes?

— Amanhã mesmo darei um jeito de tirá-los daqui. Hoje eu não tive saída.

De certa forma, ele pensou em mim quando vazaram nossas fotos na festa do Fábio Torres e eu estava praticamente sendo vista como a que *desvirtuava convidados inocentes*.

Tudo bem que se ele não tivesse me abordado naquele corredor escuro, eu não teria caído em tentação e desejado tanto beijá-lo, mas, no fim das contas, era apenas o meu nome que estava sendo açoitado em praça

pública.

E foi a sua ideia ridícula que amenizou a minha situação.

— Seu quarto é enorme — disse rápido, como se as palavras queimassem a minha língua e ganhei um olhar surpreso.

Automaticamente, revirei os olhos.

Era justamente o que ele queria, certo?

— Faria isso por mim? — Seu jeito perplexo quase me convenceu.

— Aparentemente, só tenho feito coisas estúpidas depois que nos reencontramos.

Um meio sorriso surgiu em seu rosto e não tive opção senão também rir. No meu caso, da minha própria desgraça. Aquilo iria dar ruim demais e eu só me jogava no abismo.

— Aceito a culpa.

— Amanhã cedo irei embora, Estevão — avisei e ele assentiu, agora com a postura ereta. — Não iremos estender essa história. Salvo sua pele hoje, mas quero voltar a viver a minha vida em paz.

— Não sei nem como te agradecer.

— Não quero ficar sozinha com eles.

— Vou cuidar disso.

— Então, temos um acordo. Mais um.

Sem que eu esperasse, puxou-me para perto e beijou o topo da minha cabeça. Eu era tão idiota, que só a firmeza do seu toque foi o suficiente para gerar uma eletricidade imensa em meu corpo.

— Vem comigo. — Ficou de pé e me estendeu a mão. Ia aceitar o convite, mesmo sem saber para onde iríamos, mas retesei por completo quando ele complementou. — Vamos arrumar uma roupa para você dormir.

— Não ouse.

Outro sorriso de lado e agora tive vontade esganar aquele pescoço cheio de veias que eu evitava olhar.

Já disse que sou uma piada, não é?

Por Deus, quem é que ficaria reparando em um pescoço? Eu mesma.

Robusto, com veias saltadas, um pomo de adão que me fazia engolir em seco, um conjunto que exalava masculinidade...

Podem rir, eu mereço.

— É da Eva... — avisou e me fiz de desentendida. — Ela deixa vários pertences por aqui.

Sim, eu preferia dormir com o vestido de festa que usava a colocar uma peça de roupa de alguma piriguete sua.

Algum tempo depois, estava dentro do seu banheiro, trocando-me. Tomei um banho e vesti um conjunto de dormir de seda, composto por short e camisa. Escovei os cabelos e então voltei para o quarto.

A cena dele deitado na cama, de barriga para cima e mexendo no celular, desnorteou-me um pouco.

Tinha aquele semblante sereno que usava até quando estava prestes a entrar em uma guerra, sempre foi assim, mesmo quando bravo, Estevão mantinha uma calma admirável.

Não sabia bem o que fazer, mas ele resolveu por mim.

— Estava trabalhando — disse, olhando-me, mas, agora, já de pé. Ergui a sobancelha e ele deu de ombros. — Rita aguardava que eu lhe passasse alguns detalhes do jantar. — Ele caminhou até um sofá, onde vi que havia edredom e lençol, enquanto eu depositava meu vestido dobrado sobre uma cadeira. — Vou dormir no chão — contou, diante do meu olhar confuso.

Vai, querida, dê a ideia brilhante. Sua especialidade agora não é organizar festas, mas sim cometer burradas.

— Não precisa sair da sua cama, tenho certeza de que cabe nós dois.

Por que eu era assim?

— Estou tentando não te deixar ainda mais desconfortável. — O safado sequer contestou. Vai dar ruim, estava mais do que claro.

— Já está usando pijama, é suficiente.

Era para ser um comentário mental, mas, obviamente, deixei que ele ouvisse e uma risada ecoou pelo quarto. Senti minhas bochechas corarem e admirei como seu corpo ficava sexy dentro da calça e camisa de algodão.

Lembro que o Estevão do passado reclamava que a mãe tentava obrigá-lo a usar pijamas e quando dona Aurora se cansou dos embates,

acordaram o uso quando houvesse visitas em casa. Ele gostava mesmo era de dormir quase pelado.

— Digamos que hoje era dia de dormir sem. — Não pense nele usando apenas cueca box. — Preciso aproveitar quando Vivi não está comigo. — E muito menos pense nele com a sua garotinha.

Eu mesma me enchia de problemas, era incrível essa minha capacidade.

Ele perguntou se eu estava bem com a temperatura do ar-condicionado e finalmente nos deitamos. Um de cada lado naquela cama que era muito maior que a minha. E olha que considerava a minha enorme.

— Eu realmente não sei como te agradecer — disse depois de algum tempo.

Eu não conseguia me concentrar em nada que não fosse seu cheiro delicioso, sua respiração pesada ou sua presença ali bem do meu lado.

Era tão natural, como já foi um dia. E aquilo mexia comigo. Não devia, mas mexia.

— Livre-me disso amanhã — respondi, a voz saiu áspera, porque uma magoazinha sempre surgia quando me lembrava do que já fomos. Era inevitável e aceitei.

— Prometo.

Dormir foi uma das maiores missões da minha vida. Não tinha sono e nem estava relaxada, embora um cansaço físico e mental se expandisse por todo meu corpo. Pensei em descer até a cozinha para preparar um chá, mas fiquei sem graça. Teria que vasculhar armários à procura de alguma erva. E sem saber se encontraria. Não podia nem rolar na cama, ou atrapalharia Estevão dormir, ou pior, nossos corpos se encontrariam sobre aquele colchão dos deuses e lençóis de seda.

Precisava de ao menos umas horinhas de sono, meu corpo implorava. Mas eu simplesmente não conseguia.

Respirei fundo e fiz algumas preces.

Eu realmente precisava daquele descanso.

— Vem. — Meu coração quase parou pelo susto, quando ele levantou e me chamou. — Não está conseguindo dormir, não é? Vamos lá embaixo

preparar um chá para você. — Franzini o cenho, confusa demais e com medo de ouvir que ele se lembrava. — Imagino que ainda goste de tomar. É sem graça, mas em você faz efeito.

Aérea, saí da cama, não peguei nenhum robe, o pijama da sua irmã era comportado e daria para circular pela casa sem constrangimentos. Também duvidava que fôssemos encontrar alguém, já era madrugada.

— Ainda lembro de tudo, *corujinha* — respondeu à pergunta que consegui segurar apenas para mim, enquanto descíamos as escadas.



Capítulo 19

Débora Montesano

Eva era criança quando Estevão foi embora de São João Del Rei, adorava ir em minha casa e dizia que queria ser como eu quando crescesse. Era comum que a levássemos para passear ou apenas passasse tardes inteiras brincando com as suas bonecas ao nosso lado, enquanto estudávamos.

Agora tornou-se uma linda mulher, um pouco mais alta do que eu, mas cujas roupas me serviam perfeitamente.

Foi usando um vestido amarelo seu que cheguei a sala de jantar da casa do seu irmão.

O casal visitante já estava à mesa, talvez o ideal fosse que eu estivesse chegado ali primeiro, mas, se fosse eu a visita, teria feito uma horinha no quarto. Ainda era cedo.

— Bom dia! — Não me dirigi a ninguém em especial, mas o meu coração estranho deu uma retumbada no peito ao vê-lo.

Como podia? Quase revirei os olhos para tamanha burrice. Minha, no caso.

Corri os olhos rapidamente pela mesa, que havia sido posta para nós quatro e ainda ficava um tanto chocada com todo o luxo que rodeava Estevão. Ele sempre foi rico, em São João morava em uma casa muito elegante na parte nobre da cidade, o casarão da fazenda que sua mãe morava também era imponente, além de ter me acostumado com os funcionários que

trabalhavam para a sua família. Mas, nada se assemelhava ao que eu via em sua casa atual. Era tudo muito exuberante e o serviço quase exagerado.

Senti que haviam pares de olhos sobre mim, mas o que me mantinha presa eram aquelas duas piscinas azuis e cintilantes, que eu sabia estar esperando uma reação minha.

Ele é o seu namorado, forcei-me a lembrar.

Cheia de cautela, caminhei até ele, com um sorriso singelo congelado no rosto, e me acomodei em uma cadeira ao seu lado. Agindo muito mais natural do que eu, pegou uma mão minha e beijou o seu dorso.

É tudo de mentira, só uma farsa para as suas visitas, também me lembrei.

— Bom dia, querida! Acabamos de perguntar por você ao Estevão!

— Precisam de algo? — Ouvi um ruído baixo ao meu lado e tinha certeza de que era o dono da casa prendendo o riso.

A pergunta foi intencional, sabia que aquela mulher não devia estar com nenhuma necessidade, só queria mesmo fuxicar sobre as nossas vidas.

— Ah, não... Está tudo perfeito. — Ela tomou um gole do seu café e deu um sorriso angelical. — Só fiquei preocupada por não ter chegado com ele.

Meu Deus, não me lembrava de ter conhecido alguém tão invasiva... Mas, vamos ao que interessa, o que será que o meu *namorado* disse-lhes?

Tentei buscar socorro nele, mas tudo o que ganhei foi um carinho em minha mão, que ele alisava sobre a mesa. Pensei rapidamente e tentei ser neutra, sem parecer que me esquivava.

— Homens e sua capacidade de se arrumarem mais rápido do que nós, Helena.

— É verdade!

A funcionária que me ajudou na noite anterior aproximou-se da mesa, disse que haviam acabado de fazer uma omelete fresquinha para mim e ainda me ofereceu minha bebida preferida.

— Obrigada, Glória! — Ela colocou o prato diante de mim e sorri em agradecimento. — Aceito o chá!

Uma gentileza que me deixou mais calma, em meio a todo o incômodo

por ter cada ação minha vigiada pelos dois. Tomei coragem e olhei para o homem ao meu lado, sentado na ponta da mesa.

Ele tomava seu café, quem o visse perceberia apenas um semblante calmo e o seu jeito elegante até para levar a xícara à boca. Mas, infelizmente, eu ainda sabia reconhecer suas reações e não me passou despercebido como respirava fundo.

Estevão deu um meio sorriso e me encarou profundamente, perguntou em um sussurro se eu estava bem e respondi que sim. Óbvio que não estava. Praticamente não dormi nada durante a noite, consegui tirar apenas alguns cochilos depois que ele me levou para a cozinha, fez-me sentar em um dos bancos diante da ilha e preparou o meu chá.

Estava esgotada.

E ele estava lindo demais, o que era muito desnecessário, ainda mais àquela hora da manhã.

Usava blusa de gola polo na cor azul, os cabelos ainda estavam um pouco úmidos e penteados para trás e o seu cheiro, como sempre, era a coisa mais deliciosa que existia.

Até torci o nariz.

— Já tem notícias na internet sobre o jantar de ontem. — Osvaldo anunciou, mexendo no celular — Veja, querida. — Estendeu o aparelho para a mulher, que colocou os óculos e olhou atenta para o aparelho por alguns instantes.

Tão cedo? Bem, fazia sentido Estevão estar conversando com a sua assessora ontem tarde da noite. Ah, no outro evento que organizei para ele, também haviam notícias logo pela manhã.

— Uau! Vocês estão belíssimos! — Ela virou a tela em nossa direção e um bolo formou em minha garganta. — Formam um casal muito bonito, ficam bem nas capas das notícias.

Não liguei se o comentário era uma espécie de alfinetada vinda de Helena, não quando meus olhos estavam grudados na imagem de nós dois.

Ela tinha toda razão, ficamos bem na capa.

Embora o texto fosse para falar sobre o jantar e quem eram os convidados presentes, o título dizia que o Senador apresentava oficialmente sua namorada em um evento organizado em sua casa.

Sua mão possessiva segurava firme em minha cintura e a nossa troca de olhar pareceu... real. Talvez fosse possível que tenhamos conseguido convencer todos ali de que estávamos apaixonados. Menos o casal inconveniente, obviamente, do contrário, eu não precisaria ter dormido ao lado do meu *namorado*.

Dei um sorriso tímido e tentei me concentrar no café.

Quase uma hora depois, o motorista me levou para o escritório do *Domum*.

Eu não queria pensar muito, mas ao mesmo tempo sabia que precisava. Ou iria explodir. Ou fazer uma besteira ainda maior que era me apaixonar mais uma vez por Estevão.

Ao chegar, tentei ir direto para a minha sala, mas antes precisei desvencilhar de algumas funcionárias que trabalhavam comigo há mais tempo e especulavam sobre o meu relacionamento. *O namoro de mentira*.

Em minha sala, peguei uma garrafinha de água e então deixei o corpo cair em minha cadeira.

Por que aceitei dormir em sua casa? Em seu quarto? Em sua cama?

A cada dia, eu fazia mais coisas que me deixavam em uma situação complicada diante dele.

Talvez houvesse um senso de gratidão, afinal, ao fingir um relacionamento comigo, impediu que a minha imagem fosse manchada.

Você acredita mesmo nisso?

Óbvio que havia algo a mais...

Ri de mim mesma, não tinha nada que ser tão boba.

Ok, confesso, no fundo havia curiosidade de descobrir quem ele é hoje. Se ainda existe algo do Estevão do passado. E, por que não, também quis ajudá-lo. Incomodou-me saber que o casal ficaria em seu pé para descobrir alguma deixa que pudesse prejudicá-lo.

Fui almoçar em casa e aproveitei a tarde para descansar, à noite iria trabalhar em um dos eventos do cerimonial. Seria apenas uma passagem pela festa de casamento, mas não deixaria de ir.



Estava me maquiando quando meu telefone tocou e vi o nome do Estevão piscar na tela do aparelho.

Não pensei muito e só atendi.

— Alô?

— Oi, *corujinha*! — Revirei os olhos, porque era sempre muito ridículo que me chamasse daquele jeito. Mas, também sorri, a entonação que usava ainda era a mesma de quando éramos adolescentes.

— Oi, Estevão.

— Já está saindo para trabalhar?

— Arrumando-me. — Senti sua voz cansada, deixei os produtos sobre a penteadeira, decidindo terminar a maquiagem depois que encerrasse a ligação, e saí em direção a sacada do meu quarto. — Está tudo bem?

— Agora, sim! Acabei de chegar em casa. Osvaldo passou mal e precisou ir ao hospital.

Alarme-me, não tendo passado despercebido a preocupação que tentava esconder.

— E como ele está?

— Aparentemente, bem. Precisa descansar. — Ouvi um barulho de porta abrindo e logo depois ele avisou que também estava indo para a sacada do seu quarto. — Não havia a menor condição deles pegarem um voo, ofereci para que ficassem aqui até que ele se estabilize.

Não esperaria outra atitude vinda dele, Estevão era por natureza cuidadoso com as pessoas. Ainda mais se tratando de um senhor de idade e que estava hospedado em sua casa.

Era bom saber que algumas coisas não mudaram.

— Fez bem!

Um silêncio...

Ele sabia que era só pedir?

— Não vou te atrapalhar, falamos depois.

— Estevão... — chamei e não precisam me dizer que será mais uma decisão burra, pois tenho essa consciência. Aparentemente, estou me especializando nelas. — Posso dormir aí novamente.

— Tem certeza? — Sua pergunta saiu quase eufórica. Confirmei, sentindo aquelas malditas borboletas no estômago. Realmente não era uma decisão inteligente. — Mande-me o endereço de onde será o evento de hoje, irei te buscar.

Não era uma oferta, antes que eu dissesse que estaria com o meu carro e de encerrar a ligação, avisou que o seu motorista iria me levar onde eu precisasse.

Voltei ao quarto e preparei uma pequena bolsa de viagem, não iria continuar usando as roupas da Eva. No horário marcado, saí na portaria do meu prédio e quando finalizei minhas atividades no evento, senti novamente as tais borboletas vocês sabem onde.

Toda aquela história daria tão errado.





Capítulo 20

Estevão Figueiredo Neto

Débora não afastou a mão que impulsivamente coloquei sobre a sua perna enquanto dirigia. E eu fingi não ter percebido a expressão que classifiquei como satisfatória que mantinha em seu rosto enquanto, minutos antes, caminhou até o carro.

Era meia-noite e buscá-la no evento teve um sabor diferente.

Eu o faria por uma amiga ou pelas minhas irmãs, se elas precisassem, mas no nosso caso tudo soava mais intenso.

Namorados buscavam as namoradas no trabalho, certo? Tudo normal, então.

E eu já a busquei em muitos lugares, quando morávamos em São João. Na época que saí de lá, havia acabado de completar dezoito anos, mas além de morar em uma cidade minúscula, não precisei da maioridade ou carteira de motorista para ganhar um carro dos meus pais e aulas de direção nas ruas das imediações da nossa fazenda.

Uma música tocava baixinho, perguntei como havia sido o evento e ela contou alguns detalhes. Não demoramos a chegar em minha casa, sua pequena mala já estava em meu quarto, perguntei se estava com fome, ela riu e assentiu, avisei que poderia se trocar ou tomar um banho, e segui para a cozinha.

Quando Débora retornou, eu havia montado dois lugares para nós na

ilha e servido o lanche que pedi mais cedo para Glória providenciar.

— O cheiro está ótimo! — elogiou e engoli em seco.

Ela usava um pijama totalmente comportado, um conjunto em seda de calça e camisa de botão, mas até estando toda coberta aquela mulher chamava a minha atenção. Sem falar na intimidade da sua presença, que era o fodia a minha cabeça. Pensando bem, não teria como eu sair o mesmo que entrei nessa loucura de namoro de mentira.

— Torta de camarão... E suco de morango com laranja — foquei na comida e ela deve ter entendido que era o melhor a fazer, pois segundos antes eu a “sequei” inteira.

— O meu preferido. — Era claro que eu me lembraria. Acomodou-se em um dos bancos e fez o mesmo. — Não fiquei até o final do evento, mas estou exausta.

— Sempre fica?

— Não mais. — Olhou-me, antes de levar um pedaço de torta à boca. — Salvo quando tem exclusividade dos meus serviços ou se acho necessário comparecer. Não apareço em todos, seria impossível. E, em alguns deles, vou e fico um pouco, muito mais para ver de perto o trabalho da minha equipe. Tenho diminuído ainda mais essas atividades, entendi que sou muito mais importante dentro do escritório, treinando meus funcionários, pensando no marketing e fechando bons contratos.

Se eu quisesse manter uma conversa duradoura com Débora, era só dar a oportunidade para que falasse sobre o trabalho. Era muito claro o quanto amava sua empresa.

Ela até aceitou fingir ser minha namorada de mentira para que nenhuma culpa respingasse em sua imagem.

Inevitavelmente, lembrava-me das longas conversas que tínhamos no passado.

Débora cresceu ajudando a mãe que trabalhava vendendo bolos, doces e salgados. Minha ex-sogra era conhecida em São João Del Rei e arredores e o que era um pequeno negócio nos fundos da sua casa, tornou-se uma empresa que até contava com três funcionários. Não era nada grandioso, mas muito bem estruturado.

Naquela época, minha namorada sempre dizia sobre a vontade que

tinha de trabalhar com eventos. Mas não apenas cuidando do buffet, ela queria ser responsável por toda a organização. Tantas vezes, enquanto andávamos pelo centro da cidade, ela olhava as salas comerciais e sonhava que ali poderia ser o seu escritório.

Eu, por outro lado, cogitava cursar Administração e ajudá-la com a parte burocrática e financeira. Seríamos uma dupla.

Contive um suspiro e me dei por satisfeito com o sucesso do negócio que ela criou.

— Mas gosta de estar nos eventos, não é?

A mulher pensou por um instante antes de responder.

— Além de ser o meu trabalho há anos, às vezes é bom ter a cabeça muito bem ocupada. — Eu sabia o que era isso, preencher todo o meu tempo com trabalho para não ter espaço de pensar demais sobre a vida. — Também me acostumei com a rotina. Mas tenho gostado de conseguir chegar em casa mais cedo, não acordar quase no horário do almoço aos finais de semana... Bem, é uma mudança em andamento.

Sorri, em aprovação, ainda balançado com as memórias do passado.

— Já te falei isso, mas... Tenho muito orgulho da empresa que construiu. O *Domum* não é só muito requisitado, ele também tem uma excelente reputação.

A satisfação em seu rosto era a coisa mais linda de se ver.

— Sabe que é por isso que aceitei... — reafirmou.

— Sei. E agora é você quem está de algum modo salvando a minha pele.

Ela revirou os olhos e depois rimos juntos, em cumplicidade.

— E Osvaldo, está melhor?

— Achei-o bastante abatido. Logo que chegou do hospital, tomou uma sopa que Glória preparou e foi para o quarto. Não somos amigos, sabe. E ele não tinha boas intenções quando se enfiou dentro da minha casa. Embora eu jamais os deixasse sem um apoio, imagino que não seja fácil para ele estar usufruindo do conforto que de bom grado ofereci. Por volta das dez da noite, conversei com Helena, ofereci que comesse algo e ela disse que ele estava dormindo há pelo menos duas horas.

Aquele casal dos infernos me tirou do sério, mas daí eu não oferecer ajuda em um momento de vulnerabilidade era demais e algo que eu realmente não faria.

— Estou torcendo pela recuperação dele. — Ela tomou um último gole do suco e me coloquei de pé. Sob os seus protestos, pois queria ela mesmo fazer, coloquei os pratos, talheres e copos que usamos dentro do lava-louça. — E posso te ajudar com a hospitalidade.

Ela faria, eu sei.

E me destruiria por dentro pensar, por infinitas vezes, como seria tê-la de verdade ao meu lado.

Não tinha nada a ver com usar da sua benevolência, mas sim, da cumplicidade que já experimentei com ela. Queria cuidar daquela mulher... Buscá-la no trabalho, fazer suas comidas preferidas, ouvir sobre o seu dia, oferecer uma massagem para os seus pés cansados, tornar sua rotina mais leve. Mesmo que eu não tivesse tempo nem mesmo para mim, eu faria por ela.

Receber o seu auxílio em minhas questões particulares, era só um plus. Mas não seria hipócrita, ficaria sim muito satisfeito. Afinal, que homem não gostaria de ter do lado uma mulher incrível como ela e que ainda por cima tornava sua vida menos complicada?

Pois é...

O que achei dias atrás ser uma sorte grande, agora se mostrava como um perfeito sistema de tortura.

Eu merecia.

— Está cansada... — Débora passou por mim e instintivamente peguei sua mão. — Vamos para o quarto. — Até porque, precisamos intensificar o meu martírio pessoal.

Ou pensam que é fácil dormir ao lado daquela mulher e agir como se não estivesse louco para tê-la em meus braços?

Na noite passada, mal conseguia respirar, pois a cada vez que tentava, era como se o seu cheiro adentrasse todo o meu organismo no lugar do oxigênio.



— Será que o meu papai ainda não acordou, vovó? — Ouvi a voz fininha enquanto ainda estava no corredor.

Minha mãe era inacreditável.

— Você pode ir ao quarto dele chamá-lo, princesinha. — Ela devia me defender, não? Ah, claro que não, na verdade, ela me colocaria em uma situação embaraçosa sem dó.

— Isso, eu vou lá. O papai gosta quando eu vou lá no meio da noite. Aí ele não precisa dormir sozinho. — Violetta tagarelava e eu segurava o riso.

Amava a companhia da minha filha, mas como qualquer outro pai, adoraria não ser acordado durante a madrugada. Não que ela ainda o fizesse com frequência, mas acontecia quando tinha pesadelos. E aí, eu precisava ir ao quarto dela, checar que não havia nenhum monstro embaixo da sua cama de princesa e torcer para que voltasse a dormir, agora toda atravessada em minha cama.

— Tenho certeza que sim.

Apressei o passo e as encontrei no pé da escada.

— Aonde essa princesa pensa que vai? — Vivi deu um gritinho ao ouvir minha voz. Desci as escadas e a peguei no colo.

— PAPAIIII!!!! — Era bom demais sentir de novo aquele cheirinho de neném e ouvir sua voz tão de perto. — Eu estava com saudades!

— Não mais do que eu, minha filha! — Beije seu rosto várias vezes, até que ela se irritou um pouco e então a coloquei de volta no chão.

Minha bebê estava cada vez maior, mas ainda era uma bebê que cabia perfeitamente em meus braços.

— Mamãe! — Cumprimentei dona Aurora com um beijo no rosto.

— Bom dia, meu filho!

Sem se preocupar em ser discreta, vasculhou a mim e a minha casa com o olhar.

— Achei que chegariam amanhã — comentei, tranquilo. Guardei uma

mão no bolso e a outra segurava a mãozinha delicada de Violetta, que acompanhava atenta o nosso diálogo.

— Surpreso? — Ergueu as sobrancelhas e eu revirei os olhos.

Não que eu devesse alguma satisfação a minha família, mas sabia bem o que a fez sair de São João tão cedo em um domingo. Ainda mais quando o combinado era que traria a neta na segunda à tarde.

Eu iria buscar minha filha, mas minha mãe insistiu dias atrás que tinha coisas para resolver no Rio e que a traria.

— Claro que não. Conheço a mãe que tenho.

— Que bom!

Ainda nos encarávamos, quando Violetta cutucou minha perna, querendo atenção.

— Papai, tem muitas coisas *pa* gente fazer juntinho

— Tem sim, princesinha. — Baguncei seu cabelo e a pequena vaidosa reclamou. Eu realmente não tinha psicológico para lidar com uma filha em crescimento. Ela ainda era uma bebê, meu Deus. — E vamos começar pelo café da manhã. Está com fome?

— Sim!! A vovó me acordou muito cedinho!!

— Para você tomar café com o seu pai. — Tão cara de pau dona Aurora.

— É.

— Bom dia, senhora Figueiredo. Bom dia, bebê! — Glória nos interceptou no meio do caminho para a sala de jantar e toda sua atenção foi direcionada à pequena princesa da casa. — Vou pedir a Conceição que faça a sua panqueca preferida. Ah, e também o suco frutas vermelhas.

— Eu vou lá dá bom dia para a tia Conça.

Antes que elas saíssem em direção à cozinha, minha funcionária avisou que os meus hóspedes preferiram tomar o desjejum no quarto. Achei ótimo, não precisava lidar ao mesmo tempo com minha mãe e o casal Barbieri.

Assim que ficamos a sós, dona Aurora virou em minha direção, com as mãos na cintura e aquela sua expressão que metia medo em muita gente. Até meu pai não hesitava em baixar a crista para ela em uma situação

semelhante.

— Por que fiquei sabendo pelas revistas que você e Débora reataram o namoro?

Reataram era ótimo... Mais de vinte anos separados.

— Justamente porque a senhora pegaria o jatinho da família e apareceria de surpresa aqui no Rio — retruquei.

— Estevão — repreendeu-me, toda brava. — Ainda sou sua mãe. — Encaramo-nos, os dois se enfrentando. Já fazia muitos anos que não me explicava para minha mãe. E ela, bem, ela apenas se valia do argumento de eu ser seu filho. — Não pode brincar com essa garota, não faz ideia de como a deixou quando resolveu ir embora de São João.

Ah, era isso...

Respirei fundo.

Não podia mandá-la cuidar da própria vida. Não quando era dona Aurora Figueiredo, minha mãe. Não quando se preocupava com a minha garota. Não quando tinha certa razão ao me enquadrar.

Pensava em uma boa resposta quando quem não precisava ter acordado antes das nove da manhã surgiu toda linda e com um sorriso que poderia me enviar direto para o inferno.

— Bom dia! — Mamãe virou de uma vez em direção às portas duplas, embora nervoso, segurei o riso para a sua surpresa. — Dona Aurora, que bom vê-la! — Minha *namorada* seguiu direto para a *sogra* e se abraçaram longamente.

— Débora, minha querida! Que saudade! — Mamãe a soltou e segurou seu rosto com as duas mãos. Tinha um sorriso genuíno no rosto, mas que não escondia certa preocupação. Mas que porra. — Está tão bonita! Muito bom te ver!

Depois que se soltaram, ela se forçou a vir para o meu lado e mecanicamente me cumprimentou com um selinho.

— Bom dia!

— Bom dia, linda! — Obviamente, eu aproveitaria de toda e qualquer situação para tocá-la e a puxei para mais perto, abraçando sua cintura. Já estava fodido mesmo... Ela não escondia a fúria em seu olhar e não era para

se estranhar, não contávamos com um encontro com minha mãe.

— Então é verdade? — Respirei fundo de novo. Mamãe podia se controlar. — O quê? — Não podia ser como aquelas senhorinhas fofinhas? Ou fingir alguma inocência? — Ué, passou pela minha cabeça que poderia ser um engano da mídia. Não imaginava que Débora, tão inteligente, cairia novamente na sua lábria.

Meu corpo gelou ao mesmo tempo em que a mão da mulher ao lado tremeu de encontro a minha.

— Pelo amor de Deus, mamãe. — Fiquei até sem reação e fui ignorado.

— Você está bem, querida? — Dona Aurora pegou a mão livre da nora e a olhou profundamente nos olhos. — Quer me contar como foi que isso aconteceu? — Que merda era aquela?

— Mamãe, tenho certeza de que está sendo indelicada com a minha namorada.

— Está tudo bem, dona Aurora. — Claro que não estava. Débora só faltou gaguejar. — Reencontramo-nos, aqui mesmo no Rio e foi inevitável uma reaproximação.

A senhora analisou-a sem pena, demorando em seu rosto, e então fez com que ela soltasse a outra mão que ainda estava presa a minha e agora segurou as duas.

— Sabe onde moro, tem meu telefone, pode contar sempre comigo, Débora. — Desde quando ela falava manso daquele jeito? — Não vou permitir que novamente derrame lágrimas pelo meu filho.

Putá que pariu.

Minha mãe enlouqueceu?

Ela sempre gostou da Débora, eram muito próximas e se davam bem. Fora que dona Aurora conhecia toda a sua família e tinha um carinho especial por eles. Mas aquilo? Era um pouco demais.

O pior de tudo, era ouvir que a fiz chorar. Saber que ela sofreu.

Porra, eu sofri pra caralho quando fui embora, sentia muita falta da minha garota. Mas decidi seguir um objetivo e precisei levantar a cabeça. O problema que aquela escolha não foi feita pela Débora. Ela apenas arcou com

as consequências. E nem preciso dizer que minha mãe foi contra, não é?

Eu tinha que intervir, até porque duvidava que Débora conseguisse falar algo em resposta.

— Linda, Conceição vai fazer panquecas para a Vivi, você aceita? — Aproveitei e já dei a outra notícia, minha filha também estava em casa. Acuada, ela apenas acenou em confirmação. — Então vamos lá avisá-la.

Minha mãe nos acompanhava atenta, peguei a mão da minha *namorada* e seguimos em direção à cozinha. Antes, contudo, que chegássemos, as portas dupla foram abertas.

— Oi, tia *Débola*! — Minha pequena veio correndo, soltamos as mãos e quando viu que tínhamos visita e quem era, parou ao meu lado. — Você vai tomar café com a gente?



Capítulo 21

Estevão Figueiredo Neto

Em seu rostinho tinha um sorriso lindo de satisfação, como se fosse a coisa mais normal do mundo encontrar a tia *Debola* logo cedo em nossa casa. E, de novo, senti as emoções da minha *namorada* através da sua mão, que tremia de leve.

— Oi princesa! — Ela deu um passo à frente e fez um carinho no rosto da minha filha. Até que foi bem. — Eu vou!

As duas trocaram sorrisos e logo dois bracinhos foram esticados em minha direção.

— Colo, papai.

— Que bebezão!

Acomodei-a, como pediu, e, de novo, beijei-a. A coisa boa de todo aquele tumulto logo cedo era ter Vivi de volta. Senti sua falta.

— Quer que eu pegue uns *livinhos pa* gente ler no café, papai? — perguntou, toda manhosa, enrolando uma mecha do meu cabelo em um dedinho.

— Podemos ler depois, o que acha? Inclusive, comprei alguns novos — sugeri.

— A tia *Débola* pode ler com a gente? — Eu era um bom e amoroso pai, sabe. Não merecia receber esses solavancos da vida. A tia *Débola* deve ter quase caído dura ali ao meu lado. — Eu e o papai amamos ler os meus

livinhos, tia — Violetta continuou tagarelando.

— Se ela quiser, pode sim — minha voz saiu em um sussurro. Eu estava um pouco nervoso, porra, fazer o quê.

— Claro, princesa — Débora respondeu e virei em sua direção, encontrando um sorriso mais do que apreensivo estampado em seu rosto.

— Vai ser muito legal! — A pequena se agitou em meu colo quando entramos na cozinha, coloquei-a no chão e conversei rapidamente com as minhas funcionárias.

Antes de sair, alcancei a mão da minha *namorada*.

— Estive com seu pai e Emília ontem, Débora — dona Aurora disse ao nosso lado, chamando a atenção para si.

— Que coisa boa! — ela respondeu, ainda tímida.

— Reclamaram que faz tempo que você não vai para São João.

— Eles sempre reclamam!

— Quem sabe vocês não vão juntos em algum final de semana?

O que estava acontecendo com a minha mãe que pareceu tomar posse de toda a inconveniência do universo? Ela estava agindo pior até mesmo que Eva.

— Filha, enquanto sua panqueca não vem, vai no seu quarto e escolhe um livro? — pedi e dei graças a Deus por Vivi ser bem obediente.

— Estava com saudades do meu quartinho. — Ela saiu toda feliz.

Cruzei os braços, respirando fundo para não brigar com dona Aurora.

— Tenho certeza de que a senhora vai deixar que eu mesmo conte a minha filha sobre o meu relacionamento.

— Violetta não sabe? — Será que eu tinha cara de idiota?

— Se ela soubesse, teria espalhado para toda a família.

Seu olhar era severo, ela ficou pensativa, mas insistiu no assunto.

— Vocês estão mesmo namorando? — Revirei os olhos, puto por ela ser tão observadora. Bastou poucos minutos para não acreditar em nós? E será que era tão irreal que estivéssemos juntos? Parecia que sim. — Não acho que seja uma mentira, Estevão. Mas pode ser que estejam apenas se reaproximando e foram surpreendidos aqui em sua casa. Sei que vocês jovens

fazem essas coisas.

Havia certo desgosto em sua voz, o mesmo que mamãe não escondia quando contava que Eva e eu não ligávamos para tradições. Nós dois, definitivamente, éramos a pedra no sapato de dona Aurora. Eva com um namoro que durava quase uma década, eu sem me prender a ninguém em específico.

— Estamos namorando — disse firme e puxei minha garota para o meu lado. Não para ser uma afirmação a minha mãe, mas para deixar claro a Débora que eu estava no controle.

— E estamos bem, dona Aurora. — No entanto, minha *namorada* sabia se garantir sozinha. Sempre soube. Contive um sorriso orgulhoso, porque ainda estava puto. Dona Aurora realmente achava que eu foderia com tudo e deixaria Débora mal? Na verdade, era pior, ela parecia ter certeza. — Agradeço pela preocupação, mas pode ficar tranquila.

— Gosto muito de você, Débora. — Ela novamente amansou a voz. — Estevão é meu filho e eu o amo, mas nunca deixaria de te proteger.

Não parecia que ela me amava, não.

— Não acha que pode ser ela a quebrar o meu coração?

— E seria como uma reparação histórica — retrucou.

Putá que pariu.

Enviada pelos anjos, Vivi chegou correndo.

— Eu voltei. — E foi direto para vocês sabem quem. — Olha, tia *Debora*, esse aqui tem bichinhos que falam.

— Vou adorar ler com você!

Débora Montesano

Dona Aurora, a matriarca da família Figueiredo, era uma mulher intensa. Sempre foi. E eu achei que a Débora, mais madura e bem-sucedida, saberia lidar com ela. Ledo engano.

No passado, quando Estevão colocou um ponto final em nosso namoro, ela vivia indo me buscar em casa e insistia em me levar para almoçar ou fazer compras. Era o seu jeito de dizer que estava ao meu lado.

Aqueles atos nunca trouxeram seu filho de volta para mim, mas foi muito delicado da sua parte.

Era ela quem comandava sua casa.

Seu marido, o poderoso político e que já foi até governador do nosso estado, não tinha a menor chance de competir com a sua personalidade forte. Os filhos, muito menos.

Todos eles respeitavam a força da natureza que era Aurora Figueiredo.

O problema é que agora todo aquele seu cuidado vindo de um instinto materno, mais do que apurado, estava me enlouquecendo.

Se Estevão um dia foi embora, Aurora ficou.

Foi ela quem presenciou o meu choro, a aparência triste, o constrangimento na cidade. Também foi ela quem me abraçou muitas vezes e disse que homem não merecia a nossa tristeza, nem mesmo o seu filho, e que gostaria de me ver seguindo em frente.

Eu segui...

E agora era muito nítido o receio traduzido em suas expressões e palavras de que eu me ferisse novamente.

Foi o café da manhã mais longo da história. Ainda pior do que aquele em precisei aturar o casal Barbieri em meu encalço, prontos para pescar qualquer deixa que entregasse algo de errado com o meu *namoro*.

Estava tão tensa com a presença da minha ex-*atual*-sogra, que nem mesmo Estevão em seu melhor papel *papai do ano que ler livrinhos para a filha e é totalmente atencioso com ela* me abalou.

Aliás, reconheço que foi a presença da Violetta que deixou o ambiente minimamente confortável.

Aquela garotinha era mesmo uma princesa.

— Tia *Débola*, vou pedir ao papai para a gente almoçar no barquinho, lá é muito legal! — Por falar nela... A pequena soltou essa justamente quando eu, mentalmente, traçava um bom plano de como escapar da família Figueiredo até dona Aurora retornar para sua casa.

No entanto, o destino não estava alinhado comigo.

Sem que eu pudesse controlar, meus olhos logo buscaram Estevão.

— Um iate — contou, divertido, fazendo-me abrir a boca algumas vezes. — Na Marina.

— A gente pode ir, papai? — Vivi insistiu em sua ideia e suspirei baixinho. Ela mesma já havia me envolvido, não me parecia possível simplesmente não participar da programação.

Meu Deus, será que eu estava preparada?

Não, não estava.

— Vou ver se está disponível. — Eu não tinha estrutura para a doçura com que ele se dirigia à filha. Existia o Estevão que era frio e muito firme com os seus pares da política; atencioso, sexy e filho da puta comigo; amoroso e rendido com a mãe e, totalmente, entregue a Violetta. E isso me estremecia por inteira. — Tudo bem para vocês? Se não, podemos escolher um restaurante, imagino que mamãe queira passear um pouco pelo Rio e por isso veio tão cedo para cá.

É, parece que a chegada repentina da matriarca não o agradou muito.

Será que pretendia esconder o nosso namoro da filha?

Provavelmente...

Ela é criança, conseguiríamos montar um esquema para que não fosse envolvida. Talvez nem precisássemos nos encontrar e ele a manteria longe da nossa mentira.

— Eu vou amar passar o domingo com você e passeando bastante pela cidade, meu filho! — a matriarca respondeu com tanto sarcasmo, que soou até engraçado.

Ela chegou de surpresa de propósito!

— Bem, preciso ir em casa — anunciei e me virei para o papai do ano e filho de dona Aurora que estava meio desnorteadado. — Você me avisa aonde iremos?

O seu alívio por saber que eu não fugiria do domingo em família quase me fez rir. Quase. Por aí me lembrei que seria um dia inteiro fingindo, estando na mira daquela senhorinha, que era esperta demais, e da menininha, chamando-me de tia *Débola* e a ele de papai.

Não sabia se tinha psicológico suficiente...

— Já vai, tia? — Violetta deixou o pão de queijo de lado e

automaticamente sorri para ela.

— Vou me arrumar para o almoço, querida.

— Mas você já está linda.

Como que lidava?

— Mas não o suficiente para almoçar com uma princesa.

Seus olhinhos brilharam.

Era a criança mais linda e encantadora que já conheci. Além de ser toda educadinha, tinha muito carisma e uma fofura fora do normal.

É, seus pais faziam um bom trabalho...

— Eu também preciso me arrumar papai. — Na mesma hora, ela virou-se para o pai e vi uma expressão quase preocupada em seu rostinho.

Prendi o riso e, quando meu olhar alcançou dona Aurora, precisei prender o choro também.

Aquela mulher me conhecia bem demais. Ou talvez era eu que não conseguia esconder as minhas emoções. Ou as duas coisas. Fato é que ela soube o quão atormentada eu ficava ao lado da pequena.



Capítulo 22

Débora Montesano

A minha capacidade de tomar decisões erradas ainda iria me colocar em problemas sérios. E, mesmo sabendo disso, o que eu fazia? Seguia fazendo as piores escolhas.

A mais nova foi aceitar o convite do meu *namorado* para viajar até Brasília com ele e a filha.

Era só ter dito não, sabe

Eu tenho uma empresa que depende de mim, tenho funcionários para comandar, festas para fazer. Tenho uma vida.

Mas não.

Pensei apenas na garotinha que não queria desgrudar do pai e no Senador que teve urgências de última hora e precisaria estender a viagem que seria de apenas um dia.

E cá estava eu.

Deixa de ser sonsa, bem que você também não queria desgrudar desse homem quase pecaminoso de tão lindo.

Prefiro não comentar...

O trajeto em si até que não foi difícil de lidar. Estevão fez duas reuniões e só se desligava do notebook ou celular para checar se a filha e eu estávamos bem. Tomou um café porque eu insisti e, todo compenetrado e às

vezes bem bravo, distribuiu uma enxurrada de ordens nas quase duas horas de voo.

Violetta me chamou para brincar de boneca e aceitei, mesmo com a presença da sua babá, que era uma fofa e muito atenciosa, ela procurava ficar perto de mim.

Estava tudo certo, até receber aquele olhar que tem a capacidade de me desmontar. E não fui mais a mesma desde que pousamos.

Era como se me dissesse que, para ele, também não soasse natural que eu estivesse ali, vivendo a sua vida, brincando com a sua filha.

Depois de tantos anos...

Se eu fazia escolhas estúpidas, ele também não ficava atrás. Afinal, quem foi que me convidou? E quem teve a brilhante ideia do namoro falso? Então...

Seguimos de carro até o condomínio onde ficava sua casa, que era tão imponente quanto a do Rio. No entanto, ali, senti que tinha mais a ver com ele. Mesmo ainda havendo um toque clássico na decoração, a arquitetura era moderna e até mesmo sóbria.

Ainda era cedo, havíamos pego o voo às sete da manhã, o calor solar era latente e o céu ostentava um lindo azul.

O motorista levou as malas para dentro da casa e uma funcionária, que Estevão apresentou como Dora, depois de abraçar e beijar Violetta, chamou-nos para fazer um lanche.

Eu tinha certeza de que ele iria negar, parecia ansioso em continuar resolvendo seus assuntos de trabalho com Rita, a assessora, mas agi depressa e agradeci, deixando claro que ele iria sim se alimentar antes de entrar em mais uma reunião.



— Não gostei muito daquele casal, tia *Débola*. — Estava na casa de boneca da Vivi, que ela humildemente chamava de castelinho, nós duas sentadas brincando com algumas *Barbies*.

Sabia que não havia sido mera impressão da minha parte, percebi que

a pequena ficou muito retraída na presença dos Barbieri.

Desde o retorno do hospital, no sábado, eles se fecharam e quase não quiseram papo com a gente. Por um lado, era um alívio não precisar aturar toda a inconveniência que os acompanhava, por outro, era inevitável não ser empática com o desconforto de ambos.

Eles, inclusive, foram embora do Rio no dia anterior e recusaram a oferta de virem hoje para Brasília conosco.

— Por que, princesa?

— Estavam de *cala* feia.

Crianças são observadoras. E sensíveis.

— O seu Osvaldo precisou ir ao hospital, não estava se sentindo bem, deve ser por isso — expliquei, com jeitinho, desejando que ela entendesse que não era pessoal.

— É. Mas eu não gostei deles. — Eu também não, querida. — Vamos pedir bife e batata *fita* no almoço? — E, assim, ela mudou drasticamente de assunto.

— Seu pai te deixa comer isso? — Estreitei os olhos e ela deu uma risadinha.

— Não pode *sempre* — confessou. — Ele diz que é *fitura*. Mas você é visita, tia. O papai não vai reclamar.

Pelo o que vinha percebendo da minha recente convivência com Estevão, ele até gostava de mimar a filha, mas era cheio de regras.

— Espertinha. — Apertei seu nariz, fazendo com que se encolhesse de tanto rir.

Era fim do dia quando ele surgiu na porta do quarto da Vivi. Parecia cansado, mas agora teria uma garotinha cheia de energia para lidar.

Ela demorou um pouco a percebê-lo e, quando o fez, abriu um sorriso imenso, que fez meu estômago revirar de emoção.

— A tia *Débola* gosta muito de *bincar* comigo, papai.

Não sei se foi aquela vozinha deliciosa de ouvir ou o olhar desconcertante que ele me direcionou, mas perdi até as forças.

— Estou vendo! — Ele sorriu e em toda a sua glória, caminhou para

dentro do quarto. Usava uma calça jeans ajustada ao corpo e uma blusa de gola polo, que deixava ainda mais em evidência os músculos dos seus braços. Uma tentação, sabe. — Posso ficar com essa aqui? — perguntou, sentando-se ao nosso lado, formado uma rodinha, e logo depois de pegar uma das bonecas.

— Pode. — *É melhor não olhar para ele brincando com essa réplica perfeita de um bebê.* Bem que a minha mente tentou me avisar, mas quem disse que eu escuto? Ali, eu quase fui com Deus. Estevão calmamente ninava a boneca, enquanto conversava com a filha. — Conte para a tia *Débola* que sou a mamãe da Dulce.

Suspirei e ganhei uma encarada, com sobrancelhas erguidas e tudo. E, pela segunda vez, dentro de poucos minutos, quase morri.

— Uma ótima mamãe.

— Isso. Eu faço tudo com ela. — Era a coisa mais fofa do mundo aquele mini pedaço de gente carregando a tal boneca, que estava com o pai, para todo lado.

O sorrisinho dela foi direcionado para mim e só consegui retribuir com um repuxar dos lábios. Eram emoções demais para eu conseguir lidar.

Estevão Figueiredo Neto

A rotina noturna com Vivi normalmente era bem calculada. Banho, jantar, leitura e depois cama. Eu tentava ao máximo acompanhar cada passo.

Minha filha já estava sonolenta quando subimos do jantar. Eram oito da noite, mas percebi que lutaria contra o sono quando perguntou pela tia *Débola*.

Bem, talvez esse tenha sido um passo em falso em nosso arranjo.

Em nenhum momento passou pela minha cabeça escondê-las uma da outra, mas também não imaginei que a pequena fosse se apegar daquela forma e tão rápido.

Eu até podia me esforçar para ser um pai presente e suprir as necessidades dela, mas Violetta já tinha cinco anos e percebia que a nossa configuração familiar era diferente da maioria dos seus coleguinhas.

Ela constantemente queria falar sobre a sua mãe.

Não ter calculado que daria muito ruim colocar uma figura feminina para conviver com a minha filha, que não fosse as suas referências, como as avós, tias e funcionárias das nossas casas, foi um terrível erro da minha parte.

Violetta sabia bem distinguir o papel de cada uma dessas mulheres.

No entanto, bastou poucos dias perto da Débora, para se apegar e desejar uma presença que não lhe era comum.

Normalmente, ela achava ruim quando eu não conseguia colocá-la para dormir ou não estava presente em alguma das suas rotinas. Mas não tinha o costume de pedir que Eva ou minha mãe, por exemplo, fizessem atividades com ela. Bastava estar acompanhada, não importava por quem, e tudo dava certo. Seu apego sempre foi exclusivamente comigo.

E, ali, arrependi-me um pouco.

O que eu tinha com Débora era um acordo. Um namoro falso. E que, em breve, chegaria ao fim.

Eu até poderia desejar tê-la de verdade em minha vida. E realmente queria. Mas Violetta era um limite rígido para mim e me matava um pouco a mera possibilidade de fazê-la sofrer.

— A tia Débora precisa trabalhar. Sabia que ela tem uma empresa? — Ela negou, balançando a cabecinha. — Então, ela passou o dia com você e agora está cuidando de assunto de trabalho — expliquei.

— Ah... Tadinha, papai. — Esforcei-me para não rir da carinha de pena que fez. Uma figura!

Respirei fundo, precisava ter uma conversa com ela e, naquele momento, em que estávamos apenas nós dois, era o ideal.

— Filha, sabe por que a tia Débora está aqui com a gente?

Internamente, estava confuso. Se por um lado não queria e não podia iludi-la, por outro, não tinha como esconder dela o meu *namoro*. E, muito menos, contar a verdade. Violetta era só uma criança, afinal.

— Porque ela é sua *namorada* — respondeu na lata, pegando-me desprevenido.

— Isso.

Mas também o que achei? Vez ou outra ela questionava se eu não

tinha ninguém, chegou um dia a dizer o absurdo que eu poderia namorar a mãe de uma coleguinha do colégio, justificando que ela era sozinha igual a mim. Era cada situação. Parecia crível que ela entendesse quando a coloquei em contato com uma mulher que não fosse família ou funcionária. O que nunca fiz antes.

— Eu gosto da tia *Débora*, papai.

— E posso saber o porquê?

— Porque ela *binca* comigo, ela te faz rir toda hora, ela é muito legal...

Certo, eu devia ficar tranquilo, mas tudo em mim fervilhava. Estava me fodendo por conta da ideia estúpida de fingir namorar minha ex-namorada.

Porra, eu costumava ter ideias inteligentes, era um cara articulado, fui eleito Senador da República, quando foi que me perdi?

— Ela é... Então, não se importa que ela esteja com a gente em alguns momentos?

— Eu *quero* que ela esteja com nós dois. — Sorri, ainda sem graça por estar enganando minha menininha. — Papai, já que a tia *Débora* não vem, eu vou dormir logo. Estou com soninho.

Simples assim. Nós adultos é que temos o costume de estragar tudo.

Beijei sua testa e puxei-a para um abraço apertado.

— Eu te amo, minha princesa

— Também te amo, papai.



Logo após o jantar, Débora disse que precisava fazer uma ligação de trabalho e não conversamos mais. Na verdade, trocamos poucas palavras durante todo o dia. E quando o fizemos, foi algo relacionado a minha filha.

Ela, por sua vez, já não parecia tão desconfortável na presença da Vivi.

Depois de colocar a pequena para dormir, tomei um banho e desci para o escritório. Ainda tinha trabalho pendente... Documentos para assinar,

relatórios que não li e propostas de leis que seriam votadas pelo Congresso e eu precisava estudar. Além dos negócios que eu tinha fora da política e precisava dar atenção.

Não sei quanto tempo passou desde que me sentei na cadeira de couro, mas estava totalmente imerso na leitura de um documento quando ela passou pela porta.

Seu andar até podia ser quase silencioso e discreto, mas seu cheiro, este denunciava a quilômetros sua presença.

— Acho que você precisa parar um pouco! — Não me pareceu ser uma sugestão. — Toma um chá comigo? — perguntou e não demorei nem um segundo para assentir.

Fechei o notebook e guardei o documento em uma das gavetas da minha mesa.

— Achei que tivesse trabalhando.

Débora me estendeu uma das xícaras que carregava e fomos para a sala. Acomodamo-nos em um dos sofás, ela sentou encolhendo as pernas e ficamos de frente para o outro.

— E estava. Mas já são quase onze da noite. — Uau! Eu realmente não vi o tempo passar. — É hora de parar. Nós dois.

Sorri sozinho. Era no mínimo, diferente ter alguém que se preocupasse com o que eu fazia. E Débora era boa nisso. Inclusive, pela manhã, praticamente me obrigou a comer algo antes de começar a trabalhar. E o fez sem proferir uma só palavra.

Eu poderia facilmente me acostumar.

— Gostei desse. — Tomei mais um gole da bebida, agora, tentando distinguir os sabores. — Tem camomila?

— E capim-santo. — Deu um sorrisinho cheio de satisfação. Desde sempre, tentava me convencer a tomar junto com ela. Quando era moleque, eu só negava e ponto final. Mas a gente amadurece e aprende que na vida não se faz só o que gosta. — É relaxante... Seu dia foi intenso.

— Sempre é. — Não era fã de chá, mas tinha que dar o braço a torcer, aquele até que estava gostoso. — Muito trabalho, uma filha pequena e pouco tempo para dar conta de tudo.

Encarei aquela mulher linda, o cheiro delicioso de sabonete e hidratante, deixando-me louco, seu olhar em mim era profundo.

— Hoje precisei fazer uma reunião online com a equipe do colégio dela. — Ela me ouvia atenta. — Abriram uma exceção. Não tive como participar presencial, por conta da viagem... E não gosto de enviar representantes em meu lugar. Enfim, deu tudo certo.

As palavras só foram saindo... E eu não tinha um motivo específico para contar aquilo para Débora. Só queria... compartilhar?

— Ela é um amor — disse, sem jeito.

— E gostou muito de você. — Nossos olhares se encontraram e encarei-a. — Violetta é a melhor parte da minha vida, Débora. A parte que realmente importa.

— Eu também gostei muito dela. — E eu acreditava. Não achava mesmo que ela pudesse fazer algo para magoar minha filha. Ou não permitiria qualquer aproximação. — Quero te perguntar uma coisa e certamente é bem particular.

Já imaginava que em algum momento ela me questionaria. E estava tudo bem.

— Você pode perguntar o que quiser.

Ela demorou um pouco, deveria estar formulando bem as palavras que usaria. Esperei, tranquilo. Era um assunto bem resolvido em minha vida. Não tinha como não ser.

— A relação de vocês é linda, sua filha é apaixonada pelo papai, mas, até agora, não ouvi nada sobre a mãe dela.

Acertei em cheio.

Primeiro, busquei seu olhar. E, só depois, dei as primeiras informações.

— Vivi só conviveu por três dias com a mãe. Ela faleceu no hospital em que deu à luz.

Débora arregalou os olhos e não conseguiu esconder que se abalou com a minha resposta. Bem, a vida não costumava ser fácil para ninguém. Nem para a minha garotinha.

— Sinto muito, desculpe ter tocado neste assunto.

— Chega para cá. — Ela estava muito sem graça, puxei-a para mais perto e passei o braço sobre o seu ombro, deixando um beijo no topo da sua cabeça. — Quero te contar essa história.



Capítulo 23

Estevão Figueiredo Neto

Era um assunto delicado para mim, sem dúvidas.

Achava muito injusto que Victoria não tenha tido a oportunidade de viver a maternidade e acompanhar o crescimento da filha e que Violetta não tivesse a mãe ao seu lado.

Eu tinha consciência que aquele posto sempre estaria vago em sua vida e não podia ser ocupado nem mesmo por mim. Mesmo que eu me desdobrasse.

Minha filha agora perguntava pela mãe e, por enquanto, tudo o que sabia era que ela havia virado uma estrelinha. Aos poucos, eu contaria a ela toda a história. Por hora, dava-se por satisfeita com os vídeos e fotos que eu lhe mostrava. E era o que a sua maturidade permitia compreender.

— Eu havia acabado de sair de uma sessão intensa na Câmara, na época, era Deputado Federal, passei o dia em votação e quando cheguei em meu gabinete, Rita me entregou meu telefone pessoal, que eu havia deixado lá, e disse que um número ligou por diversas vezes. Em um primeiro momento, não dei atenção. Depois de ter passado um dia inteiro em guerra com a oposição, não estava a fim de falar com ninguém.

Porra, naquele dia a minha vida começou a mudar. E fazia tempo que eu não o revisitava.

Tomei um tempo antes de continuar, Débora estava em silêncio com a

cabeça deitada em meu ombro. Não era difícil falar com ela sobre aquele assunto. Na verdade, com ela eu realmente podia conversar sobre qualquer coisa.

— Eu ainda nem havia dispensado a minha assessora quando o aparelho vibrou em minha mão. O número de outro país causou-me uma grande estranheza e resolvi atender. *Victoria Woods*. Não éramos amigos e não nos falávamos desde que nos despedimos depois de uma viagem pela Europa, cerca de quatro meses antes.

Foram dias completamente insanos. Uma viagem de amigos em que a regra máxima era se divertir. Levei tão a sério, que até engravidei uma mulher que conhecia há dias.

Durante um mês, curtimos o verão Europeu. Grécia, Saint-Tropez, Ibiza...

Conheci Victoria logo nos primeiros dias, em um *beach club* de Mykonos. Assim como eu, ela estava acompanhada de uma turma animada e sem qualquer juízo. Aproximamo-nos e ficamos juntos, Marcos, meu amigo, pegou praticamente todas as suas amigas e nos tornamos não apenas um único e numeroso grupo, como também seguimos juntos para o próximo destino.

Rolou uma química boa entre nós dois, Vic, além de linda, era divertida, espirituosa e uma excelente companhia. Ela não queria compromisso, assim como eu, e, portanto,decidiu que ficaríamos juntos.

E foi o que fizemos, relacionamo-nos casualmente durante toda a viagem.

Quando nos despedimos, não houve promessas de reencontro, nem mensagens posteriores, beijamo-nos no aeroporto na Espanha e só fomos nos falar novamente naquela ligação, meses depois.

— Ela me contou sobre a gravidez. Cancelei todos os meus compromissos da semana e em dois dias embarquei para os Estados Unidos. Posso ser tudo, menos um cuzão irresponsável. Se ela estava grávida e dizia que eu era o pai, eu iria assumir e ponto final. Não era o cenário ideal, morávamos em países diferentes, não tínhamos intimidade, e tudo o que eu sabia sobre ela era ser americana, modelo e que morava sozinha em Nova York, enquanto os pais moravam na Flórida. Ela não acreditou quando nos reencontramos... Estava um tanto desesperada, mas já amava a criança, sabe.

— Ei, está tudo bem. Não precisa abrir tantos detalhes. Fui indiscreta. Isso realmente é muito pessoal.

— É você, *corujinha*. E com você eu não preciso ter segredos. — Beije o topo da sua cabeça e ouvi um suspiro seu. Foda. — Bem, estive na consulta médica, no ultrassom, combinamos algumas coisas e voltei para o Brasil. Nunca deixei de ser o cara *família*, estava feliz por ser pai, mesmo correndo o risco de ser esfolado por dona Aurora. Minha mãe pirou quando contei que havia engravidado uma mulher que morava em outro país e com quem eu não tinha qualquer relacionamento amoroso.

O sorriso que ela deu foi o mais triste que já vi e aquilo me fodeu bastante. Não tinha como ser diferente, no lugar dela, eu também ficaria muito mexido. Preferia nem pensar que nestes pouco mais de vinte anos ela também teve seus relacionamentos. Não nego que sou hipócrita pra caralho.

— Durante a gestação, viajei algumas vezes para acompanhá-la nas consultas e tomar providências sobre a chegada da nossa filha, mas o que não esperávamos de jeito nenhum era descobrir, quando estava com quase 30 semanas, que Vic tinha um tumor no cérebro.

Não gostava de lembrar. Era muito doído. Porra, como foi sofrido receber aquela notícia.

Victoria era tão jovem, tão apaixonada pela vida, estava feliz e curtindo a gravidez. Lembro de ter chorado no banho, ter implorado a Deus que a curasse. Quando fechava os olhos para dormir, meu grande desejo era que tudo não passasse de um sonho ruim.

— Meu Deus, Estevão.

Débora ergueu o rosto e encarou-me.

Tinha os olhos marejados, assim como os meus. Com cuidado, entrelaçou as nossas mãos e então trocamos um longo olhar.

— Foi uma merda. Tínhamos as nossas diferenças, não éramos namorados e morávamos em países diferentes, mas estávamos felizes. — Ela balançava a cabeça conforme eu falava. Atenta, empática, como a melhor amiga que já foi para mim. — Violetta nunca foi uma criança rejeitada. Havia algumas semanas Vic não passava bem, com muitas dores de cabeça, fraqueza, chegou a desmaiar durante uma sessão de fotos. Viajei às pressas para Nova York, seus pais foram encontrá-la lá também, e, depois de muitos

exames, o diagnóstico veio com uma bomba.

Um silêncio instaurou-se.

Débora me dava tempo enquanto fazia um carinho em minha mão.

Como um gesto tão simples conseguia de fato me acalmar e fazer sentir-me em casa? Era esse o poder que ela ainda tinha sobre mim?

Trocamos mais um olhar e então, novamente, deitou a cabeça em meu ombro.

— Ela não poderia tratá-lo, não é? — perguntou, baixinho.

— Não... Ou mataria a nossa filha. — Inevitavelmente, minha voz embargou e ouvi um suspiro doído ao meu lado. — Ela escolheu Violetta. Foi tudo muito rápido, dias antes eu havia enviado foto do papel de parede que comprei para o quatinho dela aqui no Brasil, e, então, Vic estava internada e praticamente com uma sentença de morte em mãos. Foi muito doloroso, não sei nem te explicar o quanto. Ver uma mulher cheia de vida e sonhos, que queria muito viver a maternidade, definhar e perder toda a energia, foi uma das situações mais tristes que já vivenciei.

Não era raro eu me pegar pensando em como seria a relação da minha filha com a mãe. Se seriam amigas, confidentes, inseparáveis. Eu diria que sim para tudo. Além da aparência... Vivi é uma cópia da Vic.

A cada momento em que desejava ceder e fazer as vontades da minha pequena, pensava se a mãe faria o mesmo. Acho que Vic não estragaria a filha. Então quase sempre ergo a cabeça e tento ser o mais “pai” possível.

— Sinto muito, Estevão... — Débora suspirou, tinha os olhos vermelhos e voz estremecida. — Por você, por Victoria, por Violetta. Nossa, eu não sei nem o que falar.

Outro silêncio. Peguei nossas mãos ainda entrelaçadas e levei até minha boca, beijando o dorso da sua.

Ali não havia namoro de mentira, encenação ou um político astuto querendo me foder.

Era só Débora e eu.

Minha ex-namorada.

A mulher que já foi o grande amor da minha vida, mesmo quando eu nem sabia bem o que era e minha melhor amiga.

E aquilo me dava uma paz que eu não sabia explicar.

— Vou te confessar uma coisa, pode ser que você não goste, mas vou falar assim mesmo. — Analisei-a, rapidamente, e continuei. — Pensei muito em você naquela época. Não que eu tenha deixado de pensar ao longo dos anos, mas diante de toda a loucura que eu estava vivendo, pensava em você diariamente. Antes de tudo, você foi a minha melhor amiga e eu queria muito poder ter dividido com você, ter escutado os conselhos que me daria, eu faria o que me mandasse fazer, *corujinha*.

O olhar amoroso que me enviou foi como um soco no estômago.

— Eu certamente falaria para você ser o melhor pai para a sua filha — disse, toda emocionada. — E isso você faz todos os dias. — Foi a minha vez de dar uma desmoronada. — Mesmo que eu deteste a melancolia, é muito difícil não pensar em nosso passado. No entanto, consigo reconhecer que você é um pai incrível. Tenho muito, mas muito orgulho de você. Violetta não poderia ter um pai melhor, Estevão.

Perdi até o rumo.

Sem saber o que dizer e emocionado, puxei-a para um abraço. Um longo abraço. Que se estendeu, confortável. Antes de soltá-la, terminei de contar a história da minha vida e da minha filha.

— Vic levou a gravidez até onde o seu corpo aguentou, o parto foi marcado com urgência, quando os médicos entenderam que era o limite. Já estava muito fraca, praticamente morando no hospital. — Receber o diagnóstico, foi punk. Mas o período antecedente ao parto, foi insano. Estremecia-me só de lembrar. Não queria perder Vic, não queria perder a minha filha. Nunca havia vivido algo nem parecido. — E três dias depois do dia mais feliz da minha vida, ela nos deixou. Sei que foi um descanso, mas aprendi amar Victoria, no processo de tudo o que vivemos enquanto esperávamos Violetta, tornamo-nos grandes amigos.

Débora secou uma lágrima que escorreu dos meus olhos, uma que nem me dei conta. Ela sorriu triste e eu quis beijá-la. Não era sobre prazer ou tesão, mas pelo reconhecimento de, que não importava o motivo, ela estava novamente ao meu lado.

— Vivi nasceu de uma história de amor, a mãe deu a vida por ela. Não tenha medo de um dia contar, ela precisa saber o quanto foi amada por Victoria.

Respirei fundo, absorvendo suas palavras.

— É um bom jeito de interpretar, até hoje eu só enxergava a tragédia.

— Ela tem contato com os avós? — perguntou, interessada.

— Sim... Falam-se com frequência. Todo ano, eu a levo para os Estados Unidos, ficam um tempo juntos. Ela tem primos que a adoram. Os avós também vêm ao Brasil visitá-la.

— É uma garotinha muito amada!

Sim, ela é.

E eu era um sortudo do caralho.

Pela filha que ganhei.

Pela oportunidade que estava tendo novamente na vida.

E eu nem merecia.



Capítulo 24

Estevão Figueiredo Neto

Havia convocado uma sessão de emergência, que foi uma completa confusão. Agora, como presidente do Senado, podia trabalhar com liberdade e reconhecer em paz, o quanto as obstruções sugeridas e, às vezes, até impostas pelos partidos, atrapalhavam o andamento dentro do Congresso.

Na maior parte do tempo, não passava de ego dos caciques partidários e ideologias que ficavam acima do bem comum.

Depois de conversar com vários Senadores e marcar reuniões para a semana seguinte, pois queria voltar logo para o Rio, consegui me desvencilhar e caminhar para o meu gabinete.

Tirei o telefone do bolso interno do paletó e, assim que desbloqueei a tela, dei um sorriso. E suspirei aliviado. Eram elas, as duas pessoas que tinham o poder de me acalmar, cada uma do seu jeito.

Abri a porta que tinha uma placa com o meu nome e um corpinho correu, jogando-se em mim.

— Papai, aqui é muito legal. — Ergui no colo uma Violetta eufórica, ela sempre era sorridente e alegre, mas, ali, estava ainda mais. Sentindo-se importante, sabe? Meu coração até se apertou. — Posso vir todo dia?

— Oi, princesinha! — Beije seu rostinho e ganhei aquela risadinha que ela dava quando recebia carinho. — Então, você gostou do meu trabalho?

— Muito! — respondeu, segurando as laterais do meu rosto. — A tia

Débora disse que eu ia gostar. Ela estava certa!

Meu olhar foi direcionado para a mulher ao seu lado, que nos observava toda bobinha. Automaticamente, levei uma mão até sua cintura e puxei-a para perto. Além de nós, havia no gabinete várias pessoas da minha equipe, mas, para mim, era como se estivéssemos a sós.

— Oi, linda! — sussurrei em seu ouvido, gostei da ver sua pele levemente arrepiada, ri próximo a seu pescoço e, então, olhei-a. Linda demais. — Como foi o dia de vocês?

— Livrinhos, bonecas, chá da tarde... Um dia agitado, podemos dizer. — Ela não estava reclamando, havia um sorriso em seus lábios e o tom divertido que lhe era particular.

— Um dia cheio de energia! — E eu sabia bem que era necessário vigor para lidar com a minha filha. — Venham, vou mostrar tudo.

Peguei a mão da mulher, minha filha ainda em meu colo e saí em direção às salas internas, a que eu ocupava era a última. Também havia uma cozinha, dois banheiros, além do que era privativo para mim, sala de reunião e sala social.

Violetta observava tudo com atenção e Débora tocou em meu braço, fazendo-me olhá-la.

— Até o plenário?

Será que era uma boa ideia? Vivi já havia pedido muitas outras vezes para ir conhecer onde eu trabalhava e sempre me esquivei. Até que cedi hoje durante o nosso café da manhã, mas muito mais porque Débora estaria junto e me senti mais confiante.

— Hum... O que você acha?

Buscar sua opinião foi algo natural para mim, mas percebi que a surpreendi. A mulher até demorou alguns segundos para me dar uma resposta.

— Que todo filho quer conhecer onde os pais trabalham. — Um sorriso surgiu em seus lábios. Talvez não fosse tão ruim. E não é como se eu pretendesse levar sempre minha filha, era uma oportunidade quase que única. — Ela vai amar! Você está confortável?

Confortável não era a melhor palavra, não tinha como ficar estando naquele ambiente quase que hostil. Mas era o meu trabalho. E é o que tinha

para apresentar a Violetta.

— Bem, já deve ter esvaziado, não há mais sessões hoje. Acho que não teremos problema.



Depois de consultar Débora e ela dizer que estava tudo bem esticar a viagem pelo fim de semana, retornamos para o Rio apenas no domingo à noite. Aproveitei ao máximo o tempo livre ao lado delas. Fomos à piscina, saímos para jantar, cozinhamos juntos, lemos muitos livros para Violetta e ficamos conversando até tarde na sacada do quarto, depois que colocamos a pequena para dormir.

Uma rotina quase perfeita se não tivesse prazo de validade.

Não me passava despercebido o quanto ela se retraía em algumas ocasiões, ficava calada, pensativa, como se tivesse distante. Nessas horas, eu imaginava o que se passava em sua cabeça, que o que tínhamos era só um acordo temporário.

O que começou como uma medida para salvar sua reputação, rapidamente estava nos deixando em uma situação complicada. Ao menos, eu estava. Passar qualquer tempo ao lado dela era bom demais, não tinha nada para reclamar.

E, às vezes, pensava que talvez ela também estivesse gostando, já que não se mostrava mais tão desconfortável.

Tanto que, mesmo dizendo que iria para a sua casa, quando pousamos, aceitou passar mais uma noite com a gente, depois de um pedido feito pela minha filha.

Na segunda-feira, acordei às seis da manhã e deixei uma Débora na cama ainda dormindo. Tomei banho, coei um café e fui direto para o escritório. Era a última semana da Vivi em casa, antes de suas aulas retornarem e queria aproveitar o dia com ela, mas para isso, precisava resolver algumas pendências do trabalho.

Às oito em ponto, minha garotinha surgiu em minha sala usando uma camisolinha cor de rosa e pantufas. Ainda estava sonolenta e foi direto para o

meu colo.

— Dormiu bem, princesa? — Envolvi-a em meus braços e, como sempre acontecia, fui tomado pelo pensamento de quanto tempo ainda teria com a minha filha querendo o meu colo e os meus carinhos. Esperava que durasse muito.

— Sim, papai. E o senhor?

— Eu também.

— Acordei de *madugada*, papai. Eu ia lá para a sua cama, mas estava cansadinha, aí não deu tempo, eu voltei a dormir. — Sorri, penteando os fios finos do cabelo com os dedos. — Tia *Débola* ainda está dormindo?

— Acho que sim, filha. O que acha de fazermos cookies? — Segurei seu queixo, tentando prender sua atenção e ela praticamente pulou em meu colo.

— Eu *quelo*! — Em um impulso, já estava no chão e puxando-me pela mão. — Vamos lá, papai, até fiquei com fome.

Chegamos a cozinha e logo fomos deixados a sós por Conceição e Glória. Elas sabiam que seria um momento nosso. Servi-me mais uma xícara de café, enquanto pegava os ingredientes, Violetta, por sua vez, foi buscar dois aventais para usarmos.

A pequena subiu em um pequeno banquinho que sempre usava quando íamos cozinhar e começamos a misturar a farinha, açúcar, ovos, chocolate. O cheirinho dos seus biscoitos favoritos já estava espalhado pela cozinha, assim como seu rostinho estava sujo de massa, que ela insistia em provar antes da hora.

— O papai vai bater mais um pouco e depois iremos fazer as bolinhas na assadeira, tudo bem? — avisei, preparando-me para ligar a batedeira, antes havia misturado a massa de forma manual.

— É um barulhão, né papai?

— É sim. Mas será rápido.

Eu já havia percebido uma presença na cozinha, mas me mantive quieto e dei seu tempo quando vi que ela nos observava em silêncio.

Era meio bizarro a forma como nos conectávamos, a sintonia ainda presente, mesmo que ela não quisesse.

Confesso que aquilo me assustava um pouco, embora não me surpreendesse. Sempre havia sido assim entre nós dois.

Se eu fui discreto quanto a sua chegada e, inclusive, se ela quisesse fugir dali eu não a denunciaria, minha filha não lhe concedeu a mesma gentileza.

Assim que a viu parada na porta da cozinha e encostada no batente, saiu correndo em sua direção.

— Tia *Débolaaaaa*! — Meu coração quase perdeu uma batida quando a mulher, que eu queria que fosse minha novamente, abaixou e pegou Vivi no colo. — Achei que não ia acordar mais.

Era engraçado que, mesmo às vezes não sabendo como reagir com os carinhos da pequena, ela nunca deixava de retribuir, sendo tão carinhosa quanto.

— Oi, princesa. — Desliguei a batedeira, assistindo as duas trocarem beijos no rosto e um abraço prolongado. — Estava resolvendo alguns assuntos de trabalho lá no quarto. Você dormiu bem?

— Sim, titia. — Logo Vivi balançou as perninhas, querendo voltar ao chão e então correu para perto de mim, mas puxando a *tia* pela mão. — O papai fez café, você gosta?

— Bom dia! — disse baixinho, ao passar por mim.

— Bom dia, dorminhoca! — Prendi nossos olhares e dei um meio sorriso ao perceber sua respiração acelerada.

Sempre seria uma sensação do caralho saber que de algum modo eu ainda lhe causava reações que não fosse só de raiva.

— Estamos fazendo biscoitinhos, titia.

— Está bem cheiroso — elogiou, olhando tudo ao redor.

Violetta voltou para o seu banquinho e Débora se acomodou em uma das banquetas ao redor da ilha.

— Os biscoitinhos do papai são os melhores do mundo. A *parme*... Como chama papai?

—Parmegiana.

— Isso, também é a minha *pefelida*.

— Parece bom, hein! — disse olhando da minha filha para mim.

— Posso fazer um chá para você — ofereci e ela negou.

— Café está ótimo.

— Pronto, filha. — Nós dois admiramos a assadeira já com os cookies bem espalhados. — Agora é só assar!

Vivi deu pulinhos, indo comigo até o forno. Servi uma xícara de café para Débora e precisei respirar fundo para a imagem que se formou bem diante dos meus olhos.

Nós três, em uma manhã comum, cozinhando e tomando café da manhã juntos em nossa cozinha. Era tão inédito e parecia tão certo, tão *tudo no devido lugar*.

De repente, até o ar pareceu ficar denso e em suspenso. Um calor emanava por todo o meu corpo, Violetta tagarelava sem parar e totalmente alheia ao seu redor, mas Débora sentia. Não tinha como não sentir.

E, quando busquei seus olhos, soube que ficou tão perturbada quanto eu.



Capítulo 25

Débora Montesano

Enquanto me arrumava no quarto, repassava mentalmente todas as desculpas que poderia usar para conseguir ir embora, sem, claro, magoar Violetta.

Era incrível como, em pouquíssimo tempo, aquele mini ser humano já era capaz de conseguir tudo de mim.

Inclusive, também era um mistério como seu pai conseguia lhe dizer alguns *nãos* ao longo do dia. Parecia-me completamente impossível negar algo àquela garotinha.

E, depois que ouvi toda a história envolvendo sua gestação, seus ais e seu nascimento, parece que me apeguei ainda mais.

Para ser sincera, ainda estava abalada e vez ou outra me pegava refletindo sobre o que pai e filha vivenciaram, principalmente Estevão, que foi quem precisou segurar a onda e assumir sozinho a responsabilidade de cuidar e criar Vivi.

Não foi e não era fácil.

O quanto ele se sentia sozinho? E o quanto, às vezes, devia desejar desabafar sobre suas dúvidas e temores?

E quanto à Violetta, era só um bebê não teria a oportunidade de ter sua mamãe ao seu lado, dando amor, cuidado, sendo uma referência.

Só de pensar nos assuntos, os meus olhos marejavam novamente. Mas,

logo, dei um jeito de me recuperar, eles não precisavam de uma cena minha.

Desci para o andar de baixo de banho tomado e usando uma roupa apropriada para ir até o escritório do *Domum*, o que faria em sequência.

Imaginava que não conseguiria escapar do café da manhã dos Figueiredo, Estevão parecia sempre fazer questão de que todas as refeições fossem feitas à mesa e com aquela quantidade exorbitante de comida. Não que eu fosse reclamar, já estava acordada há bastante tempo e não menti quando disse à pequena que estava trabalhando no quarto, no entanto, fui muito iludida quando pensei que o desafio do dia seria ir embora daquela casa e deixar para trás pai e filha.

Assim que cheguei à sala de jantar, espantei-me por encontrá-la vazia e quem me situou foi Glória, que passou por mim, e avisou que Estevão e Violetta estavam na cozinha.

Bem, inocentemente caminhei até lá.

E, para o meu próprio bem, era melhor ter pegado a deixa de ainda não os ter encontrado e ido embora.

Caminhei a passos apressados, que logo foram perdendo o vigor, à medida em que eu me aproximava e ouvia a conversa animada entre os dois e as risadinhas infantis da Vivi.

Meu coração já batia acelerado, antes mesmo que eu os visse. E, quase parou, quando meus olhos os avistaram.

Eles usavam aventais iguais, Vivi tinha o rostinho sujo com alguns respingos do que parecia ser alguma massa que Estevão mexia usando uma batedeira.

Uma cena e tanto.

Uma cena apropriada para desfalecer corações desavisados e fazer úteros coçarem.

Uma cena para qual eu não estava preparada. Na verdade, eu nunca estava pronta para nada que envolvia aquele homem, sua filha e o meu coração idiota.

Fiquei em silêncio assistindo a conversa entre os dois, o amor que emanava entre eles, a intimidade e a forma como aquilo que faziam juntos parecia ser corriqueiro entre ambos.

Em um determinado momento, Vivi riu de algo que o seu papai lhe disse e se agarrou em seu braço, erguendo o corpinho até alcançar o seu rosto e conseguir beijá-lo.

Não conteve um suspiro, o que chamou a atenção da pequena. Assim que me viu, ela saiu correndo para mim.

Peguei-a no colo, aspirando o cheirinho delicioso de bebê em seu pescocinho e ao mesmo tempo sentindo as minhas pernas bambearem com o olhar intenso que seu pai me direcionou.

Os biscoitinhos do papai são os melhores do mundo...

Àquela hora da manhã e eu ganhando um soco no estômago.

Reencontrar ex-namorado já era uma coisa desagradável e perigosa, principalmente quando uma das partes é besta e iludida como eu, mas quando no combo vem junto uma menininha doce e apaixonante como Vivi, era para acabar de ferrar com tudo.

Como que eu ia fingir que odiava um homem que fazia biscoitinhos com a filha?

Convenhamos, eu precisava de um pouco de ódio correndo em minhas veias para não cair na lábia dele.

Estevão me estendeu uma xícara com café e avisou que os *cookies* não demorariam nem dez minutos para ficarem prontos. Enquanto isso, ele passou a limpar a bancada e colocar a louça suja dentro da máquina.

Já Violetta, demonstrando que aquela atividade era realmente corriqueira entre eles, pegava dentro do armário jogos americanos combinando e pratinhos, que ajudei a acomodar sobre a ilha. O pai também buscou na geladeira iogurte e frutas que já estavam picadas. Em pouco tempo, tínhamos um café da manhã montado para nós três.

O aroma de baunilha com chocolate dos *cookies* dominava a cozinha, Estevão terminou de passar a fornada para uma travessa e estendeu um em minha direção, colocando-o em minha boca.

Put a que pariu!

Eu realmente não sabia dizer o que era mais gostoso...

Aquele homem usando uma calça fina de moletom ou o biscoito. Ou os dois juntos.

Por Deus.

Para a minha segurança, eu precisava sair dali o mais rápido possível.

— Gostou titia? — Vivi me fez acordar para a vida.

Ainda bem que ela nunca poderia descobrir que eu não conseguia me concentrar em nada que não fosse os meus pensamentos mais do que pecaminosos com o seu pai. Aproveitei a boca cheia para me dar o direito de apenas balançar a cabeça confirmando. Seu pai riu, pois era um safado filho da mãe que eu desconfiava ter o poder de ler a minha mente. E ela se deu por satisfeita.

— São os melhores biscoitinhos do mundo...

— A tia Débora também é ótima na cozinha, filha. Ela sabe fazer sonhos. — Seu olhar ondulou até mim, fazendo-me retesar na bancada. — Lembra que você come na casa da vovó?

Eu ia matar o Estevão.

Senti um frio na espinha com a carinha animada que ela fez, pelo o pouco que conhecia daquela pequena, podia imaginar para onde iria os seus pensamentos.

— Eu gosto, titia. Depois podemos fazer juntas. — Estremeci, juro. — O papai também pode fazer com a gente. — E, aqui, acabei de morrer mais um pouquinho.

Só me restava aceitar, eu que não iria dizer não para Vivi.

— Claro, princesa. Vamos fazer sim!



Peguei uma garrafinha de água no frigobar e tomei um longo gole, enquanto assimilava as informações que a equipe de marketing me passava. Tínhamos um bom projeto em mãos, mas não estava certa de que era realmente aquilo que gostaria. Embora também ainda não tivesse chegado ao exato ponto que me desagradava.

Tentei me concentrar ao máximo, estava acostumada a lidar com todas as áreas do *Domum*, não entendia aquela repentina dificuldade.

Douglas e seus dois assistentes esperavam por um direcionamento e fui salva por Mário.

— Concordamos que esse é o projeto atual de maior relevância da empresa, não é? Vamos parar por alguns minutos, tomar um café, arejar a cabeça e, então, voltamos. — A sugestão de pausa foi mais do que bem-vinda.

Estávamos há mais de três horas reunidos, discutindo ações para alcançar um novo público: eventos voltados para faixa etária mais jovem, em nosso portfólio haveria até shows e festivais de música.

Teríamos que ser cirúrgicos em cada detalhe.

— Acho ótimo — respondi e dei um sorriso encorajador para Douglas, que pareceu preocupado em não estar agradando. — Tudo tem que sair perfeito e precisamos de calma para planejá-lo.

Ele assentiu.

— Meia hora, chefe? Consigo fazer algumas inserções nesse tempo.

Estava desconfiado.

— Meia hora. Mas use este tempo para dar uma volta e descansar a mente. Seu projeto está ótimo. — Tentei tranquilizá-lo. — Uma pausa e voltaremos com ainda mais ideias.

Depois que ficamos a sós, Mário esticou o corpo sobre a cadeira da sala de reunião, cruzou os braços e encarou-me.

— Não foi por falta de aviso, não é? — Franzi o cenho e ele riu, debochado. — Eu disse que você ia dar para ele e que essa história de fingir namoro era muito estúpida. Olha aí, tá igual uma garotinha apaixonada e insegura.

Ah não, não precisava e não queria lidar com a *sabedoria* do meu amigo, que, naquele momento, estava mais para uma inconveniência.

— Me erra, Mário.

Fechei os olhos, respirando fundo. Onde fui me meter, viu.

— É melhor desabafar — insistiu. — Vai, sou todo ouvidos.

— Não tenho nada para falar — esclareci, ainda de olhos fechados. — E não dei para ele. — Meu amigo riu. Alto. Pois é...

— O que é então? Ah, deixa eu adivinhar...

— Para — interrompi e soltei um suspiro quase dramático. — Sério, não tenho nada para falar.

— Ok.

Ué, ele ia se render fácil assim.

Certo, queria mesmo ficar quietinha com os meus pensamentos.

E eu realmente tinha bastante coisa para pensar.

— Talvez eu esteja muito confusa. Eu não devia ter ido para a casa dele. E muito menos aceitado viajar para Brasília. Foi muita intimidade e eu não estava preparada. — E não queria pensar sozinha.

— Entendo — Mário, o insuportável, deu de ombros.

— E tem também a Vivi. É o mini ser humano mais fofo que já conheci, toda amorosa, gosta de ficar perto de mim, incluir-me em tudo, sabe? Acredita que senti falta de tomar café da manhã com ela?

Ah, aquela menininha... Ela era a parte mais difícil da equação.

Eu sabia que não morreria por um coração quebrado, mesmo que fosse o Estevão e todo o nosso histórico, mas os últimos quase dez dias longe da casa deles me deixou ainda mais balançada.

Vivi fez videochamadas em todas as noites, busquei-a para almoçar nos dias em que seu pai esteve em São Paulo a trabalho e, na segunda-feira desta semana, quando retornou suas aulas, ela pediu que eu os acompanhasse até o colégio.

Eu sabia que era uma péssima ideia, mas fui.

Nós duas estávamos nos apegando além da conta e hoje essa era a minha maior preocupação.

— Posso imaginar, criança correndo pela cozinha logo cedo deve ser muito... impressionante?

Revirei os olhos para o comentáriozinho e ganhei outra risada cheia de deboche do meu amigo.

— Deixa de ser ridículo.

— Agora quer conversar?

— Os dias em Brasília deram-me um choque de realidade, que tudo é

realmente uma mentira. Sou só a namorada de mentira do Estevão. E, basicamente, vivemos a vida de verdade que um dia planejamos. — Segui com o meu monólogo, sem nem me preocupar se de fato estava sendo compreendida. — Cara, eu sou muito idiota. É impressionante a quantidade de burrice que consigo cometer em minha vida.

— Faço um chá ou aceita um café? — Só parei quando Mário me chamou.

— De alecrim, por favor. — Mário fez uma cara de nojinho e eu ri. Ele nem imaginava o quão cheiroso era aquele chá. — Ele é ótimo para aliviar dor de cabeça e a minha está explodindo.

A sala seguiu em silêncio enquanto meu amigo preparava a minha bebida e bebericava a sua.

Estava exausta da semana agitada, trabalhei até tarde durante todos os dias, estive nos eventos no final de semana e ainda decidia se iria ou não em algum hoje.

O corpo pedia um pouco de descanso.

E, depois de tantos anos trabalhando na noite, desejei o sossego de casa. Um vinho, roupa confortável, jantar na sacada.

E o que mais, querida? Uma certa companhia para o vinho e o jantar, talvez?

Nada.

Não.Quero.Mais.Nada.

— Talvez eu me arrependa do conselho que irei te dar, porque, pode não parecer, mas me preocupo muito com você e sou capaz de cometer um crime contra o Senador se ele te machucar, mas acho que você precisa pensar menos.

Arregalei os olhos, não era possível que tenha ouvido o que ouvi.

— Você escutou tudo o que eu disse?

— E você, escutou-me? Poxa, declarei-me, disse que me preocupo com você. — Ele era inacreditável. — Tenta relaxar um pouco e curtir o que a vida está te oferecendo... Embora pareçam bastante juvenis com essa história de namoro falso, vocês não são mais adolescentes. — Olhei-o, ofendida. — A vida mudou, vocês mudaram, não necessariamente irão

cometer os mesmos erros do passado.

Era para ele estar me mandando dar um basta naquele acordo e sumir da vida do Senador. E não aquilo. Que discursinho, hein? Todo clubista. Sabia que não podia confiar em um amigo que tinha uma lábia tão boa quanto a do meu algoz. Em algum momento, iria defender a própria espécie.

— Não sei se é o que eu queria ouvir.

Ele riu, mas agora cheio de carinho, e puxou-me para os seus braços, depois de me entregar uma xícara com chá.

— Conheço você, De! Estava doida para alguém te mandar seguir seu coração. O problema é que o seu coração hoje bate “Vivi” o mesmo tanto ou mais, do que “Estevão”. Agora cabe a você resolver esse BO que criou!



Capítulo 26

Débora Montesano

Eu preciso me alimentar, foi o que pensei quando saí da minha sala em busca do Mário. A reunião com Douglas e seus assistentes durou a manhã inteira e quando, finalmente, ficamos livres para ir almoçar, meu amigo precisou socorrer uma funcionária do financeiro, que teve um problema com uma das várias guias de impostos, que pagávamos na empresa.

Aproveitei para checar e-mails e mensagens no meu telefone, mas já estava no limite, até me sentia fraca.

Encontrei o dito-cujo no corredor e o alívio tomou conta de mim por não precisar mais esperar. Não haveria mais nenhuma urgência que me impediria de almoçar algo bem gostoso e, acreditem, quando se é a chefe, elas acontecem o tempo todo.

Mas claro que, como o Universo sempre gosta de brincar comigo, havia um visitante, aguardando-me na recepção do *Domum*.

Poderia omitir a informação de que meu coração bateu um pouco mais forte, quase disparado, quando encontrei um Estevão todo confortável sentado em uma das poltronas e mexendo no celular. No entanto, imagino que vocês adoram saber sobre as minhas humilhações pessoais. Então, tomem mais uma para se divertirem às minhas custas!

Quem não parecia nada confortável era Helô, minha funcionária, que tinha os olhos mais do que arregalados, dividindo os olhares entre o Senador e seus dois seguranças que pareciam dois postes vigiando a entrada.

Não precisei me anunciar, pois logo ele me percebeu e ficou de pé, vindo ao meu encontro com um meio sorriso no rosto. Este morreu um pouco, quando viu Mário ao meu lado. Meu amigo que não fugia de uma provocação, tinha uma mão na base das minhas costas e ali a deixou.

Homens.

Respirei fundo para a carranca que começou a nascer naquele rosto escandalosamente lindo.

— Que surpresa você aqui! — cumprimentei-o e preendi o riso para o esforço que ele parecia fazer para melhorar a cara.

Audacioso, ignorou Mário e com um passo estava em cima de mim, colocando uma mão em minha nuca.

— Oi, linda! — Deixou um beijo demorado em meu rosto, que me deu aquele friozinho na barriga. Igual adolescentes sabe? O problema de sempre é que eu já havia passado daquela fase. — Vim te chamar para almoçar comigo. Se não tiver algum compromisso, claro. — De soslaio, deu uma olhadinha para o homem ao lado e voltou o olhar para mim.

— Ela tinha, não tem mais. — Mário saiu e pronunciou, depois de ter ganhado só um aceno como cumprimento. — Boa tarde, Senador! — Como era debochado! Prendendo o riso, ele virou-se para mim. — Até mais tarde e bom almoço com o *namorado*!

Não tive tempo nem de responder e então ficamos só nós dois, bem, ao menos na conversa.

— Podemos almoçar, Estevão — disse, finalmente, e ele entrelaçou nossas mãos.

Um gesto desnecessário, por mais que meus funcionários não soubessem sobre a nossa farsa, não era como se precisássemos atuar para eles. Naquele momento, uns três já haviam passado pela recepção, como os bons fofoqueiros que eram.

— Senti sua falta, Débora. — Meu Deus, para que olhos tão azuis e que pareciam penetrar até em minha alma? Isso me complicava tanto. — Ficou longe por tempo demais.

Estevão continuava não medindo as palavras... Nem parecia o homem todo controlado que se tornou.

— Muito trabalho! — Eu ia dizer o quê? Que talvez, só talvez,

também tenha sentido falta dele? Não, obrigada.

— Será? — O safado inclinou um pouco a cabeça, analisando-me e estalou a língua. — Tem encontrado a minha filha

— Para a Vivi, foi fácil arranjar tempo em minha agenda — devolvi.

E foi mesmo. Mas sabe o que foi foda? O olhar que ganhei do pai da Vivi. Nada era nem parecido com um dos seus olhares para mim quando eu estava com a sua garotinha. Ou fazia algo por ela. E tinha tão pouco tempo que convivíamos juntas...

— Bem, quanto a isso não posso me opor.

— Vamos? — convidei.

— Aposto que está faminta.

— Não se diz isso a uma dama.

Ainda tinha um climinha estranho pairando entre nós porque o Senador ficou levemente emocionado com a relação *sua namorada de mentira e sua princesinha*. Tentei descontraí-lo.

Despedi-me da Helô e, antes que saíssemos, seus seguranças já nos aguardavam na porta, seu telefone tocou. Ele tirou o aparelho do bolso da calça e por alguns segundos encarou a tela.

— É minha mãe... — Levantou o olhar para mim. — Importa-se se eu atender? Irei dizer que retorno mais tarde.

— Não se preocupe, vamos lá para a minha sala.

Estevão me seguiu, já falando com dona Aurora, logo que abri a porta encontrei seu semblante sério e fiquei próxima a ele.

— Quando aconteceu? — A voz grave estava banhada de preocupação. — Vocês já estão em Belo Horizonte? — Uma pausa em que ele apenas ouvia e sacudia a cabeça, como se assimilasse as informações que recebia. — Peça o jatinho para mim, mãe. — Opa, algo realmente sério havia acontecido.

Quando encerrou a chamada, ele soltou um suspiro.

— Meu avô passou mal, parece que enfarto e está em estado grave no hospital. — Seus olhos foram ficando... tristes. E ele deu uma desligada de tudo. — Há poucos meses foi o meu pai... — Eu não sabia dizer se ele falava para mim ou para si mesmo. — Vamos precisar cancelar o nosso almoço,

tenho que ir para lá. — Voltou a me olhar.

— Não se preocupe comigo — pedi.

Além da relação de parentesco, sabia que Estevão era muito ligado ao avô, desde sempre falava dele com admiração e carinho. Era fácil imaginar como ficou abalado com a notícia. E que quisesse estar ao lado dele e da família naquele momento importante.

— Minha mãe não se dá com o meu avô, você conhece um pouco da história. — Dona Aurora sempre achou que a culpa do marido ser obcecado pela política vinha do pai, que, por sua intensa influência, fez da carreira sua vida. E ela nunca escondeu o ranço que sentia pelo sogro. — E ela parecia bastante abalada na ligação. Ele foi internado faz pouco tempo, está com a saúde fragilizada e eu nunca a vi assim. Temo que a situação seja muito mais grave do que ela me disse. Ou que eu nem consiga mais ver meu avô com vida. E ela não quis me contar pelo telefone.

O final foi dito com um embargo na voz que quase me fez chorar, como a boa manteiga derretida que sou. E me fez tomar uma decisão burra, porém plausível.

— Eu vou com você, não precisa enfrentar isso sozinho — declarei, rápido, porque era o tipo de coisa que eu certamente iria me arrepender e tentaria voltar atrás.

Sua expressão variou entre a surpresa e satisfação.

— Você tem o seu trabalho, linda. — Quase revirei os olhos, ele nem conseguia esconder que gostou da minha ideia.

— E você precisa de mim agora. — Fui sincera. Ficamos muito tempo longe um do outro, mas, agora, se eu estivesse em seu lugar, não tenho dúvidas de que ele faria o possível para ficar ao meu lado. — Está tudo bem, consigo me organizar.

E então ele me puxou para os seus braços e abraçou-me longamente, como se quisesse dividir comigo um pouco da angustia que sentia.

Era curioso que a sua versão segura demais ainda me surpreendia, Estevão demonstrava sempre ser muito inabalável, mas, naquela hora, desejei que ele tivesse a segurança de que tudo ficaria bem. Isso porque não queria vê-lo sofrer e eu concordava com ele de que talvez a notícia real fosse mais grave do que a dada por sua mãe.

— Eu gostaria de ser menos egoísta e insistir para que fique e cuide das suas coisas. Mas a verdade é quero e preciso de você. Não vou conseguir abrir mão da sua companhia.

Meu Deus do céu, como é que lida com esse homem manhoso? Volte a ser mandão e intransigente, por favor.

— Então, está decidido.

Olhei ao redor, pensando se havia algo que precisava pegar, e logo saí colocando notebook, agenda e uma bolsinha com canetas dentro de uma pasta de couro, que estava guardada no armário.

— Vou em casa fazer uma mala e organizar algumas coisas, posso te dar carona. — disse ele.

— Eu vim de carro.

Quando passei por ele, dando uma última checada na sala, puxou-me para perto.

— Deixa eu te levar, não precisa se preocupar com o carro.

Ele iria insistir até que eu cedesse, então encurtei o caminho.

— Bem, então podemos ir.

Estevão não desgrudou as nossas mãos nem quando fui me despedir de alguns funcionários e passar-lhes orientações. No caminho até meu prédio, foi a mesma coisa, usava o telefone com a mão livre, mas não largava a minha. E, quando o carro estacionou, beijou os meus lábios.

Fui pega de surpresa e não sei se apenas por isso, mas todo o meu corpo pareceu paralisar.

Eu ainda sentia o peso da sua boca sobre a minha, a quentura e maciez dos seus lábios, lembrando o tempo todo do seu gosto delicioso.

Estevão estendeu ao máximo o nosso contato, até que as nossas bocas se desencostaram e ele me abraçou.

— Obrigado, por tudo, linda. — Ganhei outro selinho, agora mais rápido. — Posso te buscar em uma hora?

Assenti e saí do carro, dando início a uma aventura.

E algo me dizia que tudo seria diferente a partir dali. Só me restava saber se seria um diferente bom.



Capítulo 27

Estevão Figueiredo Neto

Meu avô já foi meu melhor amigo, foi ele quem me ensinou a jogar xadrez, a gostar de livros históricos e biografias e que colocou em minha cabeça que eu deveria aprender falar várias línguas.

Só domina o mundo o homem que tem conhecimento e coragem, era o seu mantra que ouvi desde quando nasci.

Durante a infância, morei em Belo Horizonte, éramos vizinhos de bairro e convivíamos bastante. Ele não era o homem dos abraços ou de sentar os netos no colo, mas era da conversa, de olhar nos olhos, de querer ensinar o que julgava ser relevante para a vida.

Meus primos e eu ouvíamos música clássica em sua casa enquanto ele contava das suas viagens por todo o mundo e histórias de um tempo em que as memórias praticamente não eram gravadas em vídeos e fotos.

Ele foi um bom avô. Muitas vezes, infinitamente mais presente que o meu próprio pai.

Temos um legado, Estevão... Durante anos, esperei com grandes expectativas pelo o dia que teria o privilégio de ser mais um Figueiredo entre os grandes nomes da política.

Fui criado para isso, para dar seguimento a um nome e um papel na sociedade.

O Estevão de dez anos de idade não imaginava viver outra coisa, se

não os planos traçados pelo o avô e pelo pai. Parecia-me natural, o único caminho, e não era como se me incomodasse.

Até que eu fui morar longe do velho Figueiredo.

E tudo pareceu mudar em minha vida.

Agora, dentro do jatinho da minha família e de mãos dadas com a Débora, eu sabia que meu avô estava morto. Essa era a parte da notícia que minha mãe me omitiu. E era o que parecia ter o poder de rasgar o meu peito.

Por alguns instantes, permiti-me ser novamente o garoto que ficava ansioso para chegar na casa dele e contar o que estava aprendendo no colégio. Ou exibir o quanto tinha facilidade em aprender detalhes das aulas de história, assim como ele. Ou que fosse para passar longas horas jogando xadrez e aprendendo com o melhor sobre jogadas e estratégias.

Permiti-me sentir saudades.

Meus olhos marejaram e minha mão foi acariciada por aquela mulher que eu não deixaria nunca mais escapar da minha vida.

Ela respeitou o meu silêncio e deu espaço para que eu ficasse ali em paz com os meus pensamentos, embora sua presença fosse cem por cento sentida por mim.

As memórias pulsavam em minha mente, em um misto de nostalgia e indagações de como muitas coisas poderiam ter sido diferentes.

Dependia dele... Ou de mim? Talvez não tivesse como terem tido outro rumo e foi apenas a vida como ela é.

— Passamos anos rompidos — contei a Débora, que me olhou assustada.

— Você e seu avô? — Quis ter certeza.

— Sim. — Essa parte da história ela não fazia ideia, o que conheceu foi a imagem quase que perfeita que eu tinha dele. — Nunca foi fácil sair de São João, terminar o nosso namoro, seguir um plano que já não combinava com a vida que eu levava. Mas ele também foi implacável e eu era garoto demais para lutar contra — contei, de forma muito resumida.

Ainda gostaria de adentrar aquele assunto com ela, mas além de ser pesado para nós dois, não me parecia respeitoso despejar naquele momento minhas mágoas que envolviam e muito meu avô.

— Mas.... se acertaram?

— Sim, tivemos tempo. Reaproximamo-nos quando voltei para o Brasil com a minha filha nos braços. Mas, somente ano passado, tivemos uma conversa esclarecedora e deixamos tudo para trás.

Ela demonstrou sua sensibilidade ao não insistir em maiores detalhes e seguiu acariciando minha mão.

No aeroporto, em Belo Horizonte, o motorista do meu avô já nos aguardava. Embora fosse um homem discreto, não tinha como esconder como estava abatido. Trocamos rápidos cumprimentos e seguimos praticamente em silêncio até o hospital.

Encontrei toda a minha família reunida, o que só acontecia no Natal. Meus pais, irmãs, tios, primos e muitos agregados. Todo o *hall* estava preenchido pelos Figueiredos.

Dona Aurora foi a primeira a nos ver e logo caminhou em nossa direção, envolvendo-me em um abraço.

— Foi tudo tão rápido, meu filho. — É, eu gostaria de não estar certo. — Mal conseguimos chegar a tempo.

A voz da minha mãe era apreensiva e, apesar de todos os pesares, foi ela quem continuou firme na família e ao lado do meu pai, mesmo com o casamento praticamente acabado.

— O que aconteceu?

— Enfarto. — Ela me soltou para olhar em meus olhos e entendi a mensagem. Era o mesmo que meu pai teve, meses atrás, o que a fez rever a relação que tinham e se reaproximarem. E mais, que eu também deveria me cuidar. — Ele chegou com vida, mas estava muito fraco. Só conseguiu falar com seu pai. — Assenti, com um aperto no peito. — Deixe-me cumprimentar sua namorada.

— Oi, querida. — No instante seguinte, ela estava com Débora em seus braços. — Não é o melhor momento para nos reencontrarmos, mas que bom você ter vindo.

— Oi, dona Aurora! Eu não o deixaria sozinho. — A voz saiu baixinho, mas consegui escutar.

As horas seguintes foram mecanizadas. O velório iniciou-se poucas horas mais tarde e o enterro estava marcado para a manhã do dia seguinte.

Havia uma infinidade de parentes para cumprimentar e rever, amigos e conhecidos querendo desejar as condolências, nada fora do normal.

Se não fosse o tom muitas vezes ensaiado.

As frases de efeito.

Qualidades que meu avô nunca teve e que o descreviam como se tivessem falando sobre outra pessoa.

Ao mesmo tempo, eu pensava no tempo que perdemos.

Bem, parece que perder tempo é uma especialidade em minha vida.

Perdi com meu avô, com meu pai, com Débora.

— Trouxe para você! — Falando nela, havia saído do meu lado uma única vez e retornou com uma água mineral.

— Obrigado, linda. — Tomei um longo gole e virei-me para ela. — Vamos ali tomar um café? Estou precisando.

Havia uma lanchonete a alguns metros e, quando chegamos lá, encontrei alguns primos reunidos.

Acomodamo-nos na mesma mesa que eles, Débora já conhecia a todos e fiz o pedido.

— É muito estranho estar no velório do vô, a imagem que tive dele durante toda a infância era de ser quase imortal — Arthur, um primo, comentou.

— Acho que todo mundo se sente um pouco assim. Ele sempre foi muito forte — eu disse.

Não só a família, mas quem convivia com ele, tinha essa percepção. Meu avô era um cara que não adoecia, ativo, que viajava e tomava suas próprias decisões. Fora que ele se cuidava bastante, praticava atividade física regularmente, seguia uma dieta balanceada e não ingeria bebida alcoólica. Era uma fortaleza.

— Ele sentia muito orgulho de você, sabe disso, não é?

— Não sei se atingi todas as suas expectativas — respondi, sentindo um gosto amargo internamente.

Não era um assunto fácil. Nós dois até podíamos ter nos acertado em vida, mas ainda era algo delicado para mim. Principalmente, porque eu me

culpava por não tido coragem de enfrentá-lo.

— Não é sobre isso... Você foi o Figueiredo que chegou mais longe com o legado dele. Isso era muito importante para o nosso velho. Uma pena que não estará aqui quando você subir a rampa do Planalto como Presidente eleito.

Minha família botava muita fé em mim, era até meio assustador.

— Mas nós estaremos para sentir muito orgulho em nome dele — Vitorio, outro primo, declarou e tocou em meu ombro.

— Pensando por este lado, todos nós honramos o que ele construiu — concluí, meio sem graça.

— E ele reconheceu isso, primo. O vô morreu em paz com a sua família. Agora cabe a nós levar o nosso sobrenome adiante e cuidar dele.

Quando era mais novo e havia me mudado para o Rio de Janeiro, confesso que nutria certa dor de cotovelo em relação aos meus primos, pois se eu cedi muito facilmente e deixei para trás os novos planos que tinha feito, entrando de cabeça na política, eles apenas disseram *não* e viveram suas vidas sem qualquer ressentimento. E mais, nunca deixaram de serem próximos do meu avô.

No entanto, tal sentimento passou. Ainda bem. Amava meus primos, tinha boas lembranças de quando todos morávamos na mesma cidade e nos divertíamos juntos. E aquela invejinha por eles terem tido o pulso firme que não tive, perdeu espaço na medida em que eu me envolvia mais e mais com a vida pública.

A verdade é que, descobri por conta própria, que não me tornei um Político por imposição da minha família. Não só por isso. O velho Figueiredo estava certo, afinal, quando disse que o dom estava em meu sangue e eu só precisava me preparar e entregaria o melhor.

Não podia negar, eu gostava da minha profissão.

Por outro lado, com o passar do tempo, também cheguei à conclusão de que os meus primos não negavam o legado construído por meu avô. Do jeito deles e, dentro das ocupações que escolheram, deixavam a marca do sobrenome Figueiredo.

Arthur era publicitário e se especializou em campanhas políticas, inclusive, foi responsável pela minha eleição ao Senado e era quem cuidava

hoje da minha imagem; Vitorio e mais dois primos, que eram seus sócios, abriram um escritório de advocacia especialista em Direito Eleitoral; Márcia tinha uma agência de relações públicas e, adivinhem? Ela assessorava vários políticos.

Estava no sangue, não podíamos negar.

Então, sim, o legado iniciado por meu avô, foi perpetrado pelos netos.

E, de certa forma, agora me sentia em paz.



Capítulo 28

Estevão Figueiredo Neto

No sábado pela manhã, após o enterro do meu avô, cerimônia que limitamos à família e amigos próximos, e, de ficar um pouco com os meus pais na casa de Belo Horizonte, convidei Débora para seguir comigo até São João Del Rei. Eu precisava de um tempo antes de voltar à minha vida normal e também queria ficar um pouco sozinho com ela.

— A Vivi vai ficar mesmo bem? — A sua preocupação com a minha filha me tirava completamente do eixo.

Não estava acostumado com aquilo. E, vindo dela, só me fazia pensar que ela seria perfeita como mãe.

No dia anterior, já estava programado que a minha pequena dormiria na casa de um casal de amigos meus, Alana e Marcos, eles têm uma filha da idade da Vivi e que é a da mesma sala no colégio. Não sou o mais adepto dela frequentar casa de amiguinhas, mas abro exceção quando é com pessoas que realmente conheço e confio.

No fim, foi a melhor opção, pois também não queria trazê-la para um funeral.

Preservar a infância e inocência da minha filha é uma prioridade.

— Vai sim! Está se divertindo horrores... Mas aquela baixinha tagarela faz falta, não é?

— Muita!

— Amanhã à noite, voltamos para o Rio, tudo bem para você? — Deime conta de que fui fazendo planos, mas não os compartilhei com Débora. Ela tinha sua própria vida e já havia sido bastante gentil, acompanhando-me. — Estou realmente precisando de um pouco de sossego.

— Eu disse que estaria aqui por você, fica tranquilo. — Ela não sabia, mas aquela voz mansa e o olhar doce tinham o poder de conseguir absolutamente tudo de mim.

Tudo.

— Não fala assim, *corujinha* — pedi e ela ergueu as sobrancelhas. — Posso acreditar.

Uma risada gostosa ressoou dentro do carro que peguei do acervo do meu pai. Dispensei o serviço do motorista, pois queria privacidade.

— Menos, bem menos, Estevão.

Era bom demais ter a sua companhia. Débora continuava sendo uma das pessoas que eu mais gostava de conversar, firme em seus posicionamentos, divertida, presença agradável. Parecia sempre saber quando eu precisava do silêncio ou de receber um carinho. E eu desejava conseguir fazer o mesmo por ela.

Certamente não lhe passou despercebido que eu ainda estava muito pensativo sobre o falecimento do meu avô, não precisava fingir que não, ou lhe pedir um pouco de espaço, pois ela meu deu por sua conta.

— Eu amo essa estrada... — comentei e ela sorriu, concordando.

— Eu também... E quando chega na cidade, aquele cheiro que só tem lá.

Desde que nos reencontramos, não falamos muito sobre o lugar em que moramos e nos conhecemos. Lembro de como ela amava São João e não era um plano seu sair de lá.

— Sente muita falta?

— Um pouco. — Seu olhar vagou para além da janela fechada do carro. — Já pensei muito se um dia voltaria, mas é algo que hoje não consigo imaginar como seria. Tenho uma vida no Rio, minha empresa, Estela, amigos. Aqui tenho memórias, meu pai e Emília. — Ela ainda não me olhava. — Mas não sabemos sobre o futuro — concluiu.

— É, o futuro é um mistério.

Um clima quase estranho começou a se instaurar e aquela foi uma das raras vezes em que eu não soube o que dizer. Não precisava ser um gênio para saber o principal motivo que fez Débora querer sair de São João e se aventurar em outro estado.

— Não me falou exatamente para onde vamos. — Foi ela a quebrar o silêncio, alguns minutos depois.

— É, não falei. — Dei um meio sorriso, que a irritava.

— Estevão! — Seu protesto era em vão, eu não iria contar.

— É surpresa, segura um pouquinho aí — pedi e peguei sua mão, beijando seu dorso.

— Você está entrando na área rural. — Meu sorriso expandiu e tenho certeza de que ela revirou os olhos.

Porra, eu estava ansioso para o que a mostraria. Mesmo que em questão de minutos fosse matar a minha curiosidade, quase não me aguentava por querer logo saber qual seria a sua reação.

Será que iria gostar? Era um lugar muito especial para mim.

Ou será que pediria para ir embora? Eu entenderia se o fizesse.

— Estou. É surpresa, linda.

Segui por mais alguns minutos pela estrada de terra rodeada de eucalipto, minha mão fazia um carinho em sua perna e as janelas do carro já estavam abertas, deixando o ar fresco adentrar.

— Isso aqui é uma fazenda — sussurrou quando parei o carro diante da porteira. — É ela?

— Uhum — confirmei e fui abri-la.

Subimos pela alameda de pedras, até que estacionei em um pátio, em frente à casa que ainda não havia reformado.

Desci e abri sua porta, Débora analisava tudo ao redor.

Meu coração parecia galopar dentro do peito, finalmente apresentava à minha mulher o lugar que comprei por ainda pensar cem por cento nela, já que nunca a esqueci.

— É uma fazenda, *corujinha* — contei em seu ouvido, com o corpo

bem posicionado atrás dela e com os braços entrelaçados em sua cintura. — Aquela fazenda. Comprei alguns anos atrás, mas ainda não mexi em nada.

— É linda.

E era mesmo. Havia muita coisa que gostaria de fazer para deixar do jeito que queria, mas o momento certo nunca que chegava.

— Vamos subir ali. — Soltei seu corpo e peguei sua mão, puxando-a em direção ao alpendre que circundava a construção, subimos os degraus apressados e a recompensa logo veio. — Veja essa vista!

Novamente, abracei-a e, então, nossos olhares foram direcionados às montanhas ao redor. Ali, era como um pedacinho do céu e eu, finalmente, sentia-me em casa.

— É incrível. — Percebi quando sua voz embargou, eu lutava para que não acontecesse comigo. Se tinha alguém com quem eu poderia compartilhar da emoção que sentia a cada vez que ia até aquela fazenda, era Débora. — Nós...

Cortei-a antes que continuasse, ciente do rumo que seus pensamentos tomavam.

— É o lugar que falávamos... — Ela balançou a cabeça, em confirmação, e então a virei, colocando-a de frente para mim. — O único motivo que me fez comprar essa fazenda foi por ser uma memória nossa. Mesmo que você não estivesse comigo.

Confessei o que estava preso há muito tempo dentro de mim.

Ninguém, absolutamente ninguém, conhecia as minhas razões.

Para todos os efeitos, era só uma propriedade. Que poderia ser um investimento ou um lugar onde eu arrumaria para curtir com a minha filha e ter momentos especiais com a família.

Mas, para Débora e eu, era a fazenda que admirávamos a distância. Ela gostava da localização no alto da colina, da plantação de eucalipto, da visão que tínhamos da casa, proeminente em um ponto alto da propriedade.

— Não faz isso — disse, séria. Um suspiro profundo eclodiu do seu interior, enquanto ela me encarava, desafiando-me a rebatê-la. — Não pode fazer isso.

Sustentei seu olhar e certo de que nenhum dos dois cederia, passei um

braço ao redor da sua cintura e levei-a até o guarda-corpo.

— Está na hora de te falar algumas coisas...

Débora Montesano

A fachada da casa era exatamente o que eu escolheria, toda bronca e com as janelas e portas de madeira pintadas em azul. A construção foi erguida sobre colunas de pedras, o alpendre era rodeado por um guarda-corpo de ferro trabalhado e o piso era revestido por um tipo de azulejo português.

Tinha jeito de casa, era muito bonita e até imponente, mas completamente diferente do estilo do lugar onde Estevão morava na Barra.

O caminho de grama e flores era muito bem cuidado e o cheiro delicioso, no entanto, o que estava me fazendo suspirar, era a vista para as montanhas.

Eu tentava focar em todos os detalhes ao meu redor em uma vã tentativa de me distrair do peso das palavras ditas por Estevão.

Eu não conseguia lidar com ele... E nem com os sentimentos que despertava em mim.

— Inventei essa história de namoro falso para nos livrar dos falatórios e sei que só aceitou porque não queria manchar seu nome e o da sua empresa. Mas, para mim, é tudo real. É como se fôssemos o Estevão e a Débora do passado. Cada sentimento, cada toque, cada conversa... — Seu corpo presente atrás do meu e a respiração pesada em minha nuca praticamente me impedia até de raciocinar sobre onde estava. — Não há nada de farsa da minha parte.

Aquela sua insistência de revivermos o passado chegava a ser irritante. Será que ele não via que era impossível?

Não vou mentir e dizer que não ficava balançada, mas, era só isso, a racionalidade não me abandonava por completo e eu conseguia perceber o quanto mudamos com o passar dos anos. A nossa história deveria ficar onde ele deixou.

— Não somos mais os mesmos, deveria saber.

— Não somos. — O abraço ao redor da minha cintura tornou-se mais firme. — Nunca te esqueci. — Tentei soltá-lo, mas ele não deixou. Ao

contrário, virou-me de frente e olhou em meus olhos. Como eu ia ignorá-lo com aquelas duas piscinas azuis, encarando-me? — Você tem todo o direito de ter mágoa de mim, de não se sentir segura ao meu lado, mas precisa saber que o lugar que ocupou em minha vida nunca esteve vago, sempre foi seu. Comprei essa fazenda porque era o nosso plano, queria fazer algo que me lembrasse de nós dois juntos. Não a reformei e não trago ninguém aqui porque, tirando a minha filha, não cabe outra pessoa que não seja você ou eu.

Eu queria matar Estevão.

Por ser tão bom com as palavras. E por saber exatamente como me atingir

Como retrucar isso??

Eu realmente não sabia.

E ele era mesmo um cretino.

Respirei fundo, seus olhos ainda me encaravam e dei a resposta que ele, sem dúvida, não esperava. Em minha defesa, eu também não estava pronta para aquela declaração.

E Mário não teria a menor chance em desqualificar cada palavra dita pelo meu *namorado*. Aliás, ninguém teria. Ele se declarou sim, com todas as letras e sentimentos, cabia a mim acreditar. E confiar.

— Vamos, Estevão, mostre-me a casa da sua fazenda.

Ele riu, daquele seu jeito safado e que me deixava de pernas bambas.

Com a mão presa a minha, caminhou até a porta de madeira e abriu-a. O primeiro cômodo era um *hall*, que dava boa visão das salas adiante. Os ambientes eram espaçosos, o piso de madeira, as paredes pintadas em um tom claro. As grandes janelas estavam adornadas por cortinas e havia pouquíssimos móveis, apenas sofás, mesinhas de apoio, uma longa mesa de jantar com cadeiras, ao fundo era o que parecia ser a sala íntima, pois havia uma estante com televisão, livros e, ao lado, uma poltrona.

Ainda sobre a primeira sala, também havia um bonito tapete, algumas almofadas e lareira.

— Venho pouco aqui, trouxe alguns pertences, livros que gosto de ler, falta praticamente tudo! — contou, nós dois parados e observando as salas.

— Aqui se parece com você. — Mesmo que estivesse quase que sem

móveis e decoração, dava para reconhecê-lo. Era tudo muito masculino e forte.

— Talvez... — Olhou ao redor, pensativo. — Tenho várias ideias sobre o que quero fazer. Vamos terminar de conhecer.

A casa era térrea, o que eu apreciava. Um longo corredor dava acesso às suítes, lavabo, dois cômodos que ele disse pretender usar como escritório e quarto de brinquedos para Vivi e, ao final, à área da cozinha.

Estevão puxou-me para dentro de uma porta e não precisei de mais do que alguns segundos para entender que ali era o seu quarto. E, diferente dos outros cômodos por onde passamos, contava com móveis, roupa de cama e uma decoração bonita.

A cama era tão grande quanto as das suas outras casas, mas não era no estilo box e sim tradicional de madeira, com dois mastros com trabalhos talhados nas laterais da cabeceira. A roupa de cama era clara e elegante, aos pés havia tapete e um *recamier*. Os móveis eram luxuosos e, ao mesmo tempo, rústicos. Cômoda, mesas de cabeceira, poltrona, baús também compunham o ambiente. Para fechar, uma cortina de linho. Uma porta levava ao closet, onde havia algumas peças de roupas, sapatos e outros pertences, e uma outra dava acesso ao seu banheiro, que contava até com uma banheira.

— Você tem bom gosto!

O atrevido agarrou-me pela cintura e, depois de esfregar o nariz em minha pele, deixou vários beijos em meu pescoço.

Eu era uma pessoa boa, deixei minha vida no Rio para acompanhá-lo em um momento delicado, merecia que fosse mais gentil comigo. Como iria resistir àquele homem que, com a sua boca, causava-me arrepios?

Enfim...

— Tenho, é? — Mais beijos, mais pele arrepiada, mais um dia difícil para as mocinhas que não querem virar estatística dentro do histórico de namoros de mentira. — Acho que você está certa... Olha a namorada que arrumei.

— Não seja idiota!

Quando me dei conta já estava virada de frente para ele e com a boca até seca, com todos os indícios de que não rejeitaria os seus beijos.

E não rejeitei mesmo.

Os nossos lábios encontraram-se em uma sincronia gostosa, encaixaram-se, reconheceram-se. Beijar Estevão continuava sendo ume evento. Ele poderia ser um ordinário, mas além de lindo e cheiroso, sabia beijar bem.

Para falar a verdade, era quase criminoso considerar que ele só beijava, quando todo o seu corpo estava envolvido. Ele apoderava, dominava, tomava para si.

Nossas línguas não brigavam, elas se encontravam em uma dança perfeita.

Seu beijo era sexual, luxurioso, uma delícia.

Eu desejava mais.

Enlacei seu pescoço enquanto ele colocou ainda mais os nossos corpos.

Já não tinha fôlego, mas tinha um abraço confortável, envolvendo-me, foi o suficiente para não darmos um fim. No entanto, não pude contar com o meu organismo. Faminto, ele protestou por mim, roncando bem na hora em que eu me deliciava com os beijos do meu Senador particular. E, namorado de mentira, sempre bom lembrar.

Estevão riu com a boca colada a minha, encerrou o beijo e pegou-me pela mão, sem me dar tempo para ficar sem graça. Na verdade, acho que não ficaria. Estranhamente, ainda me sentia em casa ao lado dele.

— Vou cozinhar para você e depois podemos caminhar um pouco, tem muita coisa que quero te mostrar. — Só concordei. — Uma pena termos pouco tempo.



Capítulo 29

Débora Montesano

No início da noite, o casal de caseiros, que cuidava da fazenda, esteve na casa para organizá-la e deixar algumas comidas prontas. Não cheguei a encontrá-los, pois estava no banho e depois me arrumando, mas ele foi me perguntar se tinha algo em especial que eu gostaria de pedir.

Quando saí do quarto, encontrei-o na sala cuidando de acender a lareira, vestia uma calça escura de moletom e camisa de algodão e manga comprida. Os cabelos estavam úmidos e penteados para trás, seu cheiro bom chegou em mim antes mesmo que eu pudesse enxergar todos estes detalhes e balancei a cabeça em negação, porque eu era uma grande piada e, às vezes, cansava-me disso.

Em minha defesa, convenhamos, aquele homem todo forte, cujo corpo ficava um espetáculo dentro de uma calça de moletom e camisa de algodão — e digam-me, quem fica bem de moletom, meu Deus? Somente ele mesmo. E ainda carregando lenha... Um verdadeiro evento.

— Precisa de ajuda? — perguntei e, ao virar em minha direção, Estevão quase me fez derreter com o olhar que me lançou.

Uma coisa precisava admitir: que gostava daquela atenção que só ele sabia me dar. O safado olhava-me como se não fosse possível pensar em nenhuma outra mulher que não eu. Ele tinha esse dom, de me fazer achar importante com o seu jeito cuidadoso e cheio de paixão.

Como fazer meu coração entender que nada ali era real?

Até meu lado racional andava esquecendo deste glorioso detalhe.

— Aqui está tranquilo! — respondeu, arrumando dentro da lareira os últimos pedaços de lenha que carregava. — Pronto, acabei. — Ele estendeu a mão para mim e quando a entrelacei à minha, puxou-me para perto. — Vamos lá na cozinha?

Seu braço rodeou minha cintura e, sem me dar qualquer chance de resistir, beijou o pedaço de pele exposta em minha clavícula, subindo a boca até meu pescoço e, antes mesmo que eu pudesse respirar com alguma normalidade, seus lábios já haviam encontrado os meus.

Um beijo gostoso e lento iniciou-se, acabando rápido demais e fazendo-me gemer em protesto.

Bem, nunca garanti a vocês qualquer coerência da minha parte.

— Separei uma garrafa de vinho e tem alguns petiscos — disse, com a sua melhor expressão cínica estampada no rosto e então saímos de mãos dadas.

A geladeira e despensa haviam sido abastecidas antes de chegarmos e, pelo o que vi dos itens sobre a ilha, os caseiros trouxeram mais algumas coisas, que imaginei terem sido solicitadas por ele.

— Dá para montar uma tábua de queijos — avisei, remexendo as embalagens. Estevão aproximou-se, segurando duas taças, e deixou um beijo em minha nuca, concordando. — Também tem pastinhas e diversas torradas para acompanhar.

— Pedi tudo que sei que você gosta, *corujinha* — comentou, todo safado, indo em direção a saída da cozinha.

— Querendo me agradar?

— Não sabia que essa é quase que uma especialidade minha? — Precisou elevar o tom da voz, pois já estava no corredor que levava às salas.

Não me dei ao trabalho de responder e foquei em arrumar as comidinhas. Pouco tempo depois, estávamos os dois sentados diante da lareira.

Ele havia espalhado almofadas sobre o tapete e organizamos tudo sobre uma mesinha de apoio. A noite não estava tão fria, mas sim agradável. O que não o impediu de pedir educadamente que eu me acomodasse entre suas pernas, depois de apoiar as costas sobre o sofá, ficando abraçado a mim.

Por Deus, nós dois agarrados e tomando vinho de frente para a lareira, estávamos indo por um caminho sem volta

No entanto, estava ali por livre e espontânea vontade. Então, por que não aproveitar um pouco da companhia daquele homem gostoso?

Isso, Débora, melhor pensar assim do que enxergar toda essa ceninha com o seu olhar iludido.

Ele brincava com uma mecha do meu cabelo e eu traçava linhas imaginárias no dorso da sua mão, que estava em minha barriga, enquanto conversávamos aleatoriedades.

Estevão ouvia-me atentamente e ainda deu sua opinião sobre as algumas mudanças que eu pretendia promover no *Domum*.

Uma coisa precisava admitir: que ainda tínhamos sintonia. Tínhamos assunto. Ainda era fácil ter qualquer tipo de conversa com ele, desde que não envolvesse meus sentimentos, porque simplesmente confiávamos um no outro. Sim, era estranho, mas era assim que funcionávamos.

Ele também contou histórias do seu trabalho. Era bom ouvi-lo! Não dava para ignorar que já tivemos aquela intimidade. Que já fomos melhores amigos.

— E você não pode simplesmente não pautar o projeto?

Estevão falava sobre algo que precisava decidir para a próxima sessão no Congresso. Eu entendia pouco sobre o assunto, mas ainda era boa em lê-lo.

— Posso. — Solto um suspiro e tomou um longo gole do vinho. Sua mão pesada seguia estacionada em minha barriga e toda aquela intimidade era definitivamente um lugar confortável para nós dois. — Tenho essa prerrogativa. Mas trabalhamos com negociações... E também não acho que seja válido travar o governo. Entendo que devo dar aos demais colegas a possibilidade de votar, sabe. Foram eleitos para isso. — Fez uma pausa e deixou vários beijos em minha nuca, percebi que estava tenso e aquilo era um jeito de se distrair. E de me deixar completamente acesa. Poxa, ele estava com a boca na minha nuca! — Mas este caso tem me preocupado.

— Engraçado que, não é nenhum segredo que muitos dos que vieram antes de você, usavam o cargo para exigir dinheiro e privilégios dos outros governantes.

E não era mesmo. Não precisava de qualquer inteligência para compreender que nenhum outro presidente do Senado gastou algum minuto de vida preocupando-se com o fato de que algum projeto fosse para votação e que seria ruim para a sociedade.

Sua mão apertou-me um pouco mais e senti sua respiração pesada e quase ruidosa em meu pescoço.

— Propina, indicação ao STF, cargos para uma infinidade de familiares e amigos... Uma sujeira sem fim. — Ele estava puto. — Essa, inclusive, é uma dificuldade que o governo tem comigo. Sabem bem que não adianta tentar me comprar. Vão ter que negociar como gente e esse não é bem o talento deles. — Foi inevitável não dar uma olhadinha em sua direção, um sorriso brotando em meu rosto. Eu tinha orgulho daquele homem, fazer o quê? Só que a minha expressão não combinava com a sua, que era de quem estava bravo. — O que foi?

Endireitei o corpo, um pouco tímida por ter sido surpreendida. Também tomei um gole do vinho e novamente me virei para olhá-lo.

— Confesso que já tive medo de que você ficasse como a maioria — confessei e ele deu um meio sorriso, como se o que eu disse não fosse uma real surpresa.

— Que me corrompesse?

— Que não tivesse outra saída, sabe... E acabasse cedendo.

Ir para o caminho errado era que acontecia com a maioria, certo? Até com os bem-intencionados.

— Sempre tem uma saída decente... Só que, muitas vezes, não é atrativa. Da minha parte, poso garantir que se não fosse a audiência que conquistei na internet, hoje, eu seria no máximo um vereador. E faria jus ao apelidinho que o idiota do Marcos adora me chamar.

— Então, foram eles que tiveram que se render a você!

Ele subiu uma mão até o meu rosto, fazendo um carinho e peguei uma torradinha com pasta e ofereci-lhe na boca. Seus olhos não desviavam dos meus, faiscavam, quentes, e isso era real. Não tinha como fingir.

— Por isso digo que sempre tem uma saída. Dá para fazer do jeito certo, é só não tentar seguir a receita que já existe. Quando deram por si, eu já estava estourado e tinha um eleitorado grande. Sei que foi isso que me fez

ganhar a confiança do meu partido. E o que importa para mim é fazer um trabalho decente. No fim do dia, tenho a consciência tranquila e sei que não serei uma vergonha para a minha filha.

Quando eu achava que ele não poderia ser ainda mais gostoso... Vinha com esse discurso todo decente e pai de família.

— Vem cá! — Ele já havia deixado a taça em um canto da mesinha e, com agilidade e usando as duas mãos, colocou-me de frente para ele em seu colo. — Quero te beijar!

Todas as borboletas que habitavam meu interior resolveram fazer uma festinha em meu estômago, deixando-me completamente agitada. Além daquele homem segurando-me firme e encarando-me prontinho para me devorar.

— E desde quando você avisa? Ou pede?

Nossas bocas estavam quase coladas e o riso rouco que soltou fez minha pele arrepiar inteira.

— Não peço... — Com a ponta da língua percorreu meu lábio inferior. Eu já me sentia pronta, sabe? E ele nem havia começado. — Porque você é minha — disse em meu ouvido. — Subiu uma mão até minha nuca e segurou-me firme, afastando um pouco os nossos rostos para me encarar. — Mas estou avisando, por querer mais.

Como se eu tivesse condições naquele momento de negar alguma coisa para ele...

— Eu te quero inteira, *corujinha*. — Fui com Deus, sem saber dizer como ainda conseguia ouvi-lo. — Quero venerar cada parte do seu corpo, experimentar o gosto da sua pele, sentir seu cheiro, te tocar, te fazer me desejar. — Aquela mão enorme em minha nuca era para arruinar o que restava mim. — Será que irá me desejar o tanto que eu te desejo? Porque me parece loucura eu passar o tempo todo pensando em você, no que faria com você e esse seu corpo delicioso. — Ele não tinha qualquer compaixão, sua língua castigava minha pele, subindo da minha clavícula até o meu pescoço. E, como se fosse possível, sentia um tesão que se multiplicava a segundo. — Não consigo me concentrar em nada que não seja relembrar todas as loucuras que já fizemos juntos, das incontáveis vezes em que você gozou na minha boca, no meu pau, de como eu me declarava em seu ouvido quando fazíamos amor. Você está em cada pensamento meu, entende? — Como eu iria

entender se já havia me tornado uma massa disforme em suas mãos? — Já me dominou. E agora preciso te sentir em meu corpo.

Por que mesmo ele ainda estava falando?

O que Estevão não sabia é que eu também precisava dele. E, naquele instante, tudo o que queria era tê-lo inteiro dentro de mim. Óbvio que era um erro, mais um e talvez o maior deles. Eu não conseguiria esquecer das suas investidas, das respostas do meu corpo. Mas agora eu iria até o fim.

— Não me faça pensar muito — supliquei.

A tortura com a sua língua deu espaço para um longo beijo, que sugava minhas forças e levava consigo o meu juízo quase inexistente.

— A minha única promessa é te fazer minha a noite inteira. — Ele ergueu-se do chão comigo em seu colo, minhas pernas ao redor da sua cintura e foi a minha vez de aproveitar um pouco dele. — E, quando chegar amanhã de manhã, quero acordar e ter você novamente. — Beije seu pescoço e deleitei-me com sua pele arrepiada. Era eu causando aquilo, sabe? — Eu te disse que é minha, Débora. Entendeu?

Ele podia falar o que quisesse. Desde que cumprisse cada promessa que me fazia.

— Nós vamos para o meu quarto, o nosso quarto. Essa casa também será sua, quero que já se sinta dona dela. E, a minha mulher eu vou comer na cama, pois esperei muito por isso.

Aqui jaz Débora Montesano... Porém, muito bem comida, obrigada! Porque, sobre isso, eu não tinha nenhuma dúvida.



Capítulo 30

Débora Montesano

Senti quando ele me colocou sobre o colchão macio, o aroma de roupa de cama limpa se misturava com o seu perfume que era sempre muito presente. Um cheiro que me desnor-teava e ao mesmo tempo era confortável.

Nossos olhares estavam grudados. Tinha a sensação de que se o mundo acabasse naquele momento, estaríamos conectados um com o outro. Como se nada pudesse nos separar ali.

Suas mãos subiram para as laterais da minha cabeça, um joelho ficou entre as minhas pernas, separando-as, e o outro ao lado do meu quadril. Seu hálito quente e com gosto de vinho soprava em meu rosto. Era tudo tão inebriante. E tão nosso.

Só o olhar daquele homem já era quase pornográfico. Estevão inteiro parecia feito e pronto para seduzir. Tudo nele gritava a volúpia. A voz potente, a postura segura, o olhar intenso, o meio sorriso lascivo. E aquele cheiro que não tinha explicação de tão bom.

Suspirei, toda boba. Ele riu, pois, de algum modo, sabia como me deixava. O efeito que causava sobre mim. Mas, logo, qualquer sombra de humor sumiu, dando espaço para sua boca tomar a minha. Suas mãos prenderam meus ombros sobre a cama e seu corpo cuidou de me deixar cativa.

Passeou a língua em minha boca, totalmente à vontade, como se ali fosse o seu lugar preferido. Ao encontrar a minha, contive um gemido. Era

demais gemer com um beijo. E era isso o que ele fazia comigo. Um beijo e todo o meu corpo estava a sua mercê.

Não haveria nada que eu negasse a ele sendo beijada daquela forma.

— Você é tão linda... Tão cheirosa. Eu tenho muita sorte. — Sua boca voltou para a minha e eu pressionava sua nuca em minha direção, como se todo o nosso contato não fosse suficiente. — Você é minha mulher, só minha. E ainda não consigo entender o que fiz de tão bom na vida para ter recebido essa recompensa.

A língua que me incendiava contornou os meus lábios e desceu em direção ao meu pescoço. Ele não tinha a mínima pressa. Nunca teve. Nem quando éramos adolescentes e corríamos o risco de sermos surpreendidos. A questão é que ele havia ficado ainda melhor.

Ainda nem havia entrado dentro de mim e eu já estava completamente rendida.

E molhada.

E, com muito, mas muito tesão.

Ele tornou-se mais possessivo, seus toques eram ainda mais certos, também era mais paciente e nada tirava da minha cabeça que, depois de tudo o que certamente faria comigo, no dia seguinte, eu teria dificuldade até para andar.

Seus dedos apertavam-me em cada centímetro do meu corpo onde ele encostava. Minha pele pegava fogo. Ao mesmo tempo em que sentia meu interior gelar. Eu estava tão fodida. Em todos os sentidos.

Qualquer resquício de pensamento sumiu quando ele cravou seus dentes em meu mamilo. Ainda estava vestida e a fricção sobre o tecido da minha blusa deixou tudo mais intenso e cru.

Fechei os olhos, aproveitando as sensações, Estevão ainda castigava meus seios, alternando entre eles, e a outra mão subiu para a minha nuca, apertando-me ali.

A expectativa tomava conta de mim, queria mais, mas também desejava aproveitar cada instante.

Estava pronta para protestar por ele ter afastado a boca, quando suas palavras fizeram tremular tudo ao meu redor

— Tira a roupa para mim, linda. — Estava longe de ser um pedido, embora houvesse gentileza em sua voz. — Sabe que eu amava te ver nua? Pois, além de você ser perfeita, perfeita para mim, só eu tinha esse privilégio. Eu já sei que você completamente pelada continuará sendo minha imagem preferida.

Sem condições.

Até tremia as mãos.

Deixei a calcinha no lugar e ele fez um sinal para que eu também me livrasse dela.

Notei quando engoliu em seco e sua respiração pesou. Seus olhos corriam por todo o meu corpo, tendo parado bem lá na minha intimidade.

Estevão não se preocupou em ser discreto.

Ao contrário, encarava-a, cheio de fome, como se fosse salivar a qualquer momento. Chegou até a passar a língua no lábio inferior.

Ali não havia nada do Senador elegante e controlado.

E eu não sabia mais o que pensar.

Ele novamente desceu o corpo sobre o meu, ainda estava vestido e antes que eu pudesse dizer que também gostaria de vê-lo nu, encostou a boca em meu ouvido.

— Eu vou te fazer gozar tanto... — Uma mão já descia pelo meu abdômen, em direção à minha intimidade, que, por sua vez, estava contraída de tanto tesão. — Quero muito te comer, mas só vou depois que você estiver totalmente satisfeita.

Seus dedos me alcançaram e tocaram-me com muita precisão. Gemi imediatamente, sem qualquer preocupação, sem querer me conter. Eu só queria que ele cumprisse a promessa de me deixar exausta, pois sabia que era assim que acabaria. Totalmente satisfeita e exausta.

— Eu quero gozar... — perdi o rumo quando me invadiu com dois dedos. — Com você dentro de mim.

Mas eu queria muito!

Confesso que já podia sentir o êxtase em meu corpo só por me imaginar inteiramente preenchida por ele.

— E você vai — garantiu, sem deixar de me castigar com seus dedos.

A boca voltou para os meus seios, alternando entre um mamilo e outro. Ele lambia, chupava, mordia. E repetia, repetia, repetia, deixando-me no limite. E com uma vontade louca de gritar e me libertar.

Estava acostumada com sexo, podia até não gostar de relacionamento íntimos casuais, mas não é como se não fizesse, conhecia o meu corpo e o que me agradava.

No entanto, absolutamente tudo o que Estevão fazia, o jeito que fazia, parecia-me inédito. É como se nunca tivesse experimentado antes. O que provava que, embora fosse uma delícia as nossas loucuras sexuais de adolescentes, agora ele era um homem. E a maturidade desbancava toda boa vontade e explosão de hormônios de antes.

A habilidade daquele homem com os dedos era algo de outro mundo.

Eu realmente queria gritar, mas, ao mesmo tempo, sentia-me sem forças.

— Eu quero continuar ouvindo os seus gemidos, linda. Geme de novo para mim. — Aquela sua calma ferrava com tudo. E contrastava ferozmente com o vigor de cada toque seu. Óbvio que acatei. E gemi mesmo. Se ele ainda não me deixava gozar, tentaria me aliviar um pouco gemendo. Faz sentido? Enfim. — Isso, linda! Você é tão gostosa. Poderia ficar aqui noite inteira te tocando e te escutando ir à loucura.

— Por favor! — Implorei.

— Está agoniada?

— Eu quero gozar! Seja como for, só me deixa gozar.

Ele não respondeu, mas tirou os dedos de dentro de mim e esfregou o polegar em meu clitóris, depois circulando-o. E ainda voltou a brincar com os meus seios. De tão intumescidos, o simples contato da sua língua em meus mamilos gerou uma enorme descarga elétrica em meu corpo.

Eu estava feito brasa ardente, pronta para a combustão.

Outro dedo novamente me invadiu, tão profundo, escorregando em toda a minha umidade, a palma da sua mão fazia mágica em meu nervo do prazer e quando ele alcançou um ponto específico dentro de mim, meu corpo inteiro tremeu e gemi alto, gozando lindamente.

Aquilo era muito bom.

Era o paraíso depois de sentir até dor de tanto prazer acumulado.

Um sorriso presunçoso surgiu em seu rosto e tudo o que eu podia dizer era que ele estava certo em se vangloriar, aquilo que fez comigo estava longe de ser comum. No entanto, não tive tempo nem de recuperar a respiração que estava descompassada.

Estevão desceu sobre mim, deixou um rastro de beijos molhados em meu abdômen e beijou-me lá, bem em cima da minha boceta sensível e então me olhou no fundo dos olhos.

Putaquepariu.

Aquele olhar.

— Ver você gozar agora é o meu passatempo preferido, *corujinha*. Vou te chupar bem gostoso, até você gozar de novo para mim. — Havia tanta lascívia em torno dele, que mal precisaria que encostasse aquela sua boca em mim. Pois eu já estava novamente no ponto.

Bem, talvez eu tenha me enganado um pouco.

Agora eu queria muito que ele ficasse com a sua boquinha bem ali, lambendo e desbravando minha intimidade.

Não havia nada igual, definitivamente.

Do meu fio de cabelo até os dedos dos pés, havia um tremor contínuo.

Eu nem conseguia gemer mais, apenas focada em não sucumbir com o melhor sexo oral que já recebi. E olha que vindos dele, já foram muitos. Tudo começou com Estevão, inclusive.

Gozar mais uma vez foi fácil. E intenso. Lágrimas saltaram dos meus olhos, estava ofegante e esgotada, sua boca com o meu gosto tomou a minha e foi o melhor relaxante da vida.

Ele encerrou o beijo com vários selinhos e calmamente, ergueu-se, despindo-se de cada peça de roupa.

Eu até podia estar exausta, mas me entregaria de bom grado àquele homem.

Que espécie de espetáculo em forma de ser humano era ele?

Estevão era grande, muito grande. Largo, sabe? As costas, os braços, o peitoral e abdômen. Cheio de músculos definidos e bem trabalhados. Eu sumia embaixo dele ou em seus braços.

Ele apoiou os cotovelos no travesseiro onde eu estava com a cabeça apoiada, os joelhos fincados nas laterais do meu corpo e encarou-me profundamente.

— Eu realmente esperei muito por isso, linda.

E então me invadiu.

Seu pau estava tão duro, que preencheu todo o meu canal, tornando dificultoso qualquer movimento.

Ciente do seu tamanho e grossura, ele fez uma pausa, permitindo-me acostumar. E, quando se movimentou, foi como o se o paraíso tivesse nos encontrado.

Na hierarquia das burrices que já cometi na vida, aquela estava em primeiro lugar. Dar novamente pro Estevão superava qualquer uma. Eu facilmente iria querer aquilo ali todos os dias. Antes de dormi, depois de um dia turbulento... Ao acordar, um ótimo preparatório para as horas seguintes cheias de compromissos...

Só para, pelo amor de Deus.



Capítulo 31

Débora Montesano

Suas estocadas eram lentas e firmes, o que fazia com que eu o sentisse por inteiro e intenso dentro de mim, ele levou uma mão até minha cintura, onde me apertava e a outra subiu e se embrenhou em meus cabelos.

Seus olhos não me abandonavam, seus lábios tomaram os meus em mais um beijo quente e longo.

Eu sentia minhas forças irem embora, o fôlego quase não existia mais, meu coração parecia que iria explodir, a qualquer momento, e seria melhor que fosse de ódio ao invés de amor.

Mas já sabemos o quanto sou inteligente e esperta...

Ainda era ele, ainda éramos nós.

Não queria reconhecê-lo. Nem misturar as lembranças de uma época doce e distante com a realidade atual.

Mas não é como se fosse possível.

Reconhecia Estevão em seu cheiro, o perfume caro até poderia ter mudado, mas o aroma da sua pele ainda era o mesmo; em suas mãos grandes e firmes, que dominavam o meu corpo ainda mais do que quando éramos adolescentes; em seus beijos cheios de paixão; nos olhares que pareciam ler a minha alma; no sexo sem pressa e que, ao mesmo tempo em que me devorava, venerava-me e fazia-me sentir a mulher mais importante do universo.

Eu queria apenas esquecê-lo.

Mas não conseguia.

E não consegui, durante os mais de vinte anos em que estivemos longe do outro, duvidava que o fizesse agora que esse idiota estava de volta em minha vida.

Por isso, seria mais fácil odiá-lo.

Pois, apesar de tudo, ainda havia aquela partezinha lá no fundo do meu coração, a mesma que me chamava de trouxa a cada manhã, que me fazia lembrar diariamente como era amá-lo.

A grande e ridícula verdade é que nunca o esqueci...

O aperto em meu cabelo ficou mais forte, assim como as chupadas em minha língua, tomei coragem de encará-lo e o tesão que enxerguei em seus olhos quase me fez gozar. Mais uma vez. E ele disse que eu também gozaria quando estivesse dentro de mim.

As estocadas tornaram-se ainda mais intensas, assim como os beijos, os olhares, o seu urro em meu pescoço e não demorou para que eu sentisse a minha intimidade e todo o meu corpo contraírem. Estava tão perto.

O safado sem alma riu baixinho quando se deu conta da minha situação e, contrariando todas as expectativas, diminuiu o ritmo e deu-me um beijo apaixonado.

— Não tão rápido, linda!

Ele só podia estar brincando.

Mas não, não estava.

As estocadas voltaram ao ritmo cadenciado, nossos corpos estavam suados e as respirações ainda ofegantes.

Olhei em seus olhos. Pela enésima vez.

— Eu quero te provar mais um pouco

Não era um pedido, ele apenas avisou. Tomou conta. Como estava acostumado a fazer em tudo ao seu redor.

Já havia gozado sentindo sua boca em minha intimidade sensível e sabia as maravilhas que aquele homem sabia fazer.

Se faltava a cumplicidade que tínhamos anos atrás, o temor de sermos

surpreendidos, muitas vezes, e a pressa que precisávamos lidar, o gostinho do proibido, afinal, nenhum de nós dois foi criado para ficar transando na beira da cachoeira, agora sobrava experiência e masculinidade.

A ponta da sua língua tocou o meu pontinho, enquanto ele massageava os meus seios.

Um gemido escapou dos meus lábios e um sorrisinho prepotente surgiu no mesmo instante em seu rosto másculo e bonito.

Suspirei em meio ao prazer que me dominava, o corpo estava novamente trêmulo. E também dominado pela raiva por quase ter que implorar para que ele me fizesse gozar. Queria de novo. Precisava.

Sua boca ágil arrastava todo o meu juízo e qualquer coerência dos meus pensamentos.

Involuntariamente, esfregava meu corpo contra o seu rosto, tentando aumentar ao máximo o contato.

Ele não se fazia de rogado, tomava tudo, sugava meu clitóris como quem tomava um néctar delicioso. Estevão tinha esse poder... de me fazer sentir poderosa, única, muito gostosa.

Sempre foi assim. Ele não tinha olhos para outra garota, gostava de me agradar, sabia me fazer sentir especial.

Estevão tinha que ter estragado tudo?

Eu não queria lembrar, que droga.

— Vai gozar mais uma vez e, depois, quando eu estiver dentro de você... — Ele ergueu a cabeça, os olhos brilhavam e sua promessa quase soava como uma ameaça. Uma deliciosa ameaça, convenhamos. — Vai dar conta, linda?

Sua atenção voltou à minha intimidade e, já na beira do abismo, segurei em seu cabelo, erguendo um pouco do seu rosto.

— Faça-me esquecer... — supliquei. — Por favor, eu não aguento mais.

Olhou-me duro, puto por que ter que tirar a língua da minha boceta, mas ao mesmo tempo, cheio de compreensão sobre o que eu me referia.

— O que você quer esquecer? — O filho da puta me faria colocar em palavras.

— Que, às vezes, eu te odeio tanto.

Por ora, ignorou o que eu disse, ao menos, não pronunciou uma só palavra, utilizando sua língua apenas para me fazer gozar loucamente. Meu corpo tremia e sem qualquer aviso prévio, ele ergueu o corpo e invadiu-me de uma só vez.

Gemi alto ao ser mais uma vez completamente preenchida por ele.

Tinha que ser tão gostoso?

Era uma mulher experiente. Se Estevão foi o meu primeiro homem e com quem aprendi muito sobre o meu corpo e meu próprio prazer, tive outros parceiros com quem amadureci sobre sexo e relacionamento.

E podia dizer com tranquilidade que ele sabia como ninguém como foder uma mulher.

Agora eu gemia baixinho, enquanto ele entrava e saía de dentro de mim, minha vagina ainda se contraía do gozo recente e parecia pronta para sermos novamente jogadas do abismo e resgatadas por aquelas mãos enormes.

— Você sabe que não me odeia... — disse com a voz ainda mais rouca, rente ao meu ouvido. Estremeci, engoli em seco. — Sabe que tive os meus motivos, que nunca deixei de te amar. — Meus olhos marejaram e arderam, pelas lágrimas não derramadas. *Eu realmente precisava esquecer.* — E você também não. A sua raiva é por ainda me amar, não é *corujinha*?

Idiota. Idiota. Idiota.

Ele subiu uma mão até o meu pescoço e o segurou, depois de beijá-lo. As estocadas tornaram-se fortes e rápidas, um ponto mágico foi atingido, sendo o suficiente para que o meu corpo sacolejasse em um orgasmo ainda mais intenso que os anteriores.

Pendi a cabeça no travesseiro, um suspiro pesado escapou dos meus lábios e sua testa encostou na minha.

— E que eu ainda a amo. — Seguiu dizendo. Sua testa descolou da minha e ele pediu que eu abrisse os olhos. Demorei, não querendo me render. — Não vou te fazer esquecer porque você não me odeia. Quero que se lembre do quanto somos bons juntos. E aceite que ainda há tempo para nós dois.

Estevão Figueiredo Neto

Era confortável o silêncio que pairava entre nós enquanto nos enxugávamos. Havíamos acabado de sair do banho, depois da rodada intensa de sexo. Vestimos o par de roupões que estava no banheiro e, de mãos dadas, seguimos para a cozinha.

Quando começamos a pegação no chão da sala, horas antes, mal havíamos nos alimentado. E agora estávamos famintos. O que era de se esperar.

Recolhemos os petiscos e levamos para a ilha da cozinha, servi vinho em duas taças e chame-ai para a varada.

A noite estava bonita, o céu estrelado e a vista dali para as montanhas era uma visão e tanta. Sentei no banco acolchoado e puxei-a para os meus braços.

Era uma intimidade do caralho aquilo tudo.

E não falo só sobre o sexo. Mas sobre o conforto da nossa presença, os cabelos úmidos do banho, o aroma do mesmo sabonete em nossas peles, dos dedos entrelaçados. E ainda íamos dormir colados um no outro. Pois eu que não soltaria aquela mulher. A minha mulher.

— O cheiro dessa cidade... — Ela quebrou o silêncio e soltou um suspiro. Confesso que, para mim, era só o cheiro de mato, terra e ar puro, que pode ser encontrado em outros lugares, mas Débora sempre enxergou como algo realmente diferenciado. — Como é que conseguimos ficar tão longe?

Eu me odiava um pouco sempre que pensava que, se não tivesse ido embora, ela também não teria saído da cidade que tanto gostava.

— Vida de adulto. — Puxei-a para mais perto e beijei o topo da sua cabeça. — Gosto de voltar, de saber que tenho um espaço aqui. Que aqui é o meu lugar no mundo.

Ela tomou um longo gole do vinho e lançou-me um olhar que fez gelar tudo dentro de mim.

— Por que voltou para a minha vida, Estevão? — É, meus queridos, o momento chegou. E talvez fosse aqui que o meu atestado de óbito seria, finalmente, assinado por ela. Endureci a mandíbula, concentrando-me em pensar rápido e dar uma resposta verdadeira e persuasiva. Ali, eu poderia

colocar tudo a perder. — Aliás, se é para ter essa conversa, vamos começar do jeito certo. Por que você foi embora da minha vida?

Bem, como podem perceber, ela estava prontinha para a guerra.

E pouco se fodendo se a fiz gozar infinitas vezes.

Débora queria respostas, mas também parecia querer extrair cada gota da verdade naquela história que nos envolvia.

E eu, ah, eu não era um homem acostumado a ser pego de surpresa. Imaginava que em algum momento aquela conversa teria espaço entre nós. Até esperei por ela. O que me fodia era a droga da ansiedade que sentia quando estava com ela. Aquele frio na barriga que eu não estava acostumado a sentir em nenhuma outra situação.

— Eu tenho muitas coisas para te falar, te explicar, mas, antes, preciso pedir que faça uma ponderação.

— Que seria?

— Eu tinha acabado de fazer dezoito anos quando tomei a decisão que mudou a minha vida e a sua. Não quero me eximir de responsabilidades, mas sempre foi bem claro para mim que, em outra época, com um pouco a mais de maturidade e segurança, eu teria feito completamente diferente.

Na minha cabeça, era um pedido justo. Eu mesmo, para me perdoar pela grande burrada que cometi, precisei entender esse pequeno detalhe.

Não sei se ela pensava igual.

— Tá. — Talvez, não tanto.

— Tá — repeti. Débora me desestabilizava, impressionante. — Bom, porque fui embora... Cresci ciente de que seguiria um caminho na vida, que era entrar na política. Conversei com você muitas vezes sobre isso. Mas, então, fui tendo outras vontades, mudando os planos e, resumidamente, chegou um momento em que meu pai e meu avô pressionaram-me. Cobraram-me. E precisei tomar uma decisão. — Ela me encarava, atenta e muito fechada. — Estou sendo vago, não é? — Só se deu ao trabalho de erguer as sobrancelhas, que me fez interpretar como um sim. — Todos os homens da minha família foram criados para seguir o legado do meu avô na política. Alguns, entre tios e primos, escaparam. Para o meu pai essa opção jamais existiria. Mas não era algo que me incomodava, desde novo sentia uma vontade, algo dentro de mim ardia, sabe? — Ela balançou a cabeça em

concordância, parte daquele assunto não era mesmo uma novidade. — Teve um final de semana em que fui para Belo Horizonte, meu avô me aguardava para uma conversa em particular entre ele, meu pai e eu. Eles falaram sobre eu não poder envergonhar a família, sobre não desperdiçar o dom que enxergavam em mim, sobre eu não escolher de forma egoísta. Pois, não era só uma escolha minha, se me recusasse a entrar na política, poderia de certa forma estar impedindo que o legado do meu avô prosseguisse. Já haviam tios e primos que se recusaram. Eu era uma esperança para a família. — Minha voz embargou e ela percebeu. Eu realmente me senti manipulado. Poderia ter entrado para a política, mas hoje sei que não precisava destruir sonhos e me afastar da garota que amava. — Meu avô era como um ídolo para mim, desapontar aquele homem era algo que eu não conseguiria fazer. Eu era imaturo, linda. Ainda não sabia como posicionar-me, impor-me.

Seus olhos estavam marejados e era nítido como lutava para que as lágrimas não vazassem rosto afora.

— Eu nunca pediria para você abandonar um sonho. — Disse cheia de convicção. E eu acreditava. Pois sabia que, se dependesse dela, teria ido embora de São João junto comigo. — Não sabia disso? — O tom de voz aumentou e uma irritação parecia tomar conta dela. — Por que você foi embora? — Débora não me deixava responder, emendando uma pergunta à outra. — Sei que não muda nada saber isso agora... Mas, não vou mentir, faz mais de vinte anos que espero por essa resposta. Cansei de procurar em mim algum erro, algo negativo, que justificasse a sua decisão. — Não, linda, você não carrega nenhuma culpa. — Eu preciso saber, Estevão.

Respirei fundo, sentindo meu estômago revirar.

Eu odiava aquela parte da minha história. Odiava saber o quanto fui fraco.

— Eu vou contar tudo... Mas, agora, é realmente necessário que tenha em mente o quão novo e imaturo eu era.

Ela revirou os olhos, impaciente.

— Só conte...

— Venho de uma família rica, cresci rodeado de todas as facilidades que o dinheiro e um sobrenome de peso proporcionam. A pressão que meu pai e avô fizeram teve muito mais a ver com a forma que eu executaria o plano da política do que com o meu ingresso em si. Eu não precisava ser

convencido, pois também tinha vontade de seguir a carreira, mas eu queria fazer isso com você ao meu lado.

Colocar em palavras era uma merda. Porque eu revivia em dobro. Conseguia me lembrar em detalhes da primeira conversa, de que tentei me rebelar e eles praticamente riram da minha cara. Preferia não ter aqueles pensamentos naquele momento, pois havia acabado de enterrar meu avô e não era babaca para ficar queimando a reputação do velho. Mas Débora tinha o direito de saber, porra, também era parte da história dela.

— Queriam você sozinho.

— Sozinho, focado, totalmente entregue aos planos deles — Cuspi as palavras. — Os argumentos foram variados, mas teve um que me convenceu. Conversamos um pouco sobre isso naquela vez em sua casa. Eu realmente não conseguia te imaginar sendo infeliz como a minha mãe foi. E esse foi um erro grotesco. — Fiz uma pausa para olhá-la e sua expressão era impassível. — Você e eu não somos como eles. Meu pai me dizia o quanto estragou a vida da minha mãe, que foi egoísta e que se fosse um homem bom, não teria se casado com ela, mas deixado que fosse feliz vivendo outra história. — Ela riu, debochada e continuava séria. — Não precisa me dizer que é tudo uma grande besteira, porque eu sei que é. Eu tinha um certo pavor do casamento dos meus pais. Mas, hoje, também sei que foi a forma terrível que eles encontraram para lidar com tudo. Não precisava ser assim com nós dois. — Soltei um suspiro ruidoso. Sentia uma raiva do caralho quando lembrava o quanto fui burro. — Ah, já que é para contar tudo... Meio que esfregaram na minha cara que absolutamente tudo o que eu tinha era vindo da fortuna que construíram. Eu não teria como nos manter — antes mesmo que eu completasse a frase, ela estava gargalhando. — E não se preocupe em me julgar, ao que parece, naquela época eu achava que éramos dois inválidos que não poderiam trabalhar.

Nossos olhares se prenderam no outro, até que ela desviou, mirando as montanhas. Fiz o mesmo movimento, tomando tempo, dando espaço a ela, recriminando--me como já fiz infinitas vezes.

— É realmente difícil me conformar — disse, por fim.

— Fui burro, eu sei.

Outro silêncio, ela ainda não me encarava, até que virou o rosto em minha direção.

— Por que voltou?

— Sempre quis voltar. — Revirou os olhos. De novo. Débora estava sendo muito debochada e eu não podia pedir que fosse mais adulta. Não quando não pretendia irritá-la ainda mais. — Mas, em geral, não me achava no direito. Pensava que seria egoísmo demais da minha parte, pois você estava vivendo a sua vida. E as coisas foram acontecendo para mim também. Até que meses atrás, pela primeira vez na vida, vi meu pai de cama. — Consegui prender sua atenção. — Ele sofreu um infarto e minha mãe foi quem cuidou dele. Na verdade, ainda cuida. Ele está bem melhor, mas ainda requer cuidados. Neste tempo, eles meio que se reconciliaram. Um sentimento ardeu fortemente dentro de mim: o tempo perdido não volta. Meus pais perderam uma vida com ressentimentos, brigas e muito orgulho. Agora estão tendo um tempo juntos, é verdade, mas e o que poderiam ter vivido? Foram muitos anos jogados fora. Eu senti a mesma coisa em relação a nós dois. Que perdemos tempo demais. E que eu lutaria para que a história não se repetisse conosco.

Pronto, ali eu realmente escancarei meu coração pela primeira vez. E sabia que havia atingindo-a. Fui cem por cento sincero, só precisava que entendesse.

— Faz ideia do que isso significa?

Ah, eu fazia.

Voltar para a vida da minha ex-namorada era algo grande. Inclusive, infinitamente maior do que inventar aquela porra de namoro de mentira.

Até reencontrar Débora, não fazia ideia que ainda podia amá-la tanto. Jurava que os meus sentimentos não passavam de uma adoração ao passado, mas comprovei que o amor pode, sim, resistir ao tempo e circunstâncias.

— Você terá o tempo e espaço que precisar, mas quando nos reencontramos, eu soube o que queria. E eu quero você!



Capítulo 32

Estevão Figueiredo Neto

Não sabia dizer há quanto tempo estava acordado. Meia hora? Quem sabe. Impossível tentar contar o tempo quando cada parte minha estava focada em velar o sono da minha mulher.

Seu rosto estava aninhado em meu peito, um braço meu ao redor das suas costas e a metade do seu corpo jogado sobre mim. Éramos quase que uma coisa só. Eu respirava e sentia seu cheiro inundar-me.

Era bom, muito bom.

Aquela cena não era comum em minha vida. Pelo menos, não depois que Vivi nasceu.

Já tive várias namoradas no decorrer dos anos, infinitas relações casuais e não sou o tipo de homem com aversão a dormir com as mulheres com quem mantive relações íntimas. No entanto, não as levo para a minha casa. E, desde que tive minha filha, evito ao máximo dormir fora de casa e quando o faço, retorno antes dela acordar.

Enfim... Realmente não é algo que faça parte da minha vida.

E eu também nunca fiz questão.

Quando aconteceu, foi só... bom.

Mas, ali, com a minha mulher agarrada em mim e agora despertando lentamente, era excepcional.

Alisei os seus cabelos e quando seus olhos se abriram, foram os meus que eles encontraram.

Porra, eu queria aquilo para sempre em minha vida.

E seria o homem mais ridiculamente feliz se ela quisesse o mesmo.

— Bom dia, *corujinha*! — Havia um contentamento dentro de mim que era quase vergonhoso.

— Bom dia! — A sua voz rouquinha, os olhos pequenos de quem ainda estava com sono, o sorriso tímido... Era de foder. — Estou com a sensação de que dormi muito — resmungou, erguendo um pouco o rosto em direção à porta que dava acesso à varanda.

— É a paz daqui da fazenda. — Alisei novamente seu cabelo, deixando seu rosto todo descoberto para mim. — Sempre me sinto assim quando acordo aqui.

Débora se esparramou sobre o meu corpo e ali foi determinado que eu teria minha foda matinal. Com a minha mulher. Se isso não era o paraíso...

Ela estava nua, assim como eu. Na noite passada, quando retornamos para o quarto, não resistimos a um sexo lento e preguiçoso antes de dormir, até criamos coragem para um banho rápido, mas não nos demos ao trabalho de nos vestir para dormir.

— Esse barulho dos pássaros cantando — ela praticamente ronronou.

Quem a visse com aquela voz manhosa e o olhar sonolento, enxergaria apenas inocência. Mas a safada se esfregava vagarosamente em mim.

— É incrível, não é? — Eu fingia não perceber o que ela fazia, acarinhava suas costas nua, descendo a mão até a base da sua coluna. Meu pau crescia e eu notava que ela já estava excitada. — Mas ainda é cedo... — Ela suspirou. — Tenho um bom jeito de te ajudar a despertar.

Em um único impulso a trouxe por completo para cima de mim.

Um sorriso libidinoso e divertido despontou em seus lábios. Débora sentou um pouco acima do meu membro e inclinou o corpo até alcançar meu rosto.

Segurei firme sua nuca e a guiei para a minha boca. Beijei-a sem nenhuma pressa, sentindo todo o meu corpo formigar com o contato dos seus mamilos durinhos em minha pele. Sua boceta estava úmida e não ajudava em

nada em meu autocontrole.

Ou era apenas providencial.

Com ela sempre seria intenso.

— Ah, imagino que tenha mesmo!

Era uma safada! Minha safada.

— Tão deliciosa... — Desci uma mão até o seu clitóris, que estava inchado e pedindo por alívio. — Por que ser assim, hein? Não vê que vou te querer o tempo todo?

Desci a boca para seu pescoço, explorando todo a sua extensão com beijos molhados, lambidas e chupadas.

Ela alternava entre gemer baixinho próximo ao meu ouvido e também beijar qualquer parte do meu corpo que estivesse ao seu alcance.

— Não me parece uma reclamação!

Aumentei a fricção em seu clitóris, ela estava pingando de tanto tesão e eu já não me aguentava mais.

— Está bem longe de ser... Senta aqui em mim, linda. — Ela não contestou e rapidamente eu estava invadindo sua intimidade.

— Isso é tão bom — choramingou!

Sua imagem era algo divino. Ergueu o corpo, os cabelos escorriam em suas costas, as maçãs do rosto estavam coradas e os olhos brilhavam.

Era a porra da perfeição.

— Eu te comer de manhã cedinho? — provoquei, sem me dar conta de que ela também tinha o poder de fazer igual.

— Você inteiro dentro de mim... — Puta que pariu! Ergui o quadril, estocando fundo e forte. Ela gemeu alto e cravou as unhas em meus ombros. — A qualquer hora do dia!

— Posso fazer isso, o tempo todo!

Continuei metendo. Quando a coloquei em cima de mim, até pretendia uma foda leve, afinal, havíamos acabado de acordar, mas ela não escondia que gostava de uma pegada firme e sair com as pernas trêmulas a cada vez que eu a pegava de jeito.

Eu podia oferecer. Na verdade, eu podia oferecer tudo o que ela

quisesse.

— Está tentando me convencer de que é um bom partido?

— Estou conseguindo? — Não tive resposta, não quando abocanhei um mamilo e o suguei com força. Vi quando perdeu até o ar. Repeti o mesmo movimento com o outro, ganhando um sorrisinho de aprovação. — Ah, não se esqueça que ainda irei preparar seu café da manhã...

— Parece-me irresistível, Senador! — Subi a boca para o seu queixo e o mordi, no exato momento em que apertei seu clitóris com os dedos e meti fundo em sua boceta. — Isso, assim... — Seus gemidos eram delirantes, doídos e drenavam qualquer gota de sanidade que me restava. — É realmente muito bom!

— Goza junto comigo, linda!

Não precisei dizer mais nada, mais duas estocadas, ela se contraiu inteira e me derramei dentro dela.

Seu corpo pequeno desabou sobre o meu, beijei sua testa, o coração batia acelerado e a respiração com dificuldade para normalizar. Ela estava na mesma situação.

Aos poucos, nossos corpos foram se acalmando.

— Acho que agora sim podemos desejar um bom dia! — Ela riu, toda alegre e beijou minha boca. — Toma um banho de banheira comigo?

— Vou lá preparar!



Enquanto Débora colocava o pão de queijo no forno e picava algumas frutas, preparei seu chá e café para mim. O céu estava limpo e muito azul, o clima fresco e chamei-a para andarmos pela fazenda.

Se não fosse Vivi e a saudades que eu já estava da minha garotinha, prenderia minha mulher ali comigo por mais alguns dias.

— O dia está tão lindo! — Ela parou ao meu lado, olhando pela enorme janela que estava aberta e enlacei sua cintura, mantendo-a colada em meu corpo.

— Pode ir lá para a varanda, já te encontro! — O espaço externo circundava toda a casa, inclusive a área da cozinha.

Ela me deu um beijo nos lábios, pegou a xícara com o chá e saiu pela porta. Lá de dentro, vi-a apoiada no guarda-corpo, observando a paisagem.

Dei uma olhada no forno e servi meu café, quando estava pronto para ir encontrar Débora, recebi uma chamada de vídeo do número da Alana, minha amiga que estava com Vivi.

Atendi, animado. Realmente sentia falta da minha garotinha.

— Papai!!! — Sua vozinha tomou conta de toda a cozinha.

Ela usava um dos pijamas que mais gostava, um conjuntinho rosa e de unicórnios e o cabelinho estava preso em duas maria-chiquinhas.

— Oi, minha princesa! Estou com saudades.

Encostei o corpo na ilha, onde deixei a xícara, para ficar mais confortável.

— Eu também... A tia Alana pediu para eu esperar um pouco para te ligar, porque era muito cedo. — Ela até abaixou o tom de voz ao fazer a reclamação velada e ainda cobriu a boca com a mãozinha. Era só uma bebê de cinco anos, sabe.

— O papai não acorda tarde. — Prendi o riso.

— Viu, tia Alana? — Meu Deus, eu estava criando uma pequena atrevida, não?

— Mas o papai também pediu para que obedecesse seus tios, não foi? — Repreendi-a e um pequeno bico começou a surgir em seu rostinho.

Até revirei os olhos.

— Isso foi só saudade desse papai. — Alana surgiu na tela do telefone, abraçando minha filha. — Está tudo bem por aí, meu amigo?

Queria poder dizer que ela estava preocupada apenas com o meu luto. Mas sabia a grande fofoqueira que ela e seu marido eram... Para todos os efeitos, Débora era a minha namorada de verdade e ambos estavam eufóricos com a notícia. Repetiram várias vezes que tinha certeza de que agora seria diferente dos outros relacionamentos rasos que tive.

Intimidade é uma merda.

Mas também não era como se eles tivessem errados.

— Tudo certo. Obrigado por isso. E por aí?

— Aqui também está tudo em ordem. E não precisa agradecer, adoramos cuidar dessa princesinha. — Ela e Marcos eram um grande apoio para mim com a minha filha. — O único problema é que toda vez que Vivi vem para cá, Alice desata a pedir um irmão.

Soltei uma gargalhada, eles eram promotores de justiça e, desde quando se casaram, acordaram que só teriam um filho.

— Eu também *quelo* irmão, não é papai? — Minha risada logo morreu e respirei fundo. Vivi me colocava em cada situação.

— Você quer tudo, meu amor.

— Vou deixar vocês conversarem. Até mais!

Minha amiga saiu de cena, rindo da minha cara.

— Papai, o cinema foi muito legal. — Vivi se ajeitou melhor na cadeira em que estava, posicionando o telefone bem na sua frente. Só faltou perguntar se estava linda, como normalmente fazia quando a levava ao colégio pela manhã. — Mas eu dormi no carro do tio Marcos, aí não deu para te ligar.

— Eu quero saber tudo, conte-me sobre o que assistiu.

E ela contou detalhe por detalhe. Quando acabou de narrar o filme inteiro, falou sobre cada passo que deu no dia anterior até àquela manhã, em que dormiu em uma cabaninha no quarto da Alice.

— A tia *Débola* não está com o senhor?

Claro que ela iria perguntar.

A mulher ainda estava lá fora, mas já havia visto que eu falava ao telefone. Naquele instante, quando olhei pela janela, nossos olhares se encontraram e chamei-a para dentro, apontando para o aparelho.

Abracei sua cintura, quando se aproximou, colocando-a em minha frente e entreguei-lhe o telefone.

— Oi, princesinha! — O sorriso enorme que minha filha abriu ao ver minha *namorada* deixou-me em alerta. — Saudades de você!

— Eu também titia. — Ela estava realmente feliz por ver e falar com a

tia *Débora*. — O que vocês estão fazendo aí?

Eu, pelo menos, engoli em seco. A parte não censurada para menores de dezoito anos era relativamente pobre.

— Vamos caminhar agora... — Basicamente era isso. — O seu pai me disse que você foi ao cinema, saiu para almoçar com a sua amiguinha e ainda fizeram chá da tarde para as bonecas... A loirinha balançava a cabecinha toda animada. — Está muito divertido, não é?

— Tive muitos *complomissos*, titia. — Suspirei. — Muito legal. Mas agora já posso ir para casa. Quando vocês vêm me buscar, papai?

Vocês... Assim, no plural.

Débora perdeu até a voz.

Essa foi, sem dúvida, uma jogada mal ensaiada da minha parte.

Vivi se apegou à Débora e eu deveria ter previsto que isso aconteceria. Na verdade, pensei sim nessa possibilidade, mas não que fosse tão rápido. E, agora, eu estava meio que perdendo o controle.

Por mais que quisesse Débora em minha vida, de forma real e não em um namoro de mentira, não tinha qualquer certeza sobre o que ela escolheria. Não poderia ter arriscado.

— Hoje à noite o papai te pega aí, tudo bem? — Tomei as rédeas e ela deu uma risadinha.

— A titia também. — A mulher em minha frente não falava nada e o que eu iria fazer? — O tio Marcos e a tia Alana ainda não a conhecem.

— Eu vou com o seu pai, Vivi — ela, então, respondeu e não sei se fiquei aliviado. Talvez fosse necessário que nós dois tivéssemos uma conversa a respeito. Talvez ela quisesse limites bem estabelecidos com relação a minha filha.

O sorriso da garotinha triplicou e ela mandou vários beijos com a mãozinha livre.

— Até mais tarde! Te amo, papai

— O papai te ama mais.

Respirei fundo depois de encerrar a chamada e deixar o aparelho sobre a ilha. Se Débora sentiu toda a minha tensão, fingiu bem. Ela não fugiu quando atravessei um braço em seus ombros, puxando-a para perto. E nem

quando arrastei o nariz pelo seu pescoço.

— Princesas não são mais delicadas do que a minha filha? Deveria chamá-la de pequeno furacão — brinquei e ela riu.

— Ela é a criança mais incrível que já conheci.



Capítulo 33

Débora Montesano

Foi tudo perfeito, o clima entre nós dois era confortável, ao mesmo tempo em que Estevão provava ainda saber sobre muitos dos meus gostos, ele tentava descobrir sobre o que mudei ao longo dos anos.

Ele queria me agradar e não era nada velado. Era intencional. Real. E isso me abalava um pouquinho.

Não me lembrava da última vez em que alguma pessoa, um homem principalmente, esforçou-se para me agradar, para ganhar um sorriso meu.

É claro que seria ele.

— Está tudo bem? — Sua mão apertou meu joelho, cobrindo-o por completo. E seu olhar me tomou inteira. Estevão era sempre intenso demais... — Você está pensativa.

Até engoli em seco.

Era meio difícil me fazer de sonsa na frente dele e fingir que nada estava acontecendo, pois ele parecia ler meus pensamentos.

Não era exagero, eu tinha mesmo a sensação de que Estevão conseguia qualquer coisa que quisesse, até as sobrenaturais.

— Só um pouco cansada. — Não menti, mas também não fui cem por cento sincera. Mas como iria dizer que meu coração é meio burro e que lá estava eu toda apaixonadinha por ele?

Ele me analisou novamente, certamente viu parte da mentira estampada em cada partícula minha e fez o inesperado: fingiu-se de sonso.

Ao me abraçar pelos ombros, fiquei bem colada nele e deitei a cabeça em seu peito. As vantagens de ter um homem enorme e musculoso ao lado para chamar de seu. Mesmo que fosse de mentira.

— Foi puxado, né?

— Mas não é uma reclamação — murmurei e ele riu.

E como seria? Tirando a parte em que deixei meu coração se confundir bastante e da canseira de uma viagem de última hora, os dois dias na fazenda foram incríveis.

— Sei que não. — Sua mão tornou-se mais possessiva ao meu redor, prendendo-me a ele. Ganhei um beijo em meus cabelos e tentei relaxar um pouco. Havíamos pousado a pouco e saímos de carro do aeroporto, pois seu motorista nos aguardava. — Vivi vai entender se você não ir buscá-la... — Ergui um pouco a cabeça, confusa. Será que ele também percebeu que tudo o que estávamos vivendo era intenso demais e não queria que eu o acompanhasse? Afinal, tratava-se da sua filha. Seus olhos, no entanto, pareciam tentar me tranquilizar. — Vai encontrar uma garotinha cheia de energia e pronta para contar em detalhes cada segundo dos três dias em que estive na casa dos tios e da amiguinha. Mesmo que já tenha contado por telefone — explicou.

Bem, se era só isso, eu podia lidar.

— Ela ocupa todos os espaços, não é? Senti falta dela... — E senti mesmo. Daquele seu jeitinho todo empolgado, que fala e gesticula ao mesmo tempo, do seu cheirinho de bebê, do sorriso mais doce e espoleta que ganha qualquer pessoa, da vozinha infantil. Dela inteira, para falar a verdade. — E eu disse que iria, está tudo bem. — Não pretendia desapontar Vivi, não de forma intencional. — Mas irei dormir em minha casa.

Ele apenas assentiu, sem retrucar. Melhor assim.

Hoje, eu precisava do meu espaço.

De poder pensar e surtar com privacidade.



Que criança de cinco anos tem como prato preferido risoto caprese com *muito parmesão*? Palavras dela. Aparentemente, a filha de Estevão Figueiredo Neto.

E lá estava ele, ignorando que havia acabado de chegar de viagem, usando um avental e cozinhando ao lado da filha, que, por sua vez, também estava munida da mesma vestimenta, mas na versão mini.

A garotinha ralava um pedaço do queijo, usando um utensílio de plástico, ela só desfocava da atividade para olhar na direção do pai e soltar algum detalhe que havia esquecido dos dias em que estiveram longe um do outro.

Estevão havia comentado, que quando precisava viajar, ela sempre ficava bem sentida e, que em razão do trabalho, acontecia semanalmente. No entanto, foi a primeira vez que ele a deixou para resolver assuntos pessoais e familiares. Ele basicamente vivia para a filha. E aquilo mexia muito comigo. Como tudo o que envolvia aqueles dois. Se eu tivesse tido um filho, gostaria que o pai fosse dedicado a ele, assim como o meu foi comigo, assim como o meu irmão foi para Estela.

Voltei minha atenção à mesa, que eu arrumava para nós três. O cheiro estava delicioso e havia tomado conta da cozinha e, instantes depois, tinha diante de mim um prato com o melhor risoto que já experimentei.

Dali em diante, seguimos uma rotina que eu já conhecia das noites em que dormi com pai e filha.

Jantamos, Estevão mandou Vivi para o banho, retiramos a mesa juntos, sob seus protestos coloquei a louça dentro da máquina e ele subiu para auxiliar a filha na troca de roupa e escovação dos dentes.

Quando cheguei ao quarto da garotinha, eles cantarolavam juntos uma música infantil enquanto ela escolhia um livro na pequena estante. Aproximei-me e ela veio em minha direção, mostrando o eleito.

— Pode ler esse *pa* mim, titia.

Vivi estava uma graça, usava uma camisola rosa claro com sorvetinhos coloridos estampados, os pés calçados em uma pantufa também rosinha e com uma casquinha e bola de sorte de pelúcia na ponta. Acomodei-me em sua cama, seu pai observava-me sentado no tapete felpudo. Ela o abraçou forte e beijou seu rosto, veio até mim e fez o mesmo e, então, entrou

embaixo do edredom, que também era cor de rosa, porém liso.

Não cheguei ao segundo capítulo do livro e ela já havia dormido.

Estevão e eu saímos em silêncio, depois que ele checkou a temperatura do ar-condicionado e apagou a luz do abajur.

— Tem que certeza de que vai embora? — Ele entrelaçou nossas mãos, nós dois ainda parados no corredor.

A pausa pareceu-me providencial, pois estávamos no meio do caminho entre seguir para a sua suíte ou ir para a direção oposta, onde ficava a escada que nos levaria à saída da casa.

— Tenho. — Soltei um suspiro, quase pesaroso, enquanto ele me observava cheio de atenção. — Mas não precisa se preocupar comigo, já está tarde e você com certeza está exausto.

As palavras mal haviam saído da minha boca e percebi o erro que cometi.

Seu semblante fechou imediatamente e ele soltou as nossas mãos, colocando as suas no bolso da calça.

— Conhece-me tão pouco assim, a ponto de achar que te deixaria ir embora sozinha? — É, colocando dessa forma, parecia mesmo ruim. — E, que estando disponível, pediria outra pessoa para te levar? — complementou, em um tom calmo e áspero.

Até encolhi um pouco os ombros.

— Só não quis te incomodar — tentei explicar e ele revirou os olhos. É, consegui irritar o homem.

— Vou buscar a chave do carro.

Certo, a intenção não era ofendê-lo. Mesmo.

E não me parecia justo que um final de semana tão gostoso, mesmo com o um funeral, acabasse daquele jeito estranho.

Desci para o andar de baixo e o aguardei no *hall* de entrada. Estevão surgiu minutos depois e quando se aproximou, tomei a iniciativa de puxá-lo para um abraço.

Ele estava rígido, de início, mas não durou muito. Bastou que enlaçasse sua cintura e encostasse a cabeça em seu peitoral para que relaxasse um pouco.

— Não foi minha intenção chateá-lo... — disse, sem soltá-lo.

— Eu sei. — Deixou um beijo no topo da minha cabeça e, segurando em minha nuca, afastou um pouco o meu rosto para olhar em meus olhos. — Talvez eu esteja frustrado por saber que irei dormir sozinho... Queria minha mulher comigo.

Aquele olhar safado e intenso, além das palavras ditas sem o menor pudor, eram a prova de que realmente precisava ir para casa.

Mais uma noite ao lado dele, mais um sexo delicioso, mais uma vez acordar em seus braços, mais um café da manhã com pai e filha sintonizados, iriam só ferrar mais um pouco com a minha cabeça.

O afastamento era mais do que necessário. Era vital.

— Não torne as coisas mais difíceis... — Ele apenas assentiu e pegou minha mão. — Vejo você em breve, certo? — perguntei, antes que chagássemos a garagem.

— O quanto antes.

Estevão Figueiredo Neto

Saí de uma longa reunião com os líderes da oposição e não posso dizer que consegui servir gentilezas.

Eu estava puto, mal-humorado e com uma carranca no meio da cara que agora incomodava até a mim mesmo. E, como se não fosse o suficiente, seria o portador da notícia de que uma CPI, que cairia uma bomba contra o governo atual, seria instaurada no Senado.

Depois de dispensar os Senadores e Deputados com quem havia me reunido, caminhei a passos largos dentro do meu gabinete, indo em direção a área comum. Tinha o plano de encontrar minha secretária e pedir-lhe um analgésico, uma enxaqueca estava prestes a me enlouquecer.

Que dia de merda. Que dias, no plural, para ser sincero.

Isso tudo por que está desde domingo sem dormir com a sua mulher? Foram apenas 2 noites, hoje ainda é quarta-feira.

Resolvi ignorar certos pensamentos que não merecem respostas.

Mas, também, não é como se fosse possível fugir deles.

Não quando sentia a falta dela e os únicos momentos bons dos últimos dias foi quando estive com a minha filha.

Débora e eu não chegamos a morar juntos, mas, enquanto estive em minha casa, fosse no Rio ou aqui em Brasília, sua presença se expandia. Eram os seus livros de romances que ela deixava em algum canto da sala ou do nosso quarto, a xícara com chá, os óculos de grau que usava para ler ou assistir televisão e sempre esquecia de guardar, as velas aromáticas que gostava de acender, o seu cheiro espalhado em meus lençóis, assim como o do seu shampoo em meu banheiro. Isso era foda pra caralho, pois aquela mulher habitou o meu lar, fez parte dele. E eu a sentia por cada cômodo da minha casa.

Na noite passada, pateticamente acordei, quer dizer, não preciso mentir para vocês, eu não conseguia pegar no sono e então fui para a cozinha e preparei o maldito chá de camomila que ela gosta e que fiz para ela quando dormiu lá em casa pela primeira vez. E, tenho que admitir, que me ajudou a pelo menos descansar por algumas horas até precisar levantar e ir para o aeroporto.

Balancei a cabeça tentando dissipar os pensamentos, eu realmente necessitava de uma trégua deles. Ainda teria um longo dia pela frente.

A pessoa a quem eu procurava materializou-se em minha frente, ela também andava apressada pelo corredor e parou diante de mim com urgência no olhar. Meus olhos recaíram de imediato para o aparelho que ela segurava. Sempre que estava em Brasília, deixava com Amélia um celular particular, para o caso de ocorrer alguma emergência com a minha família e não conseguirem falar comigo.

— O que aconteceu? — perguntei, de imediato.

— Doutor Figueiredo, ligaram do colégio da sua filha. — Gelei por dentro. Quem tem criança em casa sabe, não se recebe ligação da escola se não tiver ocorrido uma real urgência. — Ao que parece, teve uma queda. Ela está bem, foi atendida pela enfermeira que fica à disposição dos alunos, mas será necessário buscá-la.

Que merda, Vivi devia estar assustada. Pior, machucada. E eu não estava lá para recebê-la e acalmá-la. Esse era um dos meus maiores medos quando entrava em um avião para fazer as minhas inúmeras viagens a trabalho: que a minha filha precisasse de mim e eu não estivesse por perto.

Não importava que falassem que a tal queda não havia sido nada demais e que ela já estava bem e sem chorar. Meu coração só se acalmaria quando a visse pessoalmente.

— Estão na linha?

— Não. — Ela me entregou o aparelho e dei meia volta, retornando para a área reservada do gabinete. — Mas avisei que iria te localizar e que retornaria o mais rápido possível.

— Certo, obrigado.

Em menos de um minuto, conversava com a diretora do colégio e, na sequência, teria que fazer outra ligação.

Ainda não eram meio-dia e Vivi estudava das sete da manhã às três da tarde. Naquele dia, uma quarta-feira, ela ainda teria aula de ginástica artística, que havia começado dias atrás. A rotina da Escola Americana era puxada, mas nós dois gostávamos da dinâmica do colégio e, além de ser um dos melhores, se não o melhor do Rio de Janeiro, era o mais perto que ela vivenciava da cultura da sua mãe.

Entrei em minha sala e joguei-me na cadeira confortável atrás da mesa. A diretora garantiu que ela estava bem, embora com dor. E que a pequena pediu-lhe que chamasse uma pessoa em específico, pois seu papai estava viajando a trabalho.

Ah... Vivi! E lá ia eu continuar cometendo o mesmo erro.

Débora perguntou se eu precisava de ajuda com ela e que poderia ir lá em casa ajudar na rotina. Mas, mesmo querendo e sabendo que minha filha ia gostar muito, achei melhor não. Ela ainda não tinha certeza do quanto me queria em sua vida, mas eu era adulto e vacinado, o problema era a pequena princesa que havia se apegado demais à mulher, por um enorme erro meu e com Violetta eu não estava disposto a arriscar essa relação. Se Débora decidisse se afastar, e ela tinha todo o direito de fazer quando a nossa farsa acabasse, minha filha ficaria abalada.

No entanto, agora eu tinha uma urgência em mãos.

— Estevão? Está tudo bem? — ela atendeu a chamada no segundo toque e suspirei, feito um idiota, só por ouvir sua voz.

— Oi, linda. Preciso da sua ajuda.



Capítulo 34

Débora Montesano

O tempo de deslocamento do escritório do *Domum* até o colégio da Vivi, que, por sorte, também ficava na Barra, não passou de um borrão. Eu estava aflita pelo o que iria encontrar e pouco confiante de que saberia lidar da forma como a garotinha merecia, ou seja, com muita segurança e amor. A parte do afeto não me deixava nervosa, convém explicar.

No entanto, ao encontrá-la sentadinha em um sofá dentro da diretoria, respirei um pouco aliviada. Ela balançava as perninhas enquanto conversava em inglês com uma funcionária. Sua mochila de rodinhas e uma outra bolsa menor, que combinavam entre si e descobri ser sua lancheira, estavam ao seu lado.

Fui surpreendida por ela que saiu correndo em minha direção e abraçou minhas pernas, com muita mobilidade para quem havia caído e até precisaria ser levada ao hospital. Bem, era melhor assim. Não queria nem pensar em uma realidade em que Vivi estivesse realmente com um machucado sério.

A funcionária conversou comigo, explicou sobre a queda no parquinho, as reclamações de dor que a pequena fez e também me passou o relatório elaborado pela enfermeira que a atendeu de imediato. Aparentemente, tratava-se de uma mera luxação no bracinho, próximo ao ombro esquerdo.

Charles, motorista do Estevão, conduziu-nos até um hospital

particular. Ao chegarmos, um pediatra e um ortopedista estavam nos aguardando, um pequeno exagero, talvez. Mas era a filha dele, não é? Provavelmente, se eu tivesse tal influência, faria o mesmo.

Quase uma hora depois, estávamos liberadas e, como já imaginávamos, era mesmo apenas uma luxação.

Conversei com Vivi e decidi levá-la para a minha casa, ela já tinha lamentado que ainda não a conhecia e achei que seria bom para distraí-la termos um dia só nosso.

Depois que almoçamos, peixe assado com legumes e arroz integral, pedi que ela tomasse um banho e, então, usei o tempo livre para falar com seu pai.

— Estava esperando sua ligação, linda — ele atendeu logo no primeiro toque, pediu que eu esperasse um pouco e o ambiente antes barulhento tornou-se silencioso. — Pronto, agora podemos falar sem sermos interrompidos.

— Pode ficar tranquilo, como te disse nas mensagens, ela está realmente bem. — Eu é que talvez não esteja. Tudo o que fugi durante dois dias inteiros, caiu no meu colo em um estalar de dedos.

— Estou tranquilo, você está com ela. — Não fala assim, homem. Eu não tenho nenhuma estrutura para ouvir isso.

Engoli em seco e dei graças a Deus por ele não poder enxergar a minha cara patética de quem não sabe o que dizer.

Poderia parecer bobeira da minha parte, mas, poxa, ele tem funcionários à sua disposição, babá, governanta e motorista que poderiam cuidar da sua filha, mas ele escolheu contar comigo. E eu sentia um frio na barriga infinito.

— Obrigada por confiar em mim. — Um pequeno silêncio e então tratei de falar o que já havia avisado por mensagem. — Trouxe-a para minha casa... Almoçamos e agora ela está no banho. Importa-se se ela dormir aqui?

Pedi a Charles que trouxesse suas coisas e, meia hora depois de ter nos deixado em casa, retornou trazendo consigo uma pequena mala para minha hóspede. E ainda avisou que em breve meu carro seria deixado em minha garagem.

— De jeito nenhum. Ela deve estar adorando essa mudança de rotina,

conheço minha filha. — Ele deu uma risadinha, que acompanhei.

— Acho que está sim... — Considerando que, desde a nossa chegada, Vivi emendou um assunto no outro, inclusive, despejando uma série de comentários sobre a decoração da minha casa e que parecia ser de princesa, acho que ela, no mínimo, estava achando bem interessante. — Posso dar um chocolatinho? E um filme curto é permitido?

A risada agora foi alta e fiquei um pouco apreensiva.

Estevão era todo certinho com a filha. Somente aos finais de semana permitia que ela comesse alguma besteira, nada de refrigerantes, tinha horário para dormir e acordar e seu acesso a telas era limitado. Televisão, por exemplo, apenas meia hora por dia. E sempre com supervisão.

— Só hoje... — Uma pausa. — Sei que parece chato, mas é importante para a saúde e formação dela.

Não queria que ele se sentisse julgado... Ao contrário, ficava orgulhosa do tipo de pai que era. A minha ideia foi muito mais por não saber bem como agir com uma menininha que se machucou e precisou ir ao médico, fazer exames e estava longe do pai, que era seu porto seguro. Até remédio para dor estava tomando. Mas não duvidava de que o ocorrido fosse totalmente comum na vida de pais de crianças.

— Não acho chato... Mas muito cuidadoso da sua parte.

Outra pausa, tenho certeza de que o deixei sem graça.

— Chego no Rio à noite, já adiantei uma sessão e vou tentar fazer o mesmo com a próxima. Vou direto encontrar vocês.

Não vou mentir, saber que horas mais tarde iria encontrá-lo, aumentou minha ansiedade.

— Certo. Bem.. Não vou te atrapalhar.

— Você não atrapalha — disse, firme. — Mais uma vez, obrigado. Vivi é minha joia preciosa e é difícil não estar com ela em todos os momentos em que precisa de mim.

— Chega de agradecimentos — pedi. — Talvez eu te faça uma invejinha e mande uma foto agarradinha a ela, enquanto assistimos filme.

Ele voltou a rir e o clima ficou leve.

— Talvez eu cancele todos os meus compromissos aqui em Brasília e

volte correndo para vocês.

Ele voltaria por nós duas... Até senti as pernas bambearem, ainda bem que estava sentada.

— Até mais tarde, Estevão!

Ao encerrar a ligação, fechei os olhos e respirei fundo.

Desde domingo à noite, quando ele me deixou em casa, que ficamos um pouco distantes. Conversamos por mensagens e na segunda, após o jantar, ele fez uma chamada de vídeo porque Vivi queria me dar boa noite. Ele e eu, no entanto, não estendemos a conversa.

O motivo? Eu não estava sabendo lidar com os meus sentimentos.

O final de semana foi muito intenso, passado e presente se misturando o tempo todo e deixando o óbvio escancarado para mim: nunca realmente o esqueci; ainda me ressentia pelo o que não pudemos ser.

Mesmo que este último fosse em menor escala, ainda estava lá, vivo dentro de mim.

Durante os dois dias eu trabalhei bastante, primeiro colocando a rotina em ordem no *Domum*, e segundo, porque precisava ocupar a mente. Na terça, ainda estive em um dos eventos noturnos do cerimonial e quando saí de lá, topei sentar em um barzinho no Leblon com Mário e Lucas, um amigo nosso em comum que enviou mensagem, chamando-o para tomar um chopp. Dispensei a bebida alcoólica, escolhendo uma água com gás, e dei boas risadas ao lado dos dois.

Quando decidi ir embora, Mário, que pretendia estender a noite, levou-me até o carro e disse que eu estava sendo boba em fugir do meu *namorado*.

E agora eu estava aqui pronta para tirar do banho a filha dele. Ajudei Vivi a lavar o cabelinho e dei uma checada se havia feito tudo o que a orientei. Então a vesti em um roupão felpudo e cor-de-rosa, que veio em sua mala.

No meu quarto, ajudei-a trocar, logo estava usando um conjunto xadrez de short e blusa em dois tons de azul e com os cabelos penteados, uma mecha presa com um laço que combinava com a sua roupa.

Pedi-lhe um tempo, enquanto também fui tomar um banho e, minutos depois, estávamos as duas deitadas no sofá da minha sala de TV, assistindo Cinderela.

— Titia — Vivi chamou.

Seu corpinho estava todo aninhado ao meu. Liguei o ar-condicionado, deixando o ambiente friozinho, do jeito que ela gostava, e nos cobri com edredom. Havia feito pipoca e dado a ela um tablete pequeno de chocolate, mas antes deixei claro que seu pai havia autorizado e as regras dele deveriam continuar sendo seguidas.

— Oi, princesa. — Fiz um carinho no cabelinho e ela, que estava em minha frente, virou-se um pouco, conseguindo me olhar.

— Eu não fiquei com medo de ir ao médico sem o papai — contou e beijei sua testinha.

Meu coração até se apertava de tanto que já amava aquela criança. Além de tudo, era muito fofa e doce.

— É mesmo? — Ela balançou a cabecinha, em confirmação e não conteve um sorriso. — Está ficando uma mocinha, não é?

Um sorrisinho surgiu em seus lábios, como se dissesse que eu havia entendido errado o que ela tentava me dizer.

— Eu não fiquei com medo porque você estava comigo — explicou e meu coração quase perdeu uma batida. Aliás, essa era uma habilidade que pai e filha sabiam executar com louvor. Os dois deixavam-me constantemente desconcertada e no ponto de ter um AVC.

— Eu estou aqui por você, Vivi. — Puxei-a para mais perto, abraçando-a firme.

— Eu sei... — disse, simplesmente. — Eu falei com a *plofessola* que o meu papai estava viajando e era para te chamar... Mas ela insistiu que *plecisava* falar com o papai.

Prendi o riso com o seu jeitinho quase indignado.

— Vocês duas estavam certas.

— É. Esse é o meu filme *plefelido* — mudou completamente o assunto, enquanto as letrinhas subiam pela tela, sinalizando que o filme havia chegado ao fim e então ficou de pé.

— Eu também gosto dele. Sabia que o assistia quando era criança? — Também saí do sofá e passei a dobrar o edredom e arrumar as almofadas.

— Ele já existia, titia?

É, alguém sutilmente estava me chamando de velha.

— Sim, princesa. O que acha de prepararmos um lanche?

Ela aceitou meu convite, ergueu os bracinhos para que eu a carregasse no colo e seguimos para a cozinha. Coloquei-a em uma das banquetas e peguei pão integral, patê de frango, alface e tomate. E, para beber, suco de laranja.

— Eu posso te ajudar, titia. *Semple* ajudo o papai. — Assenti e deixei que ela montasse o seu. — Ah, depois que a gente comer, podemos ver o papai na televisão.

— Na TV? Seu pai vai dar alguma entrevista ou algo assim? Ele não me falou nada.

— Não, titia! — Ela riu e tive a impressão que Vivi estava me achando uma boba. — Tem um canal na televisão lá do lugar onde o papai *tlabalha*.

Não fez muito sentido para mim, mas deixei para lá e decidi que depois iria procurar saber sobre o que ela falava.

— Tá, podemos procurar.



Capítulo 35

Débora Montesano

Nova obsessão desbloqueada com sucesso: assistir sessão de debates no Congresso Nacional, televisionada pela TV Senado.

Eu estava completamente hipnotizada vendo aquele homem todo bravo, com a voz firme e uma expressão ferina no rosto, distribuindo ordens sobre como iria funcionar a discussão pautada.

O assunto era sobre alocação de algum orçamento, o que me pareceu muito técnico e pouco atrativo. Sem dúvida, não era algo que prenderia a minha atenção.

No entanto, não me importava.

Não quando o homem que estava, há longos minutos inteiros falando, era Estevão.

Ele já havia chamado a atenção de meia dúzia de Congressistas, estava irritado e de minuto em minuto checava o relógio em seu pulso. Usava um terno grafite bem cortado, uma gravata azul que combinava perfeitamente com a cor dos seus olhos e, junto com a linda cara fechada que ostentava, tinha aquele cabelo bem penteado para trás que, nele, ficava absurdamente sexy.

Sua voz potente sobressaía-se entre as demais. O poder exalava da cadeira de presidente que ocupava.

E eu, definitivamente, poderia passar tardes inteiras, assistindo-o.

— O meu papai é lindão, né titia? — Vivi rolou para o meu lado na cama, quase entrando embaixo de mim.

Havíamos ido para o meu quarto, pois ela tomou um anti-inflamatório e percebi que estava um pouco sonolenta. No entanto, bastou que o seu papai aparecesse na tela da TV para que ficasse totalmente desperta e atenta.

— É sim.

— Ele deixa eu assistir TV quando estou com saudades — contou e abracei-a, beijando sua testinha.

— Você sabe que ele te ama e também fica com saudades quando precisa viajar, não é?

— Eu sei, titia — riu, toda sapeca. — O papai me ama muito.

Bem, menos mal. Era importante que soubesse sobre o quanto era amada e cuidada.

Certa hora, achei que as discussões estavam pesadas para que uma menininha de cinco anos assistisse e, a contragosto, pois realmente queria continuar presa a ele na TV, avisei a Vivi que iria desligar o aparelho e chamei-a para brincarmos com as suas bonecas.

Ainda bem que ela era obediente e, mesmo que quisesse ficar assistindo o pai, não criou problemas.

O restante do dia foi tranquilo.

Fizemos o dever de casa, brincamos mais, jantamos, Vivi tomou outro banho e segui o ritual noturno que já conhecia da sua rotina.

Às oito e meia da noite ela estava dormindo em minha cama e quase às dez, meu telefone tocou, fazendo meu corpo vibrar em ansiedade.

— Acordei você? — Ai, aquela voz...

— Não! — respondi, caminhando pela cozinha. — Estava lendo e parei para preparar um chá.

— Estou na porta da sua casa, posso subir? — Ele disse que viria, mas a expectativa esteve lá o tempo todo. E eu estava em êxtase. Meu Deus, o quão patética um pessoa apaixonada poderia ser? Porque assim, eu me sentia até envergonhada. E já desistido de mentir para mim mesma.

— Claro! Pode parar na garagem, vou autorizar na portaria.

Corri até o espelho mais próximo e dei uma rápida arrumada no cabelo, tomei um gole do chá, que ficou pronto enquanto nos falávamos, e fiquei controlando a respiração, enquanto não ouvia o ruído do elevador chegando na cobertura.

Passaram-se poucos minutos e então a porta se abriu.

Estevão surgiu ainda mais lindo pessoalmente, embora com um semblante cansado. Carregava uma pasta e uma pequena bolsa de viagem, que deixou no chão do *hall* de entrada. Aproximei-me e ele puxou-me com firmeza para junto de si.

— Não pode ficar tão longe, *corujinha* — disse com o rosto enterrado em meu pescoço. — Escondeu-se de mim por dois dias. — Suas mãos me prendiam tão forte, que ficava difícil raciocinar. — Sinto sua falta, sabia? — Ele levantou o rosto para mim. Seus olhos brilhavam de um jeito, sei lá, diferente. Não tive tempo ou espaço para responder, pois ele me beijou.

Não havia qualquer pressa, Estevão provava os meus lábios com aquela sua calma que era quase perturbadora. Ainda mais para mim que, no fundo, sabia que ele não tinha nada de calmo. Não internamente, pelo menos.

Entreguei-me sem reservas, também estava com muitas saudades e senti falta dele em cada segundo, desde domingo à noite, quando me deixou em casa.

Eu estava tão envolvida... E não era só em seus braços fortes, que me seguravam, ou com os seus beijos deliciosos, que me torturavam lentamente.

Era com ele inteiro. E com aquele serzinho que agora dormia toda esparramada embaixo do meu edredom.

Ele encerrou o beijo com um selinho demorado, sem me soltar do seu abraço. Encaramo-nos e eu podia ficar ali, quietinha, olhando para ele. Mas aí me lembrei que o homem estava fora de casa desde muito cedo, havia pegado dois voos no dia e acabado de chegar de viagem.

— Vamos lá na cozinha, guardei do jantar para você. — Puxei-o pela mão, que não contestou. Só pediu para antes usar o banheiro e quando retornou, eu estava diante do micro-ondas e ele me abraçou por trás, apoiando seu queixo em meu ombro. — Está exausto, não é? Brigou muito durante o dia!

Estevão riu, uma risada leve e despreocupada, acomodando-me ainda mais em seu abdômen.

— Não me diga que Vivi te colocou para assistir TV Senado?

Ele me virou com cuidado e precisei respirar fundo. Seus olhos brilhavam e um sorriso lindo demais estava em seu rosto. Não sei se ele percebia, mas, normalmente, reagia assim ao menor sinal de uma interação minha com a sua filha.

— Óbvio!

O riso expandiu-se e ele me beijou.

— Eu não via a hora de voltar para casa. Ela está bem mesmo?

— Passou o dia como se nada tivesse acontecido, exceto que, às vezes, sente um pouco o bracinho e que torce o nariz para tomar o remédio... — contei, enquanto terminava de montar um lugar na ilha da cozinha. Servi um copo de suco e chamei-o para sentar.

— Te deu muito trabalho?

— Sua filha é perfeita. E eu amei ficar com ela... Divertimo-nos juntas. — Tirei o prato do micro-ondas e coloquei diante dele, sobre um lugar americano bonito. — Lasanha de berinjela e frango empanado. Mas, não se preocupe, ele foi assado. — Antes que eu pudesse me acomodar ao seu lado, ele me segurou pelo braço.

— Estou ficando com fama de ser chato com comida? — Ergueu as sobrancelhas, fingindo uma preocupação que nós sabíamos que não existia.

Resolvi entrar na brincadeira e inclinei-me até que as minhas mãos alcançassem seu abdômen sarado e aqueles gominhos que me tiravam o fôlego.

— Não tenho nada do que reclamar! — Deslizei as mãos calmamente, sem desviar os olhos dele. O homem até respirou fundo. — Inclusive, pode continuar se cuidando.

— Safada... — A voz grave talvez tenha feito um pequeno estrago em minha calcinha e aquele braço enorme puxou-me e fez-me sentar em seu colo. — Minha safada. Diga-me que tem um quarto de hóspede. — Sua boca foi para o meu ouvido.

Reuni todas as minhas forças para não me desmanchar ali.

— Até tem... Tem também uma cama confortável e lençóis limpinhos e macios, mas antes vou pensar se você está merecendo usá-lo.

A outra mão subiu pelas minhas costas, alcançando minha nuca, onde me segurou.

— Tenho certeza de que você sabe que irei fazer valer a pena, *corujinha*. E aí fica fácil saber que a resposta sobre o meu merecimento é sim.

M.i.s.e.r.i.c.ó.r.d.i.a!

Estevão Figueiredo Neto

Sou o tipo de pessoa que acorda cedo naturalmente. É raro sair da cama depois das sete da manhã. Principalmente durante a semana. Além de me achar mais produtivo no horário matutino, sempre tenho compromissos. Reuniões, levar Vivi ao colégio, viagens, atividade física... Enfim.

Mas a última noite foi foda. Na verdade, o dia todo foi uma merda.

Estava preocupado com a minha filha, as sessões agendadas no Congresso foram mais tumultuadas do que imaginei, não parei nem para um lanhe, pois queria voltar logo para casa e se a pequena passou bem durante o dia, não poderíamos dizer o mesmo da sua noite.

Ela estava incomodada, com o sono agitado e acordou durante a madrugada reclamando de dor. Vivi só voltou a dormir depois que a mediquei com um remédio diverso do que o médico receitou e, claro, sob o olhar preocupado da Débora.

Agora estávamos nós dois na cama da minha mulher. Ela, apagada e agarrada ao seu bichinho de pelúcia.

Fiz minha higiene no banheiro e saí do quarto à procura da dona da casa. Encontrei-a em pé na cozinha, usava um conjunto de calça e top de ginástica, completamente gostosa àquela hora da manhã...

Aproximei-me devagar para não assustá-la, pois segurava a sua inseparável xícara de chá.

— Bom dia! — Ela virou em minha direção e, antes mesmo que pudesse responder, agarrei seu corpo. — Queria reclamar que você não

estava na cama, mas acho que fui eu quem dormiu demais...

— Ainda é cedo, não passa das oito. — Abracei ainda mais sua cintura e beijei seus lábios. — Conseguiu descansar?

— Dentro do possível.

— Acabei de passar um café, vou te servir. — Soltei Débora, que me puxou até a mesa redonda que ficava em um canto da cozinha, onde já havia os itens para um lanche e serviu uma xícara da bebida pura, como eu gostava de tomar.

Reparei que estava calçada com tênis e algo atinou em mim.

— Vai sair?

— Tenho horário com meu pessoal agora... Esqueci de cancelar.

— Aqui no prédio?

— Sim.

A única coisa que eu conseguia processar era a minha mulher toda deliciosa dentro da calça justa e com aquela barriga perfeitinha aparente. Meu Deus, eu não era um cara ciumento. Até muito recente, nem tinha de quem sentir ciúmes. Talvez me tornasse um pouco quando Violetta crescesse. Mas, até lá? Realmente não tinha problemas com isso.

O problema é que agora eu estava perdendo até o raciocínio...

— Dona Débora, as plantas da área da piscina estão mais bonitas, algumas floresceram. — Uma voz feminina e animada adentrou a cozinha, a dona era uma mulher de meia idade e baixinha, que parou de repente, quando seus olhos pairaram sobre mim. — Desculpe-me, não havia visto o senhor.

— Imagina! Bom dia. — Ergui a xícara de café em um cumprimento informal e ela me encarava, como se tivesse diante de uma celebridade, talvez. Alguém que definitivamente ela não esperava encontrar.

— Jane, ele é o Estevão, meu namorado. — Débora me apresentou, sob a expressão ainda espantada da mulher e virou-se para mim. — A Jane me ajuda aqui em casa, vem em alguns dias da semana.

— Prazer em conhecê-lo... — A voz saiu baixinha, diferente de quando chegou a cozinha. — Pessoalmente — complementou e prendi o riso.

— O prazer é todo meu, Jane.

— Precisa de alguma coisa, dona Débora?

— Vou descer para a academia... Se o Estevão ou a Vivi, sua filha que está dormindo no meu quarto, precisarem de algo, irão te chamar.

— Estou à disposição, senhor.

A funcionária deixou-nos a sós e aproximei-me da minha mulher, segurando em seu queixo.

— Ela pode passar o olho na Vivi? — perguntei e ela acenou em positivo. — Se não se importar, vou aproveitar e malhar com você.

É claro que eu ia, como o bom idiota que estava demonstrando ser.

— Jane vai adorar ficar com a pequena, caso ela acorde antes de voltarmos.

— Vou me trocar e já venho.

Como estava sempre viajando e com compromissos que surgiam de última hora, deixava sempre uma pequena mala de emergência no carro, com troca de roupa casual, esportiva, terno e itens pessoais e de higiene.

Graças a isso, não precisei ir em casa quando pousei no aeroporto na noite anterior.

Em cinco minutos, estava de volta e Débora avisou que o pessoal havia chegado e já aguardava na academia.

Entrelacei nossas mãos e não a soltei quando saímos do elevador, tenho certeza de que ela revirou os olhos, mas não é como se eu realmente me importasse.

O que me importava e fez o meu recente ciúme triplicar foi o tipinho que Débora pagava para vê-la malhando.

Eu tinha um metro e noventa, alimentava-me bem e praticava regularmente atividades física, com ênfase na musculação. Ela mesma estava ontem elogiando meu corpo. Não era inseguro. Mas o cara ali era um brutamontes, ainda mais alto do que eu, mais forte com toda certeza e com os braços cobertos por tatuagens.

Travei a mandíbula quando deveria retribuir o sorriso que me ofereceu em cumprimento.

— Bom dia, Jorginho! — Débora largou minha mão e foi cumprimentar o cara com um abraço e beijo no rosto. Fingi que não estava

vendo. — Desculpa por ter te deixado esperando

— Que nada, gatinha! — Bem, não dava para fingir que era surdo. Ele chamou a minha mulher de *gatinha*? — Esse é o boy?

— É sim! — Ela deu uma risadinha e voltou a ficar do meu lado.

Educado que sou, estiquei a mão para cumprimentá-lo, talvez apertando além do necessário.

— Estevão, o namorado.

— Jorge, o *personal trainer* — ele retribuiu e suponho que eu a tenha irritado um pouco, pois deu um passo em direção a área interna da academia, sendo seguida pelo *Jorjinho*, deixando-me para trás.

— Estevão segue um programa personalizado de atividades — disse-lhe. Era uma indireta para mim de que não iria malhar com ela?

— Uma pena!

— Abusado — o clima descontraído seguiu entre os dois, que saíram todos falantes até o fundo da sala, onde havia uma pilha de colchonetes

— Vou dar uma atenção para a sua lombar. — O que ele queria dizer? E como pretendia dar uma atenção para a lombar dela? — Voltou a doer?

Não havia a menor chance de correr na esteira sabendo que Débora estava com dor e não seria eu a cuidar dela. Dei meia volta antes mesmo de subir no aparelho e parei ao lado do personal, com as duas mãos na cintura.

O homem pediu que ela deitasse de bruços no colchonete e apalpou da metade das suas costas até a base.

Respirei fundo.

Meu Deus, eu estava tal como um animal irracional.

— Não, creio que a massagem que fez ontem foi o suficiente.

— Pode ser, mas não iremos forçar.

E então ele passou a massageá-la, o que pareceu durar longos minutos. Quando acabou, pediu que Débora mudasse a posição, deitando as costas sobre o colchonete e aí ganhei um olhar furioso vindo dela.

Rapidinho encontrei o rumo da esteira, mas, antes, precisava me certificar de que ela estava realmente bem.

— Está tudo certo? — perguntei, ela ainda estava brava, mas

respondeu.

— Sim... Foi só um desconforto. — Talvez tenha visto preocupação em minha expressão e saiu um pouco da defensiva. — Pode ficar tranquilo.

Quase uma hora depois, fomos embora da academia. Despedimo-nos de Jorge e subimos em silêncio até a cobertura.

Eu, obviamente, precisava me redimir. Segui em seu encalço, parando na cozinha para tomar água, Jane avisou que Vivi ainda não havia acordado e era o momento ideal.

— Devo a você um pedido de desculpas... — Ela bebia água de uma garrafinha e parei bem na sua frente. O colo estava suado e avermelhado, assim como a barriga plana e lisinha. Uma delícia. Débora ergueu as sobrancelhas e quase revirei os olhos, como se fosse possível ela não saber sobre o que eu falava. — Fiquei com ciúmes e passei dos limites.

Balançando a cabeça, ela concordou comigo.

— Tem toda razão. Não fiquei feliz com o que fez.

— Perco menos pontos se te contar que foi a primeira vez em quarenta anos de idade, quer dizer, desde o fim do nosso namoro. Acho que sempre senti um pouco de ciúmes de você. — Novamente, sobrancelhas erguidas para mim e sem mais resistir, toquei com as duas mãos na sua cintura e puxei-a para mais perto. — Você é boa demais para mim, é até justificável insegurança da minha parte. Só não tenho como explicar ser babaca.

— Foi babaca. — Rimos e ela deixou a garrafinha sobre a ilha, depois de me oferecer e eu negar. — Não tem motivos para ter ciúmes do meu personal. É mais fácil Jorginho disputar você comigo. Mas, brincadeiras à parte, ainda tem a questão de que o nosso namoro não é real. — Eu odiava com todas as forças quando ela falava aquilo. — Tenho amigos homens, pega leve, Senador!

Tinha muitos argumentos para retrucar, mas, claramente, não era um bom momento. Então, apenas assenti.



Capítulo 36

Estevão Figueiredo Neto

— É aqui que a tia *Débora tlabalha*, papai? — Vivi perguntou, toda ansiosa e em meu colo, enquanto subíamos pelo elevador até o andar em que ficava o escritório do *Domum*.

— É sim, princesa.

— Ela vai gostar da *suplesa*, ne?

— Ela vai amar!

Beijei seu rosto e saímos no andar. A porta de vidro logo foi aberta pela recepcionista que eu já conhecia e ela se adiantou dizendo que iria chamar sua chefe.

Minha filha observava com atenção cada detalhe da recepção e os olhinhos curiosos não saíam da outra porta e corredor, que davam acesso a parte interna.

Eu ainda estava de pé quando Débora surgiu com uma expressão surpresa no rosto.

— Vieram me visitar? — Primeiro ela cumprimentou Vivi, tirando-a do meu colo e depois me deu um rápido e desajeitado beijo nos lábios.

— Vim conhecer o seu *tlabalho*, titia!

A pequena estava eufórica. A ideia surgiu na noite anterior, tudo porque eu estava com saudades da minha mulher, minha filha também e há

dias planejava fazer um programa que sabia que ela gostava.

— Vou te mostrar tudo, meu amor.

Avançamos pelo corredor e Débora foi contando sobre cada ambiente e a função que tinha na estrutura física da empresa, apresentou alguns funcionários que passaram por nós e então chegamos à sua sala.

Vivi logo correu para a parede envidraçada e ficou alguns segundos admirando a vista. Quando retornou, eu havia me acomodado em uma poltrona e ela sentou em meu colo.

— Viemos te buscar para passar o dia com a gente — contei-lhe, que ainda não escondia a surpresa com a nossa visita.

— Estou me sentindo importante!

— E você é — disse olhando em seus olhos e ri quando a percebi tímida. — Pensamos em almoçar fora e depois irmos a um museu. O que acha?

— Eu vou adorar! — É claro que ia! Sua praia era esse tipo de programação e afins, como cafeterias, cinemas, livrarias... Tinha a impressão que pouquíssimas pessoas a conheciam bem, pois, desde que nos reencontramos, não vi nenhum dos seus amigos próximos chamarem-na para um programa que tivesse a sua cara. — Preciso de alguns minutos, estava fechando com a equipe detalhes de uma festa grande de hoje.

— Fique à vontade, vamos te esperar aqui.

Em menos de dez minutos, ela estava de volta e seguimos para um restaurante que ela e Vivi escolheram.

Gostava de ver as duas juntas. Gostava além da conta, para ser sincero.

Elas combinavam, minha filha a respeitava e queria sempre mais e mais da sua presença, já tinham suas piadinhas internas e estavam sempre trocando carinhos.

Violetta era uma criança fácil de lidar, carinhosa e espontânea, mas muito agarrada comigo. Para ela não era fácil ficar longe. As raras exceções eram minha família e meus amigos Alana e Marcos.

No entanto, com Débora ela ficava à vontade. E, claramente, sentia-se segura.

Porém, ainda assim, de certa forma tentei colocar os pés no freio no

que diz respeito à relação das duas, pois preciso de um sinal de que a minha mulher pretende ficar e continuar sendo minha mulher.

Bem, é uma tentativa da minha parte.

As duas são dois furacões quando o assunto é sentimento e não é como se fosse realmente possível controlá-las.

Dentre as opções de museus, escolhemos o MAR (Museu de Arte do Rio). Poderia ter pedido à minha assessoria que entrasse em contato previamente, avisasse da visita. Era comum que os lugares me oferecessem um pouco de privacidade por ser uma pessoa pública. Mas era um passeio improvisado, como uma família comum faria. E decidi seguir o fluxo. Estava acompanhado dos seguranças e das minhas meninas, então, apenas relaxei.

Vivi pediu para participar de uma oficina de pintura que estava acontecendo e aí sim foi necessário usar da minha influência, pois não havia mais vaga.

Débora tirou uma infinidade de fotos da pequena divertindo-se com as tintas e pincéis, toda hora chamando a atenção para o quanto ela era talentosa. Eu já havia percebido que minha filha tinha um olhar sensível para as artes, ela gostava de dança, livros, desenhos, música, mas era diferente que alguém de fora, que, na verdade, nem era de fora, dissesse o mesmo.

No meio da tarde, seguimos para uma cafeteria, mas, antes, Débora levou Vivi ao banheiro para limpar as mãozinhas sujas de tinta.

Quando chegamos em casa, tínhamos uma garotinha exausta, mas que não parecia disposta a encerrar o dia. Ela só parou de brincar na hora do banho.

— Quero te levar para jantar, linda. — Abracei-a pela cintura quando saímos do quarto da minha filha. — Está muito cansada?

Entenderia perfeitamente se ela preferisse comer uma pizza no sofá de casa, eu mesmo estava esgotado. Mas também queria ter um tempo especial com ela. Não era sempre que conseguíamos momentos como jantar fora, passeios sem uma grande organização, então tentava aproveitar.

— O dia foi cheio, hein? — Ri, beijando seu pescoço. — Mas aceito o convite.

— Aguarde-me aqui. Vou me arrumar.

— E, depois, passamos no meu apartamento.

Bem, eu tinha um quarto e closet enorme, que a acomodaria perfeitamente. Mas fiquei quieto e apenas concordei com o que disse.

Débora Montesano

Ah, aquelas mãos grandes prendendo meu corpo junto ao seu... Sua boca descia lentamente pela curva do meu pescoço e uma perna foi jogada sobre as minhas, mantendo-me presa. Com o movimento firme, minha camisola subiu, deixando uma coxa e parte do bumbum expostos, que ele acariciava com a mão livre.

Por onde seus dedos passavam deixavam um rastro de fogo.

Acordar daquele jeito era, assim, muito bom.

Eu ainda estava bastante sonolenta e acreditava ser cedo, mas não o bastante para deixar de fazer meu coração bater um pouquinho mais acelerado.

Aquilo me tirava o fôlego. Para ser sincera, Estevão inteiro tinha a capacidade de me descompassar.

Bem, tinha algo a mais nele que também me fazia sentir estar nas nuvens...

E, naquele exato momento, estava dando batidinhas na porta do quarto que dividíamos.

— Papai, eu acordei! — Eu amava demais aquela vozinha. E amava também a dona dela.

— A diversão agora vai mudar — ele sussurrou em meu ouvido e um arrepio diferente percorreu todo o meu corpo. Não era tesão, o que não seria improvável de sentir, pois aquele homem estava agarrado em mim, mas era o prazer sentimental de ter nós três juntos na cama.

— Vai logo abrir para ela.

Ele saiu rindo e retornou carregando no colo uma bebê vestida com o seu pijaminha cor-de-rosa salpicado com estrelinhas douradas. Fofa até falar chega.

— Você também está acordada, titia? — Vivi engatinhou na cama e pendurou-se em meu pescoço, depois que abri espaço embaixo do edredom.

— Estava aqui te esperando. — Envolvi-a em meus braços e a garotinha até suspirou, toda confortável.

— Eu gosto de ficar na cama com vocês.

— A gente também.

— Deixa eu ver se gosta mesmo. — Antes de agarrar Vivi e enchê-la de cócegas, Estevão olhou-me longamente. De novo, aquele olhar cheio de amor que ele só tinha para nós duas. E que me fazia tremer inteira.

— Ai, papai! — Ela ria e se contorcia, tentando escapar do pai, mas sem realmente querer encerrar a brincadeira. Depois de alguns minutos gargalhando e dando gritinhos histéricos, ela caiu na cama, as bochechas estavam coradas e a respiração ofegante. Beijeí sua testa, seu pai ao lado também não ficava para trás no cansaço. — Tia *Débola*, faz sonho para mim?

Claro que sim, certo?

— Ah, a senhorita vai dispensar a minha panqueca e os meus cookies? — Estevão atacou-a novamente com cócegas, pegando-a desprevenida. Ele cessou quando a pequena levantou os bracinhos, rendendo-se.

Vivi se movimentou na cama, deitando relaxada com a cabeça em meu braço, que estava esticado sobre os travesseiros, e eu a abracei de novo com o braço livre.

— Não podemos fazer tudo? — tentou negociar e seu pai levantou da cama rindo. Depois, ele concordou e beijou nós duas.

— Comilona. Vou tomar um banho rápido e então descemos para preparar o café.

Fiz um sinal para que ela também levantasse e saímos da cama.

— Vamos lá no seu quarto, ajudo você a se arrumar.



— Que milagre é esse não ter aquela mesa de café de hotel? — A porta de correr da cozinha foi escancarada e uma sorridente Eva adentrou o lugar. — Isso aqui é sonho? — Suas mãos foram em direção a uma pequena travessa de porcelana, que estava sobre a mesa redonda.

Assim como na minha casa, na cozinha do Estevão também havia uma mesa redonda, que ele, diga-se de passagem, pouco usava.

Eu preferia fazer as refeições nela, achava mais íntimo que a enorme mesa da sala de jantar. E, quando estávamos juntos, adiantava-me para prepará-la.

— Bom dia, pessoal! — O namorado da Eva, muito mais contido e tímido, aproximou-se, cumprimentando-nos. Estevão, Vivi e eu ainda estávamos montando a mesa, aproveitei e fui até o Louceiro buscar pratos e xícaras para o casal recém-chegado.

— Titia!!

— Oi, minha princesa. — Eva pegou a sobrinha no colo e, por um momento, ficaram ali, trocando carinhos. — Estava com saudades

— Eu também.

— Dé! Como vai? — Abraçamo-nos e ela seguiu para Estevão. — E você, irmão? — Estendi em sua direção a travessa e ela pegou outro bolinho. Havia acabado de fritar e estava com um cheiro delicioso da mistura de açúcar e canela que os envolvi. — Isso é realmente sonho?

Balancei a cabeça rindo e terminei de checar se faltava algo para o café. Quando me aproximei da mesa, Estevão passou um braço ao redor da minha cintura e beijou meu pescoço.

Aquele clima me preenchia... A comida que cozinhamos juntos, riso, conversa alta, vida ao redor da mesa. E acho que ele também estava curtindo, ao menos, tinha uma expressão leve e alegre no rosto.

— Tia *Débola* fez *pa* mim.

Ajudei Vivi a se acomodar em uma das cadeiras e servi o seu suco. Eva e o namorado nos observavam. Bem, aquilo meio que era uma rotina para nós três quando estávamos juntos.

— Tomam café com a gente? — Estevão convidou e eles assentiram.

— Viemos, na verdade, chamar Vivi para um passeio. Vamos encontrar alguns amigos, estão com um barco na marina e convidaram-nos para irmos conhecê-lo. O barco é enorme, tem até chef de cozinha à disposição deles. Vamos almoçar por lá e, se você autorizar, irei trazê-la no final do dia.

A garotinha até deixou sua panela de lado, ávida por uma resposta do pai.

— Eu gosto de barcos — disse e acho que a fome ganhou a guerra interna, pois voltou a comer.

— Claro que gosta — Estevão torceu o nariz.

— Posso ir, papai?

— Pode. — Não sei ele, mas eu me derreti toda com o sorriso contente que ela deu. — Comporte-se e siga as regras da tia Eva, certo? — Pensem em um pai que sabia ser rigoroso? Mas, convivendo com eles de perto, percebi que era necessário ter nas mãos as rédeas da criação. — Qualquer coisa, ligue-me. Estarei por perto — disse, por fim, à irmã.



Capítulo 37

Débora Montesano

Se ex-namorado já possui o selo de que em algum momento algo deu errado, eles também, quando acontece uma reaproximação, vêm acompanhados de uma particularidade: conhecer você em detalhes que outras pessoas provavelmente não fazem ideia.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, era só uma garota recém-formada na faculdade e com o desejo de construir uma nova história. Ainda estava muito magoada com o término do meu namoro com Estevão, mas não pretendia passar o resto dos meus dias remoendo um relacionamento que não deu certo.

Mudar de cidade foi uma virada de chave para mim.

Aqui, conheci pessoas que foram fundamentais para a minha nova fase, fiz contatos, construí amizades e uma carreira.

No entanto, ainda que de forma quase que involuntária, criei novos hábitos, fosse para me adaptar à realidade que vivia, ou mesmo para deixar para trás a *antiga Débora*.

Somente Estevão seria capaz de me proporcionar um café da manhã caseiro e em família; somente ele para me levar ao cinema, conversar sem pressa em uma cafeteria e passar horas perambulando em uma livraria, na tarde de um domingo qualquer; somente ele para cozinhar para mim e chamar-me para tomar um vinho na varanda de casa, enquanto falávamos sobre o dia que tivemos no trabalho.

Isso porque, Estevão era a pessoa que mais me conhecia na vida. E não importava a imagem que construí, ele realmente sabia sobre os meus gostos e preferências. Meu ex e atual namorado sabe que o meu *eu* que gostava das festas que organizava, que se tornou uma conhecida empresária da noite carioca, que tinha bons contatos e estava sempre muito arrumada, nada tinha a ver com a mulher que ele de fato conheceu. E que, internamente, não havia perdido sua essência.

Ele me fazia resgatar hábitos que acabei deixando para trás, embora ainda fizessem sentido para mim.

Sáímos de mãos dadas do *Village Mall* em direção ao estacionamento, ele carregava as sacolas da loja de roupa masculina. Estava com preguiça de fazer compras, mas o incentivei a dar uma olhada nas peças casuais que, em alguma conversa aleatória, contou-me que estava querendo comprar.

O dia foi leve, demos boas risadas e era como se não houvesse qualquer farsa entre nós.

Quando chegamos em sua casa, ainda tivemos tempo para um sexo delicioso e tomamos banho juntos.

Usei seu escritório para resolver alguns assuntos do trabalho e quando cheguei à sala de televisão, fui tomada por uma onda de nostalgia. Estevão assistia a um jogo do Cruzeiro, que ele contou estar no fim, usava short e camiseta, na cabeça, um boné. E, ali, tinha muito do garoto por quem me apaixonei. Não era raro que ele assistisse aos jogos do seu time em minha casa, muitas vezes acompanhado do meu pai e até mesmo do meu irmão. Ele chegou a me levar algumas vezes ao estádio Mineirão, em Belo Horizonte. Eu não era fã de futebol, sequer tinha um time do coração, mas gostava de ver Estevão feliz, com aquele sorrisinho no rosto que entregava que o Cruzeiro estava ganhando a partida.

O homem não tinha tempo para quase nada que dizia respeito a sua vida pessoal, se Vivi não estivesse passeando com a tia, ele certamente estaria sentado no chão, brincando com ela. Ele nunca reclamava. Dar-me conta disso, preocupava-me e eu gostaria de vê-lo mais vezes fazendo algo para si mesmo, o que me gerou certo pânico.

Nossos beijos eram reais, fazíamos sexo como dois coelhos, dormíamos juntos e acordávamos abraçados em toda oportunidade possível, completávamo-nos e entendíamos-nos. E isso não tinha nada a ver com a

farsa que inventamos.

— O que foi linda? — Forcei-me a interromper os pensamentos quando percebi que estava parada no meio da sala e que ele me encarava com uma expressão hesitante.

— É... nada. — Não tinha coragem de colocar em palavras o que estava me deixando em colapso. Estevão respirou fundo, mas deixou passar. Óbvio que percebeu a mentira. Não estava nada bem. — Está com fome? Pensei em fazer um lanche.

Mudei o assunto e estava pronta para sair do seu olhar observador, mas ele não permitiu. Antes, estendeu a mão em minha direção e alcançou a minha, puxando-me para perto.

— Aqui já está acabando. — Pediu que eu me sentasse ao seu lado no sofá e aceitei. Ele me abraçou, praticamente me levando para seu colo. — Vou com você e te ajudo.

Tinha um nó em minha garganta.

Eu o queria por perto, sabia que sim. Desejava a sua companhia, suas mãos em mim, seu olhar cuidadoso, seus beijos, seu corpo, desejava Estevão em cada parte do meu dia. Desejava os momentos com a sua filha... Como se fosse possível, Vivi o tornava tão mais interessante para mim... Sentia-me completa ao lado deles.

Ao mesmo tempo, era tomada pelo medo. Não sabia o que ele esperava de mim e da peculiar relação que tínhamos. Ele não era mais o garoto que eu sabia ler. Era um homem cheio de camadas, de prioridades, que sabia esconder seus sentimentos.

Ele reaparecer na minha vida e em algum momento dizer que me queria de volta, não me dava nenhuma tranquilidade. Qual era sua real intenção?

Eu era uma mulher solteira, relacionava-me com quem tinha vontade, mas com ele era diferente. Não queria ter meu coração quebrado novamente, porque entre a gente não seria apenas um relacionamento que chegou ao fim. Seria mais uma decepção com o único cara que realmente amei. E com quem estava experimentando o amor novamente.

Senti falta, nos últimos anos, daquele frio na barriga. Da expectativa em saber que iria encontrá-lo; dos beijos que tinham gosto de paixão; do sexo

que podia ser avassalador ou tranquilo, mas sempre perfeito; de uma rotina normal.

Isso era tão, mas tão bom.

Apreciava os dias comuns, fazendo coisas comuns, sendo apenas a Débora e ele, o Estevão.

Gostava de acordar, curtir uma preguiça na cama, preparar seu café enquanto ele me abraçava e conversava comigo com aquela voz rouca que sempre tinha pela manhã. Gostava que ele preparasse o meu chá e a torrada com geleia do jeito exato que me agradava. Gostava ainda mais das conversas e risos na cozinha, enquanto Vivi fazia mais bagunça do que nos ajudava.

Gostava de nós três juntos.

Mesmo que, no dia seguinte, ele fosse o Senador, que viajava mais do que gostaria; que sua filha e eu podíamos matar a saudade pela TV Senado; que nos deixava dormindo em casa ainda de madrugada; ia para Brasília e voltava quando já estávamos novamente dormindo. Nesses dias, fazia questão de sair da cama para recebê-lo, oferecer-lhe um chá e um lanche, mesmo que fosse para apagar minutos depois.

Gostava da vida que eu começava a vislumbrar ao lado de pai e filha.



As semanas passavam e, dia após dia, grudávamo-nos mais. Tínhamos uma rotina juntos, uma vida quase em comum. E a verdade era que já não conseguia sequer imaginar meus dias longe daqueles dois. Sim, os dois.

Estevão e Violetta eram o pacote completo que eu não conseguia fugir. E não queria.

Amávamo-nos, completávamo-nos e era assim que era. Com todas as nossas falhas e inseguranças, meu namorado de mentira e eu estávamos fazendo funcionar, isso era um fato.

Era além da nossa farsa, não tinha como negar.

— Tem certeza de que vão ficar bem? — Havíamos acabado de sair do banho, era uma manhã de segunda-feira e Estevão prendeu-me em seus braços enquanto eu trocava de roupa no closet que dividíamos em sua casa.

Vinha passando tanto tempo por lá, que acabei levando alguns pertences. Empolgado, ele cedeu-me um generoso espaço com gavetas e prateleiras.

— E não é comigo que ela tem ficado em todas as suas viagens? — Virei o rosto de leve em sua direção, o suficiente para que ele conseguisse me beijar.

Ah, essas manhãs...

Também já fazia parte da nossa rotina dormirmos juntos em praticamente todas as noites e quando ele precisava viajar, eu assumia os cuidados da Vivi.

Foi uma iniciativa da pequena, que uma vez pediu para ficar comigo enquanto o pai ia para Brasília, uma viagem curta que duraria pouco mais de vinte e quatro horas. Deu muito certo e em todas as outras que sucederam, fiquei responsável por ela.

E essa dinâmica já durava três meses.

— Mas não quero te atrapalhar, linda. — Seus beijos subiam pelo meu pescoço e ele precisava parar. Já estávamos atrasados o suficiente, eu iria para a minha empresa e ele tinha um voo logo mais. — Você já tem muito trabalho no *Domum*.

Havíamos ido juntos levar Vivi ao colégio e quando retornamos, aproveitamos o curto tempo que tínhamos.

— Também tenho vários funcionários. — Com dificuldade, consegui colocar o vestido, que combinava com o clima quente que já dava as caras, mesmo sendo tão cedo, e segurei suas mãos. — Vai e volta logo.

Estevão soltou um suspiro e virou-me, colocando-nos de frente para o outro.

— Volto o quanto antes para vocês duas. — Segurou em meu queixo. — Sabe que a minha vontade é colocar vocês dentro daquele jatinho, não é?

Ah, eu não iria reclamar.

Dessa vez, ele ficaria três dias fora e eu já estava com saudades. Não dormiria em seus braços, não teria seus beijos durante o café e nem aquela correria de sempre que eram as nossas manhãs, não teria o nosso sexo gostoso à noite e quando acordasse.

Não o teria.

Mas fazia parte do seu trabalho e o que eu podia fazer era tentar facilitar a vida do pai e da filha. Afinal, a pequena também sentia e muito a sua ausência.

— A sua filha tem compromissos. — Lembrei-o, que torceu o nariz. — Vários deles.

Além de tudo, Vivi era um tanto metódica, o que a tornava ainda mais engraçadinha. Eu, inclusive, estava dando preferência para ficar na casa deles durante as viagens do Estevão para não mudar tanto a rotina da garotinha.

— Não tenho psicológico para isso. — Era engraçado que ele custava acreditar que a filha estava crescendo.

Eu tinha a sensação de que a cada dia era como se ela ficasse um ano mais velha. Aos domingos, Vivi repassava conosco sua agenda como se fosse um mini adulto. Seu pai tentava não a encher de atividades, mas ela era toda responsável com as suas programações.

Enlacei seu pescoço, sentindo seu corpo grande e quente me acolher. Ah, eu realmente sentiria sua falta.

— Irei acompanhá-la em todos eles, vou levar ao colégio e deseje-me sorte, pois tem também consulta no dentista.

Ele riu e não duvidava que um pouco aliviado por não precisar lidar com a repulsa que Vivi tinha só por imaginar que alguém mexeria em seus dentinhos. Mesmo que a profissional fosse uma fofa e super delicada.

— Eu realmente não sei como te agradecer. — Suas mãos seguraram meu rosto e então encontrei o olhar que me fazia querer dar colo àquele homem enorme. — Sinto-me culpado por estar longe.

Eu sabia que era verdadeiro.

— Não fique. — Beije seus lábios longamente, ainda abraçada em seu pescoço. — Ela estará bem e sendo cuidada com muito carinho. E, quando você voltar, vai enchê-la de amor, como sempre faz. Quanto a mim, realmente amo cuidar dela. Então não é um problema.

Senti-o relaxar e vi seu olhar mudar gradualmente. Agora tinha fogo, aquele que me queimava inteira. E eu não reclamava.

Ele levou uma mão até minha nuca e sem qualquer delicadeza a enfiou

entre os meus cabelos, segurando-os firme.

Por Deus, eu desmoronava inteirinha com aquela sua pegada.

— O problema é a saudade que vai sentir de mim, não é? — Sua voz rouca e a boca agora colada em meu ouvido deixou-me até mole. — Diz para mim, *corujinha*, que vai sentir minha falta. Que cada dia longe será uma tortura. Que vai ficar louca de tesão a cada noite, pois não estarei aqui para te satisfazer...

É claro que eu iria.

Meu corpo estava trêmulo, ansioso, sentia-me pronta para ele e havíamos transado há pouquíssimo tempo, na cama e no banho.

Mas as suas palavras... Eu não sentiria falta apenas dos nossos momentos cheios de luxúria. Eu sentiria falta dele, dos seus abraços, da sua presença e segurança.

E eu também sentia medo.

Eu já não queria fugir, no entanto não estava sendo fácil me soltar e entregar-me novamente a ele.

— Diga você para mim que não irá quebrar o meu coração — pedi, com os olhos fechados.

— Não vou — disse firme e ganhei o abraço mais apertado que ele já me deu. — Eu te amo, Débora. Amo com tudo de mim. — O problema é que eu acreditava nele.

Beijamo-nos longamente, aos poucos o meu temor era substituído pela segurança que, de um jeito muito contraditório, eu só encontrava nele.

— Agora preciso ir. — Encerramos os beijos e ele me encarou profundamente. — Eu vou sentir sua falta. E já estou com saudades.

— Eu também.



Capítulo 38

Estevão Figueiredo Neto

Voltar para a casa era a melhor coisa do mundo. Voltar para elas, como eu disse que faria há três dias, ao sair de viagem.

Com muito esforço, cheguei a tempo de colocar Vivi na cama, Débora havia dado o seu jantar e o banho, ficou para mim a missão de ler o livrinho que ela havia escolhido.

Minha mulher recebeu-me com um beijo gostoso e deixou-nos a sós no quartinho todo cor-de-rosa, do seu jeito de nos dar espaço.

— A tia *Débora* não gosta muito dessa *história* aqui e eu também não. Podemos pular ela. — Estávamos lendo um livro de fábulas e minha filha mostrou uma que Débora já havia me sinalizando como imprópria para ela.

— E por que vocês não gostam? — Eu sabia o motivo, mas queria checar se Vivi entendia que não se tratava apenas de uma determinação nossa, mas que havia uma razão plausível para não lermos.

Aliás, estava aprendendo com a minha namorada a ser mais flexível em relação às regras. Elas eram importantes para a formação da minha filha, mas cumpriam melhor o seu papel quando conseguíamos demonstrar a sua utilidade. Assim, Violetta teria maior confiança de que eu escolheria sempre o melhor para ela.

Era a primeira vez que tinha com quem compartilhar a criação da Vivi e estava sendo incrível. Não imaginava que necessitava tanto daquele auxílio

e suporte até tê-lo.

E antes que pensem que sou ingrato com a ajuda que recebo da minha mãe e irmãs, preciso dizer que é completamente diferente. Elas três, embora amem Violetta e tenham muita boa vontade em me ajudar, possuem as próprias vidas e rotinas. Não é como se eu contasse com elas no dia a dia.

Débora também tem a própria vida... Mas ela é a minha mulher e escolheu estar com a gente.

— O gato foi violento — respondeu, muito segura.

— Concordo. — Vivi deu aquele seu sorriso lindo e enganchou os bracinhos no meu, ficando toda grudada em mim. — Vamos ler a próxima.

Nos quase vinte minutos seguintes, conseguimos chegar ao final do livro.

— Bem, acabamos, princesa.

Coloquei-o sobre a mesinha de cabeceira para depois guardá-lo na estante dela e abracei-a, beijando o topo da sua cabecinha.

— E *agora* eu vou dormir.

— Filha, antes quero conversar com você. — Respirei fundo. Vivi era a minha prioridade, não cansava de dizer isso, e, como tal, precisava saber sobre como realmente se sentia em relação a nova dinâmica que vínhamos tendo em casa e na vida.

— Pode falar, papai. — Ela aprumou o corpinho, toda importante e direcionou-me um olhar atento.

— Vejo que você gosta muito da tia Débora — iniciei, sondando.

— Gosto mesmo... — Balançou a cabecinha, confirmando, e cheia de certeza. — Ela faz muitas coisas comigo, cuida de mim... — complementou.

— As suas tias Eva e Eleonor também.

— Mas elas são minhas titias.

Até gelei, mas não desisti do assunto.

— E a Débora também é sua tia, não é assim que a chama?

Eu claramente estava brincando com o fogo fazendo aquelas perguntas. Vivi fez uma carinha como se me chamasse de ingênuo e talvez eu fosse mesmo.

— O senhor é *englaçado*, papai. É *difelente*. A tia *Débola* é sua namorada e pode ser a minha mamãe, as minhas tias não. Ela pode, não é papai?

E eu lá tinha voz para responder aquilo? Eu havia perdido até o rumo. Violetta era uma criança e crianças tendem a ser muito transparentes. É óbvio que em algum momento ela soltaria aquela ideia. Eu é que fui realmente ingênuo por achar que a Débora era vista por ela apenas como sua *tia*.

Minha namorada foi a sua única real figura materna.

— Você gostaria que ela fosse? — perguntei, com a voz completamente embargada.

— Sim! — A pequena levou as mãozinhas ao meu rosto, fazendo-me um carinho. — A tia *Débola* me ama muito. Acho que ela ficará feliz em ser minha mamãe.

Eu não tinha como discordar da minha filha. Ficava nítido o quanto minha namorada era louca por ela e algo me dizia que ela realmente ia gostar daquele posto. O problema é que a nossa situação ainda era um tanto indefinida.

Na prática, o que vivíamos era muito real.

Mas, em alguns momentos, eu percebia que precisaria pisar em ovos com ela, pela sua insegurança em relação a mim. E eu não podia culpá-la. Mesmo que tenha sido muitos anos atrás, fui eu quem quebrou seu coração.

— Ela já é feliz só por te ter por perto. E você é uma princesa muito especial, impossível não te amar! — Beijeí seu rosto e ajeitei-a na cama. — Você pode perguntar o que ela acha.

— Tá bom, papai. Eu vou perguntar. — Cobri seu corpinho e beijeí novamente. — Posso *mimir*?

— Pode, meu amor. O papai te ama muito.

Saí do quarto com uma mistura de sentimentos dentro do peito. E uma certeza também.

Antes de tomar a decisão que já permeava meus pensamentos, precisava ter certeza de que Violetta estaria confortável. E agora, quanto a isso, estava tranquilo.

Encontrei minha mulher na cozinha, usava uma camisola preta e com

renda no decote dos seios, uma verdadeira delícia aquecendo o meu jantar. Antes de alertá-la sobre a minha presença, passei bons minutos apenas a observando.

Aliás, olhar para Débora era algo que eu realmente apreciava fazer.

E não apenas por ela ser linda demais. Mas gostava de ver a forma como movimentava, seus trejeitos, a delicadeza do andar, a firmeza nos movimentos. Gostava quando ela cantarolava baixinho e até mesmo do seu jeito meio desastrado, vez ou outra derrubando coisas.

Eu gostava de vê-la.

— Está sendo inocente se acha que não te percebi chegar. — Ela estava de costas, pegando algo no armário e assim permaneceu.

Minha risada ecoou pelo espaço. Ela deixava-me leve. E era bom, muito bom.

— Está muito atenta a mim. — Aproximei-me a passos largos e agarrei sua cintura, encaixando o queixo na curva do seu pescoço.

— Sempre! — Porra, quando Débora assumia seu interesse em mim, sentia meu tesão por ela se multiplicar. Ela virou em minha direção e ergueu o corpo para beijar minha boca. — Seu jantar está pronto.

Com o movimento, a camisola subiu, deixando desnuda a maior parte das pernas. O tecido fino resvalou sobre os seios e foi inevitável não conferir se estavam durinhos. E estavam.

— Estou com muita saudade, corujinha... — Subi uma mão da sua nuca até os cabelos, guiando-a para mim. Beije seus lábios, a outra mão ao redor da sua cintura, a urgência reverberando por nossos corpos e tudo o que eu queria naquele momento era tomar aquela mulher para mim. — Precisando tanto de você.

Ela deixou que eu me fartasse mais um pouco dos seus beijos e carinhos, até repousar as duas mãos em meu peito, fazendo-me parar.

— Neste momento, você está precisando se alimentar... — Desviou de mim, indo buscar o prato que já estava montado. — É uma comida leve. — Agradei, acomodando-me na própria ilha. Ela serviu um copo de suco e posicionou-se atrás de mim, apertando de leve os músculos em meus ombros e arredores. — Prometo cuidar de você quando formos para o quarto — disse em meu ouvido.

— Vai cuidar, é?

— Massagem para aliviar essa sua tensão; um banho de banheira; dormir de conchinha... O que acha?

Acho que em algum momento agradei muito a Deus, pois, mesmo sem merecer, tive a minha mulher de volta em minha vida.

— Quero dormir dentro de você, linda — Era sobre prioridades. Ela riu alto e beijou minha nuca, afastando-se de mim.

— Você é tão safado, Estevão.

— Não costumo te ouvir reclamar. — Dei de ombros, não era como se ela tivesse errada.

Débora Montesano

Lembro quando era novinha e muitas vezes presenciei minha mãe trabalhando na cozinha que tínhamos no fundo de casa. Às vezes, ela não estava bem fisicamente, no entanto, não reclamava, apenas fazia o que precisava fazer. Dona Fátima dizia que dono do próprio negócio não tem direito a passar mal. Eu, na imaturidade de quem faltava a aula se estivesse com dor de barriga ou gripada, achava que ela não sabia o que estava dizendo.

Dizia a mim mesma que, quando tivesse a minha empresa de eventos, escolheria descansar nos dias em que estivesse doente.

Até que cresci e vim para o Rio de Janeiro.

Faltam-me dedos nas mãos para contar a quantidade de vezes em que trabalhei sentindo-me mal. E também para contar todas as ocasiões em que ri de mim mesma ao lembrar dessas histórias da minha mãe.

Mas, hoje, em especial, eu não conseguia.

Na verdade, nunca havia sentido tanta fraqueza como vinha sentindo desde ontem, sem falar na enxaqueca que não cessava e a ânsia que me fazia rejeitar até água.

E tudo começou do mais absolutamente nada.

Na quarta-feira dormi bem, depois que Estevão chegou de viagem, mesmo que só tenha conseguido fechar os olhos quando já era madrugada.

Na quinta, no entanto, acordei com muito enjoo e qualquer sinal de luminosidade fazia todo o meu corpo estremecer pela dor na cabeça. Mal consegui me despedir da Vivi quando ela foi me avisar que já estava indo para o colégio.

Ao longo do dia, os sintomas foram piorando e o meu *namorado* já havia praticamente determinado que eu passaria o dia em casa, na sua casa. Por fim, eu não tinha forças para contestar. Apenas aceitei e fui muito bem cuidada por ele, Glória e Conceição.

Na madrugada, acabei deixando-o preocupado, pois acordei algumas vezes e corri para o banheiro, com ânsia de vômito. Tentei tranquilizá-lo dizendo que certamente o bacalhau com natas que comi no almoço de quarta havia me feito mal. Mas não acho que tenha conseguido.

Peguei meu telefone na mesa de cabeceira e verifiquei que já eram onze da manhã. Sentia meu corpo rígido pelas tantas horas deitada, mas também fraco. Sentei-me na cama com dificuldade, vi que sobre a mesinha havia uma bandeja com jarra de água, copo, uma cestinha com biscoitos e outra vasilha com frutas picadas. Só de pensar em comer meu estômago revirava, mas sabia que precisava ingerir alguma coisa. Ou sequer conseguiria me levantar.

Respirei fundo e comecei pela água, servi um pouco no copo e tomei pequenos goles. Estava fresca e aliviou a secura em meus lábios, até que não foi de todo ruim. Depois decidi arriscar a fruta e peguei algumas uvas.

Meu organismo protestou, mas ao menos não precisei correr para o banheiro.

Tomei mais um pouco da água e, como se houvesse um botãozinho de melhora/piora em mim e, o positivo tivesse sido acionado, senti-me melhor. Não é como se tivesse pronta para uma corrida, mas o enjoo havia abrandado.

Joguei as pernas para fora da cama, levantei-me devagar e fui até o banheiro. Consegui tomar um banho e me troquei, somente então saí do quarto. Estava com o cabelo úmido, até tentei secá-lo, mas o ruído do secador fez minha cabeça latejar e desisti. Caminhei lentamente pelo corredor, sem saber se Estevão estava ou não em casa, mas esperando muito encontrá-lo. Queria contar que já estava bem e que não precisava se preocupar.

Fiquei um pouco constrangida por não ter trazido comigo a bandeja, mas estava pesada com todas aquelas louças em cima, e fiquei receosa de

causar um acidente no caminho... Enfim, ela ficou no quarto.

Desci as escadas decidindo se ia a cozinha buscar notícias do meu namorado com Glória ou se batia direto em seu escritório. Não queria atrapalhá-lo caso tivesse em reunião. O que eu sabia ser uma besteira, pois ele sempre tentava me deixar à vontade em sua casa.

Estava divagando demais e decidi que iria sim direto para o escritório.

No entanto, vozes vindas justamente daquele cômodo, que ficava bem próximo à escada, fizeram-me parar.

E, em seguida, querer ir embora para bem longe dali.



Capítulo 39

Débora Montesano

— Bem, não há mais *hype* na história de vocês. Como imaginamos que aconteceria, já encontraram uma fofoca fresca para explorarem na mídia. — Sentia como se meus pés tivessem grudado na escada. O coração passou a bater acelerado e a respiração estava descompassada. — Tirando a loucura dos *paparazzis* nas primeiras semanas, não podemos reclamar, foi muito útil para sua imagem, que está melhor do que nunca. Inclusive, o acordo já cumpriu seu papel e você pode encerrá-lo. — Não, eu devia estar ouvindo errado. — E é até melhor que não prolonguem muito. Se por um lado a mídia está deixando vocês em paz, por outro, tem até fã-clubes para o casal. — Será que ainda estava dormindo? Ou tendo algum tipo de alucinação? — Bizarro, não é? Mas existe. — Bizarro era o teor daquela conversa. — O que quero dizer é que quanto mais vocês levarem adiante esse namoro, mais os fãs do casal ficarão envolvidos. E isso pode ser um tanto problemático. Para que adiar o inevitável?

A bile subiu facilmente até minha garganta, fazendo-me estremecer por completo.

Não iria chorar, mas também não posso negar que lágrimas acumularam-se em meus olhos.

A voz feminina dizendo “o acordo já cumpriu seu papel e você pode encerrá-lo” não parava de ecoar em minha mente. Desnorteada, forcei-me a sair do lugar e subi as escadas de volta, peguei minha bolsa, logo retornando

para a escada, mas, agora, determinada a sair dali o mais rápido possível.

Meu carro estava em minha casa e sabia que se pedisse um pelo aplicativo, antes mesmo dele chegar e eu conseguir adentrar o automóvel, os seguranças teriam avisado ao Estevão a movimentação estranha. Isso porque o Senador sempre fazia questão que eu usasse um dos seus carros e os serviços do seu motorista, além das inúmeras vezes em que ponderou ser uma figura pública e que com o nosso namoro eu estava visada, não achava seguro que andasse com desconhecidos e sem segurança, ainda mais quando tinha uma estrutura disponível. Enfim, se queria ir embora sem chamar a atenção, o melhor jeito era pedindo à Rômulo que me levasse em casa.

Eu me sentia tão impotente, tão traída, tão... usada.

Sei que a ideia do namoro de mentira surgiu justamente para me ajudar com a minha imagem que estava sendo manchada, mas, obviamente, também foi útil para ele. Afinal, quem foi fotografado em uma cena comprometedora, dentro de uma festa da alta sociedade, era o Senador queridinho dos eleitores. O cara sério e correto da mídia. Era um prato cheio pronto para ser usado pela oposição. Ele mesmo me disse isso em uma conversa.

No entanto, a verdade é que, mesmo com todas as minhas inseguranças, não é como se realmente tratássemos a nossa relação de forma tão utilitarista.

“Tirando a loucura dos paparazzis nas primeiras semanas, não podemos reclamar, foi muito útil para sua imagem, que está melhor do que nunca.”

“Inclusive, o acordo já cumpriu seu papel e você pode encerrá-lo.”

Repetia mentalmente aquela conversa, em um *looping* que estava me enlouquecendo.

Se Estevão estava discutindo com a sua assessora sobre um balanço do nosso acordo e a conclusão dela foi justamente que não precisávamos mais usá-lo, não tinha como pensar diferente de que, para ele, não passava daquilo, um acordo.

Dias atrás, quando nos despedíamos antes dele ir para Brasília eu lhe fiz um pedido: que não quebrasse o meu coração.

Ele também já me prometeu uma vida juntos. Um amor verdadeiro,

casamento, realizar planos que fizemos, uma história feliz. E, quando precisou priorizar sua carreira na política, que na naquela época ainda nem havia iniciado, ele só foi e sem olhar para trás.

Nada do que vivemos, nem todas as juras apaixonadas e muito menos o amor que dizia sentir por mim foram suficientes para fazê-lo ficar.

Já cheguei a pensar que, no passado, para ele pode ter sido difícil deixar o nosso relacionamento para trás, afinal fez uma escolha. Depois que nos reencontramos, ele disse que foi uma das coisas que mais o machucaram na vida.

Mas agora, tendo ouvido que a sua preocupação ainda era sobre a carreira e sua imagem, só conseguia pensar que tudo o que vivi ao seu lado foi mesmo uma grande viagem da minha cabeça.

Estevão continuava sendo um personagem, assim como foi anos atrás.

E era incontestável que o papel de bom moço lhe caía bem, além de ser quase uma unanimidade que todos ao redor sequer desconfiavam.

Rômulo vez ou outra observava-me pelo retrovisor, certamente guiado pelas fungadas e lágrimas que eu tentava esconder e não conseguia.

Uma onda de alívio tomou-me quando paramos diante do meu prédio, disse-lhe que não precisava parar dentro da garagem, que era uma das regras que ele seguia a pedido do patrão, despedi-me e saí do carro o mais rápido que consegui.

O caminho até a cobertura foi como um borrão para mim, tudo internamente parecia doer, além da enxaqueca e enjoo terem voltado com força total. Bastou abrir a porta para precisar correr até o banheiro. Dentro do lavabo, pois não foi possível chegar ao meu quarto, coloquei para fora as poucas frutas que comi pouco tempo atrás.

Trêmula, fraca e magoada, fui para a cozinha procurar um remédio.

E foi aí que começaram as ligações. Até onde contei, haviam pelo menos cinco perdidas. Mas eu não queria atender, não estava disposta a ouvir as mentiras vindas dele e preferia gastar a pouca energia que me sobrava para tentar melhorar.

Por que você quebrou meu coração mais uma vez, Estevão?

Estevão Figueiredo Neto

Rita era uma boa funcionária. Perspicaz, séria, antenada.

Mas descobri que tinha um probleminha com percepção da realidade. Só isso para justificar o que me dizia naquela reunião em meu escritório. Já estava incomodado com a forma que às vezes se referia ao meu relacionamento com a Débora, mas deixei que falasse tudo. Ela, inclusive, só não me chamou de louco por não ter assinado um contrato formal e um termo de não divulgação, quanto ao nosso acordo, porque ainda tinha um pouco de juízo. Mas, por inúmeras vezes, evidenciou sua desaprovação.

— E qual é a sua sugestão? — perguntei, dando corda a ela. Estava curioso para saber até onde iria.

— Vou anunciar o término por nota simples e pedir respeito pelo momento. Não tratar o assunto de forma grandiosa pode ajudar. E aí você continua aparecendo em suas redes, mas tratando apenas de assuntos profissionais. Em alguns dias, será notícia antiga e te deixarão em paz.

— É um bom plano. — A mulher sorriu satisfeita. Por algum motivo, aquele namoro incomodava além da conta. Gostaria de descobrir suas motivações, mas confesso que sentia uma baita preguiça. — Mas que não teria sido cogitado se você tivesse percebido que a minha relação com a Débora não é uma mentira.

Eu vi quando todo o seu brilho foi se esvaindo.

Rita abriu e fechou a boca duas vezes. Certamente formulava mentalmente os argumentos que utilizaria para me convencer de que estava certa.

E só de pensar que havia uma pessoa disposta a colocar um ponto final em meu namoro, mesmo ciente de que ninguém além de nós mesmos, tinha esse poder, senti uma irritação colossal crescer dentro de mim.

— Eu estava aqui quando surgiu a ideia, fui eu quem levou a notícia para a mídia — tentou me retrucar com educação.

— Isso me deixa curioso... — Já estava de pé e apoiei o corpo na mesa, cruzando os braços na altura peito. — Você sempre está aqui. E não passou pela sua cabeça por qual motivo encenávamos quando não havia uma plateia sequer? Não chegou a pensar que para nós já não era uma mentira? E

digo mais, você sabe muito bem porque chegamos à ideia de namoro falso, nem por um instante considerou que ainda poderíamos estar nos agarrando pelos cantos, como foi naquela festa?

— Estevão, desculpe-me, mas não sei se estou entendendo...

— Você está me apresentando um plano para anunciar o término do meu namoro, mas foi incapaz de perceber que não há mentira na minha relação. Eu não vou encerrar o acordo com ela, não quando o que vivemos não é uma farsa. Não percebe? Não divulgo praticamente nada do que vivemos juntos, ela não sai da minha casa e nem eu da dela, Débora cuida da minha filha e estamos sempre tomando as decisões em conjunto. Você, por outro lado, vive colada em mim, e não percebeu nada disso?

Rita engoliu em seco, contrariada, e eu não podia me preocupar menos.

— Imaginei que fosse o jeito que encontraram de fazer parecer verdadeiro. São tão poucas as vezes em que saem do acordo, que fazia sentido encenarem o tempo todo

— Não acho que você tenha essa ingenuidade. — Ela arregalou os olhos. Nunca havia falado daquela forma com ela e de algum modo acertei em minha colocação. Ela não era ingênua. — Mas agora também não importa, a reunião está encerrada. — A mulher ainda tentou se defender, ou me conter, não sei ao certo, mas não permiti. — Pode sair, Rita.

Não sei exatamente o que mais me incomodou naquela conversa... Se a mera menção em encerrar o maldito acordo, como se um dia eu tivesse ligado para ele, ou o fato da minha assessora me julgar tão burro.

Não tinha outra explicação, ou ela era muito incompetente, o que já provei não ser o caso, ou me acha um tapado.

A política é sim importante para mim, eu me dedicava a ela e tinha o interesse de ser considerado o melhor. Acho, inclusive, que estava conseguindo, mas, daí ela supor que poderia me manipular para que eu não tivesse uma distração, era demais.

Precisava de um pouco de ar.

Antes de sair do escritório, chequei as horas e já era quase meio-dia. Será que Débora estava na cama? Se ela ainda não tivesse conseguindo se alimentar, teria que convencê-la a ir ao hospital. Ou poderia chamar o médico

que nos atendia em casa. Só não podia continuar a vê-la passando mal, como foi nas últimas horas, e não fazer nada.

A madrugada foi... intensa, inclusive.

Estava com um pé no primeiro degrau da escada quando Glória surgiu vindo do andar superior.

— Débora conseguiu tomar o café? — perguntei e a expressão da senhora era desolada.

— Não comeu praticamente nada — lamentou. — Rômulo a levou em casa, ele acabou de chegar.

Oi?

— Ela foi embora?

— Sim, e eu não a vi. — Seu olhar estreitou para mim. — Ele a achou abatida. — Estreitou ainda mais. Mas que porra? — E triste.

Senti um frio na espinha, ansioso para conseguir falar com ela e temeroso de algo grave ter lhe ocorrido.

— Obrigado, Glória. Vou ver o que aconteceu.

A mulher assentiu e passou por mim, indo em direção a cozinha.

Meu Deus, que manhã era aquela. Como assim ela foi embora sem se despedir? Ainda que não quisesse me chamar no escritório ou interromper minha reunião, normalmente ela não sairia sem falar nada com a nossa funcionária.

Débora era sempre tão atenciosa com todos.

Fora que ela estava realmente passando muito mal.

Durante a madrugada, precisei ajudá-la a ir para o banheiro, pois estava fraca demais.

Saquei o telefone do bolso da calça e fiz a primeira ligação para o seu telefone e chamou até cair na caixa postal. Três ligações depois, mensagens ignoradas e muito preocupado, sabia que precisava ir até sua casa.

No quarto em que dividíamos, verifiquei que as suas coisas ainda estavam lá. Roupas, sapatos, notebook e até o seus inúmeros cremes e perfumes. O que me levou a deduzir que ela saiu com a roupa do corpo e talvez levando somente sua bolsa. Isso deveria significar alguma coisa, certo?

Que ela voltaria em breve, esperava eu.

Desci para a cozinha, em busca de um copo de água gelada e Conceição avisou que o almoço estava pronto, querendo saber se poderia servi-lo. Tentei mais uma ligação e esta foi rejeitada. Bem, ali eu a minha preocupação triplicou. Débora nunca havia recusado uma ligação minha, mesmo antes de entrarmos naquele acordo.

Estava pronto para dizer à cozinheira que não iria almoçar, mesmo estando faminto, quando chegou uma mensagem. Dela.

Respirei fundo antes de ler.

Corujinha: *Estou bem. Vim para casa por me sentir mais confortável em minha cama e para não dar mais trabalho do que já dei.*

Também não queria assustar Vivi, se ela chegasse do colégio e me visse mais um dia deitada, ficaria preocupada.

Vou tentar descansar. Depois falo com você.

Débora ainda iria me enlouquecer...

A minha vontade era ignorar as suas palavras e ir até ela dizer que o seu lugar era ao meu lado. Que se estava doente, era eu quem cuidaria dela. Que eu moveria o mundo inteiro para fazer com que se sentisse melhor. E que a minha cama era na verdade a nossa cama.

Eu era o cara que no dia a dia precisava tomar inúmeras decisões, estava acostumado a pensar rápido e encontrar saídas onde mais ninguém achava.

Mas, ali, eu fiquei em dúvida sobre o que fazer.

Saí para o jardim dos fundos e pensei bastante, caminhando de um lado para o outro. Sem ter uma ideia melhor, decidi que, ao menos por um tempo, daria-lhe a privacidade que estava pedindo nas entrelinhas.

Voltei para a cozinha e aceitei o almoço, tentaria levar uma vida normal até ir buscar de volta minha mulher.



Capítulo 40

Estevão Figueiredo Neto

Servi meu prato e acomodei-me na mesa da cozinha. Em outra situação, iria preferir o silêncio da sala de jantar, mas achei que ali poderia pescar alguma conversa das minhas funcionárias e que me dessem uma direção sobre Débora. E acertei em cheio.

— Fui ter uma conversinha com Rômulo, queria saber em detalhes como foi o percurso com a dona Débora. — Glória parou próxima a mesa e, com o olhar, incentivei-a que continuasse. — Sua namorada é muito querida, doutor. Mas, bem, ele repetiu que ela estava abatida, com uma carinha chorosa. Mas que também vez ou outra sorria para algo que via do lado de fora do carro.

— Débora não gosta de tristeza — comentei.

A minha vontade era pedir que contasse logo tudo o que conversou com o motorista, mas fiquei constrangido de me mostrar tão desesperado.

Por outro lado, suas palavras foram acendendo alguns alertas em mim e, só de pensar, meu coração perdia uma batida.

— Não mesmo — concordou com muita convicção. A mulher até trocou o peso do pé, sem esconder que queria estender a conversa. — Isso me fez lembrar do seu jeitinho engraçado, de mudar rápido de humor. — Não, minha mulher era exatamente o contrário, o equilíbrio em pessoa. Mas, enfim. — Nestes dias em que estive aqui, reparei um pouco mais em Débora, ela é uma graça. Teve uma tarde que, enquanto preparava um lanche para

Violetta, ela sorria animada com as histórias da pequena, ficou séria e chamou a sua atenção quando a pequena contou alguma travessura que fez na escola e ainda chorou quando eu mencionei que estava com saudades do meu neto. Isso tudo em cerca de quinze minutos.

Eu estava tendo até palpitação.

— Alterações no humor — eu disse.

— Será que ela melhorou dos enjoos? — Glória seguiu falando. — Ela comentou que em um instante parecia que iria perder as forças e, no outro, era como se nada tivesse acontecido.

Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus.

Engoli em seco e forcei-me a manter a naturalidade.

— Conversamos a pouco e ela disse que está bem — contei e a mulher sorriu, realmente aliviada. Acho que aquela preocupação só a vi sentir quando a minha filha adoecia.

— Sendo assim, fico mais tranquila. Vou terminar o serviço e deixar o doutor almoçar em paz.

Sabe quando uma chave interna vira e a gente passa a ter algumas certezas na vida? Então, eu tive uma, instantes atrás, e agora tudo parecia apontar para um único caminho possível.

Débora ia surtar, eu já estava surtando.

Enquanto partia um pedaço do filé, que duvidava que fosse consegui engolir, não com aquele bolo em minha garganta, formado pela ansiedade que tentava me dominar lentamente, fiz algumas contas e tentei repassar mentalmente os dias de pelo menos duas semanas atrás.

E aí a resposta era quase óbvia para mim.

Forcei-me a comer algumas garfadas do almoço e, depois de escovar os dentes, avisei a Rômulo que íamos sair.

Débora Montesano

Preparei um chazinho de flor de framboesa com gengibre e sentei-me na sacada. Queria muito ir para cama, mas estava me policiando. Não gostava de me entregar e um pouco de ar fresco e luz do dia certamente me fariam

bem.

Meu coração era tão idiota que, mesmo me sentindo sensível e vulnerável por saber que ele cogitava mais uma vez me deixar, ele se aqueceu com a quantidade de ligações e mensagens do Senador em meu telefone.

Talvez, só talvez, fosse real a sua preocupação.

Mas, de verdade, era melhor não pensar muito.

Tentei soar convincente na mensagem que mandei em resposta, pois se Estevão não acreditasse que eu estava melhor, iria aparecer em minha casa. E, naquele momento, eu não precisava da sua presença.

Nem naquele e nem em outro. Não quando não era real da sua parte.

Enquanto tentava relaxar e me recompor, meus olhos foram direcionados para alguns vasos de plantas que mantinha na sacada, o que me fez lembrar o quanto estava sendo relapsa com elas.

Caminhando lentamente, pois ainda estava enjoada e bastante letárgica, busquei um regador e enchi-o com água.

Podia sentir o quanto elas se aliviavam, na medida em que as regava. O cheiro da terra sendo molhada era uma delícia. E foi impossível não sorrir ao lembrar da Vivi com os dedinhos sujos enquanto me ajudava naquela atividade quando estava em minha casa.

Não era algo fazia parte do seu dia a dia, mas eu sempre tentava fazer com que tivesse uma rotina comum.

A pequena dava aquelas suas gargalhadas gostosas e fazia uma grande bagunça, mas eu não me importava. Gostava de vê-la divertindo-se.

O sorriso acompanhado das lembranças foi substituído por espessas lágrimas.

Ah, que saudade da minha garotinha.

E não era como se estivéssemos ficado longe uma da outra. Eram saudades antecipadas.

Pois, mesmo que eu tivesse em sua casa, levando em consideração que naquele horário ela estava no colégio, ainda não teríamos nos encontrado.

Não importava, eu estava sentida por saber que não a ajudaria com o dever de casa, não lhe pediria para não enrolar com o jantar e não leria uma história antes de dormir.

Também me preocupava em como ela se sentiria. Vivi estava acostumada com a minha presença, mesmo que não dormisse todos os dias por lá, fazia parte da sua rotina. Apegamo-nos uma à outra, com a total permissão do seu pai. E eu não deixaria que ele nos separasse, meu peito apertou-se e mais lágrimas escorreram só por me imaginar longe dela.

O que eram apenas lágrimas tornaram-se um choro quase compulsivo, fazendo-me até fungar, com a respiração afetada.

Precisei apoiar o corpo no guarda-corpo da sacada.

Esforcei-me para me controlar e, aos poucos, o choro diminuiu e terminei com as plantas, voltando para dentro do apartamento.

Foi quando a campainha tocou, deixando-me completamente atordoada.

Eu sabia que era ele.

Das poucas pessoas que tinham acesso direto à cobertura, apenas Estevão sabia que eu estava passando mal, fora que, naquele horário, os demais estariam envolvidos com o trabalho.

Pensei se deveria fingir não estar em casa, mas desisti no segundo toque. Pelo o que conhecia dele, só sairia dali depois de me encontrar. Não o atender, naquele momento, era apenas tentar evitar o inevitável.

Nossos olhares encontraram-se assim que destravei a porta e puxei-a para trás. Pude, então, perceber que aquela imensidão azul nunca perdeu o poder de me tocar com sua profundidade.

A intensidade com que Estevão me olhava era algo de outro mundo, eu realmente me sentia rendida a ele.

O homem segurava uma bolsa térmica e uma sacola que, por alto, vi ser de uma farmácia, fiz sinal para que entrasse e ele não perdeu tempo.

— Como você está? — Ele deixou o que carregava sobre o aparador do *hall* e sem que eu tivesse tempo para reagir, tomou-me em seus braços.

Inconscientemente, aspirei seu cheiro e senti quando meus olhos marejaram.

Pelo amor de Deus, Débora. O que está acontecendo?

— Bem... — respondi, gaguejando. Até pigarreei, um pouco envergonhada. — Bem melhor.

Ele deu aquele meio sorriso cafajeste, de quem sabia que me afetava com muito pouco e só aceitei, resignada.

— Não parece... — Estevão levou uma mão ao meu rosto e, cheio de cuidado, fez um carinho em uma bochecha. — Está pálida. E fraca também.

Minha aparência devia estar horrível. Eu me sentia péssima.

Ainda com um braço seu ao meu redor, virei-me para o espelho que ficava acima do aparador e era melhor que não tivesse feito aquele movimento. Primeiro, porque fiquei tonta, segundo, porque me deparei com uma mistura de palidez, olheiras, cabelos desgrehados em um coque malfeito e por aí vai.

Soltei-me dele, que não colocou resistência, acho que percebeu o quanto fiquei incomodada comigo mesma.

— Já ia preparar algo para comer. — Cruzei os braços na altura do peito. — E, certamente, ficarei com uma aparência melhor.

Estevão engoliu o riso e senti-me frustrada. Ele estava sempre lindo. Sempre perfeito. Sempre com aquele cheiro indecente de tão bom.

— Podemos ir para a cozinha? — Franzi o cenho, mas não neguei.

— Quer um copo d'água?

— Não. Mas trouxe algo para você. — Ao chegarmos lá, ele colocou a bolsa térmica, que nem percebi ter pegado, sobre a ilha e abriu-a, tirando de dentro uma *tupperware* de vidro. — Conceição fez uma sopa de tomate — contou. — É leve. Glória disse que você praticamente não comeu o café da manhã.

— Agradeça-as pelo cuidado. — Lá estava eu com os olhos marejados pela milésima vez e não estávamos nem na metade do dia. As duas foram muito atenciosas comigo. — Mas você realmente não precisa se preocupar, Estevão. — Parei em sua frente. Repentinamente, presenciei uma raiva nascer dentro de mim. — Não tinha que estar trabalhando? Sua assessora aprovou que deixasse o trabalho para vir aqui?

Primeiro, ele levou um susto com o meu arroubo, depois, estreitou os olhos para mim.

— Desde quando preciso de alguma aprovação dos meus funcionários? — Seu semblante era sério, de um jeito sexy demais que agora ele sabia ostentar, mas também tinha um resquício de diversão, talvez fosse

pelo riso que tentava prender.

— Vai saber...

Droga, eu havia falado demais.

Esperto como era, segurou meu queixo, erguendo-o um pouco e olhou em meus olhos.

— Quer me contar alguma coisa? — Deu um passo em minha direção, quase colando os nossos corpos. — Conversar? — Seu hálito quente soprava em minha pele, mantendo-me cativa. — Ou quem sabe perguntar algo? — Não podia ser só um pouco sonso? Ajudaria-me e muito. — Estou te achando estranha.

Sustentei seu olhar, ganhando tempo, até tomar o que julguei ser a melhor e mais sensata decisão.

Ignorei todos os seus questionamentos.

E, mais uma vez, desvencilhei-me do seu toque e saí em direção a ilha.

— Vou tentar tomar a sopa e depois quero descansar.

Deixei no ar a sugestão para que fosse embora o quanto antes, ainda que um lado do meu coração estava muito satisfeito por ele ter ido me ver e o outro, lembrava-se o tempo todo da sua conversa com a assessora.

— Posso ficar trabalhando daqui da sala enquanto você fica no quarto. Deixei minha pasta de trabalho no carro. — Era realmente melhor que fosse embora. Eu era besta demais e já era até capaz de sorrir para ele. — Ou posso ir para casa se vai ficar mais à vontade sozinha.

Dei de ombros. O motivo? Porque, no fundo, nem eu sabia o que queria.

Servi a sopa em um prato fundo, o cheiro estava delicioso e a aparência era ótima. Tinha uma cor viva, era aromática e, a sua textura, muito atrativa. Estava ávida por uma colherada. Salpiquei um pouco de cheiro verde e queijo ralado, que vieram em dois potinhos à parte, indo me sentar na ilha, onde Estevão já estava acomodado.

— Aceita?

— Não, obrigado. Almocei antes de vir.

— Está muito bom.

Por alguns minutos ficamos em silêncio, eu me deliciando com a comida e ele, conversando com alguém no telefone, pois não parava de digitar. Vez ou outra sentia seu olhar queimar em mim, mas não arriscava corresponder.

Já tinha tomado umas seis ou sete colheradas, o gosto era tão harmonioso que eu sofria por saber que em algum momento a porção que Conceição enviou iria acabar. Em quarenta e oito horas foi a primeira vez que realmente tive vontade de comer algo.

Coloquei mais uma colherada na boca e então senti lentamente o gosto mudar. A mistura do ácido do tomate com o seu sabor adocicado não parecia mais ser uma boa combinação. O resultado agora era algo amargo, rançoso. Horrível.

Meu estômago protestou, a boca salivou e, de um instante para o outro, era como se tudo estivesse chacoalhando dentro de mim.

— Está tudo bem?

Levantei o olhar e encontrei Estevão, encarando-me com o cenho franzido.

— Não sei, acho que tem algo errado... — Olhei dele para o prato de sopa, meio desolada, pois estava gostando tanto de tomá-la. — De repente, o gosto do tomate ficou estranho. — Uma onda de enjoo tomou conta do meu corpo, foi tão forte, que ele percebeu e ajudou-me a descer da banqueta. — Preciso do banheiro. — Ainda consegui avisar, antes de correr, tendo Estevão em meu encalço.



Capítulo 41

Estevão Figueiredo Neto

Não havia a menor graça em ver uma pessoa vomitando, muito menos a sua mulher, pior, sendo testemunha de que o ato parecia lhe causar um enorme incômodo, quase dor física.

No entanto, parecia-me impossível não sorrir quando um cenário completamente inesperado tomava forma bem diante de mim.

Débora lavava o rosto na pia do lavabo e, sem querer, deixou escapar que, quando chegou em casa, teve um episódio semelhante e que quase não alcançou a tempo a privada.

Como ela não percebia?

Ou nem desconfiava?

Bem, era chegada a hora, e já imaginava que ela ia pirar.

Mas não havia a mínima condição de seguir com aquela dúvida. Não quando todos os sinais estavam sendo jogados com holofotes em minha cara.

— Espere-me aqui. — Confusa, ela levantou os olhos para mim. — Eu já volto.

Saí em disparada para o *hall* e retornei trazendo comigo a sacola de plástico. Respirei fundo, buscando as melhores palavras e não as encontrei.

Sabia que não seria fácil o que lhe pediria, mas não tinha outra opção.

— Tem algo que não paro de pensar. — Iniciei, cauteloso. — E

gostaria que tirássemos a dúvida.

— Não estou entendendo. — Seus olhos não desgrudavam da minha mão e, no fundo, acho que ela soube sobre o que eu falava. Sem mais querer enrolar, estiquei a sacola em sua direção. E, ao pegar e ver o seu conteúdo, seu olhar transformou-se para completo horror. — O quê? — Ela ainda mexeu no conteúdo como se quisesse provar que realmente estava vendo aquilo. — Não, você não pode fazer isso comigo.

Eu gelei por dentro. Porque, embora tivesse as minhas certezas e algo em mim gritava uma realidade, a mera menção ao assunto deixou-a completamente desestabilizada.

Seus lábios tremiam e o olhar era perdido.

— Linda, eu juro que pensei bastante a respeito. Não custa testar.

— Você enlouqueceu? — Débora berrou. E ela quase nunca aumentava o tom de voz. — E pior, não vê como isso me machuca? — Lágrimas, muitas delas, começaram a escorrer por seu rosto. Dei um passo em sua direção e ela recuou, impondo distância. — Não pode brincar com esse assunto, Estevão. Meu Deus, só pode ser um pesadelo. — Ela saiu andando para as salas, desnorreada e então parou de súbito. — Não lembra de tudo o que lhe contei? Você me consolou, poxa. Não tinha esse direito. Vá embora.

Eu precisava agir.

Aproximei-me e segurei-a pelos ombros, obrigando-a a olhar em meus olhos.

— É claro que não me esqueci daquela nossa conversa, de tudo o que me contou.

E tinha como esquecer?

Estávamos na fazenda em São João, era madrugada de sábado e já tínhamos tido algumas rodadas do melhor sexo da minha vida.

Descansávamos enrolados um no outro, minha mão subia e descia pela extensão da sua coluna, enquanto ela corria os dedos pelo meu peito. Era íntimo e confortável. Já tínhamos tido muitas conversas ao longo daquela noite, e, de repente, algo atinou em mim.

— Não usamos preservativo... — disse-lhe, sentindo-me culpado. *E não foi apenas uma transa, foram várias. Como fui me esquecer?*

— Eu também não me lembrei — ela pareceu ler meus pensamentos, continuou com a cabeça acomodada no vão do meu pescoço e pareceu não dar muita importância ao assunto.

Ainda assim, queria tranquilizá-la.

— Imagino que ainda tome pílula ou use outro algum método contraceptivo, no mais, estou limpo e nunca deixo de usar.

Débora ergueu o tronco e encarou-me.

— Eu não também não faço sem. — Ótimo. Péssimo era imaginar ela com outro homem. — E não faço uso de nenhum método.

Bem, isso poderia ser um problema. Mas não para mim. Não gostaria de ter outro filho fora de um relacionamento sólido, mas não me importaria de engravidar a mulher por quem era apaixonado. Faríamos dar certo.

Ela não desviava o olhar, eu também não, até que soltou um suspiro e voltou a se aconchegar em mim.

— Mas eu não irei engravidar.

Processei as suas palavras, captando que havia um algo a mais nelas.

— Achei sua colocação um tanto definitiva — sondei.

— E é. — Débora fez uma longa pausa e aguardei em silêncio, porém, agitado pelo o que viria em seguida. — Há três anos, incentivada por amigos, decidi conversar com a minha médica sobre a possibilidade de congelar meus óvulos. Eu estava em um relacionamento, era recente, mas a vontade de ser mãe nunca me abandonou. Eu era cheia de tabus com o procedimento, acho que por isso demorei um pouco para me decidir. — Saiu contando e, a cada palavra, eu sentia um frio na barriga. — Bem, em resumo, fiz todos os exames necessários, passei pela etapa de indução à ovulação e cheguei ao procedimento de coleta dos óvulos... — Ela então me olhou, seus olhos vermelhos. — Só conseguiram captar um óvulo. E que não estava maduro. Depois de conversar com os médicos, concluímos pela desistência do congelamento.

Putá merda.

Aquilo era ruim, muito ruim.

— Eu sinto muito.

Seu olhar ficou distante e ela não deu sinal de que havia me ouvido.

— Até então, eu nunca havia pensando muito sobre a minha fertilidade. Mas depois daquele dia, cheguei a fazer o exame de avaliação da reserva ovariana. Fiz por três vezes. E não foi encontrado um óvulo sequer. Foi quando me dei conta de que realmente não conseguiria engravidar.

Seus olhos marejaram, Débora lutava contra as lágrimas, o lábio inferior estava trêmulo. Puxei-a para mim, envolvendo ainda mais o seu corpo e beijei seus cabelos.

— Eu não sei nem o que dizer, linda.

Se tinha uma pessoa que nasceu para ser mãe, era Débora.

E se nunca tivéssemos nos separados, certamente já teríamos filhos.

A nossa história aconteceu como tinha que ser, mas ela merecia mais. Porque era o que ela desejava.

Eu podia ver em cada célula do seu corpo como aquela realidade a feria. E se eu pudesse, mudaria aquela sentença em sua vida. E ainda a engravidaria de bom grado.

— Não precisa falar nada. — Entrelaçamos as nossas mãos. — Não é um assunto que costumo abrir às pessoas, ainda me machuca muito e estou longe de superar. Mas já me acostumei com a realidade. E eu só quis... te contar.

— Você pode falar sobre tudo comigo, sabe disso. — Ela assentiu, ainda cabisbaixa. — E não há nada que possa fazer?

— Pelos meios naturais, não. — Percebi o que assunto estava encerrado e, antes que a puxasse para um beijo, Débora tomou a iniciativa, passando uma perna sobre as minhas. — Acho melhor mudarmos o assunto, não precisamos de mais drama em nossa história.

Não tinha um dia sequer que eu não me lembrava. De cada palavra, da dor em seus olhos, das lágrimas não derramadas, do aperto em meu peito e da sensação de total impotência.

Mas, ainda assim, eu tinha meus motivos.

— Eu não vou te perdoar por isso. — Fungou e até fechei os olhos, buscando o equilíbrio

— Linda, quando foi a sua última menstruação? — Fiz a pergunta básica, aliás, se fosse mais esperto, teria começado por ela.

— Eu... — ela tentou falar, mas então se calou.

Puxei-a para o sofá mais próximo e ela foi sem resistência.

— Tome seu tempo.

Não nos tocamos, ficamos em silêncio e ela não escondia o quanto estava perturbada.

Já eu, tentava com muito custo me controlar.

— Meu ciclo não é certinho sabe — balbuciou e desconfiava que falava mais para si mesma.

— Desde que voltamos daquela viagem a São João, você não menstruou mais, não foi? — Eu já havia refeito aquela conta na cabeça por incontáveis vezes e agora parecia que ela também fazia. E o resultado não podia ser diferente do que encontrei. Peguei suas mãos e olhei em seus olhos. — Linda, faça o teste, por favor.

Não escondi a urgência que tinha, não era mais necessário.

Débora ainda demorou alguns minutos para reagir, até que se soltou de mim e pegou a sacola.

Ao invés de ir para o lavabo, que estava mais perto, seguiu em direção ao seu quarto. Fui atrás, o coração pronto para explodir dentro do peito. As mãos suavam e a garganta completamente seca.

Nunca na vida havia sentido aquela expectativa e tudo o que queria era a resposta. Internamente, torcendo para que fosse o que meu coração já apontava.

Ela entrou sozinha no banheiro e fiquei sentado na beirada da sua cama, minutos depois, ela abriu a porta e aproximou-se. Segurava o teste digital, um dos vários que comprei e puxei-a para o meu colo. Segurei firme em sua cintura e, em poucos instantes, veio a resposta.

— Estevão... — Sua voz foi diminuindo. É, amor, eu sei. — Dois tracinhos — sussurrou.

Coloquei-nos de pé e segurei seu rosto com as duas mãos. Débora já chorava, lágrimas discretas banhavam seus olhos e escorriam pelo rosto.

Eu ia ser pai, mais uma vez.

E com ela, a única mulher que amei na vida.

Que segunda chance do caralho tivemos.

— Você está grávida, meu amor. — Beije seus lábios, com uma vontade louca de chorar também. — Vamos ter um filho!

Era até engraçado seu estado de choque. Beije-a mais uma vez, apertei-a em meus braços e disse em seu ouvido o quanto a amava.

— Não é possível... — Ri com a boca colada à sua.

Conseguia compreendê-la perfeitamente. Primeiro, que ela já não tinha esperanças de ter um filho pelo meio natural, segundo, que éramos nós dois, depois de mais de vinte anos.

— Um filho, linda. Vamos ter um filho.

Segurei novamente seu rosto e, na medida em que eu me dava conta do que estava acontecendo, a emoção dominava ainda mais meu corpo.

— Eu não consigo acreditar. — Abraçamo-nos e as nossas lágrimas misturaram-se. — Parece que é um sonho!

— Um sonho maravilhoso. — Voltamos a nos olhar, os olhos molhados, os sorrisos emocionados e os corações quase ganhando vida própria. — Vamos ter um filho juntos. — Sim, eu repetia em *looping*. — Eu estou muito feliz, Débora, não sei nem te mensurar o quanto.

Inclusive, acho que *felicidade* não era uma palavra suficiente para descrever o que eu sentia.

— Eu também. Mas em choque. — Era bom demais rir junto com ela. Agora Débora estava leve, emocionada, feliz. E sem saber o que fazer com aquela explosão de sentimentos. — Vou ser mãe, Estevão. Tem um bebê aqui na minha barriga. — Tocamos juntos sobre a peça de roupa, minha mão sobre a dela e eu poderia realmente ficar horas ali sentindo nosso filho. Meu Deus, eu realmente seria pai de novo. — O que eu faço agora?

Essa era fácil!

— Sexo de comemoração? — Agarrei sua cintura e tomei sua boca em um beijo gostoso, pronto para comemorar a arte que fizemos. — Ou ainda está brava?

Ela riu, toda molinha com as minhas mãos apertando seu corpo e minha boca beijando o que encontrava de pele descoberta.

— Nem um e nem outro. Vou tentar um horário com a minha médica!



Capítulo 42

Débora Montesano

Fazia poucas horas que sabíamos sobre a gravidez e já era o suficiente para Estevão supor que eu não conseguiria sequer caminhar sozinha.

Sim, ele perguntou se eu gostaria que me carregasse.

Mãe... Eu ia ser mãe.

Sabe aquela frase “aceita que dói menos”? Então, a contragosto, pois a acho um tanto cruel e fatalista, usava-a para o meu sonho de um dia ter um filho.

Quando recebi a notícia de que a minha ovulação estava um nível muito baixo e que em vários meses sequer acontecia, doeu muito. Foi um dos dias em que mais chorei na vida. E revoltei-me de verdade.

Senti raiva de mim, do Estevão, de Deus, da vida.

Nada era capaz de me consolar. Foram dias fechada em meu apartamento, sem querer ver as pessoas, trabalhando remotamente, perguntando-me a todo o instante o porquê de ter permitido que a minha vida chegasse àquele ponto.

Ao longo dos anos, tive namorados, vivi histórias bacanas, consegui homens bons, cheguei a ser pedida em casamento. E recusei, pois, era tudo assim, sem qualquer emoção. Era só... bom.

E quando percebi que o tempo passou, ao menos para a minha fertilidade, senti-me uma tola. Não podia continuar esperando por um amor

de tirar ao fôlego, como o que vivi aos dezessete anos. E, de tanto ter como referência o meu namoro do passado com Estevão, deixei minha vida passar.

Aquilo que me matava por dentro.

Mas, então, logo o famigerado tempo cuidou de abafar aquela ferida.

Não a curou, claro.

Ela, inclusive, sangrava de tempos em tempos, como um machucado que você acha que está cicatrizando, mas, quando menos se espera, bate-o em um móvel qualquer, arrancando a casca e doendo como se fosse a primeira vez.

Cheguei a cogitar a adoção ou mesmo pesquisar algum método de reprodução assistida que se adequasse à minha situação, mas a verdade é que eu não queria ser mãe sozinha. Então, só adiava.

Eu, definitivamente, ainda era como a garota romântica do passado.

Eu queria um filho, mas também desejava uma família, uma rotina, o pacote completo.

E agora eu tinha. Com Estevão, Vivi e o bebê que gerava.

Entramos em uma cafeteria e ele puxou a cadeira para mim, sentando-se somente depois de checar que eu estava acomodada e confortável.

Havia conseguido um encaixe emergencial na agenda da minha médica, sua clínica era localizada na Barra e resolvemos tudo em pouco tempo, inclusive, lá mesmo fiz o exame de sangue e o primeiro ultrassom, que não deixou qualquer sombra de dúvidas sobre a minha gestação.

Fomos embora com os olhos marejados e inchados, pelas várias lágrimas que derramamos enquanto ouvíamos o coraçãozinho do nosso bebê.

— Para mim, um suco de laranja — disse -lhe a minha escolha.

— E o que vai comer? — Torci o nariz, estava há algumas horas sem colocar até minha alma para fora, mas o estômago seguia sensível. — Agora você está bem, linda. Não pode ficar sem se alimentar — ele insistiu e aceitei.

— Um sanduíche natural.

Estevão fez os pedidos e aquele sorrisinho cheio de prepotência, que era sua marca registrada, surgiu em seu rosto. Lá vinha...

— Fiz um filho em você lá na nossa fazenda.

Eu ri com gosto. Sabia que, no instante em que a médica concluiu o tempo da gestação, ele fez as contas. Eu fiz o mesmo.

— Faz sentido, já que não tirava as mãos de mim.

Dei de ombros e ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu realmente não recebi nenhuma reclamação!

É óbvio que não.

Aquela pequena e inusitada viagem foi muito marcante para nós dois. Retornamos à minha cidade e onde vivemos a nossa história, fizemos amor pela primeira vez desde que nos reencontramos, tivemos conversas esclarecedoras e, ali, nos conectamos de um jeito diferente.

Fazia sentido e era muito significativo que o nosso filho tivesse sido concebido naquela ocasião. E na fazenda que ele comprou pensando em nossa relação do passado, mesmo com a separação de tantos anos.

Eram tantas emoções, tantos sentimentos, que eu mal conseguia lidar.

— Ainda estou atordoada com a notícia, mas muito, muito feliz — contei-lhe.

Tinha certeza de que os meus olhos brilhavam, assim como os seus, que nunca estiveram tão azuis.

Eu era completamente apaixonada pela versão papai do ano do Estevão. Não tinha dúvidas de que ele era o melhor pai para a Vivi. E saber que agora seria em dose dupla... Fazia-me querer chorar, obviamente. Aliás, esse agora parecia ser o meu estado permanente.

— Eu sei. — Estevão segurou minhas mãos por cima da mesa e trocamos um longo olhar. Até suspirei. Estava mesmo acontecendo. — Está se sentindo bem? Passou muito mal nos últimos dias.

— Agora, estou, embora um pouco enjoada.

Nossos lanches chegaram, forcei-me a comer pelo menos metade de meu sanduíche, conversamos, fizemos planos, tentamos planejar como contaríamos para Vivi e o restante da nossa família e não chegamos a uma conclusão.

Já havíamos finalizado quando ele pediu um café e, eu, uma água com gás. De lá, buscaríamos nossa garotinha na aula de ginástica artística.

Mas antes...

— Linda, por que foi embora da minha casa?

É claro que ele não deixaria aquele assunto de lado, era o Estevão, afinal.

— Ah, não foi nada demais.

— Débora — chamou, sério. — Você estava fraca, com dificuldade para sair da cama e mal conseguiu tocar no café da manhã. Não reclamou de ficar lá com a gente. Alguma coisa aconteceu e eu gostaria de saber o que é.

A nossa descoberta e como tudo aconteceu foi tão marcante, que eu já nem me deixava perturbar com o motivo de ter ido embora para casa. É como se já não fizesse sentido aquela minha explosão. E talvez ela nunca tenha feito. Seriam os hormônios falando por mim?

É, só podia mesmo ser os hormônios.

Respirei fundo, já envergonhada, e contei em detalhes o que ocorreu desde que acordei e parei nas escadas, ouvindo sua conversa vinda do escritório.

Ele me ouviu com atenção e vez ou outra balançou a cabeça em negação.

— E foi isso — concluí, sentindo-me uma tola.

Sem pressa, Estevão pareceu escolher as palavras e entrelaçou as nossas mãos. Nossos olhares encontraram-se e me desmanchei inteira. Ele era tão transparente e eu uma boba.

— Dou a você minha palavra que nem por um momento passou pela minha cabeça acabar com o nosso acordo. Até porque, eu sequer o considero. — Sim, já tinha lágrimas escorrendo dos meus olhos. — Para mim, você é a minha mulher. E ponto final. — Teve que fazer uma pausa para me deixar respirar. O safado até deu uma risadinha da minha situação. — O namoro de mentira foi só um presente do destino para nos deixar mais próximos. Nós temos uma vida juntos, construímos essa relação e, bom, devo ressaltar, não tem nada a ver com a gravidez, pois eu já te queria comigo.

Meu coração saltitava dentro do peito.

Não ignorava o nosso histórico e já disse a mim mesma que nunca iria confiar em Estevão. Mas não é como se eu realmente conseguisse.

Eu não apenas confiava, mas também me sentia segura ao lado dele.

— Agora eu sei que estou com as emoções confusas, tendo umas reações desmedidas. Em outra situação, teria ficado e te chamado para conversar, mesmo que fosse para encerrarmos o acordo e ficar em paz. Mas, hoje, eu só quis ir embora para chorar e sofrer no meu canto. — Seu olhar não era julgador, pelo o contrário, havia muita compreensão. E amor. — Inclusive, tenho chorado bastante. — Rimos, porque era até engraçada aquela minha versão descontrolada. — E também ficado brava com muita facilidade.

Ele fez uma expressão tão safada, que precisei desviar o olhar. Estávamos em público e não precisava ter pensamentos impuros na frente de outras pessoas.

— Essas mudanças repentinas de humor foi o que primeiro me chamou a atenção — contou.

Está aí algo que realmente não passou pela minha cabeça. Estar grávida era algo tão distante para mim, que duvidava que algum sinal me faria sequer cogitá-la. E eu tive vários... A ausência da menstruação, as alterações no humor, oleosidade na pele, sono, enjoos. Talvez, quando a barriga realmente despontasse, eu correria para o hospital suspeitando de alguma doença grave. Mas nada além disso.

Claro que, observador e controlador como só Estevão sabia ser, seria ele a descobrir que o nosso bebê estava a caminho.

Estevão Figueiredo Neto

Ainda estava extasiado daquele dia, sendo que ainda tínhamos grandes emoções para vivenciar.

Coloquei Vivi na cama enquanto Débora tomava banho. As duas ficaram em um grude o restante do dia e só se largaram à noite, na hora da pequena dormir.

Fui para o nosso quarto e aguardei-a na varanda.

Porra, eu seria pai de novo.

E mal podia acreditar.

Eu amava ser pai, curti até as responsabilidades e a parte de educar, que não tinham nada de divertido. Vivi era o amor da minha vida, minha primogênita, foi ela que mudou tudo na minha história. Já o filho que estava a

caminho, era a coroação do grande amor que conheci quando ainda era um moleque e que resistiu à longos anos de separação.

Eu já amava demais aquele bebê.

De repente, eu enxergava toda a minha vida dando uma guinada. Se já estava muito satisfeito antes de reencontrar Débora, agora eu vivia a plenitude.

A vida era muito melhor ao lado dela.

Tomei um gole do espumante, sentindo-me um pouco ansioso. Havia feito tantos planos e, no fim, a forma como eu mesmo fui surpreendido pelo destino tornou tudo mais interessante.

Então, não pensei muito.

Só decidi viver.

Ouvi um barulho vindo de dentro do quarto e olhei naquela direção. A visão que tive foi avassaladora.

Débora caminhava para mim, usando uma camisola longa e preta, absolutamente linda e sensual. Uma deusa. A perfeição em pessoa.

Fiquei de pé para recebê-la, puxei-a para os meus braços, deixando-me inebriar pelo seu cheiro delicioso. Uma mão apertava-a na cintura e com a outra tracei um caminho pela sua coluna, até chegar em sua nuca, onde a segurei firme.

— Você está uma delícia! — Eu poderia devorá-la ali mesmo, era absurdo o tesão que sentia por aquela mulher. Como queria ser um pouco romântico, satisfiz-me em passar o nariz pelo seu pescoço. — Cheirosa! — Estava conseguindo me controlar até ver sua pele arrepiada. Aí a agarrei de jeito. — Uma mamãe muito gostosa!

— Está me mimando — disse em meu ouvido, toda molinha. Podia apostar que estava molhada e prontinha para mim. Mas eu realmente queria ir com mais calma. Seria só daquela vez.

— Embora te mimar seja uma especialidade minha, agora estou apenas falando a verdade. — Voltei a segurá-la pelo pescoço, fazendo com que me olhasse nos olhos. — Sou louco por você... — Seu olhar vacilava entre apaixonado e com um tesão desmedido. E aquilo era para me foder. — Pela sua inteligência. Sua beleza. Seu cheiro. Seu corpo. Sou completamente maluco por você. — Tive que beijar a sua boca, seus lábios receberam-me

famintos e exigentes, assim como eu me sentia. — Você me enfeitiçou, não tem outra explicação — rosnei em seu pescoço. — Sabe o porquê? O que eu sinto por você não é nada comum ou natural.

E como seria? Eu amava aquela mulher desde os meus dezessete anos.

— Eu te amo, Estevão! — declarou com os olhinhos apertados, o que fazia quando estava no modo apaixonadinha. — Não sei exatamente quando me dei conta de que, no fundo, este sentimento nunca passou, mas só estava adormecido. E agora sei que gosto de te amar, de ter na minha vida. Gosto que você compartilhe a vida. E gosto mais ainda que tenha feito com que Vivi e eu nos conhecêssemos. — Porra, agora dei para ficar emocionado. Eu disse que aquela mulher tinha algum feitiço. — Eu amo a sua filha, sabe. E, hoje, quando estava brava com você, chorei um pouco enquanto te ameaçava mentalmente, não deixaria que me afastasse dela.

Ao mesmo tempo em que estava com os olhos marejados, soltei uma gargalhada.

A minha vida era realmente melhor ao lado dela.

— Eu não faria isso. — Respirei fundo. — Mas dá uma segurada nas declarações, preciso que se concentre em mim.

E, assim, ela fez com um sorriso que me fazia querer colocar o mundo aos seus pés, olhou-me com toda a atenção disponível.

— Linda, mais cedo eu te disse que, independente da gravidez, eu já te queria ao meu lado. De forma definitiva, claro. Quando pensei neste momento, planejei ser o último dos românticos. — Ri sozinho dos meus planos. Até encher o quarto com pétalas de rosas eu pensei. — E, com isso, não fazia ideia de quando aconteceria. Só sabia que precisava planejar em detalhes. Mas, ao longo do dia, percebi que para nós dois, não faria sentido deixar de viver só para garantir que fosse um grande acontecimento. Por si só, já é algo grande.

— Está dando voltas, amor?

Abusada.

— Estou. Você me desconcerta. — Não tinha nem como esconder. Peguei a caixinha que deixei sobre a mesa da varanda e ajoelhei-me, tudo sob o olhar chocado dela. Pois bem, querida, se passar pela cabeça me dizer não, lembre-se que fiquei de joelhos para você. — Quero me casar com você,

Débora. Quero a nossa família, a nossa vida junto, os nossos filhos, nossos planos e sonhos. Quero dormir e acordar com você. Quero te amar a cada dia mais e sempre que me olhar no espelho, ter a certeza de que sou o homem mais sortudo e realizado do Universo. — Ela chorava e sorria. Um sorriso lindo, que se eu já não fosse apaixonado por ela, renderia-me completamente naquele momento. — Você aceita casar comigo?

— Amor! — É só dizer sim, *corujinha*. — É claro que sim! — Coloquei a joia em seu dedo e beijei-o. Tremia um pouco, confesso. — Você tem um anel? — Entendi que a pergunta não era bem como ela formulou e apenas respondi.

— Comprei quando cheguei em Brasília! — contei. Queria que soubesse que fazer dela minha mulher, já era um desejo. Fiquei de pé e puxei-a pela cintura, abraçando-a. — Prometo a você uma vida real e feliz, linda.

Nós éramos tão certos, tão nós.

— Para sempre! — ela decretou.

— Para todo o sempre, nós dois!

FIM!!!!





Epilogo

Estevão Figueiredo Neto

Sorvi um gole do uísque e, se estivesse por perto, Débora certamente chamaria minha atenção por estar tomando bebida alcoólica àquela hora do dia.

Mas ela não estava.

Ao contrário de mim, que naquele momento conseguia curtir a tranquilidade do nosso quarto, observando da varanda toda a movimentação lá embaixo, ela estava tendo que lidar com todas as mulheres da família.

Em um dos quartos da nossa casa na fazenda, foi montado uma verdadeira estrutura de salão de beleza, para arrumar minha mulher para o nosso casamento.

Escolhemos o final da manhã de um sábado da primavera, o tempo estava fresco, o céu muito azul e os nossos jardins floridos.

Era um dia muito bonito!

Ouvi dois toques na porta e pela leveza, já imaginava quem era.

Caminhei para abri-la e minha garotinha entrou apressada e falante.

— Papai, a mamãe está muito linda. Mas ela disse que não posso contar *sobe* o vestido que vai usar.

Violetta girou ao redor do próprio corpinho, sem esconder que queria me mostrar a própria roupa e saiu andando pelo quarto.

— Você também está linda. Bem, a mamãe e você sempre estão lindas!

— É!

Uma princesa com a autoestima elevada, como podíamos perceber. Mas tudo bem, acho que isso era bom.

— Vai ser muito legal, né papai? — Ela então parou na minha frente e esticou os bracinhos, para que eu a pegasse no colo.

— Muito, princesinha. — Beijeí seu rosto, apertando-a em meus braços. — A mamãe e eu esperamos bastante por este momento. E você, está feliz?

— Assim, ó... — Ela esticou os bracinhos e se esforçou tanto, que até fechou os olhos, do seu jeitinho fofo e engraçado. — Do tamanho do mundo inteirinho!

— Isso é muita coisa.

— É sim. Eu te amo, papai. — Vivi então abraçou o meu pescoço e beijou o meu rosto. Quando me soltou, eu estava emocionado. Aquelas duas mulheres sabiam como me desmontar. — Só vim aqui te ver rapidinho. — E assim ela balançou as perninhas, querendo que a colocasse de volta ao chão. — *Peciso* terminar de me arrumar.

— Eu te amo muito, meu amor. — Mas agora ela teria que ter um pouco de paciência, pois eu também tinha coisas para lhe falar. — Sempre fomos família, Vivi, mesmo quando éramos nós dois. E agora a nossa família está crescendo. Entende isso?

Tinha um certo receio de que, em algum momento, fosse agora ou no futuro, Violetta pensasse que a nossa família passou a existir apenas quando ela multiplicou. Não, ela sempre existiu. E eu já era bem completo. Até reencontrar Débora, não pensava em me casar ou ter mais filhos. Não sentia vontade ou necessidade. Estava muito feliz com a minha vida ao lado da Vivi. Hoje eu seguia sendo um cara feliz e realizado, mas com mais dois presentes que, mesmo sem merecer, eu recebi da vida.

— Entendo. *Ela* uma família de dois, *agora* é de quatro. A mamãe já me explicou.

É claro que a mamãe teve essa conversa.

Nada passava despercebido por Débora, não era por acaso que eu dizia

que ela nasceu para ser mãe.

Beijei novamente seu rosto e a levei até a porta.

Comecei a me arrumar sem pressa, o tempo todo pensando e refletindo sobre meu último ano.

Reencontrei a mulher da minha vida, entramos em um namoro de mentira, a convenci ficar de vez comigo, a engravidei... Foram muitas mudanças e contando. E ainda tínhamos tanto para viver.

Eu realmente não era um cara amargurado ou sem alegria, mesmo que vivendo uma rotina que basicamente se resumia ao trabalho e cuidar da Vivi, com pouco tempo para distrações. Mas agora eu experimentava o ápice da vida. Não sabia nem explicar o quanto estava realizado. Era como se experimentasse um pedaço do céu.

Na frente do espelho, arrumava a gravata, e novamente alguém chamou à porta. Agora as batidas eram firmes e consistentes.

Não foi uma surpresa encontrar meu pai à minha espera.

— Posso entrar? — perguntou.

Ele parecia já estar pronto, estava elegante dentro de um terno bem cortado na cor cinza claro, o cabelo penteado para trás, assim como eu usava o meu.

— Claro. — Dei espaço, abrindo mais a porta, e ele passou por mim com o seu jeito seguro de sempre.

Está aí algo que aprendi com ele, meu pai era um homem que não abaixava a cabeça. Nunca. Mesmo em momentos de tensão, ele exalava confiança. Aprendi a ser assim.

— Você fica muito bem de noivo.

Ele se sentou em uma poltrona que tínhamos em um canto do cartão, era um espaço também por outra idêntica e uma pequena mesa redonda de madeira.

Também me acomodei, algo me dizia que ele estava ali para conversar. Mesmo que a minha disposição para escutar o Figueiredo Filho, antes do meu casamento, fosse bem pequena, eu o faria, obviamente.

— Um elogio?

— Você merece vários. — O velho quase suspirou. E me elogiar no

particular e sem qualquer intenção por trás, era uma grande novidade. — É um bom pai, bom filho, bom político e já é também um bom marido. — Eu estava sério, sem compreender aonde ele pretendia chegar. — Hoje você e Débora só irão oficializar o que vivem no dia-a-dia.

— Obrigado?

Ótimo, ele me deixou sem palavras.

— Agradecer é bom. — Meu pai deu um micro sorriso, estava longe de ser um homem que demonstrava as suas emoções e aquilo já era bastante para a sua personalidade.

Ele parecia procurar as palavras ou talvez já estava arrependido de ter me procurado e buscava uma saída inteligente para ir embora do meu quarto. Mal sabia ele, que a segunda opção seria quase como um alívio para mim.

No entanto, seus planos definitivamente eram outros.

— Não ache que eu ignoro o quanto errei com você no passado. E continuo errando, acredito. — Ele queria conversar. — Vivi outros tempos, Estevão. Tive outra educação, achava que estava fazendo o certo quando me empenhei para que saísse de São João Del Rei e fosse cuidar dos seus estudos e preparação para entrar na política. Não posso dizer que faria diferente, pois sei que agir dentro do que eu achava que era o certo e viável. Mas posso dizer que me arrependo.

Sabe o tipo de coisa que você acha que vai morrer sem ouvir ao menos uma vez na vida?

Então... Era meu pai dizer que estava arrependido de algo.

E ele falar aqui para mim, sabendo que foi o estopim para anos de uma relação completamente formal e com uma finalidade — me formar para a política, como a que tivemos, mexia e muito comigo.

Ele não precisava me impressionar e tampouco dependia de algo que eu poderia lhe oferecer, acreditava na sinceridade das suas palavras.

Saber que, mesmo anos depois, ele reconheceu o quanto decisões e atos do passado me machucaram e me moldaram, me dava um alívio.

Era o que faltava para nós dois, talvez.

— Está tudo bem. Hoje é um dia feliz para mim, dia de celebração.

Trocamos um longo olhar e ele insistiu.

— Serei breve. Me arrependo de muitas decisões que tomei e atitudes que tive no passado. Já falei sobre isso com a sua mãe e talvez seja um dos motivos para que tenha me aceitado de volta. — Seu olhar voou longe. Algo me dizia que outro arrependimento seu era o tempo que perdeu longe da esposa. — Se tivesse o poder de voltar no tempo, teria dado valor às coisas de forma ordenada. Primeiro, o meu casamento, depois os filhos e, somente então, a política. — Bem, isso parecia bem lógico para mim. Por mais dedicado que fosse ao trabalho, ele nunca esteve acima da Vivi e agora, da minha esposa e do meu caçula. — Não vou culpar o seu avô, ele não está aqui para se defender, mas o sentimento que sei que você já teve em relação aos seus primos, de que eles não cederam, eu também tive quanto aos meus irmãos que seguiram o próprio caminho. Mas no fim das contas, todos nós tivemos uma opção. — Aonde ele queria chegar? — Estou tentando, no tempo que me resta, recuperar um pouco do que perdi. Também tive a minha segunda chance. Eu desejo uma vida longa e cheia de realizações para você e Débora. Que na casa de vocês não falte harmonia, felicidade e paz. E que vocês sempre encontrem o melhor caminho para educar os meus netos. Seja feliz, filho.

Meu pai ficou de pé e com um olhar, me fez levantar.

Sem que eu esperasse, me puxou para um abraço, que ele mesmo prolongou.

— Obrigado, pai. Vida nova para nós dois.

Era isso, tínhamos que caminhar para frente, sempre para frente. E deixar o passado no lugar dele.



— Pode beijar a noiva! — disse o celebrante.

Minha mulher e eu tínhamos os olhos úmidos, pelas lágrimas que derramamos durante a celebração. Que dia especial! Que dia incrível! Mais um dia para chamarmos de nosso!

Eu era o cara mais feliz e realizado do mundo.

E, a cada instante, ficava mais difícil eleger qual o dia mais

emocionante da minha vida... Quando recebi a notícia de que seria pai? Quando meus filhos nasceram? Quando Débora me disse sim? Ou agora, em que nós quatro atravessávamos juntos o tapete vermelho?

Nos casamos no civil dois meses depois em que coloquei um anel de noivado em seu dedo. Ela não queria fazer a celebração religiosa enquanto estivesse grávida, disse que o vestido dos seus sonhos não lhe cairia bem, então escolhemos a data de hoje, três meses após o nascimento do nosso filho.

A cerimônia foi intimista, escolhemos alguns poucos amigos, do nosso passado e presente, e familiares, realizada no jardim da nossa fazenda.

Nós dois demos as mãos à Vivi e Débora segurava Vitorio no colo. E foi assim, como a família que somos, que nos despedimos do altar e fomos saudados pelos convidados, rumo a uma vida inteira.

Débora Montesano

Vivi saiu da piscina e veio correndo até o pergolado aonde eu amamentava Vitorio, no jardim da nossa casa. Estava toda molhada, mas não resistia em beijar o irmão, nem que fosse os pezinhos gorduchos.

— Filha, cuidado para não molhá-lo — pedi e ela balançou a cabeça, fazendo com que várias gotas de água espirrassem em mim.

— Eu sei, mamãe, se não, ele fica com frio.

Minha menina estava tão crescida, os errinhos de fala agora eram quase inexistentes e ela seguia toda desinibida e expansiva.

O pequeno, que era completamente apaixonado pela irmã, esticou as mãozinhas para tocar em seu rosto.

Ficaram alguns minutos em uma brincadeira só deles, enquanto Vivi dizia o quanto o amava.

Durante a gestação, Estevão e eu ficamos temerosos sobre ela sentir ciúmes ou com a sensação de ter “menos da gente” enquanto estaríamos cheios de cuidados com o recém-nascido, afinal, ela nunca precisou dividir o papai.

No entanto, fomos surpreendidos.

Ela nunca demonstrou qualquer rastro de insegurança em relação ao nosso amor. Pelo o contrário, vivia dizendo que Vitorio, assim como ela, tinha os melhores papai e mamãe do mundo.

Inclusive, nos contou que, em seu último aniversário, pediu a Deus uma mamãe e um irmãozinho. Parece que ela foi atendida, não é?!

Sem saber, ela também realizou um sonho meu.

Eu desejava, do fundo do meu coração, vivenciar a maternidade.

Tudo começou com a loirinha que tomou conta da minha vida e da minha rotina e, logo que lhe contamos da minha gestação, perguntou se já podia me chamar de mamãe, pois era o que eu representava para ela. Chorei até quase desidratar e, claro, disse que seria uma honra. Ela também já era minha filha!

— Está gostando da sua festinha? — Passei a mão livre ao redor do seu corpinho e ela sorriu, toda animada.

— Muito! Ficou do jeito que eu queria! Meus amigos também estão gostando muito!

— Que bom, meu amor!

— Vou voltar para a água!

E então voltou correndo para a piscina.

Quando lhe perguntamos como gostaria de comemorar seu aniversário de seis anos, recebemos pedidos diversificados: piscina liberada, jardim com fadas e borboletas, piquenique, a Cinderela contando histórias, os meus sonhos e os cookies do papai, além da família reunida e alguns amigos que ela escolheu a dedo.

Não preciso nem dizer que Violetta teve todos os pedidos atendidos, não é? O pai até podia ser cheio de regras, mas sabia mimá-la como ninguém.

Inclusive, o senhor meu marido e para sempre eleito como o melhor pai do ano, foi além da lista de desejos elaborada pela filhota.

Me levantei com Vitorio, que eu havia acabado de amamentar, e retornei para onde os demais convidados estavam, tinha ido para o pergolado por ser um lugar tranquilo e sem barulho, onde meu bebê poderia se alimentar em paz.

Assim que me avistou, Estevão veio ao meu encontro.

— Aceita uma água, linda? Ou um suco? — Ele beijou a cabecinha do filho, que era uma cópia sua... Cabelos cheios e escuros, olhos azuis e até um furinho discreto no queixo. Lindo de morrer como o pai.

— Água está ótimo.

Ganhei um beijo nos lábios e ele foi buscar minha bebida.

— Larry, Hailey, precisam de algo? — perguntei, em inglês.

Os avós da Vivi foram uma grata surpresa para mim. Logos que fomos apresentados, me trataram com muito carinho e quiseram estreitar os laços comigo. Me senti feliz e querida, então só facilitei o processo.

Desde então, eles viam ao Brasil em toda oportunidade, inclusive, estiveram aqui quando Vitorio nasceu e no meu casamento.

— Queremos apertar um pouco esse fofinho! Vem na vovó Hailey? — A senhora chamou-o e o pequeno logo esticou os braços para que ela a pegasse.

Aliás, a escolha do nome dele tem uma história significativa para todos nós.

Sempre seria grata à Victoria por ter gerado e dado à vida por Violetta, a garotinha que me escolheu como mãe. Não nos conhecemos em vida, mas tinha um compromisso comigo mesma que seria para Vivi a melhor mãe possível, a mãe que Victoria sonhou em ser e não teve a oportunidade.

Dar seu nome ao meu filho não foi nada demais diante da sua entrega. Mas gostaria de poder homenageá-la de alguma forma... E deixar claro para Vivi que sua mãe sempre seria lembrada e respeitada em nossa casa.

E era...

— Vivi não para um instante sequer, está muito feliz — Larry desviou a atenção de Vitorio para a neta. Seu olhar era cheio de afeto.

A aniversariante corria de um lado para o outro, pulava na piscina, depois saía e repetia tudo novamente. Ela estava tão feliz.

Gostava de vê-la sorrir. Gostava ainda mais de conseguir proporcionar aqueles sorrisos que só ela sabia dar.

— E ela é sempre assim, cheia de alegria, sorrisos, é o sol das nossas vidas, não é?!

— Ela é!

Hailey, que escutava a conversa ao nosso lado e ainda carregava Vitorio no colo, se aproximou ainda mais de mim.

— Obrigada, querida, por ser a mãe que ela merecia ter, por amá-la com todo o seu coração.

Meus olhos marejaram, os dela também, Larry riu de nós duas, mas não menos emocionado.

— Obrigada a vocês, por terem me recebido com tanto amor... E amarem o meu filho. — Enxuguei as lágrimas teimosas que insistiam em sair e chequei o horário no relógio de pulso. — Já são quase cinco horas, vou chamá-la para se arrumar e cantamos os parabéns. Ficam com o Vitorio?

— Claro, pode ir tranquila.



— Vai, filha, pode fazer um pedido! — Estevão disse a Vivi, que tinha um sorrisinho sapeca no rosto.

— Não tenho pedido, papai. Só vou agradecer por ter a mamãe e o meu irmão.

O combinado era que todas as metas de me fazerem emocionar fossem multiplicadas? Respirei fundo e beijei o rosto da minha menina. Mal sabia ela que era eu quem tinha que agradecer por sua vida.

— Então a mamãe pede por você... — Entreguei Vitorio para o pai e me posicionei logo atrás da Vivi, que estava em cima de um pequeno tablado, segurando em sua cintura. — Que Deus te dê muitas alegrias, um mundo lindo e você seja muito feliz e realizada. A abracei forte. — Te amo, filha!

— Eu te amo, mamãe. E você também, papai.

O papai babão também a agarrou com o braço livre e nos tornamos uma mistura gostosa de braços, beijos e um bebê no meio.

— Essa família é tão linda, que o útero até coça — Eva arrancou uma gargalhada de todos os convidados com o comentário. O problema, é que ela se esquecia que sua mãe tinha um senso de humor tão peculiar quanto o seu.

— Então aproveita, minha filha. É um bom momento para ter uma aliança no dedo e um bebê na barriga. — Somente minha sogra para ter aquela coragem.

— Quanta delicadeza, não é dona Aurora? — Eva ainda fingiu estar constrangida, mas como a mãe vivia dizendo, ela facilmente chegaria a 20 anos de namoro, pois amava aquele status de relacionamento. — Gilson e Emília jamais fariam isso com a Débora — brincou.

— Ah, mas porque, ou eles ficam longe um do outro pois mais de duas décadas, ou já logo emendam o “morar junto com filho a caminho”, não dá tempo.

— Papai! — reclamei, chocada e ele deu de ombros.

— Acho que podemos cantar os parabéns, vou acender a vela — Estevão anunciou, com um sorrisinho no rosto.

Essa era a nossa família!

— E para a Vivi é tudo ou nada?! Tudooooo!!!

Pedido especial

Querido (a) leitor (a), se chegou até aqui e gostou da experiência com a leitura de **A NAMORADA DE MENTIRA DO SENADOR**, peço com carinho que deixe a sua avaliação!

É muito importante para o meu trabalho e posicionamento na plataforma!

Ah, também adoro bater papo, fofocar e surtar em minhas redes sociais, pode me mandar uma mensagem lá!

Um beijo, Rapha!

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus, pelo dom da vida e por permitir que meus sonhos saiam do campo imaginário para serem realizados.

Ao meu marido, pela paciência e compreensão com as horas que me dediquei ao livro, pelo amor que transborda, por gostar de me agradar e sonhar junto comigo. Te amo!

Ao meu filho Antônio, você mudou a minha vida e a minha forma de viver e enxergar o mundo. Amo você, vida!

À minha família, por acreditar em meus sonhos e me ensinar a correr atrás do que quero.

Aos meus amigos, por estarem na torcida e expectativa. Às minhas amigas, Stela e Mônica, presentes que o mundo literário me deu! Além de talentosas, vocês são generosas. Fico feliz por nossos caminhos terem cruzado.

À Vanessa Pavan, minha assessora literária e à Carol Lisboa, que me ajuda com o designer e também é minha psicóloga, literalmente! Vocês veem os bastidores que mais ninguém sabe, muito obrigada por tudo!

Às minhas parceiras, que sonham junto comigo e me ajudam a realizá-los!

E às leitoras queridas que me acompanham, incentivam e estão sempre na torcida, espero que vocês gostem! Um beijo especial para as queridas do grupo de leitoras!

Biografia

Meu nome é Raphaela Fagundes, nascida em 17/09/1990, em Belo Horizonte/MG. Casada, mãe do Antônio, advogada há 10 anos, professora em curso de noivos e líder de casais. Comecei a escrever na adolescência, lotava meus cadernos com histórias. Em 2018 decidi que gostaria de publicar meu trabalho, mas foi no final de 2019 que tomei coragem e tirei os planos do papel.

Também sou autora de Amor e Recomeço, Nosso Reencontro: Uma Segunda Chance, Um Recomeço para o CEO, Duda & o CEO, Meu Vizinho Federal, Minha Delegada Federal e Meu Segredo Federal, Um Amor na Cozinha e Quero Tudo com Você, todos disponíveis na Amazon.

IG: autoraraphaelafagundes

Face: autoraphaelafagundes

Wattpad: raphaelabiagini

Obras da autora

-> **QUERO TUDO COM VOCÊ**

<https://amzn.to/3tZBYwO>

“Aquele homem maravilhoso e com um abdômen trincado não poderia ser o pai da noiva, poderia?”

Foi o que Estela Montesano pensou ao conhecer Alexandre Di Toledo, piloto de avião e CEO do conglomerado de empresas de aviação.

Com seus poucos vinte e três anos, órfã e o sonho de ser aeromoça, assim como sua mãe, Estela é tudo, menos inocente e não se enganaria sobre a idade daquele homem.

“Casamento é um grande erro e eu não o repetiria em hipótese alguma.”

Era o que Alexandre repetia mentalmente, enquanto levava sua filha adulta até o altar.

Após um relacionamento desastroso no passado, o quarentão tinha plena convicção de que casamento não era para ele. Isso, até se descobrir apaixonado por uma jovem e romântica garota.

Como permanecer convicto quando sua nova paixão chegou e revolucionou tudo dentro de você?

Eles vão se envolver em uma história apaixonante nas areias de Ipanema e provar que sempre é tempo quando há amor.

-> UM AMOR NA COZINHA

<https://amzn.to/3CVjazX>

O que o CEO do Grupo Lewis estaria fazendo em uma aula de culinária?

Thomas Lewis, depois de sofrer um grave acidente de carro por estafa, foi obrigado pela família a se afastar temporariamente do seu cargo e participar de alguma atividade que sirva para desacelerar o seu ritmo de trabalho.

Emma Stevens é professora de francês, vive de uma forma calma e leve, seu mundo vira um caos com o fim do noivado e a descoberta de uma traição.

Em uma cozinha de restaurante, uma aula que eles não sabiam precisarem tanto, nasce uma implicância que pode esconder muito mais do que eles imaginam poder experimentar.

Ela é doce; ele é ranzinza.

Ela é divertida; ele não é bom em dar risada.

Ela quer uma vida tranquila e simples; ele a quer em sua vida.

-> MEU SEGREDO FEDERAL

<https://amzn.to/3CSy22a>

A irmã do melhor amigo, o delegado federal e um segredo.

Paulo escondia algo, mas ele jamais imaginou que outro segredo estava prestes a ser revelado.

O delegado federal só conhecia um jeito de trabalhar, o seu lado justiceiro colocava todos que amam em perigo.

Maria Clara está cansada de tantos segredos, ela precisa decidir se vai seguir em frente ou ficar ao lado de quem ama mesmo com tantas incertezas.

Ele tem uma decisão a tomar, pois ficar longe da mulher da sua vida já não era mais uma opção.

Tratando-se dos dois, sempre havia uma surpresa. Mas agora, uma revelação veio à tona para uni-los ou separá-los de vez.

Confiram em Meu Segredo Federal.

-> MINHA DELEGADA FEDERAL

<https://amzn.to/3NV1Y3M>

João Miguel é o primogênito da família Brandão e o único dos irmãos que escolheu se dedicar a carreira de advogado criminalista, assumindo o escritório da família. Sua vida, com tempo livre quase inexistente, é dedicada ao trabalho.

Isadora Leão saiu do interior gaúcho para morar em São Paulo, ao ser aprovada para o cargo de delegada federal. Focada na carreira profissional, ficou conhecida por ser linha dura nas prisões e investigações.

Eles não procuravam relacionamentos, não acreditavam em acasos e, tampouco, que opostos se atraem.

Até acontecer um encontro avassalador.

Ela prende, ele solta!

Um jogo de gato e rato em que, quem leva a melhor, levou o amor e a paixão?

Venham descobrir!

-> MEU VIZINHO FEDERAL

<https://amzn.to/44KmTMT>

Luiz Henrique, vulgo Brandão, é agente da Polícia Federal, filho de advogados criminalistas e acostumado a investigar e prender clientes dos seus pais. Durante uma Operação policial, descobre que a mulher assustada, que chamou sua atenção, é a dona da vaga de garagem que ele vinha erroneamente ocupando no prédio para o qual acabou de mudar.

Olívia é estilista e trabalha em uma famosa marca de roupas. Em um dos piores dias da sua vida, ela fica diante da pessoa que a vinha irritando há dias, o mesmo que havia acabado de mudar para o apartamento ao lado do seu e que recebia visitas femininas.

Eles são vizinhos, apaixonantes e você não vai conseguir esquecê-los!

-> DUDA & O CEO

<https://amzn.to/44mocBc>

“Em definitivo, eu era fraca demais para o Pedro na versão CEO.”

Maria Eduarda Klein teve seu coração quebrado ao descobrir que o namorado, com quem praticamente morava junto, era casado e havia engravidado a esposa. Após o término, passou dois anos sem se envolver com o sexo masculino, bem como, sem sair de casa para compromissos que não fossem relacionados ao estudo ou trabalho.

Pedro Salomão é o CEO da empresa fundada pelo avô, cresceu com a ideia fixa de jamais se envolver em um relacionamento sério. Enfrentou a morte da mãe ainda na infância e segundo o seu raciocínio, amar alguém importaria em algum momento precoce perdê-la e sofrer com a sua ausência.

Os destinos de Duda e Pedro se cruzaram e eles tiveram lidar com as suas limitações e traumas.

E ante a enorme atração que sentiam pelo outro, fica o questionamento se foram corajosos o suficiente para enfrentarem a si mesmos.

-> UM RECOMEÇO PARA O CEO

<https://amzn.to/44rysrT>

Ricardo Lima e Assumpção é viúvo e CEO de uma empresa que administra franquias. Aos vinte e oito anos perdeu a esposa em um acidente de carro. Vivia preso às lembranças do casamento que acabou precocemente.

Tudo mudou quando ele foi despertado para quem estava em sua vida fazia alguns anos.

Chloe de Corse foi levada para a França aos cinco anos, quando perdeu a mãe, tendo sido criada pela família do pai. Os irmãos e a madrasta sempre demonstraram o descontentamento com os transtornos que sua chegada trouxe.

Os caminhos de Ricardo e Chloe foram traçados quando eles não faziam ideia que poderiam se envolver. E no tempo certo, o destino provou que havia um recomeço para o CEO.

-> NOSSO REENCONTRO: Uma Segunda Chance

<https://amzn.to/3pplxR>

✓ Um amor antigo ✓ Um divórcio ✓ Um reencontro ✓ Uma segunda chance

Antônio e Marina se conheceram na faculdade e após cinco de casados, decidiram divorciar. Eles procuravam a felicidade e julgaram que sozinhos, poderiam encontrá-la. Acontece que conseguiram colocar fim no compromisso, mas não no amor que sentiam pelo outro.

Dois anos depois da separação, período em que não se falaram e, tampouco se encontraram, foram colocados frente a frente. E em uma situação de emergência.

Será que o amor falará mais alto? Seria a segunda chance que eles não imaginaram um dia desejar?

Vem, com Antônio e Marina, embarcar neste reencontro.

-> AMOR E RECOMEÇO

<https://amzn.to/3pweTQs>

Alexia e Álvaro se encontraram em San Francisco, na Califórnia. Ambos buscavam um recomeço, ela tentava superar o fim do noivado após flagrar uma traição, ele desejava vida nova após relações amorosas conturbadas.

Ela descobriu que poderia haver leveza em um relacionamento, ele aprendeu a ser leal.

Um romance age gap, romântico, com superação e um recomeço irresistível.